
SARAH PINBOROUGH
POR TRÁS DE SEUS OLHOS
intrínseca

Sarah Pinborough

POR TRÁS DE SEUS OLHOS

Tradução de Alexandre Raposo

intrínseca

Copyright © Sarah Pinborough Ltd., 2017

TÍTULO ORIGINAL
Behind Her Eyes

EDIÇÃO
Cristiane Pacanowski

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Hermínia Totti
Rayssa Galvão

DESIGN DE CAPA
Rafael Nobre e Mainah Felipeto | Babilonia Cultura Editorial

IMAGEM DE CAPA
Shutterstock | Alex Malikov

REVISÃO DE E-BOOK
Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0221-6

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Epígrafe
Dedicatória
Parte I
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

Parte II
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
Parte III
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
Agradecimentos

Sobre a autora
Leia também

Três pessoas podem guardar um segredo, se duas delas estiverem mortas.
Benjamin Franklin

Para Tasha,

Palavras não bastam. Só posso agradecer por tudo e dizer que a bebida é por minha conta.

PARTE
I

1

ANTES

A cada hora que passa, me beliscar e dizer a
mim mesmo que ESTOU ACORDADO.
Olhar para minhas mãos. Contar os dedos.
Olhar o relógio (de parede ou de pulso), desviar os olhos, voltar a olhar.
Manter-se calmo e concentrado.
Pensar numa porta.

2

MAIS TARDE

Era quase dia quando finalmente terminou. Riscas cinza cruzavam o céu. Folhas secas e lama agarravam-se à sua calça jeans, e ele sentia o corpo fraco e dolorido, enquanto o suor esfriava no ar frio e úmido. Não havia como voltar atrás, como desfazer o que estava feito. Um ato terrível, mas necessário. Um fim e um começo agora eternamente entrelaçados. Ele esperava que as cores do mundo mudassem para refletir aquilo, mas o céu e a terra permaneceram com os mesmos tons suaves, e nas árvores não houve sequer um tremor de rancor. Nenhum choro sussurrado pelo vento. Nenhuma sirene uivando ao longe. A floresta era apenas a floresta, e a terra, apenas a terra. Ele deixou escapar um longo suspiro e se sentiu surpreendentemente bem. Limpo. Era um novo amanhecer. Um novo dia.

Ele caminhou em silêncio em direção aos restos da casa, ao longe. Não olhou para trás.

3

AGORA

ADELE

Quando David enfim chega em casa, ainda há lama sob minhas unhas. Afundada na cama, eu as sinto cravadas na pele esfolada. Meu estômago se revira e meus nervos se contraem quando a porta se fecha, e, por um instante, apenas olhamos um para o outro, um de cada lado do comprido corredor da nossa nova casa, uma construção vitoriana. Um longo caminho de madeira polida à perfeição se estende entre nós, até que ele dá meia-volta e cambaleia de leve até a sala de estar. Inspiro fundo e me junto a ele, estreitando os olhos de dor toda vez que os calcanhares batem nas tábuas do assoalho. Não devo ter medo. Preciso consertar isso. *Nós* precisamos consertar isso.

— Fiz o jantar — digo, tentando não parecer muito carente. — Um estrogonofe simples. Se já tiver comido, posso guardar para amanhã.

David está de costas para mim, olhando as estantes que o pessoal da mudança encheu com o que havia nas caixas. Tento não pensar em quanto tempo ele esteve fora. Recolhi os cacos de vidro, varri e esfreguei o chão e cuidei do jardim. Todas as evidências de fúria foram removidas. Lavei a boca após cada taça de vinho que bebi na sua ausência, para ele não sentir o cheiro. Ele não gosta que eu beba, só permite uma ou duas taças, e acompanhada. Nunca sozinha. Hoje, porém, não resisti.

Mesmo sem ter removido completamente a terra sob as unhas, tomo banho, ponho um vestido azul, calço sapatos de salto combinando e passo maquiagem. Nenhum vestígio de lágrimas ou brigas. Quero que a gente se livre de tudo. Este é nosso novo começo. Nosso reinício. Tem que ser.

— Não estou com fome.

Ele se vira para mim. Percebo um ódio silencioso nos seus olhos e contenho a súbita vontade de chorar. Acho que esse vazio é pior do que a raiva. Tudo aquilo que tanto lutei para construir está se desintegrando. Eu não me importo por ele estar bêbado mais uma vez. Só quero que me ame como antes. David nem repara no esforço que fiz desde que saiu. Em como estive ocupada. Na minha aparência. Em como *tentei*.

— Vou dormir — diz sem me olhar nos olhos, e sei que ele vai para o quarto de hóspedes.

Só se passaram dois dias desde que decidimos recomeçar, e David não vai dormir comigo. Sinto a distância entre nós aumentar. Logo, não seremos mais capazes de preencher esse vazio. Ele passa por mim, e desejo tocar seu braço, mas tenho muito medo da sua reação. Ele parece estar com nojo de mim. Ou talvez seja o nojo que sente de si mesmo irradiando na minha direção.

— Amo você — sussurro. E me odeio por isso.

Ele não responde, só cambaleia escada acima como se eu não estivesse ali. Ouço seus passos se afastarem e, em seguida, uma porta se fechando.

Depois de passar um tempo encarando o vazio que ele deixou, ouvindo meu coração, já remendado, se partir, volto para a cozinha e desligo o forno. Não guardarei o prato para amanhã — vai ficar com o gosto amargo da lembrança de hoje. O jantar está arruinado. Estamos arruinados. Às vezes me pergunto se ele quer me matar e acabar logo com isso. Livrar-se desse fardo. Talvez parte de mim também deseje matá-lo.

Fico tentada a beber outra taça do vinho proibido, mas me contenho. Já estou bastante chorosa, não vou conseguir suportar outra briga. Pela manhã, talvez estejamos de bem outra vez. Vou colocar outra garrafa no lugar, ele nunca vai saber que andei bebendo.

Olho para o jardim antes de finalmente desligar as luzes externas e ver meu reflexo na janela. Sou uma bela mulher. Eu me cuido. Por que ele não me ama mais? Por que nossa vida não foi como eu esperava, como eu queria, depois de tudo o que fiz por ele? Temos muito dinheiro. Ele tem a

carreira dos sonhos. Sempre tentei ser a esposa perfeita e lhe proporcionar a vida perfeita. Por que ele não pode deixar o passado para trás?

Fico me lamentando por mais alguns minutos enquanto limpo e lustro as superfícies de granito, então respiro fundo e me recomponho. Preciso dormir. Dormir direito. Vou tomar um comprimido e apagar. Amanhã vai ser diferente. Tem que ser. Vou perdoá-lo. Sempre perdoo.

Amo meu marido. Sei disso desde o momento em que pus os olhos nele pela primeira vez, e nunca deixarei de amá-lo. Não vou desistir. Não posso desistir.

4

LOUISE

Nada de nomes, certo? Nem de trabalho. Nada sobre as chatices da vida. Vamos falar de coisas reais.

— Você disse isso mesmo?

— Sim. Bem, não — respondo. — Foi ele quem disse.

Meu rosto arde. Parecia romântico dois dias atrás, às quatro e meia da tarde, com a primeira dose ilícita de Negroni, mas agora está mais para alguma cena tragicômica de um seriado barato. Mulher de trinta e quatro anos entra em um bar e é cantada pelo homem dos sonhos, que acaba se revelando seu novo chefe. Ah, meu deus, quero morrer de tanta vergonha. Que confusão.

— Claro que foi *ele*.

Sophie ri e logo tenta se conter.

— *Nada sobre as chatices da vida*. Tipo, sei lá, o detalhe de eu ser casado.

Ela repara na minha expressão.

— Desculpe. Em tese não é engraçado, mas meio que é. Eu sei que você está um tanto sem prática nesse negócio de homem, mas como não percebeu que ele era casado, depois de uma dessas? Eu até dou um desconto pela parte de ele ser seu novo chefe. Isso foi só azar, mesmo.

— Pois é, não tem graça — digo, mas sorrio. — De qualquer modo, homens casados são o seu forte, não o meu.

— Verdade.

Eu sabia que Sophie faria eu me sentir melhor. Somos engraçadas quando estamos juntas. Morremos de rir. Ela é atriz — mas a gente nunca menciona o fato de ela não ter conseguido nenhum papel nos últimos anos, exceto por dois cadáveres na TV — e, apesar dos casos extraconjugais, é casada há mil anos com um executivo da indústria fonográfica. Nós nos conhecemos num curso de pré-natal, e, apesar de nossas vidas serem muito diferentes, nos demos bem. Sete anos depois, ainda bebemos juntas.

— Mas agora você é como eu — comenta ela, animada, dando uma piscadela. — Está transando com um homem casado. Já não me sinto tão mal.

— Eu não *transei* com ele. E eu não sabia que ele era casado.

A última parte não é bem verdade. Até o fim da noite, minhas suspeitas já haviam se confirmado. A pressão urgente do corpo dele contra o meu enquanto nos beijávamos, a cabeça rodando por causa do gim. A separação repentina. A culpa nos seus olhos. O pedido de desculpas. *Eu não posso*. Tudo estava ali.

— Certo, santinha. Fico muito feliz por você quase ter transado com alguém. Quanto tempo faz mesmo?

— Eu *realmente* não quero pensar nisso. Ficar deprimida não vai adiantar — respondo, antes de tomar outro gole do vinho.

Preciso de outro cigarro. Adam está dormindo profundamente, não sairá da cama até a hora de levantar para ir à escola. Posso relaxar. Ele não tem pesadelos. Não é sonâmbulo. Obrigada, Senhor, por essas pequenas bênçãos.

— De qualquer modo, tudo isso é culpa da Michaela — prossigo. — Se ela tivesse cancelado *antes* de eu chegar lá, nada disso teria acontecido.

Mas Sophie tem razão. Faz muito tempo desde a última vez que flertei com um homem, mais ainda desde que me embebedei e beijei alguém. A vida dela é diferente. Sempre cercada por pessoas novas e interessantes. Tipos criativos que levam a vida com mais liberdade, bebem até tarde e vivem como adolescentes. Ser mãe solo em Londres, trabalhando meio expediente como secretária de um psiquiatra, não me permite muitas oportunidades para mandar a cautela às favas e sair todas as noites na esperança de encontrar alguém, muito menos o Sr. Príncipe Encantado. E eu não suporto o Tinder, o Match e esses outros sites e aplicativos. Eu meio que me acostumei a ficar sozinha, coloquei tudo isso em segundo plano por

um tempo. Um tempo que está, involuntariamente, se tornando um estilo de vida.

— Isso vai melhorar seu humor.

Ela tira um baseado do bolso superior do casaco de veludo vermelho.

— Confie em mim, você vai achar tudo mais engraçado quando estivermos chapadas. — Ela percebe a relutância no meu rosto e sorri. — Vamos lá, Lou. É uma ocasião especial. Você se superou. Deu um amasso no novo chefe casado. Isso é genial. Eu deveria procurar alguém para escrever o roteiro desse filme. Eu poderia interpretar você.

— Que bom, vou precisar de dinheiro quando for demitida.

Não consigo contrariar Sophie, nem quero, e logo estamos sentadas na pequena varanda do meu minúsculo apartamento, com vinho, salgadinhos e cigarros aos nossos pés, rindo e passando o baseado de uma para a outra.

Ao contrário de Sophie, que de algum modo permanece meio adolescente, ficar chapada não faz parte da minha rotina — não há tempo nem dinheiro quando você não tem ninguém com quem contar —, mas rir é sempre melhor do que chorar, e dou uma tragada no fumo doce e proibido.

— Isso só podia ter acontecido com você — comenta. — Você se escondeu?

Confirmo com a cabeça e sorrio ao imaginar como a cena é engraçada pelos olhos de outra pessoa.

— Não consegui pensar em mais nada. Corri para o banheiro e ali fiquei. Quando saí, ele já tinha ido embora. Ele só começa a trabalhar amanhã. Estava fazendo o tour completo do Dr. Sykes.

— Com a esposa.

— É, com a esposa.

Eu me lembro de como eles me pareceram felizes naquele breve e terrível momento de compreensão. Um belo casal.

— Quanto tempo você ficou no banheiro?

— Vinte minutos.

— Ah, Lou.

Fazemos uma pausa, então começamos a rir, o vinho e a erva zumbindo na mente.E não paramos por um tempo.

— Queria ter visto a sua cara — diz Sophie.

— É, bem, eu não estou ansiosa para ver a cara *dele* quando se deparar comigo.

Sophie dá de ombros.

— O cara é casado. Ele é que devia ter vergonha. Não está em posição de dizer nada.

Ela me absolve da culpa, mas ainda a sinto. A culpa e o choque. O soco no estômago ao vislumbrar a mulher ao lado dele, antes de correr para me esconder. Sua bela esposa. Elegante. Cabelo escuro e pele azeitonada, como a Angelina Jolie. Com uma aura de mistério. Excepcionalmente magra. O meu oposto. Seu retrato está gravado na minha mente. Não a imagino em pânico, se escondendo de *seja lá quem for* em um banheiro. Aquilo doeu de um modo que não deveria ter doído; não depois de uma tarde de bebedeira. E não foi só porque minha confiança morreu ali mesmo.

A questão é que gostei dele — *realmente* gostei. Não posso dizer isso para Sophie. Também não posso dizer para ela que fazia muito tempo que não conversava daquele jeito com alguém. Que me senti feliz ao flertar com um homem que estava flertando comigo, que eu tinha esquecido como é grandiosa a sensação de viver algo potencialmente *novo*. Em geral, minha vida é um borrão de rotina interminável. Acordo Adam e o levo para a escola. Se estou trabalhando e quero começar cedo, ele vai para o clube do café da manhã. Se não estou trabalhando, passo uma hora visitando lojas de móveis usados em busca de peças de designer descartadas que se encaixem na aparência sutilmente cara da clínica. Depois, é só cozinhar, limpar e fazer compras até Adam chegar em casa, em seguida é lição de casa, chá, banho, história, cama para ele e vinho e noite maldormida para mim. Quando ele passa o fim de semana com o pai, estou cansada demais para fazer outra coisa que não seja dormir até mais tarde e ver porcarias na TV. Fico apavorada só de pensar que minha vida pode continuar assim até Adam fazer quinze anos ou mais, então nem penso muito a respeito. Mas o encontro com o *homem-do-bar* me fez lembrar de como era bom *sentir* algo. Como mulher. Eu me senti viva. Até pensei em voltar lá e ver se ele retornaria para me encontrar. Mas, é claro, a vida não é uma série romântica. Ele é casado. E eu fui uma idiota. Não estou amargurada, apenas triste. Não posso dizer nada para Sophie porque ela vai ficar com pena de mim, e eu não quero isso. É mais fácil achar graça da coisa toda. E *é* engraçado. Também é diferente de ficar em casa, lamentando a solteirice, como se ninguém jamais pudesse ser completa sem um homem. De modo geral, sou muito feliz. Sou adulta. Podia estar muito pior. Aquilo foi um erro. Preciso lidar com isso.

Pego um punhado de Doritos, e Sophie faz o mesmo.

— A moda agora é ser curvilínea — dizemos, em uníssono, antes de enfiarmos os salgadinhos na boca e quase nos engasgarmos quando voltamos a rir.

Ainda me lembro de me esconder no banheiro, em pânico e incrédula. *É* engraçado. Tudo é engraçado. Pode ser menos engraçado amanhã de manhã, quando eu tiver que encarar os fatos, mas por enquanto ainda dá para rir. Se você não rir das próprias merdas, do que vai rir?

— Por que você faz isso? — pergunto, mais tarde, com a garrafa de vinho vazia entre nós. A noite está terminando. — Ter casos extraconjugais. Você não é feliz com o Jay?

— Claro que sou — diz Sophie. — Eu o amo. E não faço isso *sempre*.

Provavelmente é verdade. Ela é atriz e às vezes exagera ao contar uma história mais emocionante.

— Mas por que você faz isso?

É estranho, mas não falamos muito a respeito. Ela sabe que eu me sinto desconfortável — não por ela traí-lo, isso não é problema meu, mas porque conheço e gosto do marido dela. Jay é bom para ela. Sem ele, Sophie estaria fodida. Por assim dizer.

— Tenho mais desejo sexual do que ele — explica ela. — E, no fim das contas, casamento não tem nada a ver com sexo e sim com estar com seu melhor amigo. Meu melhor amigo é o Jay. Mas estamos juntos há quinze anos. O desejo não dura para sempre. Quer dizer, às vezes ainda fazemos sexo, mas não é como antes. E ter um filho muda tudo. A gente passa muitos anos vendo um ao outro como pais, não como amantes, então fica difícil reacender a paixão.

Penso no meu breve casamento. O desejo não morreu, mas isso não o impediu de ir embora quatro anos depois, quando nosso filho tinha apenas dois anos de idade, para ficar com outra pessoa. Talvez Sophie tenha razão. Acho que nunca vi meu ex, Ian, como meu melhor amigo.

— Só me parece um pouco triste.

E parece mesmo.

— Isso é porque você acredita em amor verdadeiro e no viveram felizes para sempre dos contos de fadas. A vida não é assim.

— Acha que Jay já traiu você? — pergunto.

— Ele com certeza já teve seus flertes. Havia uma cantora com quem ele trabalhava. É bem provável que eles tenham mantido um caso durante um tempo. Mas, o que quer que tenha sido, não nos afetou. Não mesmo.

Parece tão razoável nas palavras dela... Só consigo pensar na dor da traição que senti quando Ian foi embora. E em como o que ele fez afetou o modo como eu me via. Quão inútil me senti naqueles primeiros dias. Quão feia. O romance efêmero pelo qual ele me deixou não durou muito, mas nem por isso me senti melhor.

— Acho que nunca vou entender — desabafo.

— Todo mundo tem segredos, Lou — comenta Sophie. — Todos devem ter direito a guardar segredos. Não dá para saber tudo sobre uma pessoa. Você enlouqueceria se tentasse.

* * *

Quando ela vai embora, recolho a bagunça da noite e me pergunto se não foi Jay quem a traiu primeiro. Talvez seja esse o segredo de Sophie, escondido atrás dos encontros em quartos de hotel. Talvez ela faça tudo isso para se sentir melhor ou para se vingar em silêncio. Quem sabe? Provavelmente estou pensando demais nisso. Pensar demais é minha especialidade. Cada um na sua, lembro. Ela parece feliz, e isso me basta.

Ainda são dez e meia da noite, mas estou exausta. Fico um tempo observando Adam dormir. É reconfortante admirar seu sono tranquilo, deitado de lado coberto pelo edredom de *Guerra nas Estrelas*, com o ursinho de pelúcia enfiado embaixo do braço. Fecho a porta e o deixo dormir.

* * *

Está escuro quando acordo no banheiro, de pé diante do espelho. Antes de me dar conta de onde estou, me vem uma dor forte na canela, no lugar em que tropecei no pequeno cesto de roupa suja do canto. Meu coração dispara, e o suor se acumula na testa. À medida que a realidade se instala, o terror noturno se estilhaça, deixando apenas fragmentos na minha mente. Sei o que foi. Sempre o mesmo sonho.

Um enorme edifício abandonado, um antigo hospital ou um orfanato. Adam está preso em algum lugar ali, e eu sei, *simplesmente sei*, que, caso não o encontre, ele vai morrer. Está chamando por mim, amedrontado.

Alguma coisa ruim se aproxima dele. Disparo pelos corredores tentando achá-lo, mas as sombras se estendem pelas paredes e pelo teto — como se fossem parte de algum mal terrível que pulsa dentro do edifício — e me envolvem, me imobilizando. Ouço apenas Adam chorando enquanto tento escapar dos fios pegajosos e escuros que parecem determinados a me manter longe dele, me sufocar e me arrastar para a escuridão infinita. É um sonho horrível. Aquilo se agarra a mim como as sombras do próprio pesadelo. Os detalhes podem mudar um pouco a cada noite, mas a história é sempre a mesma. Nunca vou me acostumar, não importa quantas vezes aconteça.

Os terrores noturnos não começaram quando Adam nasceu. Sempre os tive, mas, antes, sonhava estar lutando pela minha própria sobrevivência. Mesmo que eu não soubesse disso na época, era melhor assim. Esses pesadelos são uma maldição. Eles acabam com minhas chances de ter uma boa noite de sono, e a rotina de mãe solo já me cansa bastante.

Desta vez, andei mais do que de costume. De modo geral, desperto confusa, de pé, perto da minha cama ou da de Adam, muitas vezes no meio de alguma frase apavorada e sem sentido. Isso acontece com tanta frequência que ele nem se assusta mais quando acorda. Afinal, Adam é prático como o pai. Felizmente, tem meu senso de humor.

Acendo a luz, olho para o espelho e solto um gemido. Olheiras pesam sob meus olhos, e sei que a base não vai ser suficiente para cobri-las — não na luz natural. Ah, que ótimo. Lembro a mim mesma que não importa o que o *homem-do-bar* — também conhecido como *ai-que-droga-ele-é-meu-novo-chefe-casado* — pense a meu respeito. Com sorte, vai ficar envergonhado e me ignorar o dia inteiro. Mas minha barriga ainda se contorce, e minha cabeça lateja de tanto vinho e cigarro. *Coragem, mulher*, digo a mim mesma. *Tudo será esquecido em um ou dois dias. Simplesmente vá até lá e faça seu trabalho*.

Ainda são quatro da manhã. Bebo um pouco d'água, apago a luz e me arrasto de volta para a cama, esperando ao menos cochilar um pouco até o despertador tocar, às seis. Eu me recuso a me lembrar do contato entre nossas bocas e de como foi bom sentir aquele surto de desejo, aquela conexão com alguém, mesmo que por tão pouco tempo. Fico olhando para a parede e penso em contar carneirinhos, então percebo que, apesar do nervosismo, também estou ansiosa para revê-lo. Trinco os dentes e me chamo de idiota. Não sou esse tipo de mulher.

5

ADELE

Eu me despeço com um sorriso quando ele sai para o primeiro dia na clínica, e a senhora da porta ao lado lança um olhar de aprovação enquanto leva seu pequenino e frágil cachorrinho para uma caminhada. Parecemos um casal perfeito, eu e David. Gosto disso.

Ainda assim, suspiro de alívio quando fecho a porta e tenho a casa só para mim, apesar de o gesto me parecer uma pequena traição. Adoro ter David aqui comigo, mas ainda não voltamos para seja lá qual terreno neutro criamos para nós mesmos, e a atmosfera está carregada de tudo o que não foi dito. Felizmente, a casa nova é grande o bastante: ele pode se esconder no escritório, então podemos fingir que está tudo bem enquanto tomamos o cuidado de evitar um ao outro.

Mas eu me sinto um pouco melhor do que quando ele chegou em casa bêbado. É claro que não discutimos por causa disso na manhã seguinte — discutir é o tipo de coisa que não fazemos mais. Preferi deixá-lo com seus jornais e saí para nos matricular na academia local, adequadamente cara, então caminhei pelo novo bairro elegante, assimilando tudo. Gosto de esquadrinhar lugares. Para poder *vê-los*. Estou mais confortável. Isso me ajuda a relaxar.

Andei por quase duas horas, memorizando lojas, bares e restaurantes até armazená-los na mente com nitidez, para evocar suas imagens à vontade. Em seguida, comprei um pão na padaria artesanal da vizinhança, então fui a uma delicatéssen atrás de azeitonas, presunto fatiado, homus e tomates secos — só produtos escandalosamente caros, que estouraram a verba para

despesas domésticas. Em vez do almoço, preparei um piquenique dentro de casa, apesar de estar suficientemente quente para nos sentarmos lá fora. Acho que ele ainda não quer ir ao jardim.

Ontem fomos à clínica e encantei o sócio sênior, Dr. Sykes, e vários outros médicos e enfermeiros que encontramos. As pessoas reagem à beleza. Parece fútil, mas é verdade. Certa vez, David me disse que os jurados eram muito mais propensos a acreditar em pessoas de boa aparência do que em gente feia ou de aparência comum. É apenas uma questão de sorte com pele e ossos, mas aprendi que a beleza tem sua magia. Nem precisa falar muito: basta ouvir e sorrir, e as pessoas gostam automaticamente de você. Gosto de ser bonita. Negar isso seria mentira. Trabalho duro para me manter bonita para David. Tudo o que faço é para ele.

Pelo que vi, o novo escritório de David é o segundo maior do prédio, do tipo que eu esperava que ele tivesse quando conseguisse um trabalho na Harley Street. O tapete creme é suntuoso, a mesa é grande e ostensiva na medida certa, e, do lado de fora, há uma recepção muito luxuosa. A mulher loura e atraente — se você gosta desse tipo — sentada atrás *daquela* mesa fugiu antes que fôssemos apresentadas, o que me incomodou, mas o Dr. Sykes mal pareceu notar enquanto falava comigo e corava, me vendo rir de suas piadas horríveis. Acho que me saí muito bem, considerando quanto estava magoada. David também deve ter ficado satisfeito, porque depois relaxou um pouco.

Hoje à noite jantaremos na casa do Dr. Sykes, uma festa informal de boas-vindas. Já escolhi o vestido e sei como arrumarei o cabelo. Quero que David se orgulhe de mim. Posso representar a boa esposa. A esposa do novo sócio. Apesar das minhas preocupações, eu me sinto mais calma do que quando nos mudamos.

Olho para o relógio, cujo tique-taque atravessa o amplo silêncio da casa. São apenas oito horas da manhã. Ele deve estar chegando ao escritório. Não vai ligar para casa antes das onze e meia. Tenho tempo. Vou até o quarto e me deito sobre as colchas. Não pretendo dormir, mas fecho os olhos. Penso na clínica. No consultório de David. No suntuoso tapete creme. No mogno polido da escrivaninha, com um pequeno arranhão no canto. Nos dois sofás estreitos. Assentos rígidos. Nos detalhes. Inspiro fundo.

6

LOUISE

— Você está linda hoje — diz Sue, quase surpresa, enquanto tiro o casaco e o penduro na sala dos funcionários.

Adam disse a mesma coisa mais cedo, quando enfiei as torradas na sua mão antes de irmos para a escola. E no mesmo tom de surpresa, o rostinho um pouco confuso ao ver meu cabelo escovado e a blusa de seda que comprei em um brechó. Ah, meu deus, é evidente que me esforcei, e sei disso. Mas não é *para* ele. Se muito, é *contra* ele. Pintura de guerra. Algo atrás do que me esconder. Além disso, eu não conseguia voltar a dormir e precisava arranjar algo para fazer.

Em manhãs como essas, normalmente eu levaria Adam ao clube do café da manhã e seria a primeira a chegar à clínica para preparar o café antes que todos aparecessem. Mas hoje, é claro, foi um daqueles dias em que Adam acordou birrento e reclamando de tudo, não encontrou o pé esquerdo do sapato, e, mesmo eu estando pronta há séculos, foi uma correria irritante até chegarmos a tempo aos portões da escola.

Minhas mãos estão suadas e me sinto um tanto enjoada, mas respondo com um sorriso.

Também fumei três cigarros na caminhada da escola até a clínica. Em geral, tento não fumar até a pausa do café. Bem, eu tento. Nunca fumo até a pausa para o café, mas a verdade é que sempre fumo um cigarro no caminho.

— Obrigada. Adam vai ficar com o pai neste fim de semana, então talvez eu saia para tomar um drinque depois do expediente.

Talvez eu *precise* de um drinque após o expediente. Mais tarde enviarei uma mensagem a Sophie para saber se ela quer me encontrar. É claro que vai querer. Ela deve estar ansiosa para saber o desenlace dessa comédia de erros. Tento parecer casual, mas acho que minha voz sai estranha. Preciso me recompor. Estou sendo ridícula. Será muito pior para ele do que para mim. Eu não sou casada. Essas frases motivacionais podem ser verdadeiras, mas não mudam o fato de eu não ter o costume de fazer esse tipo de coisa. Não é normal para mim, como talvez seja para Sophie. Estou enjoada. Sou um apanhado de emoções confusas que não conseguem se acomodar. Essa situação pode não ser culpa minha, mas me sinto vulgar, idiota, responsável e furiosa. O primeiro flerte que tento há séculos, e tudo não passou de desilusão. Ainda assim, apesar de tudo — *inclusive* da lembrança da bela esposa dele —, também sinto uma pitada de ansiedade com a ideia de revê-lo. Pareço uma adolescente idiota e eufórica.

— Estão todos em uma reunião, vai até umas dez e meia, segundo a Elaine, do andar de cima — avisa Sue. — Podemos relaxar. E eu não esqueci que hoje é minha vez.

Ela abre a bolsa e tira dois sacos de papel gorduroso.

— O sanduíche de bacon de sexta-feira.

Eu me sinto tão bem por ter algumas horas de alívio que pego o sanduíche alegremente, mesmo sabendo que o fato de esse desjejum de sexta-feira ser um dos pontos altos da semana indica quanto minha mente está entorpecida pela rotina. Ainda assim, é bacon! Algumas partes da rotina são menos desmoralizantes do que outras. Dou uma grande mordida, saboreando a manteiga, o pão quente e a carne salgada. Eu como de nervoso. Na verdade, estou sempre com fome, não importa meu estado de espírito. Fome de nervoso, de satisfação, de felicidade. É tudo a mesma coisa. Há quem se divorcie e perca seis quilos. Comigo foi o contrário.

Oficialmente, o expediente só começa daqui a vinte minutos, de modo que nos sentamos à mesinha com uma caneca de chá, e Sue fala da artrite do marido e do casal gay vizinho, que parece fazer sexo o tempo todo. Eu sorrio, deixando aquilo me envolver e tentando não me sobressaltar toda vez que vejo a sombra de alguém do outro lado da porta do corredor.

Não vejo a gota de ketchup até ser tarde demais e minha blusa creme ficar com uma mancha vermelho-clara bem no meio do peito. Sue reage de imediato, esfregando e enxugando a mancha com lenços de papel e, em seguida, com um pano úmido, mas seus esforços resultam apenas em uma

grande área de tecido transparente, ainda com a sombra de uma mancha vermelha desbotada. Meu rosto está em chamas, e a seda se agarra às minhas costas. Sinto que o resto do dia não vai ser muito diferente.

Dando risadinhas, dispenso suas tentativas bem-intencionadas de me limpar, vou até o banheiro e tento colocar o máximo possível da blusa sob o secador de mãos. Ela não seca por completo, mas pelo menos o detalhe de renda do sutiã — um tanto acinzentado por causa das lavagens — não está mais visível. Pequenas bênçãos.

Sou obrigada a rir de mim mesma. A quem estou enganando? Não posso fazer isso. Prefiro ficar em casa conversando com Adam sobre a mais recente aventura dos *Transformers* ou de *Horrid Henry* a tentar parecer uma mulher moderna e sofisticada. Meus pés já estão doloridos por conta dos saltos de seis centímetros. Sempre achei que a habilidade de caminhar de salto alto com desenvoltura e de se vestir bem o tempo todo é algo com que a pessoa já nasce. Tive uma breve fase assim nos tempos em que ia às boates, por volta dos vinte anos, mas agora o que mais uso é jeans, suéter, tênis All Star e um rabo de cavalo, acompanhados pela inveja da vida daquelas que ainda se dão o trabalho. Inveja da vida daquelas que têm uma *razão* para se darem o trabalho.

Aposto que ela usa salto, penso, ajeitando a roupa, e lamento não ter optado por calça comprida e sapatos baixos.

Os telefones estão tranquilos esta manhã, e tiro os olhos do relógio, que avança inexoravelmente para as dez e meia, destacando no sistema os arquivos dos pacientes de segunda-feira e fazendo uma lista daqueles que virão no decorrer da semana. Para alguns deles — os casos mais complexos —, já existem cópias das anotações dos pacientes na mesa dele, mas quero ser vista como eficiente, de modo que faço a lista completa. Então, imprimo os vários e-mails que acho que podem ser valiosos, importantes ou esquecidos pela gerência, depois também imprimo e plastifico uma lista de números de contato que ele talvez precise: hospitais, a polícia e várias outras organizações. Isso até que me acalma. O *homem-do-bar* está desaparecendo na minha cabeça e sendo substituído pelo *meu-chefe*, mesmo que seu rosto se misture perigosamente com o do velho Dr. Cadigan, de quem ele assumiu o lugar.

Às dez, coloco as folhas impressas na escrivaninha dele e ligo a cafeteira no canto, para ter café fresco quando ele voltar. Verifico se os auxiliares da limpeza colocaram leite na pequena geladeira escondida em um armário,

como um frigobar de hotel, e se o açucareiro está cheio. Depois, meio contra a vontade, olho para os porta-retratos com molduras prateadas na escrivaninha. Há três. Dois com fotos da esposa sozinha e outro, mais antigo, com os dois juntos. A foto me atrai, e eu a pego. Ele parece tão diferente. Tão jovem. Com uns vinte e poucos anos, no máximo. Estão abraçados rindo, sentados a uma grande mesa de cozinha. Parecem muito felizes, ambos bastante jovens e despreocupados. Os olhos dele estão fixos nos dela, como se ela fosse a coisa mais importante do mundo. A mulher tem cabelo longo, mas não está puxado para trás em um coque como nas outras fotos, e, mesmo de jeans e camiseta, tem uma beleza casual. Meu estômago revira. Aposto que ela nunca deixou cair ketchup na blusa.

— Olá?

Levo um susto tão grande quando ouço o leve sotaque escocês que por pouco não deixo o porta-retratos cair e me atrapalho para ajeitá-lo na escrivaninha, quase me desequilibrando e derrubando a pilha de papéis tão organizada. Ele está de pé à porta, e imediatamente tenho vontade de vomitar o sanduíche de bacon. Ah, meu deus, eu tinha me esquecido de como ele é bonito! Cabelo quase loiro com um brilho que eu mataria para ter também. Longo o bastante na frente para poder correr os dedos pelos fios, mas ainda elegante. Olhos azuis que desnudam você. Pele que dá vontade de tocar. Engulo em seco. Ele é um daqueles homens. Um homem de tirar o fôlego. Meu rosto está ardendo.

— Você deveria estar em uma reunião até as dez e meia — digo, desejando que um buraco se abra no tapete e me sugue para o inferno da vergonha.

Estou na sala dele olhando para as fotos de sua esposa como se fosse uma louca. Ah, meu deus!

— Ah, meu deus — diz ele, roubando as palavras da minha boca. A cor se esvai do seu rosto e os olhos se arregalam. Ele parece chocado, atordoado e aterrorizado, tudo ao mesmo tempo. — É você!

— Olha — falo. — Não aconteceu nada. Estávamos bêbados, eu me empolguei e foi apenas um beijo. Confie em mim, não tenho a menor intenção de contar para ninguém, e acho que, se nós dois nos esforçarmos para esquecer o que aconteceu, não haverá motivo para não nos darmos bem, e ninguém nunca vai saber...

As palavras saem depressa da minha boca e não consigo impedi-las. Sinto o suor se acumulando sob a cinta modeladora enquanto enrubesço e

começo a transpirar.

— Mas...

Ele parece estar entre confuso e alarmado quando fecha a porta depressa. Não posso culpá-lo.

— O que você está fazendo aqui?

— Ah.

Em toda a minha falação, esqueci de dizer o óbvio.

— Sou sua secretária e recepcionista. Três dias por semana pelo menos. Terças, quintas e sextas-feiras. Eu estava deixando algumas coisas na sua mesa e vi... — Aponto para as fotos. — Eu, bem...

Não chego a terminar a frase. Não posso dizer: *eu estava dando uma boa olhada em você e na sua bela esposa, como só uma louca faria*.

— Você é minha secretária? — Ele parece ter levado um soco no estômago. — *Você*?

Talvez não no estômago. Talvez em algum lugar mais abaixo. Na verdade, sinto um pouco de pena dele.

— Pois é. — Dou de ombros e tento imitar aquela expressão de atriz de comédia, mas tenho certeza de que falho miseravelmente. — Que coincidência, não é mesmo?

— Tinha outra mulher aqui, quando vim falar com o Dr. Cadigan, no mês passado. Não era você.

— Mais velha, meio nervosa? Devia ser a Maria. Ela trabalha nos outros dois dias da semana. Ela está prestes a se aposentar, mas trabalha aqui há muito tempo, e o Dr. Sykes a adora.

Ele não deu mais nenhum passo para dentro da sala, obviamente com dificuldade para assimilar a situação.

— Eu sou mesmo sua secretária — digo, mais devagar. Com calma. — Não sou louca, obsessiva. Acredite, isso também não está sendo fácil para mim. Eu o vi ontem, brevemente, quando você passou por aqui. Então meio que me escondi.

— Você se escondeu.

Ele faz uma pausa. O momento parece interminável enquanto ele processa tudo.

— É — confirmo, antes de acrescentar, envergonhada: — No banheiro.

Há uma longa pausa.

— Para ser sincero, eu provavelmente teria feito o mesmo — comenta ele, por fim.

— Eu não sei se adiantaria muita coisa, se nós dois tivéssemos nos escondido no banheiro.

Ele ri, um som breve e inesperado.

— Não, acho que não. Você é muito engraçada. Eu lembro.

Ele vai até a escrivaninha, olhando para tudo o que deixei ali, e saio do caminho automaticamente.

— Então, a primeira folha impressa é uma lista dos arquivos que você precisa verificar na segunda-feira — falo. — Tem café no...

— Eu sinto muito mesmo — diz ele, me encarando com aqueles belos olhos azuis. — Você deve achar que sou um canalha. Até eu acho que sou um canalha. Eu não costumo... bem, eu não estava ali *à procura* de nada e não deveria ter feito o que fiz. Estou me sentindo muito mal. Não consigo explicar. Eu realmente não faço esse tipo de coisa, e não há desculpa para o modo como me comportei.

— Nós estávamos bêbados, só isso. Você não fez nada de mais. Não mesmo.

Eu não posso. Lembro-me de perceber a vergonha na sua voz enquanto ele se afastava e ia embora, murmurando desculpas. Talvez seja por isso que não consigo ficar com raiva dele. Afinal, foi apenas um beijo. Só a minha mente idiota achou que tivesse algo mais.

— Você se conteve, e isso conta. Não foi nada de mais. É sério. Vamos esquecer o que aconteceu. Vamos recomeçar. A partir de hoje. Assim como você, eu não quero ficar o tempo todo constrangida.

— Você se escondeu no banheiro.

Seus olhos azuis são perspicazes e cálidos.

— Sim, e uma forma de eu parar de me sentir constrangida seria nunca mais voltarmos a falar no assunto.

Sorrio. Ainda gosto dele. O homem apenas cometeu um erro idiota. Poderia ter sido pior. Ele poderia ter ido para minha casa. Penso nisso por um segundo. Tudo bem, na hora teria sido ótimo, mas, depois... seria muito ruim.

— Certo. Amigos, então — diz ele.

— Amigos.

Não apertamos as mãos. É muito cedo para estabelecermos qualquer contato físico.

— Sou a Louise.

— David. Prazer em conhecê-la. Do jeito certo.

Temos mais um estranho momento de constrangimento, então ele esfrega as mãos e olha para a escrivaninha.

— Parece que você quer me manter ocupado. Por acaso você é daqui?

— Sou. Bem, moro nesta região há mais de dez anos. Se é que isso conta.

— Você acha que poderia me dar dicas sobre o bairro? Problemas e lugares perigosos? Divisões sociais, esse tipo de coisa? Eu queria dar uma volta de carro por aí, mas por enquanto não posso. Tenho mais uma reunião esta tarde com alguém do hospital, e vou jantar com os outros sócios à noite.

— Posso dar uma ideia geral.

— Que bom. É isso que eu quero. Estou pensando em fazer trabalho voluntário por aqui, em alguns fins de semana, então seria bom conhecer o ponto de vista de uma moradora sobre as possíveis causas dos problemas de dependência específicos deste lugar. Essa é minha especialidade, sabe?

Estou um tanto surpresa. Não conheço nenhum outro médico que faça trabalho voluntário. Esta é uma clínica particular cara. Sejam quais forem os problemas que os clientes enfrentam, eles não costumam sofrer de falta de recursos, e os sócios são todos especialistas nas suas áreas. Eles fazem recomendações, é claro, mas nunca saem para fazer trabalho não remunerado para a comunidade.

— Bem, estamos no norte de Londres, uma área de classe média — explico. — Porém, ao sul de onde moro fica um grande conjunto habitacional. Há problemas evidentes por lá. Taxa de desemprego elevada entre os jovens. Drogas. Esse tipo de coisa.

Ele estica a mão embaixo da escrivaninha, pega e abre uma pasta, de onde tira um mapa.

— Sirva o café enquanto abro espaço para esse mapa. Podemos marcar os lugares que preciso visitar.

Conversamos por quase uma hora. Aponto as escolas, os consultórios, os pubs mais barras-pesadas e a passagem subterrânea onde três pessoas foram esfaqueadas em um único ano — todos sabem que não devem deixar os filhos passarem por lá porque é onde os viciados vendem e consomem drogas. Estou surpresa com meu conhecimento sobre o lugar onde moro e com quanto da minha vida se revela enquanto falo com ele. Quando olha para o relógio e pede que eu faça uma pausa, ele já sabe que sou divorciada, que tenho um filho em idade escolar chamado Adam e que minha amiga Sophie mora em um dos quarteirões de mansões, na esquina da melhor

escola secundária do bairro. Ainda estou falando quando ele olha para o relógio, fica ligeiramente tenso e diz:

— Desculpe, preciso parar por aqui. Mas foi fascinante.

O mapa está repleto de anotações a caneta, além dos registros que ele fez em uma folha de papel. Sua caligrafia é horrível. Uma legítima letra de médico.

— Bem, espero ter sido útil.

Pego a caneca e me afasto. Eu não tinha percebido como estávamos próximos. O constrangimento volta a se instalar.

— Foi ótimo. Obrigado. — Ele olha para o relógio outra vez. — Eu só preciso ligar para a minha... — Ele hesita. — Preciso ligar para casa.

— Você pode dizer a palavra *esposa*, sabia? — comento, sorrindo. — Não vou entrar em combustão espontânea.

— Desculpe.

Ele está mais constrangido do que eu. E deveria.

— E obrigado. Por não achar que sou um merda. Ou ao menos por não admitir que acha que sou um merda.

— Não há de quê.

— Você acha que sou um merda?

Eu sorrio.

— Estarei à minha mesa caso precise de mim.

— Eu mereci.

Pensando bem, reflito, enquanto volto para minha mesa e espero o rosto esfriar, *poderia ter sido muito pior*. E só voltarei a trabalhar na terça-feira. Tudo estará normal, o pequeno momento varrido para debaixo do tapete da vida. Faço um pacto com meu cérebro para não pensar mais na questão. Vou tirar um fim de semana para *mim*. Vou dormir até tarde. Comer pizza e tomar sorvete barato e, talvez, assistir a uma temporada inteira de alguma série na Netflix.

A semana que vem é a última do período letivo. Com as longas férias de verão pela frente, meus dias serão repletos de terríveis idas e vindas para levar Adam para brincar com os amiguinhos, usando o salário para pagar minha parte da creche e tentando descobrir novas maneiras de manter meu filho ocupado que não seja dando um iPad ou um telefone para ele se distrair com jogos intermináveis e me sentindo uma mãe horrível. Mas Adam é um bom menino. Ele me faz rir todos os dias, e, mesmo nos acessos de raiva, eu o amo tanto que meu coração até dói.

Olhando para a porta do consultório de David e me perguntando quais doces baboseiras ele estaria sussurrando para a esposa, penso: *Adam é o homem da minha vida*. *Não preciso de outro*.

7

ANTES

Em muitos aspectos, o prédio faz Adele se lembrar de casa. Ao menos como era *antes*. Como uma ilha no oceano de terra ao redor. Ela se pergunta se algum deles pensou nisso — os médicos, os advogados dos pais falecidos, David — antes de terem mandado ela passar o mês aqui, nesta casa remota no meio das Terras Altas da Escócia. Será que algum deles sequer considerou quanto isso a lembraria do lar perdido?

O lugar é antigo, ela não sabe ao certo quantos anos tem, mas é feito de tijolos escoceses sólidos e cinzentos, que desafiam as tentativas do tempo de desgastá-los. Alguém deve ter doado a casa à responsabilidade de Westlands, ou talvez pertença a algum membro da diretoria ou algo assim. Ela não perguntou e, na verdade, não se importa. Não imagina uma família vivendo ali. Provavelmente acabariam usando apenas alguns cômodos, como sua família fazia na própria casa. Grandes sonhos, vidas pequenas. Ninguém precisa de uma casa desse tamanho. Vai preenchê-la com o quê? Uma casa precisa ser preenchida com amor, e algumas casas — incluindo a sua, como era antes — não têm um amor que gere calor suficiente para se manterem aquecidas. Um centro de terapia ao menos dava um propósito àqueles cômodos. Ela tenta afastar a lembrança de quando corria livremente pelos corredores e escadas na infância, brincando de esconde-esconde e rindo sem parar; uma criança um tanto negligenciada. É melhor pensar apenas que sua casa era grande demais. Melhor pensar em verdades imaginadas do que em lembranças reais.

Já se passaram três semanas, e Adele ainda está atordoada. Todos dizem que ela precisa vivenciar o luto. Mas não é por isso que está aqui. Ela

precisa dormir. Ela *se recusa* a dormir. Antes de terem mandado ela para cá, passou dias e noites repletos de café, bebidas energéticas ou qualquer outro estimulante que encontrasse — tudo para não dormir. Disseram que ela não estava "se portando bem" para alguém que acabara de perder os pais. Não dormir era o de menos. Ela ainda se pergunta como eles têm tanta certeza do que significa "se portar bem" nessa situação. O que os tornou especialistas? Tudo bem, é verdade, querem que ela durma. Mas como explicar?

O sono é um alívio que se voltou contra ela, uma cobra venenosa no meio da noite.

Ao que parece, ela está aqui para o próprio bem, mas ainda parece uma traição. Adele só veio porque David queria que ela viesse. Odeia vê-lo preocupado e lhe deve ao menos um mês, depois do que ele fez por ela. Seu herói.

Não houve qualquer esforço da parte de Adele para se ajustar, mesmo tendo prometido a David e aos advogados que tentaria. Ela frequenta as salas de atividades e conversa com os terapeutas — sobretudo, os ouve —, embora não saiba se são realmente profissionais. Tudo lhe parece meio hippie. *Muito sentimental*, como diria seu pai. O pai não gostou da primeira experiência com terapia que Adele teve, anos antes, e prosseguir com isso agora parecia o mesmo que decepcioná-lo. Ela preferia estar em um hospital de verdade, mas seus advogados, assim como David, acharam que era má ideia. A clínica Westlands pode ser considerada um "retiro", mas ir para uma instituição poderia ser prejudicial para os negócios do pai. Então aqui está ela — tivesse o pai aprovado ou não.

Após o café da manhã, a maioria dos residentes — ou pacientes, ou o que quer que sejam — farão uma caminhada. É um belo dia para caminhar, não está nem muito quente nem muito frio, o céu está claro, o ar, fresco, e, por um instante, ela se sente tentada a ir também e caminhar sozinha um pouco afastada do grupo, mas vê os rostos animados das pessoas reunidas na escadaria diante do prédio e muda de ideia. Ela não merece ser feliz. Aonde a felicidade a levou? Além disso, o exercício a deixará cansada, e ela não quer dormir mais do que o estritamente necessário. O sono já vem fácil o bastante.

Ela espera para ver a expressão de desapontamento do líder do grupo, o tal Mark do rabo de cavalo — "Todos nos tratamos pelos primeiros nomes

aqui, Adele” —, depois balança a cabeça, lhe dá as costas e vai até o lago atrás do prédio.

Adele está na metade do caminho, andando lentamente, quando vê o rapaz a uns seis metros de distância. Ele está sentado à sombra de uma árvore, fazendo uma guirlanda de margaridas. Por instinto, Adele acha graça da estranheza da cena: aquele adolescente desengonçado, com jeans e camiseta de nerd, cabelo escuro caindo sobre o rosto, muito concentrado em algo que só vemos meninas fazendo. Então, ela se sente mal por sorrir. Não deve sorrir nunca. Por um instante, Adele hesita e pensa em dar a volta pelo outro lado, mas ele ergue a cabeça e a vê. Após uma pausa, o rapaz acena, e ela não tem escolha a não ser ir até ele. Mas não se importa. O rapaz é a única pessoa aqui que lhe interessa. Ela o ouviu no meio da noite. Gritos e palavras delirantes que não faziam muito sentido. Os barulhos de quando ele tropeçava nas coisas. O esforço das enfermeiras para levá-lo de volta para a cama. Esses sons são familiares. Ela se lembra de tudo. Terrores noturnos.

— Você não gosta de abraços coletivos no meio do pântano? — pergunta Adele.

O rosto dele é cheio de ângulos, como se ainda não tivesse crescido, mas o rapaz tem mais ou menos a idade dela, talvez um ano a mais — cerca de dezoito, embora ainda use aparelho nos dentes.

— Não. Você também não gosta, certo?

Suas palavras revelam um leve sinal de língua presa.

Adele nega com a cabeça, constrangida. Não entabula uma conversa casual com alguém desde que chegou aqui.

— Não a culpo. Eu não gosto de ficar muito perto do Mark. O rabo de cavalo dele deve ser cheio de piolho. E usou a mesma camisa por três dias seguidos, na semana passada. Ele é meio sujo.

Adele sorri e continua a olhar para o rosto do rapaz. Não planejava ficar, mas acaba se sentando ao lado dele.

— Você é a menina que pinta incêndios — comenta ele. — Eu vi você na sala de arte.

O rapaz a encara, e Adele acha que os olhos dele são mais azuis do que os de David, mas talvez seja porque tem a pele tão pálida e o cabelo quase preto. Ele enfia outra margarida na fieira.

— Andei pensando que talvez você devesse pintar água, em vez de fogo. Pode ser mais terapêutico. Você poderia dizer para eles que as pinturas de

incêndios representam seu pesar com o que aconteceu e que as pinturas de água querem dizer que você está colocando tudo para fora. Deixando as mágoas irem embora.

Ele fala depressa. Seu cérebro deve pensar com rapidez. O dela parece se arrastar penosamente.

— Por que eu faria isso?

Ela não se imagina deixando as mágoas irem embora.

— Daí eles param de encher o saco pedindo que você *se abra*. — Ele sorri e pisca para ela. — Se der alguma coisa para eles, vão deixar você em paz.

— Parece que você é especialista.

— Já estive em lugares assim. Tome, estenda o braço.

Adele obedece, e ele desliza a pulseira de margaridas até seu pulso. Não pesa nada, ao contrário do relógio de David. É um gesto doce, e, por um breve instante, ela se esquece da culpa e do medo.

— Obrigada.

Eles ficam em silêncio por um instante.

— Li sobre você no jornal. Sinto muito pelos seus pais.

— Eu também — responde ela, e muda de assunto: — Você não é o garoto que tem sonambulismo e terrores noturnos?

Ele ri.

— Sou eu mesmo, e sinto muito por isso. Sei que acabo acordando as pessoas.

— É algo novo?

Adele se pergunta se eles são parecidos. Gostaria de encontrar alguém igual a ela. Alguém que a compreendesse.

— Não, sempre fui assim. Desde que me entendo por gente. Mas não é por isso que estou aqui. — Ele ergue a manga da camisa. Marcas de picadas de agulha antigas. — Maus hábitos.

Ele se inclina para trás na grama, apoiado nos cotovelos, e estica as pernas para a frente. Ela faz o mesmo. Sente na pele o calor do sol, e pela primeira vez aquilo não a faz pensar em labaredas.

— Eles acham que as drogas têm alguma ligação com meu sono perturbado — conta ele. — Ficam me perguntando sobre meus sonhos. É muito chato. Vou começar a inventar coisas.

— Um sonho pornográfico com Mark — sugere Adele. — Talvez ele com aquela gorda da cantina que nunca sorri.

O rapaz ri, e ela o acompanha. É bom ter uma conversa *normal* com alguém que não está preocupado com ela. Alguém que não está tentando analisá-la.

— Dizem que você não quer dormir — comenta, olhando para Adele. — Alegam que é porque você estava dormindo e não acordou quando aconteceu.

Seu tom de voz é suave. Poderiam estar falando sobre qualquer coisa. Programas de televisão. Música. Não do incêndio que matou os pais dela. O incêndio que finalmente trouxe um pouco de calor para a casa.

— Achei que eles não podiam falar sobre a gente.

Adele olha para a água cintilante. É linda. Hipnotizante. Aquilo a deixa sonolenta.

— Eles não entendem — comenta ela.

Ele ri outra vez, com um pequeno ronco.

— Isso não me surpreende. Para mim, são uns imbecis. E são todos iguais. Mas o que exatamente eles não entendem?

Um pássaro plana sobre a água, o bico fino tocando a superfície. Ela pergunta o que ele estará tão interessado em fisgar.

— Meu sono é diferente — explica, afinal.

— Como assim?

Adele se senta e olha para ele. Pensa que gosta do rapaz. Talvez haja uma maneira diferente de lidar com toda aquela porcaria. Uma maneira que também o ajude. Ela não diz, mas não é a primeira vez que foi para um lugar assim. O sono continua a levá-la de volta à terapia. Primeiro foram o sonambulismo e os terrores noturnos, quando tinha oito anos, e, agora, o fato de não querer dormir.

Sono, sempre o sono. Falso sono, sono real. A aparência do sono.

E, no meio de tudo isso, aquilo que ela não pode revelar. Se o fizer, vão mantê-la ali para sempre. Ela tem certeza.

— Você inventa coisas para que eles fiquem contentes comigo, e eu ajudo com seus terrores noturnos. Posso ajudá-lo muito mais do que eles.

— Certo — diz o rapaz, intrigado. — Mas, em troca, você vai ter que pintar algumas aquarelas, mesmo que seja contra vontade. Vai ser divertido ver eles todos felizinhos por terem *salvado* você.

— Combinado — concorda ela.

— Combinado.

Os dois apertam as mãos e, à luz do sol, os miolinhos das margaridas brilham em tons de dourado. Ela se reclina na grama, apreciando as cócegas que a pulseira faz no braço, e ambos ficam um tempo deitados lado a lado, em silêncio, apenas desfrutando do dia sem ninguém para julgá-los.

Adele fez um amigo. Ela mal vê a hora de contar a David.

8

ADELE

Estou acordada desde que amanheceu, mas não me mexo. Estamos deitados de lado, o braço dele sobre meu corpo e, apesar do meu coração partido, a sensação é boa. Seu peso é protetor. Isso me lembra os primeiros dias. A pele do antebraço que tem as cicatrizes é lisa, brilhante e sem pelos. David as esconde, mas gosto de vê-las. As cicatrizes me lembram de quem ele realmente é por baixo de tudo. O homem que enfrentou um incêndio para resgatar a garota que amava.

Através das frestas nas persianas, o sol projeta linhas irregulares no piso de madeira desde antes das seis da manhã, e já sei que será outro belo dia. Lá fora, pelo menos. Sob o peso do braço de David, penso na noite anterior. O jantar na casa do Dr. Sykes foi um sucesso. Costumo achar psiquiatras monótonos e previsíveis, mas fui simpática e bem-humorada e sei que todos me adoraram. Até as mulheres comentaram a sorte de David por ter a mim como esposa.

Estou orgulhosa de mim mesma, embora tenha sido difícil chegar a esse ponto. À tarde tive que correr quase dez quilômetros na esteira da academia e pegar pesado nos halteres para me acalmar. Quando David chegou em casa do trabalho, eu estava visivelmente bem-humorada, graças aos exercícios. A noite que passamos juntos transcorreu sem problemas, um triunfo, e, por algum tempo, conseguimos acreditar outra vez na nossa suposta felicidade gloriosa. Ontem à noite fizemos sexo pela primeira vez em meses, e, embora não tenha sido do jeito que eu gosto, fiz os ruídos certos e me esforcei para ser amorosa e condescendente. Foi muito bom tê-

lo tão perto, dentro de mim, mesmo que ele não tenha olhado nos meus olhos nenhuma vez e estivesse muito bêbado.

Segui a regra de beber um ou dois drinques, mas David, não, embora tenha se limitado a ficar apenas alegre até chegarmos em casa, onde bebeu uma generosa dose de conhaque de um gole só — talvez esperando que eu não notasse. Notei, mas é claro que não disse nada, embora tivesse todo o direito de me pronunciar a respeito.

Como parte do "novo começo", David deveria estar bebendo menos. Até ele sabe que não dá para a pessoa ser um psiquiatra especializado em vícios e obsessões se tiver problema com o álcool. Mas, de qualquer forma, acho que apenas um de nós estava realmente tentando um novo começo.

No nosso casamento, David está sempre no controle. Ele cuida de mim. Se observassem mais de perto, alguns diriam que ele me sufoca, e estariam certos, mas às vezes acho que devo ser mais inteligente do que ele. Sinto sua ereção nas minhas costas e me movimento com cuidado, pressionando o corpo contra o dele, me estimulando, quase o deslizando entre minhas nádegas, apertando-o ali e empurrando-o para o lugar proibido onde mais gosto de senti-lo. Dormindo, talvez ele seja mais condescendente. Mas não é o caso, e ele se afasta, deitando de costas e puxando metade dos lençóis. Ele murmura baixinho, voltando à consciência, ecos tênues do sonho, e eu resisto ao impulso de subir em cima dele, beijá-lo, extravasar toda a minha paixão e exigir que ele faça amor comigo outra vez.

Fecho os olhos e finjo estar dormindo até ele se levantar e tatear o caminho do corredor ao banheiro. Após um tempo, o aquecedor e o chuveiro são ligados. Isso dói um pouco. Não consigo evitar, por mais que tenha decidido ser forte. Na suíte há um banheiro com chuveiro de pressão, mas ele prefere ficar longe de mim, e tenho uma boa ideia de por quê. E do que ele está fazendo lá. Eu o excitei ao acordar, e, em vez de fazer sexo comigo, ele está "se aliviando". É uma expressão idiota, mas nunca gostei da palavra "masturbação". Muito técnica. "Punheta" é melhor, mas parece que linguagem desse calão não me convém, e há muito tempo me treinei para não dizer grosserias. Essas coisas agora soam estranhas para mim.

* * *

Quando ele desce, já preparei um bule de café e estou esquentando croissants no forno. Sufocamos um ao outro à nossa maneira, e eu sei que ele vai precisar de algo para curar a ressaca. Eu me viro e remexo na pia dando a ele a chance de pegar o ibuprofeno no armário sem ser alvo de nenhuma crítica silenciosa.

— Pus a mesa lá fora — digo, toda leve e luminosa, transferindo os croissants para um prato. — Seria besteira desperdiçar uma manhã tão bela.

A porta dos fundos está aberta, e o ar matinal está bem quente, mesmo já tendo passado das nove e meia.

Ele examina os canteiros de flores pela janela, hesitante, e percebo que está tentando descobrir onde enterrei a gata, depois que ele me deixou a cargo disso e saiu para se embebedar e tudo o mais. Ainda está pensando naquilo. Eu estou tentando esquecer. Ele se agarra às coisas que não pode mudar, mas o que está feito está feito, queiramos ou não.

Talvez para me recompensar por ter me saído bem ontem à noite, David concorda:

— Certo — diz, lançando-me um meio sorriso. — O ar fresco vai ajudar a me despertar.

Não falamos muito, mas desfruto do silêncio excepcionalmente cordial. Deixo o vestido de seda deslizar para que o sol bata na minha coxa nua enquanto bebo um café e como croissants, então desvio o olhar. Posso senti-lo me fitando de vez em quando e sei que ele ainda se sente atraído pela minha beleza. Estamos quase felizes. Não vai durar — não *pode* durar —, mas me deleito com a sensação. Principalmente, talvez, por causa do que pode estar por vir.

Quando terminamos, vou até o chuveiro e sinto prazer com a água quente de um longo banho. O dia é uma paisagem vazia, mas tem sua própria rotina silenciosa. David trabalhará por algumas horas, depois, talvez iremos à academia — algo que podemos fingir que fazemos juntos, mas que obviamente cada um faz separado — e voltaremos para casa, jantaremos, assistiremos à televisão e provavelmente dormiremos cedo.

Quando desço, David já está no escritório e me chama. Isso é surpreendente. De modo geral, ele gosta de ficar sozinho enquanto trabalha, e não me importo. Ele guarda informações sobre os pacientes lá e, embora beba demais, é extremamente profissional.

— Tenho umas coisas para você — anuncia.

— Ah.

É uma mudança na rotina, e eu me surpreendo. Sinto meu coração se apertar quando ele me entrega uma caixa de remédios.

— Para ansiedade — explica. — Acho que este medicamento pode funcionar melhor do que os outros. Tome um, três vezes ao dia. Não tem efeitos colaterais.

Pego a caixa. O nome no rótulo nada significa para mim; é só uma palavra que não sei pronunciar.

— Claro — concordo, consternada.

Mais remédios. Sempre remédios.

— Mas também tem isso.

O tom da sua voz é esperançoso, e eu ergo a cabeça.

Um cartão de crédito e um telefone celular.

— Está vinculado ao meu, mas achei que era hora de você voltar a ter um cartão de crédito. E um celular.

É um aparelho antigo, imagino que sem internet, apenas com as funções básicas, mas meu coração dispara. Não vou mais precisar contar com a mesada de David para as despesas domésticas. Não terei mais que ficar em casa, esperando cada telefonema combinado. Meu sorriso é cem por cento verdadeiro.

— Tem certeza? — pergunto, incapaz de acreditar na minha sorte.

Quase esqueço o primeiro golpe do medicamento.

— Tenho.

Ele sorri, contente por me fazer feliz.

— Um novo começo, lembra?

— Um novo começo — repito, então, antes de me dar conta, corro até o outro lado da escrivaninha e o abraço com as mãos ainda cheias.

Talvez ele esteja sendo sincero. Talvez se esforce mais a partir de agora.

— Obrigada, David — murmuro.

Sinto seu cheiro quando ele retribui o abraço. Seu calor. O toque dos braços. A largura do peito magro sob a camiseta fina e macia. Meu coração está a ponto de explodir ao senti-lo tão perto.

Quando nos separamos, vejo o mapa rabiscado para o qual ele está olhando e para a folha de anotações ao lado.

— O que é isso? — pergunto, fingindo interesse, continuando a ser a boa esposa naquele momento maravilhoso.

— Ah, eu estou pensando em fazer trabalho voluntário. Em alguma instituição de caridade ou algo assim. Ainda não sei. É um dos motivos que

me levaram a pensar que você poderia precisar do celular.

Seus olhos me observam de soslaio, mas eu sorrio.

— Foi uma ótima ideia. Foi mesmo.

— Isso quer dizer que talvez eu me ausente mais. Nos fins de semana e à noite. Mas ficarei longe o mínimo possível.

Ele está usando frases curtas, então sei que está desconfortável. Depois de passar muito tempo casada, você aprende a decifrar alguns sinais.

— Está tudo bem — afirmo. — Isso é muito generoso da sua parte.

— Tem certeza?

Agora é David que se surpreende. Eu sempre quis que ele trabalhasse o máximo possível na iniciativa privada. Há uma sofisticação tranquilizadora nesse tipo de trabalho, longe da sujeira e das agruras da vida. Eu o estimulei a trabalhar em um consultório em Harley Street, que é o lugar dele. Ali, haverá mais tempo para nós. David é brilhante. É o que todos dizem. Ele sempre foi, e deve estar no auge da carreira. Mas isso me convém. A nós dois.

— De qualquer modo, eu estava pensando em mexer na decoração da casa. Será mais fácil sem você atrás de mim.

Eu sorrio, para que ele entenda que estou brincando. Não sugiro que procurarei um trabalho. Afinal, por onde começar? Não trabalho há anos e certamente não terei boas referências do meu último emprego.

— Você é um homem bom, David — digo, mesmo que seja difícil e pareça mentira. — De verdade.

A atmosfera se aquieta. Há um peso momentâneo na sala, e sentimos o passado voltar a se instalar entre nós.

— Vou tomar esse remédio — digo. — E deixar você em paz.

Continuo sorrindo ao sair e finjo não notar o clima estranho que se instalou de repente, mas, mesmo sem ter a menor intenção de tomar o remédio que levo na mão, sinto um ânimo renovado. Um celular e um cartão de crédito. É quase como se fosse Natal.

9

LOUISE

No domingo à tarde, já desisti de toda a esperança de desfrutar do "*meu* fim de semana libertador, *só meu*" e estou apenas de olho no relógio, esperando Adam voltar para casa. Tomei um drinque com Sophie depois do trabalho, na sexta-feira, e a fiz rir mais um pouco por causa do meu *pseudocaso* com o chefe, como ela o chama, embora tenha percebido que minha amiga ficou aliviada ao saber que nada mais acontecera. *Não cague na porta de casa*, foi o que me disse. Quase comentei que ela estava *sempre* transando com os amigos ou clientes de Jay, mas decidi ficar quieta. De qualquer modo, Sophie não podia ficar muito tempo, e, após duas taças de vinho, fiquei feliz ao me despedir dela. Estava cansada de vê-la se divertir à minha custa.

O problema dos casais é que, mesmo não sendo tão presunçosos quanto os solteiros pensam que são, acabam se enquadrando naquele modelo de vida de só fazerem coisas com outros casais. Ninguém quer outra pessoa segurando vela e sobrando entre os pares. Eu me lembro. Ian e eu éramos assim. E, à medida que envelhece, todo mundo acaba se casando — aqueles que ainda não se casaram estão namorando freneticamente, querendo voltar a se encaixar no modelo. Às vezes parece que todos, *menos* eu, têm um par.

No sábado, me dediquei ao trabalho doméstico com o rádio ligado bem alto, tentando fazer aquilo parecer divertido, em vez de árduo. Depois vi televisão, pedi uma pizza, bebi vinho e fumei demais — então me odiei por exagerar. O que me soara tão extravagante no planejamento acabou parecendo patético ao ser vivido.

Minha decisão de não pensar em David tampouco se cumpriu. O que eles fizeram no fim de semana? Jogaram tênis? Ficaram no jardim — sem dúvida perfeito — bebendo coquetéis e rindo? Será que ele pensou em mim? Haveria algum motivo para pensar? Talvez esteja enfrentando dificuldades no casamento. Os pensamentos davam voltas e mais voltas na minha mente, enquanto eu assistia à televisão sem prestar atenção e bebia vinho demais. Eu precisava esquecê-lo, mas não era algo tão fácil de colocar em prática. Tive crises de sonambulismo nas duas noites, acabando de pé na cozinha, com a água fria escorrendo da torneira na pia, assustadoramente perto da porta da varanda, às quatro da manhã de domingo. Fiquei na cama até as dez, comendo os últimos restos de pizza no café da manhã, então me obriguei a fazer as compras da semana na Morrisons, antes de me sentar e esperar Adam voltar para casa e encher o apartamento de vida.

É pouco depois das sete da noite quando Adam enfim chega. Preciso me segurar para não correr até a porta, e, quando ele passa correndo por mim como um redemoinho, meu coração dispara ao ouvir sua algazarra e sentir sua energia. Às vezes ele me esgota, mas é meu garoto perfeito.

— Nada de brincar — digo, quando ele agarra minhas pernas. — Vá tomar banho, é quase hora de dormir.

Ele revira os olhos e geme, mas se arrasta em direção ao banheiro.

— Tchau, filho.

— Obrigado, papai — grita Adam, a mochila quase caindo do ombro, segurando no alto um dinossauro de plástico. — Vejo você na semana que vem!

— Semana que vem?

Estou confusa, e Ian baixa a cabeça, dando-me um breve vislumbre da careca cada vez mais pronunciada. Ele espera até nosso filho estar fora do alcance da voz.

— Sim, eu até queria conversar com você... Sabe, ofereceram uma casa para Lisa no sul da França por um mês. Seria burrice não aceitar.

— E o seu trabalho?

Sinto como se tivesse levado um tapa na cara.

— Posso trabalhar de lá umas duas semanas e tirar o resto do mês de férias.

Seu rosto está com a mesma tonalidade de vermelho de quando me disse que ia embora.

— Lisa está grávida — ele deixa escapar. — Ela... nós... achamos que seria uma boa oportunidade para ela estreitar a relação com Adam, antes de o bebê nascer. Lisa não tem como conhecê-lo direito vendo o menino apenas dois fins de semana por mês. É por causa dele também. Ela não quer que ele se sinta rejeitado. Nem eu.

Ouvi apenas ruído branco desde a palavra *grávida*. Lisa é relativamente jovem. É um nome vago na minha mente, não uma pessoa destinada a se tornar parte da minha vida para sempre. Ela apareceu há cerca de nove meses. Se o histórico de Ian desde o divórcio fosse confiável, era de esperar que o caso já estivesse acabando. Tenho uma vaga lembrança de ele ter me dito que dessa vez era diferente, mas não o levei a sério. Eu estava errada. *É* diferente.

Eles formarão uma bela família.

A ideia é uma facada no meu coração subitamente amargo e lúgubre. Eles viverão em uma bela casa. Lisa colherá os frutos da constante ascensão de Ian na escada do mundo corporativo. Meu apartamento pequeno me sufoca. Sei que estou sendo injusta. Ian paga minha hipoteca e nunca discutimos por causa de dinheiro. Ainda assim, a dor é demais para meu cérebro racional, e a ideia de tirarem Adam de mim no verão para realçarem sua imagem de felicidade e perfeição me faz ver tudo vermelho, como se meu coração houvesse explodido e todo o sangue tivesse inundado meus olhos.

— Não — digo, cuspindo a palavra. — Ele não vai.

Não lhe dou os parabéns. Não me importo com seu novo bebê. Só me preocupo com meu filho já crescido.

— Ora, vamos, Lou, você não é assim.

Ele se inclina no batente da porta, e por um instante vejo apenas sua barriga. Como ele pode ter encontrado um novo alguém, um novo alguém de verdade, e eu, não? Por que estou sozinha, passando meus dias em uma tediosa refilmagem de *Feitiço do Tempo*?

— Ele vai se divertir — continua Ian. — Você sabe. E você terá um tempo para si mesma.

Penso nas últimas quarenta e oito horas. Não é de tempo que preciso.

— Não. E você deveria ter falado comigo primeiro.

Estou parecendo uma criança, só falta começar a bater o pé, mas não consigo evitar.

— Eu sei, sinto muito, mas simplesmente escapou. Você ao menos vai pensar sobre a possibilidade? — Ele parece triste. — É época de férias escolares. Sei que é um período complicado... e assim você não precisa se preocupar em arrumar alguém com quem deixá-lo enquanto estiver trabalhando. E ainda vai ter uma folga. Você poderá sair quando quiser. Conhecer gente nova.

Um homem, ele quer dizer. Ah, que bom. Era exatamente o que faltava no meu fim de semana: a piedade do meu ex-marido infiel. É a gota d'água. Nem me dou o trabalho de repetir o não. Apenas bato a porta com força na cara dele, fazendo-o pular para trás a fim de não ser atingido.

Ele ainda toca a campainha duas vezes, mas o ignoro. Estou enjoada. Furiosa. Perdida. E, pior, sinto que não tenho direito de fazer nada disso. Lisa deve ser uma pessoa bem legal. Ian merece ser feliz. Eu nem sabia que era infeliz antes daquele beijo bêbado idiota. Descanso a cabeça na porta, resistindo à vontade de bater a testa na madeira até recobrar o juízo.

— Mamãe.

Eu me viro. Adam espreita do outro lado da sala de estar, constrangido.

— Então, posso ir para a França?

— Eu falei para você tomar banho — digo, com rispidez, toda a raiva voltando à tona.

Ian não tinha o direito de mencionar as férias para Adam antes de falar comigo. Por que sempre tenho que ser a mãe malvada?

— Mas...

— Banho. E, não, você não pode ir para a França. E ponto-final.

Ele olha feio para mim, furioso, minhas palavras estourando a bolha de animação.

— Por quê?

— Porque sim.

— Isso não é motivo. Eu quero ir!

— É motivo suficiente. E acabou a discussão.

— Que motivo idiota! Você é idiota!

— Não fale assim comigo, Adam. Agora vá tomar seu banho. Ou não vou ler nenhuma história antes de você dormir.

Não gosto quando ele fica assim. Não gosto de quando eu fico assim.

— Eu não quero ouvir história! Quero ir para a França! Papai quer que eu vá! Você é má! Eu odeio você!

Ele atira o dinossauro de plástico na minha direção antes de correr para o banheiro. Ouço a porta bater. Não sou a única capaz disso. Pego o brinquedo e vejo o adesivo do Museu de História Natural no pé do bicho.

Isso só me faz sentir pior. Faz tempo que prometi levá-lo lá, e nunca encontro tempo. Quando você é uma mãe em tempo integral há um monte de coisas que acabam não resolvidas.

O banho de Adam é curto e nada divertido para nenhum de nós. Ele ignora qualquer tentativa que faço para explicar por que não acho que a viagem de férias seja uma boa ideia, só me olha feio por baixo do cabelo úmido. É como se, mesmo aos seis anos, ele fosse capaz de reconhecer a conversa fiada. Não é porque ele nunca ficou tanto tempo longe de mim. Não é porque acho que talvez fosse melhor uma semana só, caso ele sentisse saudades de casa. Não é porque talvez seu pai e Lisa precisem de espaço, agora que têm um bebê a caminho — é simplesmente porque não quero perder a única coisa que me resta. *Ele*. Ian não vai tirar Adam de mim.

— Você odeia o papai e a Lisa — rosna ele para mim, quando envolvo seu corpo pequeno e perfeito em uma toalha grande. — Você odeia os dois e quer que eu odeie eles também.

Adam corre para o quarto, e fico ajoelhada no chão do banheiro, com as roupas úmidas, olhando chocada para onde ele estava. É isso que meu filho realmente pensa? Queria que ele tivesse acessos de raiva com mais frequência. Queria que ele chorasse e gritasse, em vez de ficar emburrado e depois cuspir essas verdades dolorosas. *Da boca de uma criança...*

— Que tal *Harry Potter*? — pergunto, assim que ele veste o pijama, a toalha já pendurada no banheiro.

— Não.

— Tem certeza?

Ele não olha para mim, mas agarra o ursinho de pelúcia com força. Com muita força. Com toda a raiva e mágoa contidas. Pela expressão, continua furioso. Ele bem que podia fazer um bico de uma vez e acabar logo com isso.

— Eu quero ir para a França com o papai. Quero comer caracóis. E nadar no mar. Não quero ficar aqui e ir para a colônia de férias enquanto você fica no trabalho o tempo todo.

— Eu não fico no trabalho o tempo todo.

A raiva dele machuca, assim como suas palavras, porque há alguma verdade nelas. Não tenho tanto tempo para ficar com ele quanto algumas outras mães.

— Você passa muito tempo lá.

Ele bufa e se vira para o lado, de costas para mim, ainda apertando o ursinho — a pelúcia olha para mim, quase pedindo desculpas.

— Você não quer que eu vá porque você é má.

Olho bem para ele, sentindo um peso no coração. É verdade. É tudo verdade. Adam se divertiria muito na França. Seriam apenas quatro semanas, e tornaria minha vida mais fácil de várias maneiras. Mas a ideia permanece cravada como uma faca nas minhas entranhas. Mais fácil, sim, mas também *mais vazia*.

Apesar do frio das suas costas voltadas para mim, eu me inclino e lhe dou um beijo na cabeça, ignorando a tensão. Aspiro o maravilhoso cheirinho de banho tomado que é só dele. Sempre serei sua mãe, lembro a mim mesma. Lisa jamais poderá me substituir.

— Vou pensar — digo baixinho, junto à porta, antes de apagar a luz.

Deixá-lo ir seria o mais correto. Eu sei que seria, mas ainda assim sinto vontade de chorar quando me sirvo de uma taça de vinho e afundo no sofá. Um mês inteiro. Tanta coisa pode mudar nesse tempo. Adam com certeza vai crescer. Restará menos desse tempo maravilhoso em que ele ainda quer me abraçar e andar de mãos dadas, enquanto ainda gosta de ser meu garotinho. Num piscar de olhos, ele se tornará um adolescente — o comportamento que acaba de ter é um indicativo. Então, ele vai crescer e ter vida própria, e eu provavelmente ainda estarei neste apartamento de merda, sobrevivendo em uma cidade com um custo de vida com o qual não posso arcar, com pouquíssimos amigos. Sei que estou me afundando em lamentações, que isso é exagero e que realmente ainda estou tentando assimilar a palavra *grávida* e o efeito que isso terá na minha vida. Eu não achava que Ian teria mais filhos. Ele não pareceu tão interessado quando teve o primeiro.

Eu fui sua esposa experimental, percebo. *Adam e eu éramos a família experimental*. *Quando a história da sua vida for tecida, seremos apenas a primeira trama. Não seremos o produto final*.

É um pensamento estranho e triste, e não gosto de pensamentos assim, então bebo mais vinho e faço planos para preencher aquelas semanas com diversão. Eu poderia tirar um fim de semana para viajar. Começar a correr.

Perder os três quilos extras que se acumularam na barriga e nas coxas. Usar salto alto. Ser alguém outra vez. É muita coisa para um mês só, mas estou disposta a tentar. Ou, ao menos, estou disposta a tentar enquanto tiver meia garrafa de Sauvignon Blanc na cabeça. Antes de mudar de ideia, envio uma mensagem de texto para Ian e digo que concordo com as férias. Que Adam pode ir. Eu me arrependo quase no mesmo instante, mas não tenho escolha. Se eu disser não, Adam ficará ressentido comigo, e não posso impedi-lo de também fazer parte da família do pai. Tentar mantê-lo só para mim só vai afastá-lo. Eu me sinto mais forte quando estou embriagada. No momento, isso me parece uma boa ideia.

* * *

Mais tarde, acordo no escuro, ao lado da cama de Adam. Minha respiração permanece ofegante enquanto o mundo se restabelece. Meu filho dorme profundamente, um dos braços ainda agarrando o ursinho surrado. Eu o observo por um instante, tentando absorver sua tranquilidade. O que será que ele pensa quando acorda e me vê desse jeito? Uma louca estranha que parece sua mãe? Deve ser inquietante para um menino que nunca teve pesadelos, não importa quanto ele diga que não é.

Talvez eu devesse tratar meu sonambulismo. Um dia, quem sabe. *Devo deitar no divã, doutor? Você se importaria de se juntar a mim? Ah, não, claro que não, você é casado. Talvez devêssemos falar sobre os* seus *problemas*.

Nem mesmo me convenço a sorrir. Adam passará um mês longe. Lisa está grávida. O mundo todo está me abandonando. Eu me enfio embaixo dos lençóis úmidos de suor e tento me animar. Há situações muito piores. Ao menos o que aconteceu com David prova que ainda há homens atraentes para mim. E, mais importante: há homens que ainda *me* acham atraente. Sempre há um lado positivo, e tudo o mais.

* * *

Apesar da conversa estimulante da noite anterior e da alegria e do amor no rosto de Adam, quando digo que ele poderá ir para a França, eu me sinto

péssima ao vê-lo correr em direção ao tumulto dos portões da escola sem nem olhar para trás. Isso em geral me deixa feliz. Ele é uma criança confiante, e gosto disso. Hoje, porém, o fato de ele nem se lembrar de mim me parece simbólico, parece representar todo o meu futuro. Todo mundo seguindo em frente, e eu sozinha do outro lado dos portões, acenando para pessoas que não estão mais olhando para trás. Penso nisso um segundo e percebo que é tão pretensioso que sou obrigada a rir de mim mesma. Adam foi para a escola como todos os dias. E daí que Ian está feliz? Se ele está feliz, não significa que eu deva ser infeliz. Ainda assim, a palavra *grávida* pesa como chumbo no meu coração, e meus olhos ardem de cansaço. Depois de acordar no quarto de Adam, não consegui mais dormir.

Cercada pelos gritos e risadas de crianças e pelas conversas das mães do norte de Londres, penso que, a despeito do "caso David", estou até com vontade de ir trabalhar hoje. Percorro a lista de coisas cotidianas que preciso fazer antes do fim do horário da aula e não me surpreendo ao constatar que a ideia de lavar o banheiro não melhora meu estado de espírito. Talvez eu devesse comprar novos calções de banho e roupas de verão para Adam levar na viagem. Estou certa de que Ian já cuidou disso, mas quero contribuir com alguma coisa nessas férias em família — uma família da qual não faço parte.

Penso em dar algumas roupas de bebê para Lisa, mas ainda é muito, muito cedo para isso. O novo bebê deles nada tem a ver comigo. E, afinal, por que ela desejaria algo da ex-mulher do marido? Da mãe do primeiro filho? A relação imperfeita. O que Ian lhe disse a meu respeito? Quanto me culpou?

Quando Adam desaparece na escola, baixo a cabeça e me afasto depressa, sem querer entabular qualquer conversa sobre férias de verão com as outras mães. Estou desesperada para fumar, mas preciso dobrar a esquina antes de acender um cigarro. Minhas roupas devem estar fedendo a tabaco, mas posso me poupar de ser julgada no portão da escola.

Antes de me dar conta, sinto que colidi em alguma coisa. Um súbito impacto na cabeça, o baque de um corpo contra o meu, um grito chocado, então me vejo cambaleando para trás. Permaneço de pé, mas a outra mulher, não. Primeiro, vejo os sapatos, os pés embaralhados no chão. Delicados saltos finos e não muito altos cor creme. Sem arranhões. Entro em piloto automático e a seguro, tentando ajudá-la a se levantar.

— Sinto muito, eu não estava prestando atenção aonde ia — digo.

— Não, a culpa foi minha — murmura ela, a voz como algodão-doce rodopiando no ar. — Eu não estava olhando.

— Bem, então somos duas idiotas — respondo, sorrindo.

Apenas quando ela está de pé, esbelta, percebo, com horror, quem é. É *ela*.

— É você — exclamo, antes de me conter.

Minha manhã vai de mal a muitíssimo pior, e meu rosto arde. Ela olha para mim, confusa.

— Perdão, nós nos conhecemos?

Aproveito um pequeno rebanho de carrinhos de bebê vindo da escola para ocultar o constrangimento e, quando acabam de passar, arrisco esboçar o que espero ser um sorriso genuíno.

— Não, não. Mas trabalho para seu marido. Três vezes por semana. Vi sua foto na mesa dele.

— Você trabalha com David?

Confirmo com a cabeça. Gostei da maneira como ela disse *com* e não *para*.

— Acabei de acompanhá-lo até lá. Quis desfrutar de uma caminhada matinal — conta ela. — Mundo pequeno.

A mulher sorri. Realmente é muito bonita. O que vi de relance não lhe fazia justiça — tudo bem que eu estava fugindo em pânico para o banheiro —, e eu esperava que ela fosse apenas fotogênica. Mas não. Ao seu lado, eu me sinto um pacote ambulante e desajeitado de banha. Afasto um cacho de cabelo para trás da orelha, como se isso subitamente me tornasse apresentável.

Estou usando uma velha calça jeans e um moletom com mancha de chá na manga, e nem sequer passei um pouco de rímel antes de sair de casa. Ela parece chique sem esforço, com um coque frouxo e um fino suéter verde por cima de uma calça de linho verde-claro. Uma visão em tons pastel que deveria parecer sem graça, mas não é. Ela bem podia estar no Sul da França, a bordo de um iate. É mais nova do que eu, talvez nem tenha chegado aos trinta, mas parece adulta. Eu pareço uma pateta. Ela e David formam um belo casal.

— Sou Adele — diz ela.

Até o nome é exótico.

— Louise. Desculpe meu estado. As manhãs são sempre uma correria, e, quando não estou trabalhando, geralmente fico mais meia hora na cama.

— Deixe de bobagem — desconversa ela. — Você está bem assim.

Adele hesita por um segundo, e estou prestes a crer que está procurando uma maneira de se despedir e seguir com seu dia, quando acrescenta:

— Gostaria de tomar um café? Tenho certeza de que vi uma cafeteria ali na esquina.

Não é uma boa ideia. Sei disso. Mas ela me olha, muito esperançosa, e minha curiosidade é esmagadora. É a esposa do *homem-do-bar*. David é casado com essa bela criatura e ainda assim me beijou. Meu cérebro sensato me diz que devo me desculpar e ir embora, mas é claro que não é o que faço.

— Um café seria ótimo. Mas não naquele lugar. Vai estar lotado de mães de alunos daqui a dez minutos, e prefiro evitar. A menos que você esteja interessada em tomar café com acompanhamento de um coro de bebês chorando e leite materno.

— Não, acho que não. — Ela ri. — Vá na frente, eu sigo você.

Acabamos no pátio do Costa Café, com cappuccinos e fatias de bolo de cenoura que ela insistiu em pedir. São quase dez horas, o frio da manhã se esvai, e o sol está quente, brilhando sobre o ombro de Adele. Estreito um pouco os olhos, ofuscada. Acendo um cigarro e ofereço-lhe outro, mas ela não fuma. Claro que não. Por que fumaria? Ela não parece se importar que eu fume. Entabulamos uma conversa educada, e eu pergunto se ela está se adaptando bem. Ela diz que a casa nova é bonita, mas que está pensando em redecorar alguns cômodos para deixá-los mais bem iluminados e que estava indo escolher algumas cores de tinta. Ela me conta que a gata deles morreu, o que não foi um bom começo, mas que David está no trabalho, e ambos estão se acostumando à rotina. Ela conta que ainda está se adaptando. Habituando-se à nova vizinhança. Tudo o que ela diz é encantador, com uma pitada de timidez desconcertante. Adele é adorável. Eu bem queria que ela fosse horrível ou uma megera, mas não é. Eu me sinto terrível em relação a David, sei que deveria estar a cem quilômetros de distância da esposa dele, mas ela é fascinante. O tipo de pessoa que você não consegue parar de olhar. Um pouco como David.

— Você tem amigos em Londres? — pergunto.

Acho que é uma aposta segura. Quase todo mundo tem algum amigo na capital: velhos amigos de escola ou da faculdade que você adicionou no Facebook. Mesmo não sendo sua cidade natal, é um lugar para onde as pessoas sempre acabam indo.

— Não.

Ela balança a cabeça e dá de ombros de leve, mordiscando o lábio inferior enquanto desvia o olhar.

— Na verdade, nunca tive muitos amigos. Tive um melhor amigo certa vez...

Sua voz se cala, e por um instante acho que ela chegou a esquecer que estou aqui, mas então seus olhos se voltam para mim e ela prossegue, deixando a história pela metade.

— Mas você sabe como é a vida.

Ela dá de ombros. Penso nas minhas próprias amizades e entendo o que ela quer dizer. Os grupos de amigos diminuem à medida que envelhecemos.

— Conheci as esposas dos sócios da clínica — continua ela. — Pareceram muito legais, mas a maioria é muito mais velha do que eu. Recebi vários convites para ajudá-las com trabalhos de caridade.

— Dou a maior força para trabalhos de caridade — comento. — Mas não é uma noitada boa em um pub.

Falo como se minha vida fosse repleta de noitadas boas, em vez de noites silenciosas e solitárias, e tento não pensar na última boa noitada. *Você beijou o marido dela*, lembro. *Vocês não podem ser amigas*.

— Graças a deus conheci você — diz ela, sorridente, antes de abocanhar o bolo.

Ela come com gosto, e eu me sinto menos mal ao devorar o meu.

— Você acha que vai arranjar um emprego? — pergunto.

Em parte é egoísmo. Se ela decidir trabalhar com o marido, estou ferrada.

Ela balança a cabeça em negativa.

— Sabe, fora algumas semanas que passei trabalhando em uma floricultura, há alguns anos, uma experiência que deu muito errado, nunca tive um emprego. Isso deve parecer um tanto idiota para você, e *de fato* é estranho e um pouco constrangedor para mim, mas, bem...

Ela hesita um instante.

— Bem, eu tive alguns problemas quando era mais jovem, aconteceram coisas que precisei superar, o que levou algum tempo, e agora eu não saberia por onde começar uma carreira ou algo do tipo. David sempre cuidou de mim. Temos dinheiro, e, mesmo que eu tivesse um emprego, eu me sentiria roubando o lugar de alguém que *precisa* e que, provavelmente,

se sairia melhor do que eu. Até cogitei ter filhos, mas não aconteceu. Pelo menos não ainda.

Ouvir o nome de David dito por ela é estranho. Não deveria ser, mas é. Espero que ela não esteja prestes a me dizer que estão tentando muito formar uma família, porque isso poderia me tirar do sério, mas ela muda de assunto, perguntando sobre minha vida e sobre Adam. Aliviada por falar de algo que não seja relacionado a David ou à gravidez, logo lhe dou um resumo não tão resumido da minha história — é que eu sou muito aberta e falo muito rápido, fazendo as piores partes parecerem engraçadas e as melhores, mais engraçadas ainda. Adele ri enquanto fumo mais, gesticulo e falo sobre meu casamento, o divórcio, sonambulismo, terrores noturnos e sobre como é divertido ser mãe solo, tudo isso narrado em um tom cômico.

Às onze e meia, depois de quase duas horas terem se passado — não sei como —, somos interrompidas pelo som do toque de um velho Nokia, e Adele tira o aparelho depressa da bolsa.

— Oi — atende, pronunciando *desculpe* sem emitir som para mim. — Sim, estou bem. Estou pesquisando tintas. Pensei em tomar um café rápido. Sim, posso levar. Sim, já estarei em casa.

É David. Só pode ser. Com quem mais ela poderia estar falando? Ela usa frases curtas, mantendo a cabeça baixa enquanto murmura ao celular, como se estivesse em um trem e todos pudessem ouvi-la. Só quando a ligação acaba é que percebo que ela não falou de mim, o que me parece um pouco estranho.

— Isso não é um celular — falo, olhando para o pequeno tijolo preto. — É uma relíquia de museu. Quantos anos tem esse aparelho?

Adele enrubesce um pouco, um belo vermelho rosado sobre a pele morena.

— Dá para o gasto. Ei, devíamos trocar telefones. Precisamos repetir a dose.

Ela está sendo educada, é claro, de modo que lhe dou meu número e ela o digita com cuidado. Jamais repetiremos a dose. Somos muito diferentes. Ela fica mais calada depois do telefonema, e começamos a recolher nossas coisas para ir embora. Não consigo parar de olhá-la. Adele é como uma criatura frágil, etérea. Seus movimentos são delicados e precisos. Mesmo após ter levado um tombo, ela parece impecável.

— Bem, foi um prazer conhecê-la — digo. — Tentarei não derrubar você da próxima vez. Boa sorte com a decoração.

Nosso momento de proximidade já passou e voltamos a ser quase desconhecidas um tanto constrangidas.

— Foi muito bom — concorda ela, sua mão tocando a minha de repente. — De verdade. — Ela toma fôlego, hesitante. — Pode parecer tolice...

Ela parece nervosa, um pássaro ferido batendo asas.

— Mas gostaria que você não contasse a David que tomamos café. Na verdade, seria mais fácil você não dizer que me conheceu. Ele tem uma opinião muito forte sobre misturar vida particular com trabalho. Ele... — Ela procura a palavra. — ... *compartimentaliza* as coisas. Eu não quero que ele... bem, seria mais fácil se nosso encontro não fosse mencionado.

— Claro — respondo, embora esteja surpresa.

Ela está certa, parece bobagem. Na verdade, não parece bobagem, mas algo peculiar. David é tão descontraído e charmoso. Por que se importaria? E, se ele se importa, que tipo de casamento é esse? Pensei que ele ficaria feliz ao saber que a esposa fez uma amizade. Contudo, sinto-me estranhamente aliviada. É provável que também seja melhor para mim se ele não souber de nada. Ele pode pensar que sou alguma maluca obsessiva, se eu chegar ao trabalho amanhã dizendo que tomei café com sua esposa. É o que eu pensaria.

Ela sorri, e percebo que está aliviada quando vejo seus ombros relaxarem e baixarem uns três centímetros, novamente lânguidos.

Depois que nos separamos e volto para o apartamento, pronta para enfrentar a faxina no banheiro, acho que foi bom tê-la conhecido. Eu *gostei* dela. Não, tenho certeza de que foi bom. Ela é doce sem ser enjoativa. Parece espontânea. Sem nada da arrogância que intuí a partir das fotografias. Talvez agora que a conheço não ache seu marido tão atraente. Talvez eu seja capaz de parar de pensar naquele beijo. Volto a me sentir culpada. Ela é uma mulher adorável. Mas eu não podia contar para ela, certo? Não tenho nada a ver com seu casamento. Além disso, é provável que eu jamais volte a ter notícias dela.

10

ADELE

Eu tinha esquecido como é ser feliz. Durante muito tempo, tudo girou em torno da felicidade de David — como evitar que ele ficasse mal-humorado, como fazê-lo parar de beber, como fazê-lo me amar —, de modo que, em algum lugar no meio disso tudo, minha própria felicidade ficou embotada. Nem mesmo estar com David me deixava feliz — algo que eu jamais pensei que fosse possível.

Mas agora há fogos de artifício dentro de mim. Explosões de alegria e cor. Agora tenho Louise. Um novo segredo. Ela é engraçada e esperta. Uma lufada de ar fresco após os ventos áridos da companhia limitada das intermináveis esposas de médicos. Ela é mais bonita do que pensa e, com três quilos a menos, teria um corpo maravilhoso. Não é magra e masculina como eu, mas curvilínea e feminina. Ela também é forte, rindo de acontecimentos da sua vida pelos quais outras pessoas desejariam receber solidariedade ou pena. Ela é realmente maravilhosa.

Dou apenas uma olhada nas pinceladas de tinta na parede do quarto — diversos tons de verde com nomes que condizem com o preço. *Eau de Nil*, *Vert de Terre*, *Verde Tunsgate*. Nenhuma cor que dê para imaginar só de ouvir o nome. Gosto de todas. Enfileiradas, poderiam ser folhas de árvores em uma floresta. Mas não consigo escolher uma, pois meu cérebro está tão ocupado com todas as coisas que Louise e eu poderemos fazer juntas que não consegue se concentrar na decoração.

Louise só trabalha três dias por semana, tem muito tempo livre para atividades femininas. Ou talvez para ir à academia. Com certeza. Posso

ajudá-la a perder o pouco de gordura extra de que precisa e tonificar os músculos. Talvez convencê-la a parar de fumar. Seria bom, além disso não posso permitir que meu cabelo e minhas roupas fiquem cheirando a cigarro. Isso nos denunciaria. David saberia que tenho uma nova amiga, e ele não ia gostar nada disso.

Podemos beber vinho juntas no jardim, ou talvez do lado de fora de um daqueles bistrozinhos na Broadway, e conversar e rir como hoje. Quero saber tudo sobre Louise. Já estou fascinada por ela. Estou perdida imaginando quanto vamos nos divertir juntas.

Esqueço as latinhas de tinta e vou preparar um chá de hortelã. Jogo um dos remédios que David me deu no ralo da pia da cozinha e ligo a torneira para me certificar de que desceu.

Levo o chá até o jardim, sob a luz do sol. Não passa muito da hora do almoço, e ainda falta algum tempo para a próxima ligação de David. Quero aproveitar que não tenho mais nada para fazer a não ser desfrutar esse sentimento maravilhoso, pensar e planejar. Sei que Louise não dirá nada para David sobre o nosso encontro. Não é do seu feitio. E ela sabe que não seria bom para nenhuma de nós.

Foi muito fácil encontrá-la, graças ao mapa que David trouxe do trabalho, claramente marcado com a ajuda e o conhecimento que ela tem da região. Sei do mapa porque usei como guia enquanto passeávamos de carro, no domingo à tarde, visitando os locais assinalados, vendo como as butiques davam lugar a pontas de estoque e fachadas lacradas com tábuas algumas ruas mais adiante. A passagem subterrânea que ninguém em sã consciência, fora os viciados, deveria usar. O conjunto habitacional feio a apenas dois ou três quilômetros da nossa casa maravilhosa. Vi também a escola de ensino fundamental, com flores coloridas pintadas nas paredes. Li a anotação que David fizera ao lado do local.

Depois, foi simples.

Duas estranhas se trombando.

Ela não suspeita de nada.

11

ANTES

Já fazia uns dez minutos que David estava esperando na linha quando finalmente a encontraram, empoleirada no alto da árvore à margem do lago, rindo com Rob. O rosto gorducho da enfermeira Marjorie parece horrorizado ao vê-los se equilibrando, despreocupados, entre os galhos, e com um grito ela ordena para que desçam *já* dali. Adele não precisa de incentivo — seu coração dispara com a ideia de falar com David —, e Rob murmura algo irônico sobre seguro de vida e pacientes morrendo em quedas, antes de fingir escorregar do tronco grosso e áspero, o que leva Marjorie a gritar, contrariando a orientação de manter silêncio na clínica Westlands.

Eles riem da enfermeira como crianças impertinentes, mas Adele já está descendo com estardalhaço, sem se importar quando a camiseta fica um pouco presa e a barriga arranha na árvore. Corre rápido pelo gramado, entra na casa e não diminui o ritmo nos corredores. Seu rosto está vermelho, e os olhos brilham. David a espera. Parece ter passado uma eternidade desde o último telefonema.

Celulares não são permitidos na clínica. O contato com o mundo exterior é controlado, e ali nem deve haver sinal, mas David liga sempre. Naquela semana, porém, ele voltou ao hospital por causa do braço. Quando ela chega ao pequeno escritório e pega o fone do velho telefone de parede, o relógio que ele não pode usar oscila no pulso de Adele como uma pulseira grossa. É muito grande e viril para ela, mas Adele não se importa. Usar o relógio de David a faz sentir como se ele estivesse a seu lado.

— Oi! — exclama ela, sem fôlego, afastando o cabelo rebelde do rosto.

— Onde você estava? — pergunta David. A ligação está ruim, e ele parece muito distante. — Eu estava preocupado, achei que você tivesse fugido ou algo assim.

Do jeito que ele diz, parece uma piada, mas há preocupação genuína borbulhando nas entrelinhas. Adele ri e pressente a silenciosa e ofegante surpresa dele no outro lado. Não ria com ele desde aquilo.

— Não seja bobo — diz ela. — Para onde eu iria? Estamos cercados de pântanos. E vimos *Um lobisomem americano em Londres*, lembra? Não vou sair vagando sozinha nesse calor insuportável. Pode ter alguma coisa lá fora. Como foi no hospital? Eles vão fazer um enxerto de pele?

— É o que dizem. De qualquer modo, não está doendo. Doía mais nas bordas, mas diminuiu muito. Não se preocupe comigo. Concentre-se em melhorar e voltar para casa. Estou com saudades. Poderemos começar de novo. Longe de tudo, se você quiser.

— E casar — diz ela, sorrindo. — Vamos casar o mais rápido possível.

É como diz Rob: por que ela não pode ser feliz? Por que deve se sentir tão mal por querer ser feliz? *Você não pode se comprometer aos dezessete anos*, dissera-lhe o pai. *Nessa idade você não sabe o que quer. E ele é muito velho. O que um sujeito de vinte e dois anos quer com uma adolescente?*

Mas o pai estava enganado. Ela desejava ficar com David desde que se entendia por gente. Estava tudo ali, nos olhos azuis dele, desde o momento em que o viu pela primeira vez. Sua mãe não falou muito, apenas comentou que a fazenda em que ele morava estava *à beira da reintegração de posse graças ao pai alcoólatra, que só pisa na bola, e à mãe ausente. David não vai receber um centavo de herança. Ele não tem "berço"*. Havia tantas maneiras de dizer *inadequado para nossa garota perfeita* sem chegar a falar isso. Talvez tudo aquilo fosse verdade, mas Adele sabe que não tinha nada a ver com quem David realmente é. Nunca teve.

Ela o amava aos oito anos, brincando nos campos e vendo-o trabalhar, e o ama agora. Ele vai ser médico. Não precisará mais se preocupar com as dívidas de estudante. Será seu marido. E ela herdou tudo. A desaprovação dos pais já não importa mais, e ela não vai se permitir se sentir culpada. Os pais morreram, e, como diz Rob, desejar ter morrido com eles não mudará esse fato. Só resta seguir em frente.

— Você está com uma voz boa. Melhor.

David parece intrigado. Um tanto hesitante, como se desconfiando do aparente surto de bom humor, o que não é surpreendente. Adele mal falara

na última vez que ele ligou. Mas fora dez dias antes, e muita coisa mudara desde então.

— Eu estou me sentindo melhor, mesmo — responde ela. — E acho que você estava certo. Este lugar me fez bem. Ah, sim — acrescenta, quase como uma reflexão tardia. — Arranjei um amigo. O nome dele é Rob. Ele tem a minha idade. É muito engraçado e me faz rir das pessoas daqui o tempo todo. Acho que estamos ajudando um ao outro.

Ela está exultante, mas não resiste. Também está um tanto nervosa. Como se, depois de tudo o que aconteceu, de algum modo estivesse traindo David com Rob. Isso é besteira, porque é uma relação bem diferente. Só porque ela ama David não significa que não possa gostar de Rob.

— Você precisa conhecê-lo. Acho que também vai gostar dele.

12

ADELE

Fico mais animada depois do telefonema vespertino. David diz que chegará tarde em casa. Ao que parece, irá a duas instituições de caridade, através das quais poderá ajudar pacientes em recuperação na comunidade.

Murmuro todas as respostas certas às suas frases estranhas e entrecortadas, mas por dentro me pergunto o que exatamente esses viciados assolados pela pobreza nos conjuntos habitacionais repletos de merda pensarão quando David — a fachada falsa de classe média que ele teve tanto trabalho para desenvolver durante sua formação médica entranhada na pele como uma mancha na madeira — aparecer para discutir seus problemas. Imagino quanto vão rir depois que ele for embora. Contudo, o sacrifício é de David, afinal, e convém aos meus planos. Tenho planos. A constatação me dá um frio na barriga.

Por um instante quase sinto pena dele, mas então lembro que talvez nem seja verdade. Ele pode estar indo se embriagar, encontrar alguém ou coisa parecida. Não seria a primeira vez, tendo a gente recomeçado ou não. Ele já teve segredos. Não tenho tempo para verificar. Não hoje, pelo menos. Minha mente está a mil, muito concentrada em outras coisas.

Digo que já selecionei algumas cores para o quarto e que acho que ele vai gostar. David finge se importar. Digo que tomei os remédios, já querendo evitar a pergunta. Acho que, se pudesse, ele viria para casa para me ver engolir os comprimidos, mas precisa aceitar minha mentira. Ele me quer maleável. Desfrutei dos nossos poucos dias de quase felicidade, mas isso não pode durar. Não se pretendo salvar o nosso amor. Mas, por

enquanto, entrarei no jogo. Estou cuidando das coisas. Só preciso ter coragem. Já fiz isso antes. Posso fazer outra vez.

Quando o telefonema termina, volto para o quarto e pinto faixas de cores mais grossas e longas na parede do quarto. A luz do sol as ilumina, e, do outro lado do quarto, parecem uma floresta. Definitivamente, são folhas. Talvez eu devesse ter pegado alguns tons de amarelo e castanho-claro, mas é tarde. Os verdes serão suficientes. Olho para a parede e penso em folhas e árvores, e ele também vai pensar. Acho que talvez seja a única coisa em que ele vai pensar. *Não vai conseguir ver mais nada*.

Lavo as mãos, limpando pingos secos irritantes que se agarram à pele, depois vou até o porão. Sob a orientação de David, o pessoal da mudança trouxe diversas caixas aqui para baixo. Ele não me perguntou onde eu queria que as colocassem, mas sabe que não me importo. Não mesmo. Passado é passado. Por que perder tempo revirando sepulturas? Não mexo nessas caixas há anos.

Faz frio no porão, longe das janelas e da luz do sol, e uma única lâmpada amarela me ilumina enquanto verifico as caixas, tentando encontrar a certa. Ninguém se importa com porões. De certa forma, paredes nuas, sujas e encruadas são mais honestas no que diz respeito à alma de uma casa.

Avanço com cautela, sem querer sujar a roupa de poeira. Uma mancha de tinta tudo bem, mas poeira poderia chamar atenção. David sabe que eu não gosto de casa suja. Eu não quero que ele pergunte de onde veio a poeira. Não quero mentir mais do que o necessário. Eu o amo.

Encontro o que estou procurando junto à parede úmida dos fundos, que a luz fraca mal ilumina. Uma pilha de quatro caixas de papelão, mais desgastadas do que as outras, de um marrom mais claro. Nelas estão guardados livros extras, arquivos antigos, esse tipo de coisa. Também são muito mais velhas, com cantos moles e amassados. Essas caixas são antigas, ninguém nunca mexeu nelas, e o papelão é mais espesso e resistente. Caixas sólidas para esconder restos de vidas. Tudo o que foi resgatado da ala incendiada de uma casa.

Com cuidado, coloco a caixa do topo da pilha no chão e vejo o que há ali dentro. Castiçais de prata, acho. Algumas peças de louça. Um delicado porta-joias. Sigo em frente. Demoro um tempo para encontrar o que estou procurando. Está escondido em meio a fotografias esparsas, álbuns de fotos e livros que escaparam das chamas, mas que ainda têm cheiro de queimado. Não cheiram a fumaça. A fumaça tem um cheiro agradável. Estes objetos

evocam algo destruído, enegrecido e amargo. Folheio as fotos soltas, mas em uma delas vejo um relance do meu rosto. Mais cheio, sorridente, brilhando de juventude. Quinze anos, talvez. É o rosto de uma estranha. Eu o ignoro e me concentro na busca. Está aqui, em algum lugar. Escondi onde sabia que David não procuraria, entre relíquias que ele sabe que são só minhas.

Está bem no fundo, sob todo o lixo, embora intacto. O velho caderno. Os truques do ofício, por assim dizer. É fino — arranquei as últimas páginas há anos, porque algumas coisas devem permanecer em segredo —, mas está inteiro. Prendo a respiração quando o abro, e as páginas que sobraram estão frias e ligeiramente deformadas por anos de escuridão e umidade, conferindo-lhes uma textura quebradiça de folhas secas no outono. A letra na primeira página é caprichada: limpa e enfática. Aprendizados de uma outra vida.

A cada hora que passa, me beliscar e dizer a mim mesmo que ESTOU ACORDADO.

Ao lê-las, é como se as palavras tivessem sido escritas há apenas alguns instantes, e nos vejo sentados à sombra da árvore, a brisa maravilhosa e o lago ondulante. A lembrança é viva e *atual*, não uma recordação de dez anos atrás, e sinto uma dor estranha e aguda no estômago. Respiro fundo e a reprimo.

Guardo as caixas exatamente onde as encontrei e levo o caderno para cima, segurando-o como um pergaminho antigo e frágil que pode se desfazer nas mãos quando a luz o atingir, em vez de um caderno de exercícios barato trazido de Westlands há muitos anos. Eu o escondo no compartimento com zíper do lado de fora da bolsa de ginástica, onde não possa ser visto.

É do que Louise precisa. Mal posso esperar para compartilhar isso com minha amiga. Ela é meu segredo, e em breve teremos o nosso segredo.

* * *

Acaba que David não volta para casa tão tarde assim, e entra pela porta às sete e cinco da noite. A cozinha está repleta de aromas de comida — enquanto esperava preparei um delicioso curry tailandês —, e o arrasto até o segundo andar para ele ver as cores no quarto.

— O que achou? — pergunto. — Não consigo decidir entre o *Folha Verde Veranil*, à esquerda, ou o *Bruma da Floresta*, à direita.

Nenhum dos nomes são reais, mas ele nunca saberá. Eu os invento no calor do momento. Talvez seja um esforço exagerado ou uma animação excessiva. De qualquer modo, nem sei se ele está me ouvindo. Está olhando para as faixas de cor que brilham à luz do sol poente. Ele enxerga tudo o que vi nelas.

— Por que essas cores? — pergunta.

Sua voz é inexpressiva. Monótona. Mortiça. Ele se vira para mim, e vejo tudo isso nos seus olhos frios. Tudo o que paira entre nós.

Que bom, penso, fortalecendo-me para a raiva ou para o silêncio que está por vir, preparando farpas amargas com as quais lutar.

E começa.

13

LOUISE

David já está no consultório antes mesmo de eu chegar à clínica, e, quando penduro o casaco, Sue ergue as sobrancelhas e balança a cabeça.

— Alguém levantou com o pé esquerdo hoje.

Por um instante, penso que ela está falando de mim, porque devo estar parecendo cansada e mal-humorada. Meus terrores noturnos me despertaram, depois fiquei rolando na cama pensando na gravidez de Lisa — ainda não consigo imaginar aquilo como o novo bebê de Ian — e no mês que Adam passará longe. Então por volta das sete, já tinha tomado três cafés e fumado dois cigarros e estava com um mau humor do cão. De algum modo, a gravidez de Lisa trouxe de volta todas as emoções terríveis que vivenciei quando Ian me deixou, e sinto a felicidade dele como uma nova traição — o que sei que é idiota, mas não me livra do sentimento. Só que Sue não está falando de mim, mas de David.

— Ele nem disse bom-dia — prossegue, servindo-me de chá. — Até agora eu o achava encantador.

— Todos temos dias ruins — retruco. — Talvez ele não seja uma pessoa matinal.

— Então não devia ter chegado tão cedo. Parece que ele ganhou de você no quesito madrugador.

Ela tem razão. Dou de ombros e sorrio, mas meu coração está acelerado. Será que Adele contou para ele que tomamos café juntas? Será que ele me diagnosticou como perseguidora obsessiva e está se preparando para me demitir? Estou quase me retorcendo de culpa. Não importa se *ela* contou ou

não, *eu* deveria ter contado. Já tem merda demais acontecendo na minha vida para eu guardar um segredo da esposa dele. Afinal, eu nem a conheço. E ele *é* meu chefe. Eu não tive escolha senão ir tomar o café. Ela me *pediu*. O que eu poderia dizer? Lembro-me do seu rosto, da sua expressão preocupada e constrangida, pedindo que eu não falasse nada sobre o encontro, e fico em dúvida por um momento. Ela parecia tão *vulnerável*. Mas *preciso* contar para ele. *Preciso*. Ele vai entender. Claro que vai.

Tenho que enfrentar a situação e tirar isso do peito. Então, em vez de verificar as anotações deixadas por Maria na véspera, como sempre digitadas e impressas com cuidado, bato à porta do consultório com o coração na garganta. Abro sem esperar resposta e entro. Confiança. É assim que se lida com a situação.

— Há algo que preciso...

— Merda! — grita David, me interrompendo.

Ele está segurando a tampa grossa de uma lata de café caro — não o que a clínica oferece, mas outro, trazido de casa — e, ao se virar, o pó marrom se esparrama pela mesinha de café.

— Puta que pariu, você não podia bater?

Eu não tinha certeza de que já havia visto alguém de *cara feia*, mas passei a ter. Sinto como se tivesse levado um tapa por causa da agressividade e da raiva na sua voz.

— Eu bati — murmuro. — Desculpe. Vou pegar um pano.

— Eu faço isso — rebate ele, puxando alguns lenços de papel da caixa na mesa. — Um pano molhado só pioraria as coisas.

— Pelo menos não pegou no tapete.

Tento parecer alegre e digo:

— Não adianta chorar pelo café derramado.

— Você quer alguma coisa? — pergunta ele.

Ele olha para mim e me parece um estranho. Frio. Distante. Nada do encanto natural e da cordialidade de antes. Meus nervos estremecem, e sinto um nó na garganta. Não tem como eu contar sobre o café com Adele. Não enquanto ele estiver neste estado de espírito. Não me lembro da última vez em que deixei alguém com tanta raiva de mim por não ter feito nada de errado. Será esse o outro lado dele? Um pensamento me ocorre: será por isso que Adele mantém as amizades em segredo?

— Eu ia perguntar se você queria que eu preparasse o café — digo, tentando manter a pose. — Mas vejo que já está tudo sob controle.

Eu me viro e vou embora, coluna ereta, fechando a porta em silêncio ao sair. É a única reação hostil que posso ter sem perder o emprego, mas, quando me sento, reparo que estou tremendo de raiva. Eu não fiz nada de errado. Como ele ousa falar comigo assim? Como ousa me intimidar dessa forma?

Se é que senti culpa por ter tomado café com Adele, o sentimento desvanece enquanto me enfureço. Além disso, o que aconteceu entre nós? Um beijo idiota? Só isso, e a cada dia que passa me parece mais um sonho. Uma fantasia. E Adele e eu provavelmente nos conheceríamos em algum momento. Na festa de Natal da clínica ou algo assim. E daí se eu já a conheci por acaso?

— Eu avisei — diz Sue passando pela minha mesa e deixando meu chá esquecido. — Não leve para o lado pessoal. Você sabe como os homens são. No fundo, são todos uns bebês mal-humorados. — Ela se inclina. — Principalmente os riquinhos mimados.

Eu rio, embora ainda esteja magoada com o modo como fui tratada.

Cabeça baixa, Louise, digo a mim mesma, ligando o computador para começar o dia. *E concentre-se no trabalho. Afinal, você nunca mais vai ouvir falar de Adele. E David é apenas seu chefe*.

A família Hawkins chega à tarde, e é óbvio que o paciente, Anthony Hawkins, de vinte e um anos, não deseja estar aqui. Seus pais pertencem à estoica classe média alta, têm cerca de sessenta e cinco anos, e uma nuvem de aromas os acompanha: pó de arroz, água de colônia, perfume. Estão muito bem-vestidos; o pai de terno e a mãe de blusa e saia de grife com um colar de pérolas, mas vejo o cansaço ao redor dos seus olhos. Eu os levo até a sala de espera, que é como a sala de estar de um clube exclusivo, e ela se senta, empoleirada na ponta de uma poltrona bergère. O marido fica de pé, com as mãos nos bolsos, e me agradece em voz alta. Apesar do excesso de confiança, ele não quer estar aqui tanto quanto o filho.

Anthony Hawkins é magro, muito magro, tem espasmos, tiques, e seus olhos, tomados de alguma raiva primitiva de quem se põe na defensiva, parecem instáveis. São como olhos de boneca que balançam ligeiramente e não parecem focados em nada, ao menos não em algo que o restante de nós pode ver. Ele não olha para mim em momento algum. Mesmo que eu não soubesse que ele era usuário de heroína, não precisaria ser um gênio para adivinhar. Anthony Hawkins poderia ser o garoto-propaganda de um cartaz antidrogas. Ele parece prestes a explodir, mas dá para ver que o medo tem

grande influência. Mantenho distância. O medo não é uma barreira para a violência, e sou sempre cautelosa com pacientes encaminhados pela justiça.

— Eu não quero ir — murmura ele, quando David sai do consultório e o convida a entrar. — Eu não tenho problemas, porra.

O jeito como Anthony Hawkins fala é típico de aluno de uma escola particular cara.

— Seus pais podem esperar aqui — avisa David. Ele se expressa de maneira gentil, embora firme. Nenhum sinal do mau humor anterior, mas, ainda assim, não olha para mim. — Vai ser só uma hora. Não lhe fará mal algum, eu garanto.

Ele dá de ombros e lança aquele sorriso encantador, capaz de desarmar qualquer um, então completa:

— Com sorte, poderá mantê-lo fora da cadeia.

Anthony se concentra em David com olhos cautelosos, trêmulos e desconfiados de viciado, mas, como um condenado à forca, segue o médico.

Quando a porta se fecha, vejo os ombros da Sra. Hawkins tombarem, a falsa fachada de força desmoronando, e sinto muito por ela. O que quer que Anthony tenha ou não tenha feito está custando bastante aos pais, e não faz muito tempo que ele deixou de ser um menino como Adam. Aos olhos da mãe, provavelmente ainda é. Trago uma xícara de chá para cada um deles — xícaras de porcelana especiais para os clientes, não as canecas dos funcionários — e explico-lhes que o Dr. Martin é muito respeitado. Não chego a dizer que vai ajudar o filho deles — não podemos prometer nada —, mas eu queria dizer alguma coisa, e percebo um leve brilho de gratidão nos olhos da mulher, como se ela estivesse abraçando minhas palavras junto ao peito para se tranquilizar.

As incertezas do mundo me fazem pensar em Adam, e, em um momento de paranoia materna, subitamente preocupada com a possibilidade de ter havido algum problema na escola ou na atividade extracurricular e os telefones da clínica estarem ocupados, remexo a bolsa e verifico o celular. Não há chamadas não atendidas, e tudo está bem como de costume — mas há uma mensagem de texto. É de Adele. Que merda. Por que não contei para ele?

> Se você não trabalhar amanhã, quer fazer alguma coisa? Achei que poderíamos ir à academia. Tem sauna e piscina lá, pode ser relaxante. Posso arranjar um convite para você. Seria legal contar com sua companhia! Bj.

Fico olhando para a mensagem. Droga. Que diabo eu faço? Nunca imaginei que ela entraria em contato. Meus dedos pairam sobre as teclas. Talvez eu a ignore. *Deveria* ignorar. Mas seria uma grosseria, e eu me sentiria estranha perto de qualquer um dos *dois*. Merda, merda, merda. Quase envio uma mensagem pedindo conselhos a Sophie, mas desisto. Sei o que ela vai dizer e, caso eu conte que fiquei amiga de Adele, não poderei *desdizer* depois, e ela vai querer saber de tudo. Não quero que minha vida seja motivo de diversão para ela.

Releio o texto. Eu deveria responder. Deveria aceitar. Ora, o que rolou com David não passou de um amasso embriagado, acabado e encerrado. Um erro estúpido de ambas as partes. Talvez Adele pudesse se tornar uma nova amiga. Sinto que ela *precisa* de mim. Com certeza é uma pessoa solitária. Ela transpirava solidão, ontem. E não é a única, embora eu odeie admitir. Também me sinto sozinha — e com medo de que seja o futuro previsível da minha vida. As semanas se derretendo até virarem uma só.

Adele e eu *somos* solitárias, e, por mais glamorosa e carismática que ela seja, só deus sabe como é seu casamento. Talvez David esteja acostumado a sair, se embriagar e beijar outras mulheres. Ele *disse* que não fazia isso, mas é o que todos dizem, não é? E o que mais ele *poderia* dizer? Precisamos trabalhar juntos, o que é algo que nenhum de nós esperava. E, sim, ele foi um fofo no outro dia, mas hoje está sendo bastante desagradável. Será que ele estava sendo gentil para evitar que eu contasse tudo para o Dr. Sykes? Pensando bem, eu deveria ficar do lado de Adele nessa história. Eu sei como é viver com um homem infiel. Sei quanto fiquei arrasada com aquela revelação, e odeio ser a possível causa de uma dor semelhante.

Posso não a conhecer bem, mas Adele é um doce. Eu gosto dela. E é bom receber um convite, em vez de fazê-lo. Eu deveria sair com ela. Seria educado. E, caso a gente engate uma amizade, contarei para David. Vou explicar que estava prestes a lhe dizer, mas que ele estava tão mal-humorado que não contei. É uma boa solução. Já me sinto melhor.

Só tenho um porém. Por que ela não sugeriu um almoço e uma taça de vinho em algum lugar? A ideia da academia me dá vontade de me esconder. Não faço exercício há muito tempo, a não ser para correr atrás de Adam, e ele está com seis anos, de modo que nem isso faço mais. Adele está tão obviamente em forma que só vou passar vergonha ao lado dela. Eu nem sei se tenho roupas de ginástica boas. Ao menos, nenhuma que caiba em mim.

Estou prestes a inventar uma desculpa e cair fora, mas então paro. Lembro-me da decisão que tomei no fim de semana, quando estava bêbada e com pena de mim mesma: perder alguns quilos enquanto Adam estivesse fora. Ter uma vida. Escrevo a resposta antes de ter tempo de mudar de ideia:

Claro, mas estou muito fora de forma, então não ria de mim!

Estou satisfeita comigo mesma. Dane-se David. Eu não estou fazendo nada de errado. A resposta chega logo depois:

Ótimo! Me passe seu endereço que irei buscá-la. Que tal por volta do meio-dia?

A ideia da bela Adele no meu apartamento faz meu estômago se revirar quase tanto quanto a ideia da academia.

Que tal nos encontrarmos lá?, respondo.
Não seja boba! Estarei de carro.

Sem saída, digito meu endereço e decido arrumar o apartamento e passar o aspirador esta noite. É uma idiotice, claro. Sou mãe solo morando em Londres — Adele deve saber que não moro em uma mansão —, mas sei que me sentirei constrangida. Talvez não tanto quanto na academia, mas... bem, tudo isso servirá como um teste para eu saber se a nova amizade tem futuro, além de ser um último prego no caixão do *nada* que eu e David tivemos. Será só um dia. Vai dar tudo certo, digo a mim mesma. O que poderia dar errado?

* * *

A consulta de Hawkins leva meia hora a mais que o previsto, mas Anthony está mais calmo quando enfim sai do consultório. Ainda está cheio de tiques, mas definitivamente mais relaxado. E não para de olhar para David, enquanto ele fala com a família e os acompanha até a porta. Uma estranha admiração brilha nos seus olhos, mesmo que esteja tentando escondê-la diante dos pais. Pergunto-me o que David disse para fazê-lo se abrir tão depressa. Mas, então, um tanto furiosa, lembro como me senti no bar. Ele

faz você se sentir especial. Já passei por isso. Entendo. Parece que eu e Anthony somos dois otários.

Finjo estar digitando uma carta quando David vem até minha mesa, e, embora também pareça mais calmo, como se um dia inteiro lidando com os problemas dos outros tenha resolvido os seus, mantenho a expressão fria. Não sei por que deixei que ele me irritasse. Adoraria que ele não me deixasse nervosa e com os ouvidos zumbindo. Fico muito desajeitada quando ele está por perto.

— Marquei mais uma sessão para Anthony Hawkins na próxima sexta-feira — avisa ele. — Mesmo horário, quinze para as quatro. Está no sistema.

Confirmo com a cabeça.

— Devo cobrar a meia hora extra de hoje?

— Não, foi culpa minha. Eu não quis interrompê-lo depois que ele começou a falar.

O que o Dr. Sykes pensaria disso? David pode até querer fazer trabalho de caridade, mas a clínica está longe de ser filantrópica. Deixo passar. Ele fez uma coisa boa, o que me confunde um pouco. Que homem contraditório.

David começa a caminhar em direção à sua sala, mas então se vira e se aproxima a passos rápidos.

— Escute, Louise, eu sinto muito por ter sido tão grosso mais cedo. Eu estava com um humor péssimo e não deveria ter descontado em você.

Ele parece muito sincero. Tento parecer indiferente.

— É, você não deveria ter feito isso — respondo. — Mas sou apenas sua secretária, então não tem importância.

As palavras saem mais frias do que o pretendido, e ele recua um pouco. Volto o olhar para o trabalho enquanto meu coração dispara no peito. Um suor desconfortável poreja nas palmas das mãos.

— Bem, eu queria pedir desculpas.

Sua voz perde a suavidade, e ele se afasta de mim. Quase o chamo de volta, lamentando minha rabugice e pensando na estupidez daquilo tudo. Deveríamos ser amigos, mas então lembro que vou me encontrar com Adele amanhã e me sinto presa pelo segredo que ainda não contei. Devo contar? Fico olhando para a porta fechada. Acho que não. Vou me ater ao plano. Se parecer que a amizade com Adele vai se desenvolver, conto para ele.

Preciso de um café. *Preciso* de algo mais forte na verdade, mas um café terá de bastar por enquanto. Como minha vida ficou tão complicada?

14

ADELE

— Ah, meu deus, que delícia! Eu poderia ficar aqui para sempre.

Ao meu lado, Louise descansa a cabeça na madeira e suspira de satisfação. Estamos sentadas no degrau mais alto da sauna, envoltas em névoa perfumada, com a pele escorregadia de suor e vapor de água.

— Nunca fico mais de dez minutos — digo. — Você deve gostar do calor.

Mas é gostoso sentir toda a tensão derretendo enquanto meu corpo não tem escolha senão relaxar. As últimas duas horas foram ótimas. Louise estava deliciosamente constrangida quando cheguei ao apartamento, e dava para ver que ela não queria que eu entrasse — estava com a bolsa pronta junto à porta —, mas insisti. Ela não foi capaz de recusar. Louise é muitas coisas, mas não é grosseira. O que é bom, porque eu queria conhecer sua casa.

— Isto é o mais perto de férias que tiro este ano — murmura ela, com uma meia risada.

Na oportunidade, também fechei os olhos, mentalmente verificando o que registrei dos cômodos da casa. A sala de estar; uma tevê, um sofá creme com um pano bege cobrindo almofadas velhas e uma pequena queimadura de cigarro no braço esquerdo. Carpete azul. Resistente. À prova de crianças. O quarto principal. Pequeno, embora com espaço suficiente para uma cama de casal. Papel de parede atrás da cama. Guarda-roupas branco embutido. Cômoda branca, com uma confusão de produtos de beleza em cima. Um emaranhado de bijuterias baratas transbordando de um

pequeno saco — do tipo que provavelmente era a embalagem de um creme de beleza ou algum presente. Um roupão enganchado atrás da porta — outrora branco e macio, mas já áspero de tantas lavagens e com manchas de café ou de chá nas mangas.

Aprendi a memorizar detalhes. São importantes quando você precisa *ver* um lugar. É um apartamento compacto. O quarto de Adam — não me concentrei muito nesse cômodo — é muito menor e mais entulhado, mas certamente é aconchegante. Tem cara de ser habitado.

— Além disso — continua Louise, então presto atenção no que ela está dizendo, certa de que tenho tudo bem armazenado na mente —, esse negócio de ficar sentada e imóvel é sempre muito melhor que a academia. Vou ficar toda dolorida amanhã.

— Mas se sentirá melhor — acrescento.

— Já estou me sentindo. Obrigada por me ajudar. E por não ter rido de mim.

Sinto uma onda de afeição por Louise. No geral, ela se saiu muito bem. Ao menos tentou. Não corri tão rápido ou tanto quanto costumo, não queria deixá-la para trás. A ideia era fazê-la gostar de estar na academia, em vez de eu mesma malhar, e, após ter passado quase todo o dia anterior deitada na cama, minhas articulações estavam rígidas e foi bom me movimentar, mesmo que não tenha sido tão extenuante. Fizemos um cárdio leve, depois mostrei os vários aparelhos de musculação, e ela experimentou todos com valentia enquanto eu bolava séries que desafiassem seus músculos.

— Sabe, eu gostaria de ter uma amiga de academia — comento, como se fosse a primeira vez que o pensamento me ocorre. — Por que você não vem aqui comigo quando não estiver trabalhando?

Faço uma pausa e baixo a cabeça e a voz.

— E também nos fins de semana em que eu vier sozinha. Você sabe, sem o David.

Ela olha para mim com uma mistura de preocupação e curiosidade, mas não pergunta o porquê do segredo. Eu sei que ela não vai perguntar. Não temos intimidade para isso.

— Seria bom — responde, após um instante. — Será um mês longo. Adam vai para a França com o pai. Sei que será ótimo para ele e tudo o mais, e parece idiota, já que ele me deixa esgotada a maior parte do tempo e eu deveria estar ansiosa para ter um mês só para mim, mas já estou me sentindo meio perdida.

Ela diz tudo de uma vez só.

— O período letivo se encerra amanhã, na hora do almoço, e o pai vai buscá-lo às cinco e meia da tarde. Tudo aconteceu tão rápido que ainda não consegui assimilar.

Ela se apruma e, de repente, arregala os olhos ao se lembrar de algo.

— Ah, droga! Eu ia pedir o dia de folga e esqueci completamente. Vou ter que ligar e implorar.

Claro que ela esqueceu. Tinha outras coisas em mente.

— Relaxe — digo. — Ligue e diga que está doente. Por que perder um dia de salário?

O rosto dela fica sombrio.

— Não sei. — Ela olha para mim. — Seu marido estava de mau humor ontem, não quero piorar as coisas.

Olho meus joelhos.

— Às vezes ele é assim — conto, quase constrangida, antes de erguer a cabeça e abrir um leve sorriso. — Mas ligar dizendo que está doente não vai mudar isso. E é só um dia. Significa muito para você, mas não significa nada para eles.

— Verdade. Talvez eu ligue, mesmo.

Ficamos em silêncio por um instante, então ela pergunta:

— Há quanto tempo vocês são casados?

É uma pergunta inofensiva. Em uma amizade normal, ela teria perguntado muito antes, mas claro que eu e Louise não temos uma amizade normal.

— Dez anos. Desde que eu tinha dezoito. Eu me apaixonei no momento em que pus os olhos em David. Era ele. Eu sabia.

— Você se casou muito jovem — comenta ela.

— Talvez. Acho que sim. Sabia que ele salvou minha vida?

— Como assim?

Apesar do calor sonolento, ela dedica toda a sua atenção a mim.

— Literalmente?

— Sim. Foi na noite em que meus pais morreram.

— Ah, meu deus, eu sinto muito.

Ela parece muito jovem, os cachos molhados e louros afastados do rosto, pingando nos ombros, e acho que, se ela perder uns três quilos, sua estrutura óssea vai ser de arrasar.

— Tudo bem. Foi há muito tempo.

— O que aconteceu?

— Na verdade eu não me lembro de nada daquela noite. Eu tinha dezessete, quase dezoito anos. Estava dormindo na casa dos meus pais, na fazenda em Perthshire.

— Seus pais tinham uma fazenda?

— Sim. Chamava-se Mansão Fairdale.

Percebo que estou me tornando cada vez mais fascinante para Louise. Uma princesinha bela e mimada.

— Eu já contei que não preciso trabalhar. — Dou de ombros, como se estivesse envergonhada. — De qualquer forma, meu quarto não era perto do deles. Nós gostávamos de ter nosso próprio espaço. Pelo menos *eles* gostavam. Meus pais me amavam, mas não eram exatamente amorosos, se é que você me entende. E, assim que fiquei um pouco mais velha, o espaço entre nós aumentou. Isso significava que eu podia ouvir música na altura que eu quisesse e receber David em casa à noite sem que eles soubessem, então achava ótimo.

— E aí?

Ela está ouvindo, extasiada, mas eu sei que ela quer chegar ao cerne da história. *David*. Fico feliz. De qualquer modo, não tenho nenhum detalhe sobre o incêndio. Vem tudo de terceiros.

— Para resumir, meus pais tinham recebido algumas visitas, e a polícia acha que os dois deviam estar bastante bêbados depois que os convidados foram embora. Em algum momento no meio da noite, começou um incêndio que logo se alastrou. Por volta das duas da manhã, quando David invadiu a casa, foi até meu quarto e me arrastou para fora, o fogo já havia se espalhado por metade da construção. A metade que mais usávamos. Eu estava inconsciente. Meus pulmões ficaram cheios de fumaça, e David teve queimaduras de terceiro grau no braço e no ombro. Ele teve que fazer enxertos de pele. Acho que, em parte, foi por isso que ele escolheu psiquiatria, em vez de cirurgia. Seus nervos foram comprometidos. Apesar das queimaduras, ele ainda tentou voltar para resgatar meus pais, mas era impossível. Se não fosse por ele, eu também teria morrido.

— Nossa! Que história fantástica! Quer dizer, é terrível, claro, mas também é impressionante.

Louise faz uma pausa.

— O que ele estava fazendo lá no meio da noite?

— Ele não conseguia dormir e queria me ver. Ia voltar para a universidade dali a alguns dias. Acho que foi pura sorte. Enfim, tento não pensar muito nisso.

Ela ainda está absorta na história, e acho que deve estar um pouco abalada. Talvez se sinta ligeiramente inferior. Talvez esteja acostumada a se sentir assim. Mesmo sem saber, ela tem um brilho natural, e as pessoas tendem a embaçá-lo. Já eu tenho a intenção de poli-lo.

— Vou me refrescar na piscina um instante — digo.

Toda a conversa sobre incêndio tornou o vapor insuportável.

— Depois, que tal comermos uma salada no restaurante? São deliciosas. Saudáveis *e* saborosas.

— Claro. Nesse ritmo, você vai me fazer voltar a usar tamanho quarenta antes que eu perceba.

— E por que não?

— É, por que não?

Ela me lança um sorriso entusiasmado quando saio ao ar livre, e me sinto feliz. Gosto dela. Gosto de verdade.

Na piscina, com a água deliciosamente fria em contato com minha pele, bato os pés depressa e dou braçadas longas e esguias, aproveitando para me exercitar. Preciso do pique que a atividade física me proporciona. Adoro a sensação.

* * *

Acabamos de chegar ao café, de rosto lavado e cabelos secos, quando olho para o relógio na parede. São duas da tarde.

— Já é tão tarde? Espere aí — digo, subitamente em pânico, e começo a vasculhar minha bolsa.

— Você está bem? — pergunta Louise. — Esqueceu algo no vestiário?

— Não, não é isso. — Franzo a testa, distraída. — Meu celular. Esqueci o celular. Eu não estou acostumada a ter um, mas são duas horas e, se eu não atender...

É minha vez de deixar as palavras jorrarem. Ergo a cabeça e forço um sorriso. Não é muito convincente.

— Olha, que tal almoçarmos lá em casa? As saladas daqui são boas, mas tenho uns frios maravilhosos na geladeira, e podemos nos sentar no jardim.

— Bem, eu não...

Ela claramente não gosta da ideia de ir à minha casa, à casa de David, mas eu a interrompo.

— Eu deixo você em casa depois. — E sorrio outra vez, tentando ser deslumbrante, radiante e bela. — Vai ser divertido.

— Está bem — aceita ela, após um instante, mas ainda perplexa. — Vamos, então. Mas não posso ficar muito tempo.

Gosto dela. Forte, calorosa, engraçada.

E fácil de convencer.

15

LOUISE

Tento explicar no carro que só posso ficar uma hora, mais ou menos, porque as atividades extracurriculares de Adam acabam às cinco, então preciso estar de volta no máximo às quatro e meia, mas ela não está me ouvindo. Ela murmura qualquer coisa, mas continua olhando para o relógio no painel do carro enquanto dirige rápido demais pelas ruas estreitas de Londres. Por que está com tanta pressa? Que telefonema importante ela não quer perder? A testa está franzida, tomada por rugas de preocupação, e só relaxa quando entramos. Por ironia, me sinto ligeiramente nauseada quando atravesso aquela porta. Eu não deveria estar ali. Não mesmo.

— Dez minutos antes da hora — anuncia ela, sorrindo. — Entre.

É uma bela casa. Absolutamente linda. O piso é de tábuas grossas de carvalho, nada de laminados baratos, e estende-se por todo o corredor até a escada, que se ergue com elegância no canto. É uma casa na qual se pode respirar. O ar é fresco; as paredes de tijolo, antigas e sólidas. A casa está de pé há mais de um século e não terá dificuldades de resistir a mais um.

Espio um cômodo e vejo que é um escritório. Tem uma escrivaninha junto à janela. Um armário de arquivos. Uma poltrona bergère. Livros alinhados nas prateleiras, todos volumes grossos de capa dura, nenhuma leitura de fim de semana. Depois, vejo uma bela sala de estar, elegante, mas com poucos móveis. Leve e arejada. E tudo está imaculado. Meu coração bate tão forte que a cabeça lateja. Eu me sinto uma intrusa. O que David pensaria se soubesse que estive aqui? Uma coisa é tomar café com sua esposa, outra, completamente diferente, é estar na sua casa. Talvez ele

achasse que somos duas loucas. Adele também acharia, se soubesse o que aconteceu entre nós dois. Ela odiaria a si mesma por ter me convidado à sua casa. Ela me odiaria. O pior de tudo é que aqui, onde estou mais deslocada, sou invadida por uma pontada de saudade do *homem-do-bar*. Não quero que ele me odeie. Preciso contar a ele. Tenho que ser sincera.

Meu deus, sou tão idiota. Eu nunca deveria ter deixado o envolvimento com Adele chegar a esse ponto. Mas o que farei? Não posso simplesmente ir embora. Preciso ficar para o almoço, como combinamos. E eu gosto dela. Ela é uma fofa. Não é nem um pouco fechada ou arrogante.

— Aqui está!

Eu a sigo até a cozinha, que é quase do tamanho do meu apartamento e deve ter custado o mesmo tanto. As superfícies de granito têm um brilho polido, e não vejo uma única marca de copo ou mancha de café. Adele segura o pequeno Nokia preto. O aparelho parece deslocado naquela casa luxuosa. Por que ela tem um celular tão velho? E por que a ânsia de voltar para casa?

— Você está bem? — pergunto. — Qual o problema em perder esse telefonema? É importante?

— Ah, vai parecer idiotice.

Seus ombros se curvam um pouco, e ela se concentra em encher a chaleira com água do filtro, evitando olhar para mim.

— É David. Ele fica preocupado se eu não atendo quando liga.

Fico confusa.

— Como você sabe que ele vai ligar?

— Porque ele liga no mesmo horário todos os dias. Ele se preocupa, só isso.

Meu desconforto por estar na casa deles, meus sentimentos por David, tudo se evapora quando olho para ela. Uma jovem bela e elegante, correndo para casa em pânico só para atender um telefonema do marido?

— Você precisa estar em casa quando ele liga? Quantas vezes ele telefona?

— Não é bem assim — diz ela, os olhos tentando me convencer. — É só algumas vezes por dia. E agora tenho o celular, então não preciso mais ficar em casa.

O que ela sente é pânico ou medo? É como levar um tapa na cara. Afinal, o que realmente sei sobre David? Construí todo o personagem depois de uma noite de bebedeira. Uma fantasia. Lembro-me do mau humor de

ontem. Não condizia com o modo como eu o imaginava, mas, por outro lado, eu também não imaginava que ele era casado.

— Que bom — comento, cruzando os braços. — Isso me parece um tanto louco e controlador.

Ela enrubesce e põe alguns saquinhos de chá de hortelã em um bule de porcelana.

— Ele gosta de confirmar se estou bem, só isso.

— Por quê? Você é adulta.

O telefone toca, e ambas nos assustamos um pouco.

— Talvez você devesse ignorá-lo. Ligue de volta mais tarde.

Ela me encara, um olhar carregado de tensão e nervosismo, e eu me sinto mal. Não é da minha conta. Sorrio.

— Só estou brincando. Vou ficar quieta.

Ela vai até o corredor, com o aparelho já pressionado à orelha, e, quando a chaleira termina de ferver, derramo a água no bule. Não ouço todas as palavras, mas, forçando a audição, até entendo alguma coisa. Passo a me sentir uma verdadeira intrusa, mas não consigo evitar. Estou muito curiosa. É tão estranho. David pode ser alguns anos mais velho do que ela, mas não o bastante para ser uma espécie de figura paterna. A voz dela chega até mim:

— *Eu não esqueci. Vou tomar agora mesmo. Acabei de voltar da academia, só isso. Não, está tudo bem. Estou preparando um chá. Amo você*.

O que há naquela voz? Ela está com medo? Está bem? Constrangida? É difícil dizer. Talvez seja a maneira como normalmente falam um com o outro. Considero sair pela porta dos fundos para fumar um cigarro, mas então ela retorna. Não a ouvi rir quando estava ao telefone, mas ela parece mais relaxada.

— Já enchi o bule — aviso.

— Ótimo.

Ela não comenta nada sobre o telefonema, e eu não pergunto.

— Pegue uns pratos naquele armário. Tem homus, frios e maravilhosos pimentões recheados na geladeira.

Enquanto estou distraída pela riqueza das delícias empilhadas na enorme geladeira de aço inoxidável, ela pega alguns pães pita na bandeja e abre furtivamente o armário em cima. Olho para trás, então paro de fazer o que estava fazendo.

— Uau, isso é que é um armário de remédios!

— Ah, eu tenho um problema de ansiedade. — Ela fecha a porta do armário depressa. — Acho que sou naturalmente nervosa. É por isso que gosto tanto da academia. Os exercícios me ajudam a relaxar.

— Quantos você toma por dia?

Havia muitas embalagens de medicamentos empilhadas ali, e não consigo deixar de pensar que tanto remédio não pode fazer bem a ninguém.

— Só um ou dois. O que David prescrever. Vou tomar mais tarde. Depois de comer.

Eu a deixo pouco à vontade, mas meu rosto é sempre um livro aberto. Adele parece muito normal para mim. O que não me parece normal são os telefonemas e os medicamentos. E prescritos pelo marido? Eu nem sei se isso é ético. De repente, não quero estar onde estou. Nada disso foi uma boa ideia. Eu imaginava que eles tinham um casamento maravilhoso e perfeito. Porém, mesmo depois de ver a bela casa, não sinto inveja. Não tenho inveja nem de Adele, apesar de toda a sua beleza e elegância. Não mesmo. A casa parece uma gaiola dourada. O que ela faz o dia inteiro? Minha vida pode até se limitar a uma repetição exaustiva da rotina, mas ao menos me mantenho ocupada.

— Vamos levar isso lá para fora e aproveitar o sol — sugere ela, e entendo que o assunto está encerrado, pelo menos por enquanto.

* * *

A comida é deliciosa, e eu estou morrendo de fome depois da academia. E, o que é ainda melhor, Adele não come da forma que eu imaginava. Achei que ela seria daquelas que se dizem “satisfeitas” após três garfadas de salada, mas ela come com tanta avidez quanto eu. Não demora muito para devorarmos a maior parte da comida, e Adele precisa ir buscar mais pão.

— Por que vocês não têm filhos? — pergunto, sem pensar.

Não vejo por que não. Eles têm dinheiro, ela não trabalha, e os dois estão juntos há muito tempo.

Adele toma um gole de chá antes de responder:

— Acho que quisemos ter filhos em momentos diferentes. David quis logo no início, mas eu não estava pronta. Agora é o contrário.

— O relógio biológico despertando? — pergunto.

— Talvez. Um pouco. — Ela dá de ombros. — Mas estamos muito focados na carreira dele.

— Ele pode estar, mas você deve ficar entediada.

Não sei por que estou perguntando tudo isso. Eu não sei por que quero ajudá-la, mas sinto essa vontade. Há algo de vulnerável nela.

— Eu cozinho. Limpo a casa sozinha. Odeio a ideia de chamar alguém de fora para fazer isso. Acho que gosto de ser uma esposa tradicional. Eu só quero fazê-lo feliz.

Não sei o que dizer, e sinto o suor se acumulando sob minhas coxas. Enquanto ela está em casa cozinhando, limpando e indo à academia para manter a forma física perfeita, ele está bebendo e beijando mães solteiras gordinhas e problemáticas.

— Ah, meu deus, eu me esqueci!

Ela se levanta e corre para a casa, rápida como uma gazela, e eu me pergunto: *O que foi desta vez?* Alguma outra regra de David que ela se esqueceu de cumprir? Que diabo está acontecendo nesta casa? Mas, então, ela volta, radiante, trazendo um caderno velho.

— Eu queria dar isso para você na academia, mas, com esse negócio do telefonema, acabei esquecendo. É para ver se seus terrores noturnos melhoram.

Como é que ela se lembrou? Sei que os mencionei quando tomamos café, mas apenas de passagem.

— Eu também tinha terrores noturnos. E os meus eram terríveis. David tentou ajudar do jeito dele e comprou um livro sobre o poder dos sonhos em um sebo, mas acabei tendo que fazer terapia e tudo o mais.

— Quando seus pais morreram?

Sinto um terrível formigamento de compreensão.

— Não, antes. Quando eu era muito jovem. Depois que meus pais morreram tive outros distúrbios do sono, mas essa foi outra história. Há quanto tempo você tem isso? Já se consultou com alguém?

Sinto uma pontada na boca do estômago. Meu deus, olhe para mim e para Adele. Os mesmos terrores noturnos. O mesmo mau gosto para homens.

— Desde que eu era pequena — respondo, obrigando-me a assumir um tom delicado. — Acho que é igual ao que você tem. Minha mãe me levou ao médico, mas diziam que ia passar quando eu crescesse. Não passou, e acabei me acostumando. Era difícil com os namorados. Eu saía vagando de

olhos abertos como uma louca de filme de terror, e, quando eles tentavam me acordar, eu batia neles e depois irrompia em lágrimas.

Sorrio, embora as lembranças não sejam tão engraçadas. Ian achava muito cansativo. Ainda acho que talvez seja uma das razões pelas quais terminamos.

— Voltei a procurar um médico, mas ele me disse que eu não tinha terrores noturnos de verdade porque eu me lembrava deles, então meio que fui obrigada a conviver com a condição. Remédio para dormir ajuda, mas faz com que eu me sinta uma merda no dia seguinte, e não gosto de tomar se eu tiver bebido um pouco de vinho.

Não acrescento: "*Bebo um pouco de vinho toda noite*." Ela não precisa saber. Não é que eu me *embebede* toda noite. Não há mal nenhum em uma ou duas taças, é o que dizem. Funciona com os franceses. Mas eu não quero pensar na França. *Grávida*.

— Esse médico estava errado — diz Adele. — Algumas pessoas se lembram dos terrores noturnos. Pessoas como eu e você. Sabia que somos uma exceção?

Nunca a vi tão animada. Ela está concentrada em mim. Intensamente. Até endireitou as costas. Balanço a cabeça em negativa. Eu nunca parei para pensar muito a esse respeito. Apenas aceito como parte de quem sou.

— Menos de um por cento dos adultos têm terrores noturnos, e apenas uma pequena porcentagem dessas pessoas se lembra deles. Pessoas como eu e você. — Ela sorri de pura felicidade. — Que interessante duas pessoas dessa pequena minoria encontrarem uma à outra!

Ela parece tão feliz que sinto outra pontada de culpa. Eu devia voltar para casa. Voltar para minha rotina, sair da vida dela. Eu não quero ajuda. Mas estou curiosa. Ela disse que tem distúrbios de ansiedade, não do sono. Se ela fosse como eu, o sono estaria no topo da lista de problemas. Olho para o caderno fino na mesa.

— Então, como isso poderia me ajudar?

— Você precisa aprender a controlar seus sonhos.

Dou risada. Não consigo evitar. Parece besteira de meditação new age, e sou cínica de nascença.

— Controlar?

— Foi o que eu fiz. Sei que parece bobagem, mas mudou minha vida. Leve o caderno. Leia. Confie em mim: se você se esforçar, os terrores

noturnos vão desaparecer. Você só vai ter os sonhos surpreendentemente vívidos que *decidir* ter. Vai estar consciente durante os sonhos.

Pego o caderno e abro a primeira página. As palavras estão escritas com capricho e ênfase:

A cada hora que passa, me beliscar e dizer a mim mesmo que ESTOU ACORDADO.

Olhar para minhas mãos. Contar os dedos.

Olhar o relógio (de parede ou de pulso), desviar os olhos, voltar a olhar.

Manter-se calmo e concentrado.

Pensar numa porta.

— Foi você quem escreveu isso?

Folheio o caderno. Algumas páginas estão preenchidas com garranchos, o capricho obviamente esquecido depois da primeira página. No fim do caderno, diversas folhas arrancadas. Não é o que se pode chamar de um objeto muito bem cuidado.

— Não. Era de um conhecido. Mas faz parte de mim. Eu estava lá quando ele aprendeu a técnica.

16

ANTES

— Me beliscar e dizer que estou acordado? A cada hora? Você quer que eu ande por aqui fazendo *isso*? Como se já não tivesse bastante gente pensando que somos malucos.

— Então não importa.

— Se é o que você diz.

— E o que os dedos têm a ver com isso?

Aquele cantinho perto do rio, sob a árvore, acabou se tornando o lugar favorito dos dois, que passavam suas horas livres ali sempre que o tempo estava bom, descansando alegremente sob o calor agradável dos galhos.

— Suas mãos ficam diferentes quando você está sonhando. Aprendi tudo em um livro que David me deu quando eu era pequena. Meus pais acabaram confiscando o livro, dizendo que era besteira. Acho que David também pensava que fosse... mas não era. Aquele livro me ensinou tudo o que vou ensinar para você.

Adele está quase feliz, e, embora momentos assim sejam fugazes e ela ainda esteja cheia da dor e da culpa com a qual não conseguiu lidar, eles definitivamente são mais frequentes. Tornar-se amiga de Rob salvou-a de si mesma. Ele está lhe devolvendo à vida.

— Eles estão certos — comenta Rob —, você é mesmo louca.

Adele faz um gesto de desprezo e ri.

— É verdade. Você vai ver. O mesmo se aplica ao tempo. O tempo nunca é estável em sonho. Os relógios andam mais rápido.

— Estou acordado. — Rob sorri para ela. — Viu? Estou fazendo.

Ele mexe os dedos, olhando para as mãos.

— Você não precisa fazer tudo ao mesmo tempo.

— Se é para parecer um doido, então vou até o fim — retruca Rob.

Adele examina as próprias mãos: tem tinta azul seca sob as unhas, e o mostrador do relógio de David brilha sob o sol. Rob estava certo, as enfermeiras estão satisfeitas com sua nova arte com água — se é que pode ser chamada assim —, mas isso não a ajuda a deixar sua família descansar. Ela pensa no velho poço abandonado no bosque atrás da casa dos pais. E se vê em pé ao lado do poço, derramando o passado ali dentro. Talvez algum dia decida que o poço está metaforicamente cheio, então poderá tampá-lo e seguir em frente. Talvez, assim, finalmente possa dormir. Como antes. Sente falta daquele tempo que passava explorando o mundo por trás de seus olhos. Aquele mundo é parte dela, e a culpa não basta para desligá-la daquilo.

— Apenas faça o que eu disse, Rob — recomenda. — Você vai me agradecer mais tarde.

— Está bem, está bem. Mas só porque você está pedindo.

Rob pisca para Adele, e ambos sorriem um para o outro. Por um instante, o calor parece não irradiar apenas da luz do sol, mas também dela.

17

LOUISE

Quando Adam vai embora para passar o mês fora, saindo correndo do apartamento, sinto aquela dor casual que apenas as crianças sabem infligir em meio ao entusiasmo, uma onda de tristeza capaz de afogar a culpa de ter inventado uma doença para faltar ao trabalho.

Assim que a porta se fecha, o pequeno apartamento se torna muito grande e muito vazio. Como se todos tivessem se mudado e me deixado para trás. Eu não sei o que fazer. Vago pela casa até não conseguir mais ignorar a atração da garrafa de vinho. Ao pegar o saca-rolhas na gaveta, vejo o caderno que Adele me deu. Observo-o por um longo tempo antes de pegá-lo.

Na face interna da capa, no canto superior, vejo um nome impresso com cuidado. ROBERT DOMINIC HOYLE. Essas palavras me interessam mais do que a lista de instruções na página oposta. *"A cada hora que passa, me beliscar e dizer a mim mesmo que ESTOU ACORDADO."* Eu as ignoro por um tempo — ao menos, são coisas que posso fazer em casa — e olho para o nome do estranho. Sempre adorei livros com assinaturas, como aqueles que se encontram em sebos, ou que foram dados de presente com dedicatórias rabiscadas, histórias inteiras escondidas por trás de algumas palavras. E esse caderno não é diferente. Quem será esse rapaz? Será que ainda é amigo de Adele e David? Será que, quando Adele tentou ajudá-lo, ele achou esse negócio tão idiota quanto eu acho?

Viro a página e espero encontrar mais instruções, mas o que vejo são garranchos feitos com caneta esferográfica, nenhum respeitando muito o

limite das linhas. Um registro de tentativas, talvez. Abro o vinho, sirvo-me de uma dose generosa e me acomodo, curiosa com essa cápsula do tempo, esse pedaço do passado de Adele. Começo a ler.

Se eu continuar me beliscando como um idiota, meus braços vão acabar roxos, e os enfermeiros vão achar que voltei a usar (porra, quem me dera!), mas ao menos serve para matar o tempo neste lugar de merda. Dois dias contando os dedos, olhando o relógio e me beliscando para nada. Adele diz que preciso ser paciente. Pelo menos ela diz isso. Paciência é um negócio difícil para mim, mas sei fazê-la rir. E ela também me faz rir. Graças a deus tenho Adele. Se não tivesse encontrado ela neste lugar de merda, acabaria me jogando no lago de tanto tédio. Eu fiz a porra da reabilitação. Não sei por que tinham que me mandar para cá e me punir uma segunda vez. Isso é típico daquela escrota da Ailsa. É grátis, então vá. Tenho certeza de que convenceu o médico a me indicar só para me tirar do apartamento e poder transar com quem quiser e quando bem entender.

Adele é diferente. Só estou fazendo essa merda por causa dela. Os sonhos não me incomodam; às vezes até gosto deles, desse jeito meio estranho. Eles me fazem sentir mais vivo do que na vida real. Às vezes parece que estou caminhando dentro d'água. Tudo se arrasta. Todo mundo é maçante. Todo mundo é previsível. Todo mundo só pensa em si mesmo. Eu inclusive — mas, por outro lado, o que as pessoas queriam? Eles já viram o lugar de merda onde eu moro? As pessoas são lixo e merecem ser tratadas como tal. Mas Adele, não. Ela é linda por dentro e por fora. Claro que agora que escrevi isso ela nunca poderá ler este caderno. Eu não quero que ela ria de mim. Posso ser engraçado e inteligente, mas também sei que sou um magricela espinhento com um aparelho idiota nos dentes. Ela não entenderia. Ela pensaria que quero transar com ela (e eu realmente não quero). Acho que simplesmente não gosto da maioria das pessoas. A maioria das pessoas nem sequer existe para mim, não de um jeito significativo, mas eu gosto de Adele. Gosto de estar ao seu lado. Fico feliz perto dela e não tenho vontade de me drogar quando estou com ela. Somos amigos. Acho que ela talvez seja minha melhor amiga. Não me lembro da última vez que tive um melhor amigo. Adele Rutherford-Campbell é

minha primeira melhor amiga. E, estranhamente, é muito bom me sentir assim.

Quando a campainha toca, eu me levanto tão rápido que quase derrubo o que sobrou na garrafa no chão. Esqueço o caderno quando saio correndo da sala de estar. É Adam, só pode ser. Ele mudou de ideia. Não quis se ausentar por um mês e, chorando e esperneando, exigiu que Ian o trouxesse de volta para casa. Para mim. Para sua mãe. Mamãe. O centro do universo. Apesar dos gritos superanimados que o acompanharam ao ir embora, às cinco e meia, com o ursinho de pelúcia debaixo do braço, meu cérebro embriagado está tão convencido de que é ele voltando para casa que, quando abro a porta, fico só olhando, confusa.

— Ah. É você.

— Oi.

Não é Adam. É David. David está à porta, encostado no batente como se o estivesse amparando. Meus olhos o veem, mas meu cérebro luta para acreditar. David está aqui.

— Você não foi trabalhar porque estava doente. Resolvi vir ver como está.

Ele parece estranho, mas de algum modo isso o torna ainda mais belo, e de repente me dou conta da taça de vinho em minhas mãos. Que diabo ele está fazendo aqui? Por que veio? Por que não estou maquiada? Por que meu cabelo está todo bagunçado? E por que sou idiota de me importar com isso?

— Foi uma dor de cabeça. Estou melhor.

— Posso entrar?

Meu coração dispara, e começo a corar. Estou uma merda. Não que isso devesse importar. Não importa. Também sinto como se a mentira que usei para faltar ao trabalho tivesse sido desmascarada, e, além de tudo isso, estou refém de um segredo imbecil. *Ei, sou amiga da sua esposa!*

— Claro.

Dou um passo para o lado. Só então percebo que ele não está exatamente sóbrio. Também não está embriagado, mas há uma imprecisão no seu olhar, e a postura não está tão firme como deveria. Ele se demora na cozinha, e o oriento a ir até a sala de estar enquanto pego outra taça e outra garrafa na geladeira. O caderno que Adele me deu ontem está na mesa ao lado do sofá, e, ao me sentar, eu o ponho no chão, onde ele não o veja. Estou um tanto

nauseada. Que diabo ele está fazendo aqui? Serei demitida? Ele está de bom humor?

Ele se senta na beirada do sofá, deslocado no meio da bagunça da minha vida, e eu me encolho um pouco ao lembrar quanto sua casa é limpa e espaçosa. Há poeira sobre a tevê, que não limpo há séculos, e os estragos do furacão Adam ainda são evidentes nos brinquedos abandonados e consoles de videogame enrolados no canto. Eu entrego a taça e a nova garrafa a David enquanto encho meu copo com o que sobrou da que já está quase acabando. Estarei de ressaca no trabalho amanhã, mas suspeito de que não serei a única. Amanhã é sexta-feira e, pelo menos, não terei que me preocupar em levar Adam para a escola. Eu me sinto vazia por isso, e bebo mais um pouco.

— Como você sabia onde eu morava?

É uma sensação estranha estar sentada ao lado dele. Todo o meu corpo parece eletrificado, contradizendo a postura calma que tento manter.

— Fiquei com medo de que você não tivesse ido trabalhar por culpa minha. — Ele não olha para mim. — Por eu ter sido tão grosso. Me disseram que você nunca faltou por doença.

Essa parte é verdade. O trabalho é bom e fica perto de casa. Eu prefiro me arrastar até lá gripada a correr o risco de perdê-lo, e é uma maravilhosa pausa na rotina de escola, mães e filhos. Companhia de adultos três dias por semana. Sinto-me culpada por ter inventado a doença. Eu deveria ter sido honesta, mas Adele fez aquilo parecer tão compreensível. E, para ser justa, todo mundo já mentiu no trabalho alguma vez na vida.

— Seu endereço e seu número de telefone estão no arquivo, mas achei que você desligaria se eu telefonasse.

Ele me olha de lado; defensivo, triste e bêbado. *Lindo*. O tipo de homem que você quer curar. O tipo de homem que você quer que a cure. Quem é ele, afinal? Por que está preocupado com meu dia de folga? E por que eu desligaria na cara do chefe? Penso no armário de remédios, nos telefonemas e no sorriso doce de Adele. Será que ele também está tentando me controlar? Ou é apenas minha mente vendo comportamentos suspeitos em todos os homens porque estou com raiva por Ian ser feliz com outra pessoa? Ai, odeio quando meus pensamentos vão longe demais.

— Você deveria ir para casa — sugiro.

Ele franze a testa e olha de um lado para o outro, como se subitamente tivesse percebido que faltava algo.

— Seu filho está dormindo?

— Não. Ele vai passar um mês com o pai. Foram embora hoje.

Tomo outro longo gole de vinho. Apesar da onda de adrenalina que me invadiu com a chegada de David, minha cabeça está ligeiramente zonza.

— Ah.

Ele pode estar um pouco bêbado, mas não é idiota, e vejo cair a ficha da minha licença médica. Ainda assim, não há muito que ele possa fazer, a menos que queira dizer para o Dr. Sykes que estava bebendo no meu apartamento — o que definitivamente pareceria muito estranho.

— Deve ser bom ter uma família.

— Eu *tinha* uma família — corrijo, em um tom mais amargo do que pretendo. *Lisa está grávida*. — Agora sou mãe solo em Londres, onde é *tão* fácil fazer novos amigos aos trinta anos. Ou não. — Ergo a taça. — Vivendo um estilo de vida rock'n'roll. Mas você poderia ter filhos. Vocês dois ainda são jovens.

Digo isso quase de forma agressiva, um firme lembrete de que ele é casado. Um lembrete tanto para mim quanto para ele. Para meu corpo, que não se acalma estando tão perto dele.

Ele bebe o vinho depressa e se serve de mais um pouco, e até eu, que estou longe de estar sóbria, tenho a impressão de que ele é um especialista no assunto. Será esse um dos seus problemas? A bebida? Com que frequência ele bebe desse jeito?

— Eu fico imaginando se não foi o destino que nos reuniu naquele bar — comenta.

Quase rio alto, mas só esboço um sorriso cansado.

— Acho que foi o azar.

Ele olha para mim. Olha para mim de verdade, nos olhos, e não parece perceber que meu cabelo está uma bagunça, que não estou maquiada e que, basicamente, minha aparência está péssima.

— É isso que você pensa?

Meu estômago se contrai de leve. Não consigo evitar. Ele provoca *algo* em mim. É como se meu cérebro tivesse sido colocado em uma caixa e meu corpo assumisse o controle.

— Bem, considerando tudo, não foi bom para mim. Quando finalmente encontro um homem que me atrai e de quem gosto, descubro que ele é casado.

Isso foi um flerte. Uma porta semiaberta pela semibebedeira. Eu poderia ter dito que foi um erro e que aquilo nunca voltaria a acontecer. É o que eu deveria ter dito. Mas não disse.

— Fazia muito tempo que eu não me sentia tão relaxado com alguém — comenta ele. — Nós rimos muito, não foi? As pessoas deviam ser capazes de fazer as outras rirem. Isso sempre deveria durar, não importa o que acontecesse.

Penso no que disse para Sophie sobre ser a melhor amiga do marido, e me sinto triste e perdida. O que ele quer de mim?

— Este apartamento é tão aconchegante. Parece cheio de vida.

Mas ele percebe que fico constrangida.

— Você sabe o que eu quero dizer. Dá para ver que aqui mora uma família.

— Acho que a palavra que você está procurando é bagunçado.

— Eu não consigo parar de pensar em você.

Ele diz isso com remorso. Ainda assim, meu coração dispara. Ele pensa em mim. Logo me pergunto com que frequência, quando e o que ele pensa, e todo o tempo minha consciência sussurra: *Você conhece a mulher dele, você gosta da mulher dele, ele tem variações de humor bem esquisitas e um casamento estranho*. Mas sinto um nó na barriga, e me vem uma onda de calor e desejo.

— Não sou lá essas coisas — retruco. Minha pele fica toda arrepiada, e eu me sinto estranha ao lado dele. — Sua mulher é muito bonita.

— É. É mesmo.

Ele bebe mais vinho, e eu também. Aonde isso vai dar? Será que vai dar aonde estou pensando? Eu deveria mandá-lo embora, sei que deveria, mas fico sentada e engulo em seco, com todos os nervos à flor da pele.

— Mas você é...

Ele me olha, e parece que vou derreter.

— Mas você é *linda*.

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

Preciso acabar com esse clima. Preciso *me refrear*. Preciso dizer que conheço a esposa dele. Preciso, mas não digo. Seria o fim de tudo isso, seja lá o que *isso* for, e eu ainda não posso fazê-lo. Não é como se estivesse acontecendo alguma coisa *de verdade*.

— Muito tempo — responde ele, olhando para os próprios pés. — Desde sempre.

Lembro o que ela contou da história deles. Que ele a salvou do incêndio. Por que não vejo demonstrações de amor por ela? Por outro lado, por que ele demonstraria seu amor para mim?

— Ela também é médica?

Mentiras, verdades e testes.

— Não. Não é, não. Não sei bem o que ela é. Mas ela não trabalha.

Ele ainda não olha para mim. Roda o vinho na taça antes de tomar outro longo gole.

— E ela não me faz rir há muito tempo.

Ele finalmente olha para mim. Seu rosto está tão perto do meu que acho que meu coração vai explodir.

— Então, por que você fica?

Essas palavras são uma verdadeira traição a Adele, mas quero pressioná-lo. Ver se ele desencana ou se fica arrependido e vai embora, algo assim. Seja lá qual força de vontade ainda me resta, sinto-a desmoronar. Se ele ficar mais, farei papel de boba outra vez.

— Se você não está satisfeito, talvez devesse se separar — insisto. — Não é tão difícil, depois que você se decide.

Ele solta uma risada breve, como se isso fosse a coisa mais louca que ouviu o dia todo, depois de um dia inteiro ouvindo ideias malucas, então fica em silêncio por um tempo, olhando para a taça. Quem é o homem que se esconde sob seu charme e inteligência? Por que essa embriaguez taciturna?

— Eu não quero falar sobre meu casamento — diz, por fim. — Não quero pensar no meu casamento.

Ele toca meu cabelo, enrola uma mecha solta no dedo, e eu sinto como se alguém tivesse posto fogo em mim. O vinho, a partida de Adam, a solidão e a terrível sensação de vitória por ele estar na minha casa são estímulos para a luxúria. Eu o desejo. Não consigo evitar. E ele também me deseja. Ele se inclina para a frente, e seus lábios vêm em direção aos meus, leves como uma borboleta em deliciosa provocação, e eu não consigo respirar.

— Eu preciso...

Aponto para o corredor, constrangida, então me levanto e vou até o banheiro.

Uso o sanitário e jogo água no rosto. Eu não posso fazer isso. Não posso. Mesmo pensando assim, eu me lavo depressa e dou graças a deus por ter raspado as pernas e depilado a virilha antes de ir à academia com Adele.

Estou bêbada. Não estou pensando direito. Vou me odiar de manhã. Estou pensando em tudo isso, mas uma onda de ruído branco e luxúria embriagada afoga meus pensamentos. Adam vai ficar um mês fora. Lisa está grávida. Por que eu não posso desfrutar disso? Meu rosto no espelho está vermelho.

Só esta noite, digo a mim mesma. Nunca mais vai acontecer. Ele pode até já ter ido embora. Ter se dado conta do erro de ter vindo até aqui e voltado para sua casa e sua esposa perfeitas. *Seria bom*, penso, mesmo que meu corpo saiba que é mentira. *Não posso fazer isso. Eu não deveria fazer isso*.

Quando abro a porta, ele está do lado de fora esperando por mim. Antes que eu diga algo, ele me puxa para um beijo, e a eletricidade corre dos meus dedos dos pés até o couro cabeludo. Acho que murmuro que devemos parar, mas ao mesmo tempo arranco a roupa dele. E vamos tropeçando, bêbados, em direção ao quarto. Preciso fazer isso pelo menos uma vez. Então, ele sairá da minha vida. Tem que sair.

* * *

Depois, quando recuperamos o fôlego e não sabemos direito como agir um com o outro, ele vai até o banheiro para tomar um banho rápido enquanto visto o roupão surrado e vou recolher as taças e as garrafas na sala. Eu não sei como me sinto. Não sei como deveria me sentir. Minha cabeça dói, e o sexo e o vinho se combinaram para me deixar mais bêbada do que deveria. *Ele está lavando o que restou de mim no seu corpo*.

Tento não pensar em Adele esperando por David em casa com comida no fogão. Minha pele ainda formiga com a sensação do toque dele, embora sinta que meu coração está vazio. É como se meu corpo tivesse acabado de despertar. Não foi um sexo maravilhoso — estávamos bêbados demais para isso —, mas foi íntimo e caloroso, e ele me olhava enquanto transávamos — realmente olhava para mim. E ele era o *homem-do-bar*, não *meu-chefe-marido-de-Adele*, e não deixei os olhos nem as mãos se deterem nas cicatrizes que ele sofreu por salvar a esposa de um incêndio.

Quando ele entra na cozinha, já está vestido e não fita meus olhos. Eu me sinto uma mulher fácil. Eu mereço. Ele tomou banho sem molhar o cabelo e descartou o preservativo na privada — eliminou todas as provas de infidelidade.

— Preciso ir — diz ele.

Concordo com um menear de cabeça e tento sorrir, mas o que sai é mais parecido com uma careta.

— Vejo você no trabalho amanhã.

Espero que ele abra a porta e saia correndo, e, por um instante, parece que é isso mesmo que vai fazer, mas, então, ele se vira e me beija.

— Sinto muito — lamenta. — Eu sei que isto é uma merda.

Penso no sorriso doce de Adele e quero dizer que sou tão culpada de traição quanto ele, mas não consigo.

— Esqueça. Já foi. Não podemos voltar atrás.

— Eu não quero voltar atrás. Mas as coisas estão... — Ele hesita. — Difíceis. Não posso explicar.

Tenho vontade de dizer: não é tão difícil. As pessoas traem o tempo todo. As razões são sempre egoístas e baixas; as desculpas que inventamos é que são complicadas. Mas fico quieta. Minha cabeça lateja, e meus sentimentos estão espalhados por toda parte.

— Você precisa ir — digo, empurrando-o em direção à porta.

Eu não quero que ele diga algo que faça eu me sentir ainda pior.

— E não se preocupe, não vou misturar o que aconteceu com o trabalho.

Ele parece aliviado.

— Bom. Às vezes ela... Eu não sei como...

O que ele diz não faz sentido, mas eu o deixo prosseguir.

— Eu não gosto de... Essas coisas devem ficar fora do consultório.

Ele compartimentaliza. Foi o que Adele me disse. Se ela soubesse quanto...

— Vá — repito, e dessa vez ele sai.

Bem, penso, quando a porta se fecha, me deixando sozinha e de repente terrivelmente solitária. *Aqui estamos*. Em um nível mais baixo. Nem mesmo Sophie faria uma coisa dessas. Apesar de todas as minhas preocupações sobre como David trata Adele, transei com ele na primeira oportunidade.

Sirvo-me de um copo de água e um pouco de ibuprofeno e volto para a cama. Eu não quero pensar nisso. Não quero pensar neles. Não quero pensar *em mim*. Só quero dormir e esquecer.

* * *

Acordo na cozinha, com a torneira aberta, agitando os braços ao redor do rosto para me livrar dos pesadelos. Estou ofegante, com a cabeça quente. Já está claro, e pisco e puxo o ar depressa, por um instante achando que os raios de sol matinal são labaredas. Então aos poucos volto ao mundo real, mas o sonho ainda está vívido na minha mente. O mesmo de sempre. Adam perdido. A escuridão ganhando vida para me encurralar. Desta vez, porém, foi ligeiramente diferente. Toda vez que eu me aproximava da voz de Adam e abria uma porta no prédio abandonado, via Adele ou David em um quarto em chamas gritando algo que eu não escutava.

São seis da manhã, me sinto uma merda e meu estômago está se revirando por causa da ressaca, da culpa e das lembranças do sonho. E estou exausta. É tarde demais para voltar a dormir, e, por um breve instante, penso em ligar para o trabalho e dizer que ainda estou doente, mas não sou esse tipo de pessoa. Sue já deve ter notado que não estou chegando tão cedo quanto costumava, e outra falta por doença a deixaria preocupada. Além disso, quero que as coisas voltem ao normal. Fingir que a noite passada nunca aconteceu. Sou uma pessoa de merda, mas, mesmo ao pensar nisso, fico um pouco excitada com a lembrança do sexo. Eu não gozei — nunca gozo na primeira vez —, mas David despertou algo em mim, e meu corpo vai levar um tempo para decidir retornar à vida sem sexo.

Preparo café, vou até a sala e vejo o caderno no chão. Eu me sinto culpada outra vez. Adele está tentando me ajudar, e eu transo com o marido dela. Como deixei isso acontecer?

Preciso colocar o que aconteceu com David em uma caixa, separada da de Adele na minha mente, porque senão eu poderia fazer algo estúpido, como contar para ela apenas para me sentir melhor. Mas eu não vou me sentir melhor, e ela vai se sentir ainda pior. Penso em Sophie e nos casos dela e me dou conta de que ninguém nunca conta nada para a esposa e que, vista de perto, a vida de todo mundo deve ser uma confusão de segredos e mentiras. A gente nunca sabe o que o outro realmente é sob a fachada. Em solidariedade a Adele, eu me belisco.

— Estou acordada — digo, e me sinto uma idiota ao ouvir as palavras ditas em voz alta para um apartamento vazio.

Essa coisa toda é uma idiotice, mas insisto. Olho minhas mãos e conto meus dedos. Não me dou o trabalho de me levantar e olhar para o relógio da cozinha. Acho que posso olhar na clínica. Mas isso não é uma penitência. Não pelo que eu fiz. Ser boa aluna dificilmente me absolverá

dessa traição. Meu deus, minha cabeça dói. David e Adele... eu não sei o que um e o outro significam para mim. Um amante? Uma nova amiga? Nada disso? Estou fascinada por eles... individualmente e como casal, mas talvez não passe disso. Talvez não seja um desastre iminente. Não posso ficar com os dois. Não posso. Preciso escolher.

Meu celular, que ainda está no quarto, começa a tocar, e meu coração dispara.

— *Bonjour, maman* — diz Adam, antes de começar a rir. — Olá, mamãe! Estou na França e ainda não comi caracóis, mas papai disse que eu deveria ligar antes de você ir para o trabalho...

Ao ouvir a falação matinal animada e ofegante de Adam, que faz meus olhos cansados se animarem um pouco, sinto que poderia dar um beijo em Ian. No fundo, ele sabe quanto me custou deixar meu menininho viajar com eles, ainda mais agora que há uma *gravidez* entre nós. No fundo, ele sabe quanto é importante para mim receber notícias de Adam sem ter que ligar. Ele sabe que eu não quero me sentir carente, embora Adam seja — e sempre será — o meu bebê. Ele sabe que sou orgulhosa e capaz de perder a cabeça quando magoada. Ele me conhece. Posso odiar o modo como ele me tratou, posso odiar o fato de ele estar feliz, mas ele *me conhece*. Após a noite com David, é um estranho alento.

Rio com meu menino por alguns minutos, então ele sai correndo para algum lugar, e Ian me diz que está tudo bem, que o clima está bom e que não houve atrasos. É a conversa educada de sempre, mas me sinto melhor. Esta é minha vida real, mesmo que eu esteja insegura. É a vida com a qual tenho que me reconciliar.

Se e quando a terrível bagunça que estou fazendo cobrar seu preço, ao menos ainda terei Adam e Ian — estamos ligados pelo nosso filho.

Quando desligo, estou me sentindo melhor, e o banho desanuvia o pior da ressaca. Olho minhas mãos sob o jato d'água e conto os dedos. Eu me belisco e digo que estou acordada. Tento não pensar na transa com David mesmo enquanto tomo banho. Hoje vou usar calça comprida e uma maquiagem bem discreta. O que aconteceu na noite passada não pode se repetir. Não mesmo. Preciso fazer a coisa certa. E isso não inclui escolher David.

18

ADELE

Comprei com o cartão de crédito, escondido entre as compras de supermercado. Eu normalmente guardo todos os recibos para o caso de David pedir, mas ele não pede há alguns anos, e, mesmo que volte a solicitar, fingirei que perdi esse. Desse jeito não serei capaz de comprar tudo de que vou precisar, mas, por enquanto, o cartão de crédito tem sua utilidade. Não posso contar mais com o dinheiro das despesas domésticas porque exagerei ao comprar um pacote de seis meses na academia para Louise e precisarei conter os gastos — para usar a frase favorita de David.

Ainda assim, isso só quer dizer que terei de fazer alguns sacrifícios nas minhas preferências alimentares. Frango de supermercado alimentado com milho, em vez de frango orgânico para o almoço de domingo. David não notaria a diferença mesmo que, no fundo, por trás de todas as camadas que usa para se esconder, ainda seja um menino de fazenda. Ele sabe diferenciar um ovo caipira de um ovo de granja, mas não vai além. Sou eu que gosto de extravagâncias alimentares, e ele me permite isso.

Olho para o cigarro eletrônico, a bateria sobressalente e os cartuchos extras. É provável que ela não tenha condições emocionais para tentar parar de vez, mas certamente tentará. Eu sei que vai. Ela gosta de agradar as pessoas. Sinto outra onda de amargura. Uma *gordinha* que gosta de agradar as pessoas. Luto contra o desejo de jogar o dispositivo caro na parede.

Quando me sento na cozinha, sob a luz do sol que entra pela porta dos fundos, choro outra vez ao pensar nela, o muco escorrendo do nariz. Hoje ainda nem me olhei no espelho. Não quero ver o belo rosto que me

decepcionou. O café está na mesa, frio e intocado, e com a visão turva olho para o celular nas mãos. Respiro fundo e me contenho antes de digitar depressa o texto que preparei mentalmente.

> Espero que você esteja bem sem o Adam :-(Tenho um presente para animá-la! Vamos à academia na segunda? Depois almoçamos? Vamos deixar o corpo pronto para as férias, mesmo sem viagem! Bj.

Não menciono que briguei com David na noite passada, que ele saiu batendo a porta ou que fingi estar dormindo quando ele finalmente voltou e cambaleou até o quarto de hóspedes. Não conto que ele entrou no quarto no meio da noite e ficou me olhando, em silêncio, enquanto eu estava lá, deitada, de olhos bem fechados. Senti todo o ódio que irradiava do seu corpo tenso e mal consegui respirar até ele ir embora. Não digo que eu não me dei o trabalho de levantar para vê-lo sair para a clínica e que fiquei chorando no travesseiro e tentando não vomitar — nem que ainda estou tentando não vomitar.

Eu não conto nada disso porque, furiosa como estou, não quero que ela se sinta ainda pior. Não quero perder minha amiga nova, mesmo ela tendo me traído, mesmo estando cheia de raiva e inveja dela. Preciso abafar esses sentimentos. Não me fará nenhum bem e não fará David me amar.

Só fiquei surpresa. Eu não esperava que a relação dos dois avançasse tão rápido. Forcei a briga ontem à noite, mas não foi difícil. Tem muita coisa fervendo sob a superfície: as paredes verde-floresta do quarto, a gata, o que aconteceu antes da mudança... e sempre, sempre, o segredo que nos mantém fortemente conectados. Pensei que ele sairia e ficaria bêbado em algum lugar, mas não esperava que do bar ele fosse bater à porta de Louise. Não ainda. Não noite passada.

As lágrimas escorrem. Sinto que vêm de um poço sem fundo dentro de mim e tento manter a respiração tranquila para mantê-las sob controle. Eu sabia que seria difícil. Preciso abafar meus sentimentos. Ao menos Louise tentou dizer não. Ela tem um bom coração. É uma boa pessoa. Falou de mim e tentou mandá-lo para casa. E ela também estava bêbada. É fácil perder o controle quando se está bêbado; somos todos culpados. Eu odeio o fato de ela ter transado com ele, odeio me sentir mal por isso, mas nem ao menos posso culpá-la. Ela o conheceu antes de me conhecer, e a luxúria já havia sido despertada. Ao menos ela não tentou levar a coisa adiante no trabalho, embora a primeira noite no bar deva tê-la feito se sentir especial,

considerando sua vidinha triste. Gosto dela por isso. É claro que está apaixonada. Como posso ficar zangada por ela achá-lo fascinante, se eu mesma o amo tanto?

Foi mais rápido do que eu esperava. David gosta dela mais do que eu pensava, e isso me deixou sem chão.

Preciso ser forte. Amoleci com o passar dos anos. Louise faz David feliz, e é tudo o que importa, mesmo que eu queira ir até a clínica e arrastá-la pelo cabelo até a rua e gritar com ela por ser tão fraca — por abrir as pernas tão rápido para meu marido infiel. Lembro-me de que *preciso* dela para fazê-lo feliz. Tenho que me recompor e conceber um plano.

Bebo o café frio e me forço a ir para o sol. A sensação do ar fresco no calor do rosto é agradável. Ainda é cedo, e o frio do amanhecer persiste, apesar do sol. Espero não ter entendido tudo errado. Espero que Louise mereça a fé que estou depositando nela. Espero que ela seja tudo o que acho que é. Senão, as coisas poderiam ficar muito complicadas. Não me permito pensar muito nisso. Preciso pensar positivo.

Antes de tudo, preciso dormir. Dormir direito. Estou cansada, emocional e fisicamente, mas, a cada vez que fecho os olhos, só consigo ver os dois. Ele sentado no sofá surrado, com sua tristeza patética. A transa bêbada. As lágrimas no chuveiro, depois de jogar o preservativo na privada. A maneira como ele se esfregou com o minigel de banho que levou no bolso do casaco, da mesma marca que usa em casa, para o caso de eu sentir algum vestígio do cheiro dela do outro lado do corredor. Sinto culpa e saudade de Louise. Fico nauseada outra vez.

PARTE
II

19

LOUISE

— Por que você decidiu ser psiquiatra? — pergunto.

Não acredito que estou deitada nos braços de David. É a primeira vez que ele fica e conversa comigo, em vez de sair correndo para tomar um banho e tentar se livrar da culpa antes de ir embora. Hoje até conversamos sobre meu divórcio, meus terrores noturnos e os encontros ridículos que Sophie tentou arranjar para mim, ao longo dos anos. Nós rimos, e foi bom ouvi-lo rir.

— Você quer mesmo saber? — pergunta David.

Meneio a cabeça, apoiada no seu peito quente.

— Quero.

É claro que quero saber. Quero saber tudo sobre ele. Apesar de ter jurado que jamais voltaríamos a nos envolver, é a terceira vez em dez dias que ele aparece no meu apartamento. Uma foi no fim de semana — e, mesmo dizendo para ele ir embora, pois não podemos continuar, não consigo me conter e o deixo entrar e se deitar na minha cama. É como se minha força de vontade evaporasse quando o vejo. Pior do que isso: na verdade, eu desejo vê-lo. Nós bebemos, transamos, e ele me olha com tanta melancolia que fico de coração partido. É idiota. É insano. Meu coração dispara. Eu me sinto pulsar. Posso me perder por um tempo. Tento fingir que ele é *o-homem-do-bar*, para não me sentir tão mal, mas sei que estou me enganando. Os dois me atraem, *o-homem-do-bar* e *o-meu-chefe*.

Eu deveria ter contado para David que conheci Adele, mas o momento de falar já passou há muito tempo. E se eu dissesse agora, pareceria maluca.

Mas também não consigo terminar a amizade com Adele. Ela é tão vulnerável. E me mostra um outro lado de David que me intriga quase tanto quanto ela mesma. Todo dia decido que devo deixar um ou outro, e todo dia me esquivo da decisão.

Estranhamente, estou um pouco apaixonada por Adele. Ela é tão linda, trágica, fascinante e gentil. E, por outro lado, David; um mistério sombrio. Ele é gentil e apaixonado na cama, mas nunca fala sobre o casamento, que eu sei que não é dos mais saudáveis. Tenho consciência de que deveria abrir mão de um dos dois, mas não consigo. É como se estivesse enredada ao redor do casal, entrelaçada entre eles. Quanto mais me apaixono por David, mais fascinada fico por Adele. É um círculo vicioso.

Comecei a tentar compartimentalizar, como ele faz. Eu os separei. Adele é minha amiga e David é meu amante — *não* o marido controlador dela. Não é um arranjo perfeito, mas quase funciona. Há dias com Adele e noites com David. Talvez eu o veja mais do que ela. Não gosto de como me sinto por isso, dessa sensação quase vitoriosa.

— Quando eu era adolescente e morava na fazenda, uma menina me seguia por todo canto. Ela era solitária. Tinha pais ricos, donos de uma grande fazenda. Eles a mimavam, mas também a ignoravam, se entende o que quero dizer. Eram pessoas ocupadas. Às vezes ocupadas demais para passar algum tempo com ela. Enfim, a menina ficava tagarelando enquanto eu trabalhava, me contando sobre os terrores noturnos que a mantinham acordada. Quando notei que ela estava muito preocupada com aquilo, encontrei um livro sobre sono e sonhos em um sebo e dei para ela.

Fico um pouco tensa ao lembrar que Adele mencionou o livro, e é óbvio que ela é a menina de quem David está falando. Sinto uma culpa momentânea, mas também fico curiosa. Por que ele não diz que sua esposa é que tinha pesadelos? Eu sei que ele é casado. Por que ele *nunca* a menciona?

— Ajudou?

— Acho que não. Se bem me lembro, era um livro new age muito doido. E a linguagem também era datada demais para ela entender direito. Acho que os pais tiraram o livro dela e a mandaram para algum tipo de terapia. Na época, a menina tinha só oito ou nove anos. Meu pai era fazendeiro. Bem, ele gostava mais de álcool do que da fazenda, e era eu quem cuidava dele depois de algum acidente com as máquinas agrícolas. Eu queria ser médico, embora parecesse um sonho impossível, mas dar o livro sobre

sonhos para aquela menina foi a primeira vez que desejei consertar a cabeça de alguém. As partes que um bisturi não pode alcançar.

Ele me abraça mais apertado e, mesmo não tendo falado muito a respeito de si mesmo, sinto que foi difícil para ele compartilhar isso.

— E é um trabalho interessante — prossegue. — Entrar na cabeça das pessoas e ver o que as perturba.

David me olha.

— Por que você está franzindo a testa?

— Não estou franzindo a testa — retruco.

— Está, sim. Ou isso ou sua testa envelheceu de repente.

Ele franze a própria testa em um gesto cômico, o que alivia a tensão de um momento que não deveria ser tenso, mas que, de certa forma, está sendo.

— Não sei. Só acho que, em geral, não se deve mexer com a cabeça das pessoas. Eu não gosto da ideia de alguém mexendo com a minha.

Realmente penso assim, mas também estou franzindo a testa por causa de Adele. Porque ele está contando a história dela como se fosse só uma menina que ele conheceu. Não é mentira, mas também não é exatamente verdade.

Ele sorri para mim, e olho para cima simplesmente desfrutando da sensação de seu peito largo e forte sob minha cabeça. O filho de um fazendeiro. Talvez David evite mencionar o nome dela para me poupar, mas não sou ingênua, alguém que não entende a situação.

— Tem certeza de que está trabalhando no lugar certo? — pergunta David. — O que fazemos lá é justamente mexer com a cabeça das pessoas.

— É por isso que eu fico atrás da minha mesa, e não no divã.

— Aposto que eu seria capaz de persuadi-la a se deitar no divã.

— Não seja arrogante, isso não combina com você.

Cutuco suas costelas, e ambos rimos.

— Mas falando sério — diz ele, após um instante. — Se você quiser ajuda com seus terrores noturnos, posso prometer que não vou dar um livrinho fajuto e mandá-la embora. Agora sou mais experiente.

— Que alívio — digo, tentando soar tranquila, mas estou pensando no caderno que Adele me deu e no que David pensaria se soubesse.

Quase gostaria que ele se levantasse e fosse embora.

— Talvez você devesse ir atrás dessa menina — murmuro. — Ver se ela ainda precisa de ajuda.

Ele não responde.

20

ANTES

O som da chuva açoitando as janelas está deixando Adele sonolenta, deitada na cama com Rob após a sessão de terapia. Ela devia estar na sala de artes, mas está cansada de pintar. Foi à aula de ioga para se livrar da insistência das enfermeiras, que achavam que a prática a ajudaria a relaxar — ela relaxou, mas mais por causa da chatice de tudo aquilo, só que preferia ter ficado ao ar livre com Rob. Talvez no pântano, e não no lago, apenas para variar. Embora eles não devessem sair sem um "líder de grupo", provavelmente que ninguém perceberia se fugissem. Era o problema dos hippies, como diz Rob. São muito autoconfiantes. Nem trancam os portões durante o dia.

— Estou acordado — diz Rob, ao lado, beliscando-se. — Mas só. Isso tudo é tão lúgubre.

Adele ri e suspira. Esperava que a tempestade limpasse o ar, mas o furor da tormenta esmoreceu até se tornar uma chuvinha cinza e constante. E Rob tem razão: lúgubre é a palavra certa.

— Quando esse negócio vai funcionar? — pergunta ele. — Já estou cansado de contar os dedos. Eu meio que esperava contar onze, um dia desses.

— Bom, se isso acontecer, você saberá que está sonhando — diz ela. — Então poderá imaginar uma porta e abri-la para ir a qualquer lugar que quiser. De qualquer modo, só se passaram alguns dias. Paciência, jovem Jedi.

— Se essa história for para me zoar, saiba que minha vingança será doce e maligna.

— Quando você criar a porta, no sonho, para onde irá? — pergunta ela.

É confortável ficar deitada ao lado dele. Não é como estar com David. Não tem o calor da paixão, o coração disparado, mas tem algo diferente. Algo calmo e reconfortante.

— Você vai voltar para casa?

Ele ri. Não é uma risada quente e contagiosa, e sim o riso curto reservado à ironia. Ela aprendeu a diferenciar.

— Nem fodendo. Mas gostaria de sonhar com um prato de comida decente. Está faltando sabor de verdade nas refeições deste lugar. Humm.

Rob está tentando fugir do assunto, e ela percebe. Adele sempre pensou que ele não falasse da família por causa dela, porque ela não tem mais uma. De repente, percebe que está sendo uma péssima amiga. Tudo gira ao seu redor — sua perda, sua recuperação, como seguir em frente —, e ela se dá conta de que Rob nunca se abriu a respeito da própria vida. Ele a *entretém* com seus casos sobre drogas, mas é só. Nada real. Nada emocional.

— É tão ruim assim?

Estavam deitados de costas olhando para o teto, mas ela rola para o lado e se apoia no braço.

— É por isso que você usa heroína?

— Não. — Ele sorri. — Uso heroína porque gosto. Quanto à família... bem, passei quase toda a vida morando com minha irmã. Ailsa. Ela tem trinta anos.

Ele percebe a reação dela à diferença de idade.

— Pois é, sou temporão. O que na verdade é uma forma educada de dizer "um erro". Enfim, eu moro com ela. E Ailsa é uma porra-louca, só que diferente de mim, embora pense ser uma a dádiva divina. A história toda é uma merda. Você não vai querer saber.

— Você é meu amigo — retruca ela, cutucando suas costelas magras. — Provavelmente, meu único amigo de verdade, tirando David. É claro que quero saber.

— Bem, você, minha trágica Bela Adormecida, é muito mais fascinante do que eu.

— Claro.

Ela enrubesce um pouco. Gosta quando ele a chama assim, mesmo que não devesse gostar. Seus pais estão mortos, e é quase como se ela estivesse zombando deles.

Rob solta um suspiro dramático.

— Meu deus, eu queria tanto ficar doidão.

— Nunca usei drogas — comenta ela. — Nem maconha.

É a vez dele de se surpreender.

— Mentira!

— Verdade. Literalmente, nenhuma droga. Nós moramos, *morávamos*, no meio do nada. Ônibus escolar, ida e volta, e, quando tive problemas, estudei em casa durante um tempo.

— Cada camada sob sua pele impecável é mais fascinante do que a outra. Estudou em casa? Meu deus, não me admira que tenha se apaixonado por um menino do interior.

Adele deixa passar a pequena indireta. Sabe que Rob pensa que ela é muito dependente de David. Tanto no que ele omite quanto no que revela.

— Precisamos corrigir isso — diz ele. — Você vai adorar.

Ela ri bem alto. Do jeito que Rob diz, parece que as drogas são a coisa mais normal do mundo. Mas para ele deve ser mesmo. E ele não é assim tão ruim.

— Maconha pelo menos.

— Está bem — responde ela, entrando no jogo. — Eu topo.

No momento ela toparia mesmo, embora também saiba que é pouco provável que isso aconteça em Westlands. Ela pode se sentir livre e selvagem como Rob sem precisar realmente ser. Mas talvez devesse experimentar, por rebeldia. Talvez devesse se comportar como uma adolescente normal por um tempo.

O que David pensaria? Ela tenta ignorar a pergunta. Sabe a resposta. David não ficaria muito feliz. Mas será que seu primeiro pensamento antes de cada decisão tem que ser perguntar a si mesma o que David gostaria que ela fizesse? Isso não pode ser normal. Talvez ela devesse ser um pouco mais como Rob. Irreverente. Independente. Pensar nisso, por si só, parece uma traição. David a ama, e ela o ama. David salvou sua vida.

Enfim, talvez possa não contar para ele. Não seria um grande segredo. Seria apenas um momento de diversão que guardaria para si. Ela pode até não gostar. Adele olha para o relógio de David, balançando frouxamente no pulso. Já passam das duas da tarde.

— Vou cobrar isso de você — diz Rob. — Vamos ficar doidões juntos. Vai ser ótimo.

Adele vê a mente dele já trabalhando, imaginando como tornar aquilo realidade. Ela se pergunta como Rob seria se tivesse a vida dela. Talvez

conseguisse uma bolsa de estudos em alguma universidade importante. Talvez tivesse sido o filho que seus pais queriam.

— Preciso ir — anuncia ela, e ele ergue a cabeça, surpreso.

— Outra sessão?

Ela balança a cabeça, constrangida. Não contou para ele.

— Não, são meus advogados. Estão vindo para cá. Quero conversar umas coisas com eles. Você sabe, aquele negócio de herança.

Ela não sabe por que está tão nervosa.

— Ver como anda o trabalho de limpeza da casa. Contratar uma empresa de segurança para instalar alarmes na propriedade, coisas assim.

— Eles estão vindo até aqui só para isso?

Ela quase pode ouvir o cérebro dele funcionando.

Adele deixa o cabelo cair sobre o rosto enquanto se levanta.

— Sim. É complicado.

Por fim, ela lhe lança um sorriso deslumbrante. Um sorriso de derreter corações. Um sorriso que diz que está tudo bem.

— Concentre-se em se beliscar. Se você não pegar o jeito logo, vou achar que esses pesadelos eram puro fingimento.

Ele sorri de volta.

— Certo, Yoda. Só para você. Mas antes vou bater uma punheta.

— Eca!

Ambos estão rindo enquanto ela sai, e isso a deixa feliz. Ela conhece as preocupações de Rob. Sabe que ele pensa que David a controla demais. Também sabe que ele não ficaria feliz com o que ela está prestes a fazer.

21

LOUISE

Já se passaram dez dias desde que Adele me deu o kit de cigarro eletrônico para iniciantes, uma semana desde que fumei um cigarro de verdade pela última vez, e não consigo evitar a sensação de orgulho um tanto presunçoso quando guardo o kit na bolsa e vou para o trabalho. Devia ter tentado isso antes. Via esses cigarros em toda parte, mas, assim como tudo na minha lista de tarefas, parar de fumar sempre acabava ficando para o dia seguinte. Mas eu não poderia deixar de tentar, não depois de Adele me dar de presente, ainda mais levando em conta toda a situação. Eu não esperava gostar, eu não esperava que funcionasse, mas é bom acordar e não estar com o cabelo cheirando a fumaça de cigarro. E as roupas. Adam ficará feliz. Ian também — não que isso importe, mas não quero ser o tipo de mãe que a segunda esposa pode censurar por fumar tendo um filho pequeno. E agora não sou. É verdade que talvez eu fume demais dentro de casa — é tão fácil, já que não tem cheiro —, mas prometi que, quando Adam estiver em casa, vou tratar isso como um cigarro de verdade e só fumar na varanda.

Há uma vivacidade nos meus passos enquanto respiro o ar matinal de verão, e fico feliz. Eu não deveria me sentir assim. De muitas maneiras, tudo está uma completa bagunça, e tudo por minha culpa, mas de algum modo estou ignorando. Chego a me sentir culpada por desejar que Adam fique mais um tempo longe. Sinto falta dele, mas tenho mais liberdade. Posso ser uma mulher livre, em vez de apenas a *mãe de Adam*.

Esta manhã, a balança baixou mais de um quilo. Não é só o décimo dia do cigarro eletrônico, também é o décimo dia sem massa, batata ou pão, e

não acredito que já estou me sentindo tão melhor. Adele estava certa. Carboidratos são obra do demônio. Guarde-os para os dias de extravagâncias. Também é muito mais fácil seguir uma dieta quando Adam não está em casa. Muita carne, peixe e saladas. Ovos no café da manhã. E eu nem sinto tanta fome, embora parte disso também se deva ao fato de meu estômago estar a maior parte do tempo se retorcendo de luxúria e culpa. Talvez eu perca mesmo os três quilos. Cheguei a reduzir o vinho. O pouco que bebo, acrescento à contagem de calorias diárias. E preciso fazer aquela coisa do sonho para poder ter uma noite de sono decente. Preciso seguir as rotinas a cada hora do dia, em vez de começar bem e depois deixar para lá. Estou determinada a tentar mais. Depois de tudo o que Adele está fazendo para me ajudar, sinto que a estou decepcionando. Também sei que tudo isso parece louco.

Estou adiantada pela primeira vez nos últimos dias e, em vez de entrar logo, decido dar uma volta no quarteirão e aproveitar a bela manhã. O trecho a mais também será acrescentado à minha contagem de passos, até porque o novo aplicativo no celular vive insistindo para que eu alcance os dez mil. Outra ideia de Adele. Ela é uma boa amiga. E o pior é que, se algum dia isso acabar em algum programa de bate-boca na TV, serei vista como uma vagabunda. Talvez seja. Pelo menos, estou me comportando como tal. Eu sei. Mas nada é assim tão preto no branco, não é? Gosto de Adele. Ela é a melhor amiga que tenho há anos e é tão diferente das outras pessoas. Tão elegante, tão doce e tão interessada em *mim*. Com Sophie, parece que estou sempre implorando para ser incluída no calendário social. Mas não com Adele. Mal tenho mandado mensagens para Sophie desde que Adele apareceu. Sei que sua amizade deveria bastar, mas não tem bastado. Posso não estar comendo muito, mas continuo faminta. Adele e David. Quero os dois. Outra razão pela qual não tenho falado com Sophie. Ela me daria uma bronca. Pego o cigarro eletrônico e fumo enquanto caminho.

De qualquer modo, o sexo não pode durar — digo a mim mesma, quando avisto a clínica. Adam só ficará longe mais algumas semanas, e não deixarei que David me visite à noite depois disso. E se Adam conhecer Adele? E se ele falar sobre David? E que tipo de mãe quer dar esse exemplo ao filho? Dizer que é normal receber um homem casado em casa, transar e depois ele ir embora? Tento me convencer de que essa é minha preocupação principal, mas estou me enganando. Minha preocupação principal é que Adam é novo demais para guardar segredos, e se, por algum motivo, for até

a clínica após a escola, a última coisa de que preciso é que ele reconheça o homem que visita a mamãe durante a noite. É tudo tão sórdido. Pior: é uma coisa idiota e egoísta. Mas eu volto à vida quando David me toca. Adoro o cheiro dele em mim. Adoro o toque da sua pele. Adoro seu sorriso. Eu me sinto uma adolescente quando ele está comigo. E então, quando estou com Adele, sinto como se eu fosse *importante*. Sou importante para ela.

O cós da calça se move ligeiramente quando pego as chaves do consultório. Estou mesmo mais magra. Talvez David e Adele estejam me trazendo de volta à vida.

* * *

A chaleira está fervendo, e Sue tem um sanduíche de bacon nas mãos. Vejo a mancha de ketchup através do papel.

— Eu não sabia se você ia querer. Se não quiser não tem problema. Sempre posso encontrar outro destino para isso. — Ela sorri. — Ou, é claro, comê-lo eu mesma.

— Não, obrigada — falo, feliz por quebrar outra rotina. — Amanhã é o dia de extravagâncias.

Estou com fome após o sexo da noite passada, mas trouxe dois ovos cozidos em um pote e os comerei no lugar do sanduíche. A preparação é fundamental em uma dieta, Adele também me ensinou, de modo que cozinho seis ovos de cada vez e os guardo na geladeira. O bacon tem um cheiro bom, mas sinto um estranho prazer ao recusá-lo. Como se eu estivesse no controle de ao menos *alguma coisa*. O bacon não é o prazer do qual eu deveria estar me privando, mas já é um começo.

— Desculpe — digo. — Eu devia ter mandado uma mensagem avisando. Vou lhe dar o dinheiro.

— Nem pense nisso.

Sue põe uma caneca de chá à minha frente.

— Você está muito bem. Quase radiante.

Ela me olha com curiosidade.

— Eu não estou grávida, se é isso que você está pensando! — Apesar da recente melhora no meu humor, a palavra *gravidez* está sempre presente na minha cabeça.

— Na verdade, eu ia perguntar se há um novo homem na sua vida.

— Quem me dera.

Eu rio e me concentro em descascar os ovos.

— Bem, continue assim e logo estará cercada deles — comenta ela. — Uma mulher bonita como você não deve ficar solteira. É hora de voltar ao jogo do acasalamento.

— Pode ser. No momento, estou concentrada em mim mesma.

Continuo sorrindo, embora me sinta um tanto nauseada ao pensar em como explicar tudo aquilo para Sue, com seu casamento de uma vida inteira e seus modos comedidos. Ela me acharia louca e diria que estou errada, e é verdade. Mas também não me sinto tão feliz há muito tempo. Será que isso é assim tão terrível, desde que ninguém se magoe? Todos guardamos segredos. Adele, eu e David. Enquanto continuar assim, será que não posso ter isso? Será que não posso ter os dois?

Sue ainda está me olhando, certa de que escondo alguma coisa, e não posso culpá-la. Eu sei que meus olhos estão brilhando e que há uma vivacidade no meu caminhar que estava ausente já havia algum tempo.

Termino de comer os ovos e olho para minhas mãos, contando os dedos. Espero que Adele esteja bem. Será que eles brigaram na noite passada? É por isso que ele veio me ver? Ou será que alegou que ia fazer trabalho voluntário? Às vezes penso mais neles do que em mim. Ele tinha bebido, mas não estava bêbado ao dizer que ia embora. Deve ter escondido os efeitos da bebida. Estou começando a crer que ele é muito bom em esconder seu hábito de beber. Talvez eu devesse tentar falar com ele sobre isso. Sobre álcool. Será que é isso que está errado no casamento? Adele não bebe. Quando almoçamos, às vezes peço uma taça de vinho, mas ela, não. Eu também preciso reduzir ainda mais. Menos vinho vai me ajudar a perder alguns quilos.

Deixo Sue com seu segundo sanduíche de bacon e vou até o consultório de David ligar a máquina de café. De um modo idiota, é como fingir brincar de casinha com ele. Sinto um frio na barriga e não consigo conter a animação. Sempre gostei do trabalho, mas agora há uma outra emoção. Pego-me olhando para as mãos dele enquanto assina receituários e cartas, lembrando como me tocaram. Onde estiveram.

Às vezes ainda me lembro do pânico que Adele sentiu quando achou que perderia um telefonema e de todas aqueles medicamentos no armário da cozinha, mas talvez não haja nada de sinistro naquilo. Talvez ela *seja* uma pessoa nervosa. Ela mesma admitiu que já teve problemas no passado. Será

que David tem um comportamento protetor, em vez de controlador? Quem sabe o que realmente se passa entre quatro paredes? De qualquer modo, não posso perguntar a ele, não sem deixar transparecer que conheço Adele, e ele pensaria que sou uma perseguidora obsessiva — além disso, seria uma traição à promessa que fiz à Adele. É tudo tão confuso. Eu sei que é, mas isso não impede meu coração de açoitar o peito quando ele aparece à porta.

— Bom dia — digo.

— Bom dia para você também.

Ele parece cansado, mas seu sorriso é caloroso e genuíno. Seus olhos azuis brilham só para mim, e o calor corre em manchas pelo meu rosto. É ridículo. Trabalhamos juntos quase todo dia. Eu já deveria estar acostumada com a presença dele, mas esta manhã é diferente. Algo mudou na noite passada, quando conversamos deitados na cama. Claro que não durou — a culpa de sempre logo se instalou entre os corpos que esfriavam. Homens são estranhos. Como se a traição estivesse no riso e na proximidade, não no sexo. Mas, então, penso que é isso mesmo. O pensamento me magoou mais quando Ian me traiu, assim que parei de ficar obcecada com sexo. Talvez porque o riso seja mais difícil de compartimentalizar.

Isso *tudo* é uma traição terrível. Era o que eu queria dizer para David quando ele saiu. Tudo. Mas não consegui falar. Como poderia? Eu não quero que acabe. É a verdade sincera e desagradável. Quero comer o bolo e também quero que o bolo permaneça intacto. Quero o amante *e* a melhor amiga.

— Você está de bom humor — comento.

Ele está prestes a dizer algo, um meio sorriso na boca aberta, mãos enfiadas nos bolsos da calça de uma forma que, por algum motivo, faz meu coração derreter, quando o Dr. Sykes entra na sala.

— David, podemos conversar?

Sorrio e desapareço voltando à minha mesa e fechando a porta ao sair. O breve momento em que quase tivemos alguma coisa passou, e provavelmente é melhor assim. Preciso me conter. Seja o que for, não pode durar, e não devo me apegar. É apenas luxúria. Vai passar. Isso não pode se transformar em algo mais, e eu não deixarei que se transforme. Mas essas palavras me parecem ocas. Meu coração está batendo rápido demais para serem verdadeiras.

* * *

Na hora do almoço, atendo o sexto telefonema de Anthony Hawkins. Ele parece mais agitado a cada ligação, e estou me esforçando para manter a calma e convencê-lo a parar de ligar.

— Como eu disse, Sr. Hawkins, vou passar suas mensagens para o Dr. Martin assim que ele estiver disponível. Se for uma emergência, posso recomendar que você...

— Eu quero falar com David. Preciso falar com ele.

— Senhor, eu vou me certificar de que ele ligue de volta assim que puder.

Ouço sua respiração rápida.

— Você tem o número certo? Eu não quero que ele ligue para o número errado.

Repito o número que vejo na tela, e ele finalmente desliga. Acrescento esta chamada final à lista de recados para David e desejo que ele saia logo da reunião com os sócios para me livrar de Anthony. Para ser sincera, estou um pouco preocupada. Que eu saiba, as sessões estavam indo bem, e Anthony tinha outra consulta marcada para a próxima segunda-feira. Está fazendo três ou mais sessões por semana, por insistência dele mesmo, e espero que não tenha havido algum tipo de recaída para provocar a súbita necessidade de falar com David antes do fim de semana.

Finalmente, os médicos saem, e passo os recados para David.

— Eu sei que é a hora do almoço, mas acho que você devia ligar de volta. Ele parecia bastante agitado.

— A fala dele estava arrastada?

David verifica os horários das chamadas.

— Não. Creio que não.

— Vou ligar para ele. Pode me passar os números dos pais e do advogado dele? E do médico?

Confirmo com a cabeça. Voltamos a ser chefe e secretária, o que não é nada sexy, apesar dos clichês.

— Vou enviar por e-mail.

— Obrigado.

Ele ainda está olhando para as anotações quando volta para a sala. Tenho alguma esperança de que vai olhar para mim e sorrir, ou algo assim, mas não faz isso. Sua mente está concentrada em Anthony. Gosto dessa

característica nele. Há médicos aqui que, apesar do excelente trabalho, sabem se dissociar dos pacientes. Talvez essa seja a postura melhor e mais profissional, mas não creio que David seja assim. Por outro lado, eu também duvidava de médicos que bebem todas as noites. Ele é um médico muito estranho. Pergunto-me, como estou sempre me perguntando, que diabo o motiva. Como alguém tão bom em ouvir os outros e fazê-los se abrir pode ser tão ruim em falar de si mesmo?

Almoço uma salada à mesa e deixo a tranquilidade da tarde de sexta-feira pairar sobre mim. Anthony liga mais duas vezes, embora confirme que acabou de falar com David. Diz que se esqueceu de dizer algo e que precisa falar com ele outra vez. Eu o interrompo em tom educado, sem querer me intrometer em um assunto que vai além do que sou qualificada para fazer.

Às duas e meia, vejo acender a luz no botão da linha 1. É a linha de David. A ligação dura apenas um minuto, e sei que é para Adele. Tento não rastrear os telefonemas, mas não consigo evitar. Ele liga todos os dias às onze e meia e às duas e meia. Chamadas de curta duração. Não é tempo suficiente para os cumprimentos bem-educados inerentes a uma conversa de trabalho. Todos os dias, isso me lembra do pânico de Adele para voltar da academia para casa, e já passei tempo suficiente com ela para presenciar essas ligações do outro lado da linha, embora ela sempre corra para outro cômodo ou o corredor para atendê-las. De todas as coisas erradas nessa situação, de todos os motivos pelos quais eu deveria estar me sentindo muito mal, são essas ligações que mais me angustiam. O que há com esses dois? Que tipo de amor eles têm? Será que é mesmo amor? Sinto uma pontada de inveja no estômago.

No fim do dia, depois de atender os últimos clientes e com o fim de semana adiante, David sai da sala, casaco e pasta em mãos. Eu não esperava que ele ficasse mais tempo no consultório — ele nunca fica, seria até estranho. Mas estou um tanto decepcionada.

— Anthony está bem? — pergunto, em parte preocupada, em parte querendo puxar assunto.

Ele não pode me dar detalhes, sei disso, mas pergunto mesmo assim.

— Quando ele ligar, fale pouco — diz David. — Dei a ele um número particular para facilitar, mas, caso ele não consiga falar comigo, pode acabar ligando para você. Não tenha nenhuma conversa pessoal com ele.

Confirmo com a cabeça, um tanto confusa. Que diabo aconteceu?

— Tudo bem.

Meu rosto está cheio de perguntas, e ele percebe.

— Ele é obsessivo. Imagino que a heroína tenha lhe trazido algum alívio, mas acabou também virando uma obsessão. Eu não esperava que ele se apegasse a mim tão rápido, mas estava enganado.

Lembro-me de todos aqueles telefonemas.

— Ele tem uma fixação por você?

— Possivelmente. Mas não quero que a transfira para você, caso não consiga se apossar de mim. Isso não quer dizer que ele ache que sou especial. Ele tem um histórico de se apegar a pessoas novas. Faço parte desse padrão.

— Posso lidar com os telefonemas — digo.

Quero salientar que sou muito boa no trabalho, mas que também gostaria que ele se preocupasse comigo. No entanto, estou mais preocupada com ele.

— Anthony é perigoso?

— Acredito que não — responde David, sorrindo. — Só um pouco perturbado. Mas não é seu trabalho assumir esse tipo de risco.

Sue está na cozinha enxaguando as canecas para colocá-las na lava-louças. Ela nos vê de onde está, de modo que não posso perguntar os planos dele para o fim de semana, embora eu na verdade não queira saber. Adele está sempre entre mim e David, embora nunca seja mencionada, e, quando termina a conversa de trabalho, ele me deseja, constrangido, um bom fim de semana e caminha em direção à porta.

Ele vira a cabeça depressa e olha para trás ao sair. Um último olhar. Aquilo faz meu estômago ser tomado por uma onda de felicidade e depois se retorcer de ciúmes. Ele está indo para casa e vai passar o fim de semana com ela. Será que ele pensa em mim nesses dias? Eu sei que às vezes deve pensar, porque apareceu à minha porta em um sábado, mas *como* ele pensa em mim? Será que pensa em deixá-la para ficar comigo? Gostaria de saber o que sou para ele. Aonde isso vai dar, se é que vai dar em algum lugar? Será que deveríamos falar sobre isso a essa altura? Não somos crianças. Volto a me sentir uma mulher fácil e me recosto na poltrona. Eu deveria acabar com esse caso. Sei que deveria.

Olho o relógio. Quase cinco da tarde. Desvio os olhos, volto a olhar, e o horário permanece inalterado. Preciso guardar o café e organizar uma papelada para segunda-feira, daí é hora de ir para casa.

Considero sair para correr um pouco à noite, mas estou tão cansada porque ando dormindo mal que sei que não vai rolar. Eu me belisco.

— Estou acordada — murmuro.

22

ADELE

Mesmo depois de passarmos a noite em casa, como qualquer outro casal — jantar, tevê, um mínimo de conversa —, David dormiu no quarto de hóspedes na noite passada. Ele culpou o calor, mas nossa casa é grande e antiga, e as paredes espessas mantêm os quartos amplos relativamente frescos. Ele não me olhou quando subiu para dormir. Não foi de todo inesperado, mas me senti apunhalada nas vísceras com um caco do meu próprio coração partido.

Quando o ouvi se movimentando pela casa de manhã, me levantei e fui à academia para não o encarar através da parede amarga e invisível que se instalou no casamento. Tinha que pôr algumas emoções reprimidas para fora e corri muito na esteira, depois fui até os aparelhos e fiz séries mais pesadas do que de costume, mas não senti qualquer satisfação nos exercícios. Tudo me parece um desperdício de tempo. Qual é a relevância? Qual é *minha* relevância?

Cheguei em casa a tempo de preparar um almoço leve, e, então, ele foi fazer trabalho voluntário. Um sujeito malvestido veio buscá-lo em um carro velho. Todos os bons cidadãos têm a mesma aparência. Isso não mudou desde os tempos de Westlands. Como se as roupas feias de algum modo os tornassem mais dignos. Ao menos o trabalho voluntário não era uma mentira completa, mesmo sabendo que ele o usou ao menos uma vez como desculpa para ir ver Louise.

Depois que ele saiu, pensei em enviar uma mensagem de texto para ver se ela gostaria de tomar café em algum lugar — de repente me senti

sozinha em casa —, mas logo mudei de ideia. Não sei aonde ele vai, e, embora a gente more em uma região movimentada, coincidências existem. Eu não posso correr o risco de que ele nos veja ao passar de carro só porque estou me sentindo para baixo.

Então, limpo a casa por uma ou duas horas e esfrego os banheiros até estarem brilhando e eu ficar sem fôlego. Sou interrompida apenas pelo carteiro, que enfia a correspondência de sábado na caixa de correio — atrasado como de costume.

Quando vejo o envelope, o selo familiar da empresa no canto e o endereço escrito à mão com cuidado, fico feliz por não ter iniciado uma discussão hoje. Teria sido excessiva e desnecessária. Essa carta basta para perturbá-lo. Na minha cabeça, o passado é como areia movediça, e David está preso a ele, afundando lentamente. Isso me entristece.

Abro o envelope, confiro as colunas de descrição e despesas e olho para a carta. Nada de anormal ou surpreendente — nunca acontece nada de anormal. Não voltamos à Mansão Fairdale e ninguém mora lá desde que uma das alas pegou fogo. Releio a carta. Alguns reparos no prédio principal. Manutenção de cercas. Todas as câmeras de segurança funcionando. Nenhum dano novo à propriedade. Gás e eletricidade ainda ligados e com as contas pagas. Encanamento nos conformes. O aluguel dos campos está sendo pago. As despesas do relatório de verão são sempre mais baratas do que as de inverno. Não há necessidade de ligar a calefação para combater o frio escocês. Para ser sincera, acho que a maioria das pessoas já esqueceu que a propriedade ainda está lá: o castelo da Bela Adormecida por trás das cercas vivas.

Deixo a carta e a fatura na cozinha, onde David vai ver, mas também vai parecer que as deixei ali sem querer. Isso também o deixará irritado. Eu não deveria ter aberto a carta. Deveria tê-la deixado na mesa dele ao ver o carimbo da empresa. Era destinada a nós dois, mas todos sabemos que ele é o encarregado do dinheiro. Sou apenas a bela fantoche: a esposa trágica que exige cuidados.

Os advogados pararam de nos perguntar se pretendemos vender a mansão. Nunca poderíamos vendê-la. Mas, talvez, no futuro... meu estômago se retorce com as possibilidades. De nosso segredo estar ali a céu aberto e se desfazer em pó. De nos livrarmos dele. A ideia me atordoa, mas também me fortalece.

Olho o relógio. São oito e meia. Lá fora, o dia de verão começa a escurecer. David só voltará às dez. Ele não quer que eu deixe o jantar pronto, de modo que não tenho com que me preocupar. Mas tenho um lugar aonde ir, e não há por que adiar por mais tempo. Preciso estar preparada. Preciso estar pronta. De certa forma, não vejo a hora de ir.

Só preciso ter muito, muito cuidado.

23

LOUISE

— Cara! Você está doidona ou algo do tipo? Quer dizer, você se meteu em uma merda das grandes. Até eu vejo isso, e você sabe que eu adoro uma boa confusão.

A reprovação de Sophie vem alta e clara ao telefone, e desejo não ter contado nada.

— O que você estava pensando? E por que não me contou antes?

— Estive ocupada — murmuro.

O que lhe dá o direito de ser tão crítica? Como se ela tivesse autoridade para me criticar.

— Sem brincadeira. Fora a coisa do chefe, isso não é bom. Por mais que eu esteja feliz por você estar se soltando, não é bem o que eu tinha em mente.

Ela está tentando amenizar a situação com bom humor, mas ainda assim enrubesço ao caminhar pela casa. Ela só me ligou porque seus planos para a noite deram errado e está presa em casa com Ella. Sophie nem deve ter notado que eu não tenho lhe enviado mensagens.

— Eu sei, eu sei. Vou dar um fim nessa história.

— Em que história? Na dele ou na dela? Acho que você está transando com os dois. — Ela faz uma pausa. — Você está transando com os dois?

Abro um leve sorriso, mesmo estando irritada com ela.

— Não, é claro que não. Só que... eu não sei. Cada vez que tento acabar com um ou com outro, não consigo.

— Você quer um conselho? — diz Sophie, quando uma voz infantil a interrompe ao fundo. — Espere um instante, Louise.

Sua voz fica distante.

— O que foi? — pergunta Sophie, irritada. — Eu já disse, Ella, mamãe está no telefone. Vá perguntar ao papai. Bem, pergunte outra vez.

Ela volta a falar comigo.

— Desculpa, Lou. Malditas crianças...

Sinto um nó na garganta. Eu não sei se quero conselhos. O que eu quero mesmo é que ela ria e me diga que está tudo bem e que a novidade é superemocionante. Tenho a sensação de que isso não acontecerá. Certeza.

— Se você quer um conselho, querida, livre-se dos dois. Você não pode ser amiga dela, porque sempre terá transado com o marido dela, o que é uma merda, e você não pode ser amante dele, porque ele é casado com uma amiga sua, o que também é uma merda. Ter um caso já é um segredo bem grande, e não creio que você leve jeito para a coisa, o que é um elogio. Você é melhor do que isso, Lou. Entre no Tinder ou algo assim. Tem muitos homens gostosos por aí, acredite. Solteiros e tudo o mais. Juro por deus, se não tiver criado um perfil na próxima vez que nos encontrarmos você vai se ver comigo, viu?

— Está bem — concordo, mentindo entre dentes para que Sophie fique satisfeita e eu possa me livrar dela.

— Preciso ir, Lou. Ella está prestes a pirar. Mas me conte se tiver novidades. Estarei aqui se precisar de mim.

Ela desliga, mas ainda ouço suas palavras ecoando na minha mente. *Livre-se dos dois*. Para ela é fácil falar. Ela tem uma vida agitada, família, casos. Sophie nunca sente falta de atenção ou companhia.

É provável que eu nem a veja antes de Adam voltar de viagem, e, a essa altura, terei me livrado de David e tudo estará resolvido. Não que eu precise fazer isso para agradar Sophie. Quando ela me fala sobre seus casos, eu ouço e guardo as críticas para mim mesma. Por que ela não pode fazer o mesmo? Ela se acha muito esperta, mas não é. Não imagino Adele me dizendo o que fazer. Adele ouviria e seria solidária — como uma amiga de verdade.

Percebo quão louco isso parece, dada a situação, então esqueço Sophie e me sirvo de uma segunda taça de vinho, adicionando um pouco de gelo para que dure mais. Não me sinto muito mal por me permitir essas calorias extras e, para ser honesta, eu poderia estar pior. É difícil seguir a dieta no

fim de semana, mas agora que estou sentindo a diferença está ficando um pouco mais fácil. Não corri, porque dormi mal e não conseguiria correr, mas fui dar uma longa caminhada, e, embora estivesse com um enorme desejo de comer pão, só comi peixe com legumes no jantar, antes de ligar para Adam e para Ian e eles me falarem sobre todas as delícias que andam comendo, o que fez meu estômago roncar ainda mais.

Então não vou me torturar por causa do vinho. Preciso de diversão, e ficar bêbada não me induzirá ao caminho obscuro dos excessos alimentares. Os armários estão vazios, e estou com preguiça de sair a esta hora da noite. Preciso do vinho para dormir. Tenho certeza de que meus terrores noturnos pioraram, mas acho que não é de surpreender, já que estou transando com o marido da minha nova amiga. Mentalizo a palavra de um jeito tão rigoroso que chego a me assustar. Sim, não é de admirar que meu sono esteja tão prejudicado.

Vasculho os canais em busca de distração. Está passando um péssimo programa de novos talentos, um antigo episódio de *A Touch of Frost*... Nada que me prenda. Bebo mais vinho, e minha mente voa de volta para David e Adele. Há sempre alguma parte do meu cérebro pensando nos dois. Será que ele está pensando em mim? Será que *ela* está pensando em mim? Quase dou risada. Que loucura! Eu devia ir dormir mais cedo. Ao menos amanhã poderei me demorar na cama caso meu sono tenha sido uma merda.

Vou até a cozinha e encho a taça. Se eu parar, ainda restará pouco menos de metade de uma garrafa, o que é muito melhor do que o habitual. Será que David está bebendo em casa? Será que saíram para jantar? Será que estão transando, um sexo culpado e artificial? Será que ele compara o meu corpo com o dela? Meu deus, espero que não. As perguntas martelam na minha mente, e eu desisto de lutar contra elas.

Pego o caderno na gaveta da cozinha. É meu elo com o casal e, como eles não saem da minha mente, mesmo, eu poderia mergulhar de vez no passado de Adele, embora seja difícil decifrar aqueles garranchos. Além disso, estou ficando boa nas orientações de rotina. Talvez isso me ajude a pegar o jeito.

Desligo a televisão e levo a taça de vinho para o quarto. Estou cansada e lânguida, apesar de não ter bebido tanto assim. A dieta está me deixando fraca para a bebida. Tento não pensar em quanto já estou fraca, considerando tudo.

Fico de camiseta, mas jogo o resto da roupa no chão e vou para a cama. Meus olhos já estão pesados, e tomo um grande gole de vinho. Não escovei os dentes. Escovarei quando terminar de beber — hortelã e vinho não combinam —, mas é provável que eu durma primeiro e os escove daqui a algumas horas, quando os pesadelos me acordarem. Estou tão porra-louca, penso, com um pequeno sorriso, ao me dar conta de quão porra-louca eu *não* sou, indo para a cama antes das dez. Ligo o abajur e abro o caderno. A princípio, a letra miúda e espetada é ruim para os olhos, mas a decifro aos poucos. O passado de Adele e David. Pense no seu sono, aconselha minha voz interior. Você está lendo isso para melhorar seu sono. *Aham, sei*, respondo para mim mesma. Ambas sabemos que é mentira.

... começa como de costume. Estou correndo, e todos vêm atrás de mim. Os corretores da mansão, minha mãe inútil há muito desaparecida, Ailsa, aquele menino que espanquei no beco só porque estava precisando usar, a falta de droga e toda a raiva que borbulha em mim. Eles são eles, eu sei que são, mas também não são. Versões monstruosas de si mesmos, é como eu os vejo: olhos fundos, pele flácida, dentes afiados e sangrentos de tanto me sugar e me privar de tudo com sua constante existência. Tenho marcas nos braços, onde minha mãe e Ailsa me agarraram e me morderam antes de eu fugir. Não preciso de um médico de cabeça para me dizer do que se trata. Chamam isso de culpa. Culpa pelo meu vício e pelo efeito que tem sobre a família. Eles não têm ideia do que se passa na minha cabeça. As marcas, as mordidas, meu sangue sendo sugado — é isso que fazem quando me mandam para a reabilitação e me levam a desistir da única coisa de que realmente gosto nesta vida triste.

Estou correndo pelo quarteirão do prédio. Não daquele em que moro com Ailsa, mas o que minha mãe e "Shanks", seu namorado pedófilo que na verdade se chama Terry, compartilhavam antes de ele desaparecer. Os elevadores são velhos e fedem tanto a mijo que, mesmo quando estão funcionando, você os ignora e usa a escada. Estou na escada do sonho e os ouço atrás de mim, me chamando, me insultando. "Sabemos tudo sobre você! Não pense que não sabemos!", grita minha mãe. Suas vozes são molhadas, muitos dentes afiados na boca. Ouço barulho de metal retinindo nos degraus de concreto, e

parece que minhas pernas estão grudadas com melado. Não consigo acelerar o passo. Chego a um patamar e olho para trás.

Eles estão dois lances mais abaixo, mas avançam depressa, em uma massa meio humana, meio besta. Nas suas mãos há facas longas e afiadas no lugar dos dedos, e eles as arrastam atrás de si. Estão vindo para me cortar, fatiar e comer. Estou cansado demais para continuar correndo escada acima e olho para a fileira de apartamentos decrépitos através da porta da escadaria. Ouço hip hop em volume alto vindo de algum lugar. Há um painel de vidro sujo na porta, e do outro lado vejo Shanks, que nunca deixa de aparecer. Ele olha para mim e ergue um dedo-faca, como se estivesse me repreendendo.

Estou preso. Eles vão me pegar, sei disso. Seus dedos vão me rasgar em pedaços. Geralmente é nessa hora que congelo no sonho e Ailsa me sacode para eu acordar. Mas não desta vez. Desta vez, o sonho é diferente.

Portas.

Dedos.

Olho minhas mãos. Há um dedo mínimo a mais na direita. Quase caio na gargalhada ali na escadaria. Estou sonhando, eu sei. O som de metal arranhado desaparece quando me concentro. Olho para a porta da escadaria, mas sei que não é a porta que quero. Viro-me para a parede, onde vejo algumas pichações amadoras feias e pulverizadas com desleixo. Reorganizo as linhas na mente para formar uma pequena porta com uma maçaneta redonda, como um desenho infantil.

Os monstros estão se aproximando, mas eu os ignoro quando estendo a mão para abrir a porta nova. Penso em uma praia. Não aquela das férias de merda que tivemos em Blackpool, onde choveu quase todos os dias e Ailsa passou todo o tempo tendo acessos de raiva adolescente por não ter podido levar o babaca do namorado, mas uma praia realmente maravilhosa, como vemos na vitrine de agências de viagens.

Giro a maçaneta e entro.

O terror noturno desaparece, e estou em uma praia branca, a brisa quente soprando no cabelo, a areia quente entre os dedos dos pés enquanto a água morna os lambe. Visto um calção de banho e uma camiseta. Estou calmo. Quero rir. Quero que Adele veja isso, e ela aparece de repente. A Adele do sonho. A água é artificialmente azul,

mas é como sempre imaginei que o mar deveria ser. Acrescento golfinhos. E também um garçom caminhando na nossa direção, com coquetéis estranhos. Nunca tomei um coquetel, mas tem gosto de vitamina de morango, como acho que devem ter. Quase acrescento uma seringa ao sonho, mas me detenho. Eu rio. A Adele do sonho também ri, e eu não consigo manter aquilo por mais tempo e acordo.

MAS EU CONSEGUI. Não acredito que consegui. Porra, eu consegui! Posso ser o rei dos meus próprios sonhos. Da próxima vez vai ser ainda melhor. Sei disso. Estou muito animado para voltar a dormir. São quatro da manhã, e todos estão dormindo, mas meu coração está acelerado. Não me sinto tão bem assim faz uma eternidade. Foi como mágica. Mágica de verdade, não efeito das drogas. Estou ansioso para contar para Adele, mas as garotas ficam na outra ala e não posso me arriscar a ser pego. Eles me expulsariam. Quando cheguei aqui, teria adorado ser expulso, mas não agora. Estou radiante. Estou sorrindo como um idiota ao escrever estas linhas. Não vou contar para ela que a imaginei na praia comigo, que ela apareceu como se aquilo estivesse fadado a acontecer. Como se eu não pudesse imaginar ser feliz sem ela. Isso me assusta muito. Sabe deus o que ela pensaria.

Já estamos quase na metade da estadia aqui. O que vai acontecer quando formos embora? Imagino que o Doutor David não me queira por perto. Adele diz que ele vai me adorar, mas ela não conhece as pessoas como eu, e ele me parece ser muito controlador.

Ainda estou me perguntando qual será o assunto com a bosta do advogado. Não a forcei a contar, mas ela ficou estranha depois. Vai me dizer, uma hora ou outra. Sou bom em fazer as pessoas falarem. Eu mais ouço do que falo nas sessões. Todo mundo quer falar de si mesmo. Fantástico. Talvez eu devesse arranjar uma merda de um emprego aqui. (BRINCADEIRA)

Os pássaros estão despertando lá fora. Ainda não acredito que consegui. Todo aquele negócio de me beliscar e contar os dedos valeu a pena. Eu controlei a merda do meu sonho. David não pode fazer isso. Isso é algo que é só meu e dela...

Meus olhos estão ficando embaçados, e tenho que ler a última frase duas vezes, pois o vinho já está confundindo minha mente. Fecho os olhos. Só

por um segundo. O livro escorrega das mãos. *Preciso escovar os dentes*, penso vagamente, então caio no sono.

24

ADELE

Simplesmente horrível. Horrível. Não existe outra palavra para descrever esta manhã. A gritaria cessou, mas a tranquilidade mortal é ainda pior. Estou nauseada e tremendo. Eu realmente não sei o que dizer, ou se há alguma coisa que eu deva dizer. Ou que possa de fato ser dita. É tudo culpa minha.

— Vou me mudar para o quarto de hóspedes. Por enquanto. Por um tempo. Acho que será melhor. Até decidirmos o que vamos fazer.

Apesar da voz profissionalmente calma, ele está pálido. Eu o conheço. Só quero chorar, mas não choro. Mantenho uma altivez impassível. Eu não quero que ele saiba quanto está me magoando.

— Cadê o cartão de crédito? — pergunta ele, com os olhos frios.

As coisas do canal de compras que encomendei começaram a chegar às oito e estavam todas aqui por volta das nove da manhã. Programei tudo com perfeição, pagando uma taxa extra para recebê-las em um intervalo de tempo específico. A compra levou apenas uma hora ou mais de esforço dedicado, mas a conta do American Express de David está abarrotada de gastos aleatórios. Uma nova máquina de café, e do melhor modelo. Uma nova máquina de fazer pão também da melhor qualidade. Joias. Uma câmera muito cara. Um cortador/ralador/vaporizador com todos os acessórios. E a *pièce de résistance*: uma esteira top de linha. Milhares de libras gastas.

Emburrada como uma criança, pego a bolsa pendurada em uma das cadeiras da cozinha. Eu a passo para ele e o vejo pegar o precioso cartão de

crédito da carteira e cortá-lo em quatro.

— Pensei que seria um novo começo — diz ele, jogando os pedaços de plástico na lixeira.

Ele parece tão frio. Queria dizer que ficará tudo bem e que ele deveria confiar em mim, mas não consigo. É o caminho que escolhi, fazendo coisas para afastá-lo de mim e empurrá-lo em direção a ela, e preciso permanecer assim. Não posso ser fraca. Preciso ter fé em Louise, em mim e em David para que tudo dê certo.

— Achei que isso estava resolvido há muito tempo — murmura ele, olhando para o corredor repleto de caixas. Parece que acabamos de nos mudar outra vez. — Darei um jeito de devolver tudo.

Então ele faz uma pausa e acrescenta:

— Pode ficar com a esteira, se quiser.

Eu sei no que está pensando. Assim, poderá me prender em casa por mais tempo.

— Pode devolver — retruca.

Afinal, ele não pode cancelar a matrícula da academia. Fechamos um plano anual. Era mais barato e, na ocasião, eu estava tentando agradá-lo. Nosso *novo começo*.

Olho para ele. Será que ainda lhe resta uma pequena brasa de amor por mim? Deve restar. Tem que restar. Ele remexe na minha bolsa e pega as chaves de casa.

— Preciso ir ao centro comunitário. Não tenho escolha. Eles montaram uma clínica. Mas volto em duas horas.

É claro que ele precisa sair. O trabalho vem em primeiro lugar. Ele sempre quer ajudar as pessoas. Exceto a nós. Exceto a mim. Disso, ele já desistiu. Para mim, são apenas remédios, remédios e mais remédios. Não entendo por que David pegou minhas chaves até ele ir até a porta da cozinha, trancá-la e guardar a chave no bolso.

Emito uma risada antipática. Não consigo evitar.

— Você vai me trancar aqui dentro?

Não posso acreditar. Já há algum tempo nosso casamento parece uma prisão, ambos sentimos isso, mas será que ele pretende se tornar meu carcereiro?

— É para o seu próprio bem.

Ao menos ele tem a decência de corar e não me encarar.

— É só esta manhã. Eu não posso... Eu não posso... — Ele se esforça para encontrar as palavras. — Eu não posso me distrair. — Desanimado, ele aponta para o corredor e depois para meu rosto. — Com tudo isso.

Ele desvia o olhar. Não me encara quando diz:

— Descanse um pouco. Talvez a gente precise mudar seus remédios outra vez. Resolvo isso amanhã.

Emperro na palavra *distrair*. O que ele quer dizer é que não pode se distrair perguntando a si mesmo onde estou e o que estou fazendo. Nem mesmo nossa rotinazinha de telefonemas é suficiente.

Talvez você devesse parar de foder sua recepcionista gorda para se distrair, é o que quero gritar, mas fico calada. O remédio que David me obrigou a tomar na frente dele está fazendo efeito, e estou começando a me sentir um tanto sonolenta. Não me importo, para falar a verdade. Dormir um pouco me fará bem.

O telefone toca. A carona chegou. Ele não confisca meu celular, não sei se de propósito ou se porque ainda está se recuperando de todo o resto e se esqueceu, e isso me deixa aliviada. Escondi o aparelho por garantia, mas já estou correndo riscos demais, talvez até tenha me precipitado. O celular é para ser usado em outra hora.

— Conversaremos mais tarde — diz ele, dirigindo-se à porta.

Suas palavras são vazias. Conversar é algo que não fazemos. Não conversamos sobre nós e não conversamos sobre *aquilo*. Ele faz uma pausa, olha para trás, e acho que vai dizer algo mais, mas não diz.

Olhamos um para o outro por um longo instante. Já fomos amantes, agora somos adversários silenciosos, então ele se vai.

Ouço a chave girando na fechadura, e é como se estivesse sepultada em casa. É muito estranho saber que não tem como sair. Há muito tempo não me sinto tão impotente. E se houver um incêndio? E se a casa pegar fogo enquanto durmo? Estou sonolenta por causa do medicamento. E se eu colocar uma água para ferver e esquecê-la no fogo? Será que ele pensou nisso? Incêndios acontecem. Talvez ache que consigo me safar por conta própria. E, sejamos sinceras, seria muito fácil dar um jeito de quebrar as janelas.

Fico de pé em silêncio, olho para o vidro e penso em labaredas, e minha mente se enche de ideias, até que um latejar no rosto me traz de volta ao presente. Tomei *todos* os remédios, mas o que realmente preciso é de um pouco de ibuprofeno.

Tomo dois com um copo d'água. Vou até o lavabo do primeiro andar e ligo a luz, debruçando-me sobre a pia para examinar o rosto no espelho. O hematoma é enorme, erguendo-se sobre a maçã do rosto. A pele inchou, e o ferimento dói ao toque mais leve. Na noite passada, era apenas uma mancha vermelha. Hoje, está se espalhando por todo o rosto. Mas o inchaço não pressiona meu olho a ponto de fechá-lo, o que é um alívio. O hematoma desaparecerá em uma semana, tenho certeza.

Odeio isso. Sua preocupação com o aumento do hematoma cedo pela manhã desapareceu por completo quando minhas compras começaram a chegar. Foi o que bastou. Mais raiva e as mesmas perguntas insistentes da noite passada que ainda não respondi. Ele queria saber onde estive. Por que estava fora quando ele chegou em casa. O que eu estava fazendo.

Obviamente eu não podia contar onde estava — planejara chegar em casa antes dele, mas calculei errado, o que foi outro erro no fiasco da noite passada —, mas talvez devesse revelar algo. Ou não. Estou gostando de ter um momento de poder silencioso sobre ele. Posso estar trancada aqui dentro, mas o que ele quer saber está trancado na minha cabeça. Eu me aproveitarei disso. Ao me ver sozinha, porém, a exaustão me invade.

Não é só o rosto que dói. Os braços e as pernas também. Os músculos estão doloridos pelo esforço. Até minhas costelas doem um pouco.

Preciso de um banho. Preciso absorver tudo isso e pensar. Subo a escada devagar, lutando contra o peso do ódio e da piedade que sinto por mim mesma. Deixo a água correr e transfiro as camisas dele do nosso guarda-roupa para o guarda-roupa menor, no quarto de hóspedes. Eu as penduro em ordem de cor, como ele gosta. Eu as toco com toda a delicadeza que não posso dedicar a tocá-lo. A dúvida me sufoca, e eu me sinto muito, muito só.

Pego o celular na caixa de sapato nos fundos do armário, escondido sob um par de Jimmy Choos de cetim, então tiro a roupa e entro na água borbulhante. Mantenho o aparelho ao alcance da mão, na tampa do vaso sanitário. Talvez ele tente me ligar. Talvez esteja arrependido. Talvez me diga que quer consertar tudo. São pensamentos vãos. Já avançamos muito nessa longa estrada para que isso aconteça.

Fecho os olhos e deixo a água relaxar meus músculos. Meus batimentos cardíacos palpitam no rosto; um ritmo constante, amenizado pelo remédio que ele me obrigou a tomar. De um modo estranho, é uma sensação muito agradável. Estou prestes a cair no sono quando a vibração aguda do celular

me sobressalta e sento na banheira. É uma mensagem de texto. De Louise. Olho para a tela. Ela nunca entra em contato nos fins de semana.

Consegui!!!!

Fico olhando para as palavras e então sorrio, apesar da dor no hematoma. Ela conseguiu. Ela realmente conseguiu. Meu coração dispara, pulsando no peito e na maçã do rosto. Amo Louise. Amo de verdade. Tenho vontade de explodir de tanto orgulho.

De repente, já não sinto mais sono.

25

ANTES

A fumaça é forte e doce, e, quando atinge os pulmões, o choque é tão grande que ela tosse até os olhos se encherem de lágrimas. Ambos riem, apesar de ela sentir no peito o mesmo que sentiu nos dias que se seguiram ao incêndio.

Rob pega o baseado de volta e traga profundamente. Ele sopra anéis de fumaça.

— É assim que se faz, minha cara — explica, com um falso sotaque elegante.

— Onde você conseguiu essa merda?

Adele tenta tragar outra vez e já não se sufoca. O barato é quase instantâneo. Uma sensação formigante de tontura. Ela gosta.

Rob ergue uma das sobrancelhas.

— Tenho meu jeitinho irresistível.

— Não diga. Como?

Para ela, Rob é pura energia. Adele o ama um pouquinho, e sabe. Ele é tão *diferente*. Ela nunca conheceu alguém que desprezasse tanto as coisas que as pessoas acham importantes. As coisas que seus pais achavam importantes. As coisas que David acha importantes. Ter um plano. Uma carreira. Rob é como o vento. Segue como lhe aprouver. Destino desconhecido. Deve ser maravilhoso ser assim.

— Foi um dos enfermeiros. Eu o convenci.

— Quem?

Adele olha para ele. Não sabe por que perguntou.

— Isso importa? Todos são igualmente sem graça — diz ele, olhando para fora. — Foi um qualquer.

Estão trancados em um banheiro. O basculante está aberto, e eles se espremem um ao lado do outro para soprar a fumaça pela janela. Mesmo Rob tendo se oferecido para ir até a ala dela, Adele foi até a ala masculina. Queria fazer aquilo. Queria correr o risco. Sentir alguma coisa. E foi emocionante se esgueirar pelos corredores até a escadaria central, através da luz solitária do posto de enfermagem no andar de baixo, e depois seguir até a ala ilícita de Westlands. Ela estava ofegante e sorridente ao chegar e, com a erva queimando os pulmões, sente-se radiante.

Adele se pergunta qual enfermeiro arranjou aquilo para ele e por que Rob não quer contar. Será que é porque não explicou por que seu advogado veio? Ele não perguntou, mas ela o conhece bem e sabe que não foi por falta de curiosidade. Claro que ele é curioso. É a pessoa mais inteligente que ela conhece, exceto, talvez, David. Adele pega o baseado e traga. Uma brisa fresca ergue seu cabelo, e ela se sente como se estivesse voando. Adele ri um pouco, por nada. Voando. Talvez conte para Rob sobre o advogado. De qualquer modo, eles compartilham um segredo. Como se em sintonia com seu pensamento, Rob diz:

— Aonde você vai quando sonha? Você sabe... o que há do outro lado da porta?

— Vários lugares.

Sua resposta foge da pergunta. É difícil explicar. Para ela, a primeira vez foi há muito tempo. Agora é diferente, já mudou faz anos. Mas ele é novo nisso.

— Depende do meu humor.

— É tão estranho — comenta ele. — Estranho, mas brilhante.

Já se passaram cinco noites desde que Rob conseguiu pela primeira vez, e desde então ele tem se saído muito bem. Adele sabe que ele não está mentindo — não que ache que ele mentiria —, porque todos os terapeutas acreditam que houve progresso. Estão todos se achando. Ele se tornou o menino de ouro de Westlands depois que parou de gritar durante o sono. Pensam que o curaram. E que também a ajudaram. Ah, se soubessem que não têm nada a ver com isso... Há portas da mente a serem abertas, mas não como eles pensam. De modo algum. Como eles lidariam com a verdade? Provavelmente precisariam de terapia. Ela ri alto ao pensar nisso. Está começando a pensar como Rob.

— É como ter o mundo na ponta dos dedos — define ele.

— É. E sem pesadelos.

— Graças a deus.

O baseado que ele lhe passa está quase no fim, mas ela não se importa. Adele sente a cabeça leve e acha que fumar mais poderia deixá-la nauseada, mas está adorando sentir a pele sensível ao toque, e tudo o que quer fazer é rir. Tudo é engraçado. Ela sorri para Rob, que retribui o sorriso, e não precisam dizer mais nada. Após um tempo, ela descansa a cabeça no braço dele. É magro e rijo, tão diferente dos ombros largos e bíceps de fazendeiro de David. O relógio de David ficaria tão frouxo no pulso de Rob quanto no dela. Mas é gostoso apoiar a cabeça em Rob. Ela se sente segura.

Adele jamais poderia ter um momento parecido com David, o que a deixa um pouco triste. David mal sonha e não tem terrores noturnos. David não ouviu quando ela tentou lhe contar. David nunca seria capaz de fazer o que Rob fez; é um fato. Mas isso não a impede de se sentir maravilhosa por ter alguém assim. Um amigo capaz de fazer aquilo. Alguém com quem ela pode compartilhar esse tipo de coisa. Ao menos um pouco.

26

ADELE

Ele é fiel à sua palavra e só se ausenta por duas horas, e não causo problemas quando ele chega em casa. Embora a mensagem de texto de Louise tenha levantado meu ânimo, ainda estou assombrada pelos acontecimentos da noite passada e por meu enorme fracasso. Eu estava muito segura de mim, e agora minha confiança está abalada e me sinto terrivelmente só.

— Transferi suas roupas para o quarto de hóspedes — murmuro, quando ele me encontra na cozinha, devidamente intimidada.

Ele devolve a chave da porta da cozinha à fechadura e ao menos tem a decência de parecer constrangido por ter me trancado. Fica de costas por um instante e depois se vira. Ambos estamos cansados de brigar. Seus ombros estão tão caídos quanto os meus.

— Por que você pintou nosso quarto e o corredor com aquelas cores?

Ele já fez essa pergunta diversas vezes, mas adoro o modo como ele diz *nosso*, como se de alguma forma ainda houvesse um *nós*.

— São apenas cores, David — digo, repetindo a mesma resposta que dei todas as vezes. — Gosto delas.

Ele volta a me lançar aquele olhar, como se eu fosse uma estranha de algum planeta alienígena que ele nunca vai entender. Dou de ombros. É tudo o que tenho a oferecer.

— Não pinte o quarto de hóspedes.

Balanço a cabeça em concordância.

— Espero que esse negócio de você dormir lá seja temporário.

Isso é uma *conversa*. Essa total falta de comunicação. Talvez seja ele quem precise de medicamentos, em vez de passar os dias bebendo até o cérebro ficar anestesiado. Não é bom para ele. Não é bom para o futuro. Ele precisa parar, mas não estou em posição de impor nada. Talvez ele pare quando tudo isso acabar. Quem sabe assim finalmente me deixe ajudá-lo.

Ele sai e se esconde no escritório, resmungando algo sobre o trabalho. A conversa terminou por ora. Acho que ele ficou com vontade de tomar um conhaque só de olhar para mim, e não quero pensar em por que isso acontece.

Eu o deixo ir e não aviso que sei que tem várias garrafas de bebidas no escritório e que talvez eu não seja a única a ter segredos, por mais que ele pense que os esconde de mim. Mas vou fazer o que faço melhor: começo a preparar um cordeiro assado para o jantar. Há algo de acalentador em comer carne assada no jantar, e ambos precisamos disso.

Tempero a carne gordurosa com alecrim e anchovas. Então pico, refogo e cozinho batatas e outros legumes como acompanhamento, e o vapor faz meu hematoma pulsar. Eu o cobri com maquiagem, e David sem dúvida deve pensar que é para escondê-lo dele, mas está enganado. É para esconder de mim mesma. Estou completamente envergonhada pela minha própria fraqueza.

Uso nosso melhor jogo de jantar, acendo velas e disponho os pratos na mesa antes de chamá-lo. Eu já lhe servi uma taça de vinho, embora a minha contenha apenas água mineral San Pellegrino. Não sei se fiz tudo isso para agradá-lo ou para me confortar após o horror da noite passada. Busco algum sinal de aprovação, mas ele mal registra meus esforços.

Os pratos estão cheios, mas nenhum de nós come de verdade. Tento puxar uma conversa casual sobre seu trabalho voluntário — como se eu me importasse —, mas ele me interrompe.

— O que está acontecendo, Adele?

Olho para ele com um nó na boca do estômago. David não está preocupado. Está frio. Tudo isso faz parte do plano, mas não é o que quero. Não ainda. Tento pensar em algo para dizer, mas minhas palavras secaram. Só espero estar bonita à luz das velas, mesmo que ele esteja tentando não ver o hematoma disfarçado. David larga a faca e o garfo.

— O que aconteceu antes de nos mudarmos, aquilo foi...

— Culpa sua.

Minha voz sai, enfim, mesmo quase chorosa, unhas arranhando um quadro negro.

— Você sabe que foi. Você disse que foi.

— Eu disse aquilo para acalmar você. Não foi sincero. Você queria começar de novo, e foi o que tentei deixar acontecer.

Não acredito que David tem a audácia de dizer isso. Ele está transando com a recepcionista. Que recomeço! Também largo a faca e o garfo, pousando-os com cuidado na borda do prato. Meus esforços para o jantar serão em vão.

— Admito que cometi erros — digo. — E sinto muito. Você sabe que tenho problemas. Eu acho que a mudança me perturbou.

Ele balança a cabeça.

— Eu não posso mais contro... não posso mais cuidar de você. Só vou perguntar mais uma vez. Aonde você foi na noite passada?

Controlar. Foi o que quis dizer. Ele não pode mais me controlar.

— Saí para dar uma caminhada — respondo. — Perdi a noção do tempo. — Nós nos encaramos, e tento parecer inocente, mas ele não está caindo nessa. — É sério — acrescento.

E me arrependendo no mesmo instante. É uma expressão que todos usam quando estão mentindo. *É sério: ela é só uma amiga*. Foi o que David me disse quando morávamos em Blackheath. E, tudo bem, ele pode até não ter transado com a mulher, mas ela era mais do que apenas *uma amiga*.

— Isso não pode continuar — sentencia ele.

Está falando sobre nós ou sobre mim? Será que quer me trancar em algum lugar? Outra clínica onde as pessoas possam *me ajudar*, dessa vez a longo prazo, enquanto ele fica solto por aí com meu dinheiro? Isso me dá vontade de chorar.

— Acho que me esqueci de tomar alguns comprimidos — digo.

É um risco. Não quero que ele volte do trabalho para se certificar de que os tomei. Preciso estar lúcida, e, de qualquer modo, minha mente está funcionando muito bem.

— Vou me estabilizar — insisto. — Você sabe disso.

É como uma repetição dos primeiros tempos, só que ele não tem mais o amor por mim que o motivou antes de eu me recuperar. Esse poço está seco.

— Você sabe que nunca poderá me deixar, David — falo. É bom dizer seu nome em voz alta. — Você sabe.

É uma ameaça. Sempre foi uma ameaça.

E lá está o passado, na mesa entre nós, junto à carne assada intocada, ao creme de alho-poró, à cenoura agridoce e aos três tipos de batatas. E sei que, apesar de tudo, estou fazendo a coisa certa para salvar o casamento.

— Eu sei — diz ele, afastando a cadeira. — Eu sei.

Ele não olha para mim enquanto caminha em direção à porta.

— Vou tomar um banho e dormir cedo.

— Vou repintar o quarto — digo, para amenizar minhas últimas palavras. — Para o caso de você voltar a dormir lá.

Ele olha para trás e meneia a cabeça de forma quase imperceptível, mas a mentira está estampada nos seus olhos. Há apenas uma cama que ele quer compartilhar, e não é a minha. Pergunto-me o que Louise estará fazendo. Pergunto-me se estará pensando em mim ou nele. Pergunto-me se todo o meu planejamento está indo por água abaixo.

Pelo visto, o jantar acabou. Eu o vejo sair e, ao ouvir seus passos pesados na escada, me levanto e bebo seu vinho. Olho para a louça. Os restos de comida. A vida pela qual tanto lutei. Meu hematoma pulsa forte quando tento conter as lágrimas. Inspiro fundo. Nunca fui de chorar. Não sei o que aconteceu comigo. Eu mudei. Quase sorrio ao pensar nisso. Ao menos ainda tenho senso de humor.

Coloco a assadeira de molho na pia quando ouço a campainha. Uma explosão curta, aguda. Vou até o corredor e olho para a escada, mas o chuveiro está ligado, e David não ouviu. Fico sem fôlego. Quem pode ser? Não recebemos visitas. Não temos amigos. Apenas Louise. Ela não viria até aqui. Ou viria? Este não é o momento para ela confessar. Complicaria tudo.

Abro uns cinco centímetros de porta e espio pela fresta. Um rapaz está parado no segundo degrau, numa postura tensa, quase como se estivesse com medo de subir.

— Posso ajudá-lo? — pergunto baixinho, abrindo mais a porta.

— O Dr. Martin está? É Anthony. Diga que é Anthony. Sou paciente dele.

Ele mantém os olhos baixos, mas então olha para mim e me imagino aos olhos dele. Uma beleza frágil com um olho roxo. De repente, encontro alguma utilidade para a noite passada. Espio para trás, como se estivesse nervosa, antes de responder:

— Ele estava com dor de cabeça e foi dormir. Sinto muito.

Mantenho a voz baixa. Estou feliz por não ter me vestido muito bem. Mesmo com o hematoma eu ainda pareceria muito distante, muito fora de

alcance. Estou usando um vestido de verão comprido com alças finas, o cabelo solto. Seus olhos se detêm sobre mim, e conheço esse olhar. Já o vi em muitos homens. Surpresa, desejo, luxúria. É o efeito que exerço sobre eles. Acho até que ele já se esqueceu de David.

— Sou a esposa dele — falo, e, em seguida, para caprichar, acrescento: — Não posso falar com você.

As mãos do garoto magro de cabelos castanhos se contraem, e um dos pés bate no degrau, mas ele não se dá conta disso. Está usando uma camiseta preta, e vejo vestígios das marcas de picadas nos braços. Entendo o que ele é.

— Você precisa ir embora — sussurro, me inclinando para fora da porta, sabendo muito bem que, ao me debruçar daquela forma, eu lhe proporciono uma provocante visão dos meus seios. — Por favor.

Levo a mão ao rosto, onde o hematoma crescente marca minha pele.

— Não é uma boa hora.

— Você está bem? — pergunta ele.

Seu sotaque é bem de classe média, em desacordo com a aparência.

— Por favor, vá embora — repito. — Acho que ele está vindo.

Certifico-me de acrescentar uma pitada maravilhosa de urgência à voz, depois fecho a porta. Através do vidro, vejo que ele se detém por alguns instantes e, então, desaparece na noite.

Eu me apoio na madeira. Anthony. O nome dele é como doce ambrosia para mim. Meus ombros relaxam enquanto a vergonha pelo fracasso da noite passada se desvanece. Talvez tudo acabe dando certo.

27

LOUISE

— O que diabo aconteceu?! — exclamo, horrorizada.

É quarta-feira, a primeira vez que vejo Adele esta semana. E entendi por quê.

Pensei que teria notícias dela na manhã de segunda-feira — não só porque a academia meio que se tornou parte da minha rotina, mas também porque eu estava muito animada por poder controlar meus sonhos. Mais do que isso, achei que ela também estaria. Achei que ela desejaria ouvir *tudo*. Mas ela permaneceu em silêncio. Pensei em enviar outra mensagem, mas não queria mostrar carência. Além disso, ela me pagou uma taxa de sócia convidada na academia, e eu não queria parecer ingrata.

No começo fiquei apenas um pouco contrariada, mas, na segunda-feira à noite, quando estava sozinha em casa e David também não apareceu, minha mágoa se transformou em preocupação. Será que causei algum problema para Adele com minha mensagem no fim de semana? Será que David viu? Mas, se a tivesse visto, ele teria me procurado para saber o que estava acontecendo. É possível que ela tenha registrado meu número sob um nome falso. Talvez ele tenha feito o mesmo. Mas então por que não tive notícias dela? Será que ele tomou o celular de Adele?

Ontem, David estava silencioso no trabalho, e não houve nenhum dos sorrisos e rubores que sempre trocamos. Quando fui para a cama, na noite passada, após uma segunda noite sozinha, eu me senti abandonada pelos dois e precisei me esforçar muito para não enviar uma mensagem a ele perguntando se estava tudo bem. Estranho quão vazia minha vida se tornou

quando nenhum dos dois está por perto, e isso me deixou ainda mais preocupada. Eu *precisava* deles. Doeu perceber que David estava me evitando. Não ter notícias de Adele também despertava minha imaginação. Será que falaram a meu respeito? Eles e eu. Sempre eles e eu; não importa quanto eu me sinto entrelaçada aos dois. Entrelaçada ou presa. Uma coisa ou outra.

Mas, agora, com Adele à minha frente, entendo por que ela não quis me ver antes. Estou um tanto nauseada. Ela tentou cobrir com maquiagem, mas ainda dá para ver. Manchas roxas e verde-escuras na maçã perfeita do rosto. De certa forma, a base as torna mais perceptíveis, endurecidas e destacadas.

— Ah, não é nada — esquiva-se ela, concentrando-se em dirigir. Ou fingindo se concentrar para não ter que olhar para mim. — Um acidente idiota. Quando fui abrir o armário, bati a porta no meu rosto. Coisa mais boba.

Ela está tentando parecer descontraída, mas não caio nessa, e minhas pernas suam no banco quente do carro. Algo aconteceu. Observo-a bem enquanto aciona a seta e faz uma curva. Ela parece diminuída, até mesmo aflita. Seu cabelo perdeu o brilho. Pela primeira vez, sinto estar mais radiante do que ela. Estou diferente depois que passei a dormir bem. Revigorada e energizada. Não me sinto tão bem há muitos anos, se é que alguma vez me senti assim. É como se eu fosse uma nova mulher, e quero celebrar isso com minha amiga, mas, ao vê-la tão *diminuída*, quase fico culpada por estar alegre.

— Achei que poderíamos faltar à academia hoje — continua Adele. — Não estou bem-disposta. E está um lindo dia. Vamos almoçar no jardim e você poderá me falar sobre seus sonhos.

Ela sorri, então eu a vejo estremecer. Um leve tremor, mas o bastante para eu saber que a contusão ainda dói.

— Claro — concordo.

Minha mente está a mil. Quem bate a porta de um armário no próprio rosto? Com toda essa força? Será que é mesmo possível? *Telefonemas*. *Remédios*. *Hematomas*. Tudo isso me faz sentir um nó no estômago. Quero muito ignorá-los, mas todos os sinais mostram que pode haver algo seriamente errado com David. Adele adora academia. Por que ela não quer ir? Será que tem mais hematomas pelo corpo e receia que eu os veja no vestiário?

Quero dizer alguma coisa, verificar se ela está mesmo bem, mas seu celular começa a tocar no console. Não preciso perguntar quem é.

— Eu só vou à academia — diz Adele ao atender, quase se desculpando. — Sim, claro. Não, voltarei direto para casa. Prometo. Certo. Falo com você depois. Tchau.

— Nossa, que romântico — comento, em tom seco, antes de abrir a janela.

Está quente no carro, e me sinto nauseada após ver o hematoma e ouvir a conversa dos dois. Estou me sentindo péssima. Com raiva. Irritada. Confusa. A razão para David ter evitado a minha cama não é a recuperação de seu casamento, isso é certo.

— Vocês discutiram?

Não uso a palavra "brigaram". Eu não quero que ela pense que quero saber se David bateu nela, apesar de ser *exatamente* o que estou perguntando, mesmo que não imagine como aconteceu. Não com *meu* David, pelo menos. O David de Adele é um estranho.

— Ah, não — diz ela, sem me olhar, enquanto estaciona o carro. — Não, nada disso. Só, você sabe, coisas do casamento.

Eu me dou conta de que nada sei sobre o relacionamento deles, só que parece ser muito diferente da maioria dos casamentos, diferente daquilo que eu e Ian tivemos. Nós nos dávamos bem antes da infidelidade, assim como todos os casais. Às vezes brigávamos, mas nunca tive medo dele. David e Adele não são nada assim. Os telefonemas, o nervosismo dela, as mudanças de humor dele, os remédios... e agora isso. Quantos desses indícios devo ignorar só porque ele parece diferente comigo? Eu adoro Adele. Ela me concedeu a capacidade de dormir bem, o que é a melhor coisa do mundo. Eu não quero que ela se sinta infeliz e magoada. Mas meus sentimentos por David também são reais. Estarei sendo tola? Será que ele é violento? Será que em breve estarei com um olho roxo? Tudo isso me parece surreal.

Será que ele bateu nela?, penso, ao sair do carro. *Será?* Com certeza não. Talvez Adele esteja dizendo a verdade e só tenha sofrido um acidente doméstico idiota. Talvez seja por isso que David não me visitou. Estava cuidando dela. Sentindo-se culpado? A tensão no estômago diminui um pouco quando me agarro a essa explicação e sigo Adele até a porta. Foi só um acidente.

Há uma esteira encaixotada no corredor, e Adele ri quando a vejo — um som de vidro quebrado tilintando. Ela diz que David lhe deu a esteira de presente, mas que vão devolvê-la. Ela não queria parar de ir à academia.

Meu humor volta a azedar quando minha mente acrescenta essa nova peça ao quebra-cabeça. Aquilo era para ser um belo presente ou teria alguma motivação mais sinistra? Será que David estava tentando prendê-la ainda mais em casa? Se Adele não tivesse que ir à academia, haveria um motivo a menos para ela sair e conhecer pessoas novas. Talvez isso tenha provocado uma briga. Será que Adele tentou se impor, e ele bateu nela? E, por se sentir culpado pelo comportamento, ele cedeu e está devolvendo a esteira? Mas, se David se preocupa tanto com o modo como ela passa o tempo enquanto ele está trabalhando, por que transa comigo? Por que não fica em casa com ela o tempo todo? E por que não se preocupa comigo quando não estamos juntos? Talvez seja muito cedo para isso. Já vi filmes em que os homens são muito charmosos no início, e, então, começa a violência. É uma sensação estranha pensar em David e violência em uma mesma frase. Talvez ele não se importe comigo o suficiente para querer saber de cada movimento meu. *Talvez*, tento dizer para mim mesma, *ele não tenha batido nela*.

— Qual armário? — pergunto, quando estamos na cozinha.

Parte do meu cérebro me diz para calar a boca e deixar passar, mas sou muito curiosa. Não consigo evitar. Ela me olha, confusa, quando pega os pratos e, sem esforço, começa a preparar o almoço — um estilo sofisticado de tapas, que parece não admitir que o salpicão ou o homus sejam servidos à mesa nos recipientes em que foram comprados, como fazem as pessoas normais.

— Qual armário? Você sabe...

Faço um gesto com a mão ao redor do rosto.

— Ah! Ah, sim.

Por um instante, seus olhos percorrem freneticamente a fileira de armários.

— Aquele. Em cima da chaleira. Foi muito idiota. Eu queria pegar um ibuprofeno, a chaleira estava fervendo, o vapor entrou nos meus olhos e não vi o que estava fazendo. Tão idiota.

Meneio a cabeça e sorrio, mas meu coração bate forte, e sei que ela está mentindo. Ela escolheu ao acaso, e, de onde estou, tenho certeza de que ela teria que se agachar um pouco para a quina da porta atingi-la. Não entendo

como a porta poderia ter batido no rosto se era ela quem estava abrindo. Não com força suficiente para causar tanto estrago. É uma contusão antiga, de alguns dias atrás.

Quase faço a pergunta que paira entre nós: *Foi David quem fez isso?* Mas me acovardo. Acho que não quero saber, não aqui e não agora. Não onde minha reação não possa ser moderada. Minha culpa ficaria evidente. Eu acabaria contando tudo o que fiz com ele, e não posso fazer isso. Não posso. Eu perderia os dois. E, de qualquer modo, Adele está muito frágil. Ela provavelmente ficaria arrasada.

Ainda enjoada, pego uma garrafa de água com gás aromatizada com flor de sabugueiro, duas taças e as levo para o jardim. Pela primeira vez em muito tempo, estou louca para fumar um cigarro de verdade, e não hesito em pegar o cigarro eletrônico na bolsa.

— Então, conte! — diz ela, juntando-se a mim com dois pratos cheios de comida que parece maravilhosa, embora eu não sinta a menor vontade de comer. — Você conseguiu mesmo?

— Consegui.

Exalo uma longa baforada de vapor, deixando que a nicotina me acalme um pouco. Pela primeira vez hoje, vejo felicidade verdadeira no seu rosto, e ela bate palmas com uma alegria infantil.

— Eu sabia que você ia conseguir! Eu sabia.

Sorrio. Não resisto. Afasto David dos pensamentos por enquanto. Eu *compartimentalizo*. Aqui somos eu e Adele. Seu casamento não é problema meu. Além disso, é mesmo egoísta, mas eu estava morrendo de vontade de contar para ela desde que acordei na manhã de domingo.

— Estou me sentindo tão bem... Nunca imaginei a diferença que algumas boas noites de sono poderiam fazer na minha vida. Tenho muito mais energia.

— Mas me diga! Como você conseguiu?

— Simplesmente aconteceu — respondo, dando de ombros. — Foi muito fácil. Adormeci lendo o caderno que você me deu, na parte em que Rob encontra a porta dos sonhos, de modo que isso deve ter se infiltrado no meu subconsciente. Comecei a ter meu pesadelo de costume, Adam me chamando, perdido naquele casarão velho e abandonado, e eu tentando encontrá-lo enquanto tentáculos escuros saíam das paredes e tentavam agarrar minha garganta.

Eu me sinto uma idiota contando isso, porque parece tão estúpido, mas ela está em êxtase.

— Então, parei de correr e pensei: "Eu não preciso estar aqui. Isto é um sonho." E, então, lá estava, bem na minha frente.

— Uma porta? — pergunta Adele.

— É. A porta da casa de brinquedo que eu tinha quando era criança. Rosa, com borboletas pintadas. Mas era maior, como se tivesse crescido comigo. E apareceu ali, do nada. Vê-la me fez pensar na casa em que cresci antes de meus pais irem para a Austrália para tentar salvar a merda do casamento deles. Então, eu me agachei, abri a porta e me joguei. Eu estava lá. De volta àquela casa. Exatamente como era na minha infância.

— O que aconteceu com a porta?

— Olhei para cima, e a porta não estava mais lá. Foi quando me dei conta de que tinha conseguido.

— E você não acordou quando viu que estava controlando tudo? Acho que demorou um pouco para Rob conseguir permanecer no sonho.

— Não, eu estava bem.

Meu estômago está voltando ao normal, e como um pimentão recheado com ricota antes de continuar a falar, gostando de compartilhar a experiência.

— Andei pela casa, comi a torta de maçã da minha mãe, que estava na geladeira, depois fui até meu antigo quarto, deitei na cama e dormi.

— Você foi para a cama?

Ela olha para mim com uma expressão entre incrédula e sorridente.

— Você poderia ter ido para qualquer lugar que quisesse e foi dormir? Ora, Louise!

Ela balança a cabeça, ri e, dessa vez, não estremece. Eu a fiz se sentir melhor.

— Nossa, mas foi um sono tão bom — retruco. — As últimas noites têm sido surpreendentes. Creio que posso dizer que você mudou minha vida. Eu não percebia quanto estava cansada.

Ela enfia um pedacinho de pão pita e homus na boca e balança a cabeça enquanto mastiga, ainda rindo.

— Você foi dormir.

— Pois é.

É minha vez de rir.

— Você vai se sentir igualmente descansada, não importa o que faça — garante ela. — Confie em mim. Você pode ir para qualquer lugar e com quem quiser. O sonho é seu. Você está no controle.

— Hum, você disse em qualquer lugar e com quem eu quiser?

Ergo uma das sobrancelhas.

— Robert Downey Jr. me vem à mente. Mas uma cama continuaria em jogo.

Ambas rimos, e sinto uma onda de afeição por ela. Adele é minha amiga. E eu sou uma piranha. Ela não tem muitos amigos, e justo a amiga que ela está ajudando tem um caso com seu marido, que já a trata bastante mal. Ótimo. O fato de ela me ajudar me faz pensar no Rob do caderno.

— No sonho, Rob foi para uma praia — comento. — Ele imaginou que você estava lá.

Tenho um pouco de receio de mencionar o caderno. Ela pode se lembrar de quantos detalhes há ali e querer que eu o devolva, mas estou fazendo tanta coisa errada que dessa vez quero fazer ao menos *uma* coisa certa. Eu não quero ler mais, a menos que ela não se incomode.

— Tem certeza de que não se importa que eu leia? Parece bastante pessoal. Eu me sinto um tanto estranha lendo sobre seu passado pelos olhos de outra pessoa.

— Foi há muito tempo — murmura ela, e, por um instante, uma nuvem que passa no céu projeta uma sombra escura de algo triste no seu belo rosto, que logo volta a se iluminar. — Eu sabia que melhor do que eu tentar explicar seria você ler a história de outra pessoa que conseguiu. Sou terrível para explicar as coisas.

Lembro-me da primeira vez que a vi, antes de correr e me esconder no banheiro. Eu a achei tão elegante e controlada, tão longe dessa mulher nervosa e autodepreciativa. É estranho como parecemos ser diferentes de quem realmente somos. Como ela me vê? Aos seus olhos, serei uma loira atarracada e malvestida, ou serei algo mais?

— Então, você não se importa?

— Não. — Ela balança a cabeça. — Na verdade, pode ficar. Eu já deveria ter jogado esse caderno fora há muito tempo. É uma época que tentamos não lembrar.

É compreensível. Ela tinha acabado de perder os pais em um incêndio, e deve ter sido terrível. Mas ainda estou intrigada com a vida descrita naquelas páginas.

— Você ainda é amiga de Rob?

Ela nunca o menciona, o que parece estranho, considerando quão próximos eram em Westlands.

— Não — responde, olhando para o prato, e dessa vez não é necessário que uma nuvem lance uma sombra sobre seu rosto. — Não. David não gostava dele. Não sei onde ele está.

A campainha toca, Adele se desculpa e sai apressada para atender e o clima se desfaz. *David não gostava dele*. Outro sinal do comportamento controlador de David que meu cérebro precisa ignorar. Se bem que talvez eu não precise pensar mais nisso. Ele não foi me ver esta semana e nem prestou atenção em mim no trabalho. Talvez nosso envolvimento tenha acabado. Eu odeio quanto isso me magoa.

Adele volta, murmurando algo sobre um vendedor de toalhas de mesa e dizendo que *agora estão em toda parte, com esta economia horrorosa*, e não insisto no assunto de Rob. Não quero dizer nada que possa fazê-la pedir o caderno de volta. Entendo muito pouco sobre essas duas pessoas que se tornaram tão importantes na minha vida para perder esse vislumbre do seu passado. E, se Adele não se importa, não há nenhum mal nisso, certo?

28

ADELE

— Ora, francamente! Sério? Essa pergunta é séria?

Meu riso ao telefone é um agradável tilintar, e quase ouço o Dr. Sykes relaxar um pouco do outro lado.

— Sinto muito. Eu sei que o assunto não é engraçado e não estou rindo disso, mas David? Isso, sim, é engraçado. Sim, estou com um hematoma no rosto, mas foi culpa minha. Um momento desajeitado na cozinha. Certamente David lhe disse a mesma coisa.

Para ser honesta, estou me divertindo enquanto o Dr. Sykes fala ao meu ouvido. Os drogados exageram, e, é claro, Anthony quer me *salvar*, então floreou o que viu. Maravilhosamente perfeito. Contei a David que seu paciente bateu à nossa porta no domingo à noite. É claro que contei. Ele acabaria descobrindo quando o rapaz o encontrasse para mais uma sessão. Mas eu não revelei que dei a impressão de estar com medo. Nem que Anthony voltou quando Louise estava aqui, quase causando uma cena. Eu me livrei dele bem depressa, mas não sem insinuar que estava feliz em vê-lo. Ao que parece, ele estava preocupado comigo. Que amor de garoto.

Talvez eu deva almoçar com Louise no centro, em vez de almoçarmos aqui, para o caso de ele estar vagando pelas redondezas e ela o veja.

David foi para o trabalho na segunda-feira e logo recomendou um novo terapeuta para Anthony, muito perturbado com o fato de ele tê-lo seguido para descobrir onde morávamos. Talvez mais de uma vez. Talvez tenha passado várias noites na rua, estudando a casa, tentando arranjar coragem para se aproximar. De acordo com David, Anthony só é viciado porque é

obsessivo e desenvolveu uma fixação por ele. Não posso culpá-lo por isso. Eu também sou louca por David desde que o vi pela primeira vez, mas parece que as obsessões de Anthony são um pouco mais inconstantes. Bastou um olhar para meu belo rosto ferido, que sua fixação se transferiu para mim. E agora estou aqui, ao telefone, defendendo meu pobre marido contra acusações de agressão à esposa.

Ao menos o Dr. Sykes parece estar extremamente desconfortável por ter que falar comigo a esse respeito. Ele me colocou no viva voz. Ouço um leve eco. Será que é David quem está ouvindo? Imagino a cara dele quando decidiram ligar para mim. Em pânico. Ele não gostaria que isso acontecesse. Não sabia o que eu poderia dizer, o que me irrita um pouco. Ele devia confiar mais em mim. Eu jamais prejudicaria sua carreira. Por que faria isso? Quero que meu marido seja bem-sucedido. Sei quanto o trabalho é importante para ele.

— Para ser clara — digo. — Não houve briga. E jamais discutiríamos na frente de um estranho. E, certamente, não de um paciente.

Discutir. Minhas palavras têm o tom certo de indignação. Afinal, somos todos muito classe média, e o Dr. Sykes ainda mais. Deve estar mortificado.

— O rapaz tocou a campainha e pediu para ver David enquanto eu estava arrumando a cozinha após o jantar, e eu disse que David tinha ido se deitar, pois estava com dor de cabeça. Ele deve ter visto meu hematoma e criou uma história em torno disso. Será que ele estava se sentindo rejeitado pelo meu marido e quis puni-lo de algum modo?

Sei exatamente como é. É uma coisa que eu e o jovem Anthony Hawkins temos em comum.

— Foi o que pensei — diz o Dr. Sykes. — Mas, obviamente, quando ele contou para os pais o que viu... bem, o que *disse* ter visto, eles se sentiram na obrigação moral de apurar os fatos.

Ele parece aliviado. Talvez tivesse dúvidas. Não seria surpresa para mim. É tão fácil plantar tais sementes nas pessoas. Afinal, nenhum de nós conhece um ao outro de verdade.

— Claro — concordo. — E, por favor, agradeça-lhes pela preocupação, mas não há nada com o que se preocupar. Exceto, talvez, minha falta de jeito.

Dou uma leve risada, então, como se ainda estivesse achando graça, digo:

— Pobre David. O tipo de homem que jamais bateria em uma mulher. Por favor, diga à família do rapaz que espero que ele encontre a ajuda de que precisa.

Isso pode ser útil, penso, após me despedir e desligar. David ficará aliviado com o fato de que lidei bem com a situação, e espero que me dê um pouco mais de espaço e volte para suas noites de esbórnia com a duas-caras da Louise. Se ele continuar me sufocando, poderei ameaçar contar para o Dr. Sykes que eu estava mentindo e que ele *de fato* me bateu. Seria uma ameaça vazia — em comparação com outras que posso fazer, mesmo que David não se dê conta disso. Por que eu o prejudicaria? Sim, somos ricos, mas David sempre precisou de algo mais, e não posso privá-lo da carreira. Isso o destruiria.

Mas posso recorrer a Anthony. Ele se sentirá muito mal por seus pais terem ido à clínica denunciar a agressão. Sua culpa por ter me colocado em potencial perigo diante do meu marido violento é algo que posso usar para que ele faça o que eu quero. E a cereja do bolo é que, mesmo que ele conte a alguém, será considerado apenas mais uma de suas fantasias. Ninguém lhe dará ouvidos.

Rapidamente, envio uma mensagem para David.

> Você está bem? Esse menino precisa de ajuda!! Bjs.

Sei que eles ainda devem estar na sala e que é provável que Sykes veja a mensagem. Outra prova de inocência vem bem a calhar. E é também um lembrete para meu marido de que, quando as coisas vão mal, somos e sempre seremos uma equipe. Isso não vai resolver os problemas do casamento — até mesmo eu sei que ele está muito furioso —, mas vai abrandar sua atitude.

Ouço a campainha, três toques agudos. Frenéticos. O pobre rapaz veio me bajular, imagino.

Tudo está indo muito bem.

29

LOUISE

Sirvo-me de um copo de vinho ainda com a bolsa no ombro. Meus nervos estão à flor da pele, e sinto como se houvesse formigas na minha cabeça. Não sei o que pensar.

Saí para caminhar na hora do almoço a fim de esticar as pernas doloridas da corrida de ontem à noite e para desanuviar os pensamentos, cansada de ficar observando a porta da sala de David e desejando que ele me chame para explicar que diabo está acontecendo. Fiquei no limite o dia inteiro. Ele me ignora como se fôssemos adolescentes, em vez de adultos, e não entendo por que não pode dizer que não quer mais me ver. Afinal, foi ele quem começou tudo. Não eu. Por que ele não fala comigo? Meu estômago está tão apertado que eu não seria capaz de comer, mesmo que quisesse.

Decidi que, depois da caminhada, esclareceria essa história com ele — mesmo não sendo uma atitude profissional —, mas, quando voltei, David não estava na sala, e Sue, radiante de animação, me disse que os pais de Anthony Hawkins tinham chegado e que eles e David estavam com o Dr. Sykes.

— Anthony disse que viu o Dr. Martin batendo na esposa. Na cara!

Sue sussurrou isso com tanta alegria que senti como se tivesse sido eu quem levou o soco. Fofoca para ela, mais um tormento para mim. Eu não vi David depois disso. Sentei-me à mesa, minha mente era um borrão de pensamentos e preocupações mal formulados, e eu só queria ir embora dali — o que fiz às cinco em ponto. Eu queria uma taça de vinho. Queria pensar.

Ainda não sei *o que* pensar. O vinho é fresco e revigorante, de modo que pego o cigarro eletrônico e me sento na varanda, deixando o ar fresco entrar no apartamento abafado. Adele diz que bateu a cabeça na porta de um armário, mas Anthony afirma que David bateu nela. Por que Anthony mentiria? Mas, se for verdade, como foi que Anthony viu? Estaria espiando através das janelas? David recomendou-o a um novo médico na segunda-feira, e imaginei que era porque o rapaz se apegara demais a ele. Mas talvez tenha sido porque Anthony viu algo que David não queria que ele visse.

Eu me sinto mal e bebo mais vinho, a cabeça já ligeiramente tonta. Não comi muito hoje, e agora meu apetite desapareceu.

Estou tão perdida em pensamentos que a campainha toca duas vezes antes de eu ouvi-la. Volto a entrar.

— Oi.

É ele. São quase seis da tarde, e ele está à minha porta pela primeira vez na semana. Pensei que jamais voltaria, e fico surpresa demais para dizer qualquer coisa ao deixá-lo entrar. Ele trouxe uma garrafa de vinho, que abre de imediato, e tira outra taça do armário.

— Sinta-se em casa — murmuro, um turbilhão de emoções conflitantes.

— Gostaria de me sentir — diz ele, com uma meia risada dolorosa ou com pena de si mesmo, não sei distinguir.

Ele entorna a taça e volta a enchê-la.

— Que merda de dia — diz ele, inclinando a cabeça para trás e deixando escapar um suspiro. — Que merda de vida.

Agora que diminuí radicalmente meu consumo, percebo que ele bebe muito. Será que ele é alcoólatra? Foi isso que aconteceu? Olho para ele. Uma briga, um punho, um rosto.

— Não posso ficar muito tempo — diz ele. Então, me puxa de encontro ao peito. — Mas eu precisava ver você. Digo a mim mesmo que devo parar, *prometo* para mim mesmo que vou parar, mas não consigo.

— Você me vê todos os dias.

Estou rígida nos braços dele. Esse cheiro é de conhaque? Um pensamento terrível me ocorre. Será que David bebe no escritório? Ele beija o topo da minha cabeça, e, sob a bebida e a loção pós-barba, sinto seu cheiro e não resisto. Para ser honesta, anseio por senti-lo quando estou sozinha à noite. Mas se ele acha que vamos direto para a cama, ou mesmo que vamos depois, está muito enganado. Há dias ele mal olha para mim e

agora simplesmente aparece. Eu me afasto e bebo o vinho. Ele que se dane. Olho para a mão de David na taça. Forte. Grande. Lembro-me do hematoma no rosto de Adele. Pela primeira vez, serei a amiga que ela pensa que sou.

— Mas não assim — diz ele. — Não quando podemos ser nós.

— Nós.

A palavra parece vazia quando a repito.

— Mas não existe um *nós*, não é mesmo?

Eu me debruço sobre o balcão da cozinha, em vez de levá-lo para o quarto ou para a sala de estar, como de costume. Não falei com Adam hoje, e não vou perder isso, não por causa de um homem infiel que talvez bata na esposa. De repente, fico cansada. Adam voltará para casa daqui a uma semana, então toda essa loucura terá que acabar de qualquer forma. Talvez seja um alívio.

Ele franze a testa ligeiramente, percebendo meu mau humor.

— Você está bem?

Dou de ombros. Meu coração dispara. Odeio conflitos. Não sei lidar com esse tipo de situação. Tendo a voltar a ser uma adolescente calada e taciturna, em vez de cuspir o que penso estar errado. Bebo o vinho e inspiro fundo. Foda-se. É a única chance que terei de falar sobre o casamento dele. É algo que eu *posso* saber.

— Sue me contou o que aconteceu. Com os pais de Anthony Hawkins. O que eles disseram?

— Graças a deus está tudo esclarecido — diz ele. — Eu não precisava disso hoje.

Ele me olha, percebe minha desconfiança, e a decepção toma sua expressão.

— Nossa, Louise!

— O quê?

Minha voz é de quem está na defensiva, e é assim que me sinto. Agora que ele está aqui na minha frente, eu me sinto uma idiota por quase ter acreditado que ele poderia ter feito algo assim. Nem mesmo Adele disse que ele bateu nela. Mas muita coisa não faz sentido, e não entendo nada.

— Você acha mesmo que eu bati na minha esposa?

— Não sei o que pensar. Você nunca fala sobre seu casamento. Sobre sua esposa. E está fazendo *isso*.

Aponto para meu apartamento patético como se ele estivesse transando com o imóvel, e não comigo.

— Pelo menos é o que faz quando resolve aparecer. Nós conversamos, mas você nunca fala sobre seu casamento. Você se fecha toda vez que tento perguntar qualquer coisa e sempre parece tão infeliz que não entendo por que ainda continua com *ela*. Basta pedir a merda de um divórcio!

As palavras jorram da minha boca, toda a confusão e mágoa reprimida borbulhando furiosamente dos meus lábios. Eu vi o hematoma de Adele. Sei quão frágil ela é. Sei sobre os telefonemas. Não posso dizer nada disso, por mais que eu queira que ele se explique, então tudo o que posso fazer é trazê-lo para a bagunça que somos nós. A bagunça da qual ele só sabe a metade.

David me olha como se eu o tivesse esfaqueado, mas prossigo:

— Quer dizer, não é justo com ela também, certo? Isso que você está fazendo.

Ele me interrompe.

— Você precisa mesmo me perguntar se a agredi? Você me conhece!

Quase rio.

— Conhecer você? Como eu poderia? Você me conhece: eu sou um livro aberto. Você sabe quase tudo sobre mim. Conversamos sobre *mim*. Mas e você? Eu não sei o que pensar sobre você.

— Claro que eu não agredi minha esposa, porra!

Seus ombros afundam, a vida se esvaindo de dentro dele.

— Ela diz que bateu a porta de um armário da cozinha no rosto. Nem sei se isso é verdade, mas sei que eu não a agredi.

Estremeço, inundada de alívio. Ao menos os dois me deram a mesma explicação.

— Anthony foi até minha casa no domingo à noite — prossegue David. — Mas eu estava no banho. Ele deve ter visto o rosto dela e inventou a história para chamar minha atenção, ou para me ferir, ou sei lá para quê.

Talvez seja verdade. Parece verdade. E eu me sinto terrível por ter duvidado dele, por ter duvidado dela, mas o que eu poderia fazer com todas as perguntas presas dentro de mim? Sobre eles, sobre nós, sobre para onde tudo isso está indo?

— Por que você nunca conversa comigo? — pergunto. — Conversar de verdade. Sobre sua vida.

Ele olha para a taça de vinho.

— Eu não sei por onde começar — responde. — E não é da sua conta. Eu não quero que seja da sua conta. Eu não quero... — Ele hesita, procurando a

palavra certa. — Eu não quero *contaminar* você com tudo isso.

— Como assim? Veja, eu não espero que você a deixe para ficar comigo. Eu sei que não sou importante para você...

Ele me interrompe.

— Não é importante para mim? Você é a única coisa boa que eu tenho. É por isso que tomo tanto cuidado. É por isso que não quero falar com você sobre meu casamento ou minha vida. Eu não quero nada disso entre nós dois.

Ele esvazia a taça em vários goles longos. Como alguém pode beber assim e não querer vomitar? Taça após taça, e tão rápido. A pena que ele dedica a si mesmo não é atraente, mas meu lado carente adora saber que ele acha que sou importante. Eu me sinto mais forte.

— Vamos esquecer de mim por um instante — digo. — Obviamente, você é infeliz no casamento. Então saia da relação. Foi o que meu marido fez, e eu não morri por isso. Doeu, mas superei. A vida segue em frente.

E Ian vai ter um bebê com a mulher que me substituiu, e eu sou como um fantasma na minha própria vida.

Guardo o pensamento para mim e concluo:

— Não vejo qual é o problema.

— Para entender qual é o problema, você precisaria nos conhecer. De verdade. E eu nem sei se eu e ela ainda nos conhecemos um ao outro.

Suas palavras são bruscas e amargas enquanto ele olha para a taça.

— Mas algo precisa mudar — conclui ele, por fim, com a voz ligeiramente pastosa. — E eu preciso descobrir como fazer isso. Para me livrar dela *em segurança*.

— Talvez você devesse conversar com ela — sugiro, tentando ser tão leal a Adele quanto possível em um momento desleal. — Ela é sua esposa. Deve amá-lo.

Ele ri, primeiro com um bom humor repentino, mas logo a risada azeda.

— Ah, ela me ama mesmo. Eu acho.

Penso na minha frágil amiga, correndo para atender os telefonemas, tomando remédios e preparando jantares, e fico com raiva. Como ele pode tratá-la assim? Com tanto *desprezo*? Se não a ama, deveria deixá-la livre para amar alguém. Alguém que a tratasse tão bem quanto ela merece.

— Vá para casa — digo, fria. — Vá para casa e resolva essa merda com sua esposa. Eu não posso lidar com isso agora.

Ele não diz uma palavra, mas se vira para mim, os olhos começando a brilhar por causa do álcool. Será que está de carro? Decido que não me importo. É problema dele. Só quero que vá embora.

— Vá — repito. — E pare de beber. Você está um lixo.

Tenho vontade de chorar. Por ele, por Adele, por mim. Principalmente por mim. Não quero brigar com ele. Quero entendê-lo.

Não olho para David quando ele sai, e não retribuo quando ele dá uma apertadinha na minha mão, ao passar.

— Vou resolver isso — murmura à porta. — Vou dar um jeito. Prometo.

Não ergo os olhos. Não lhe dou nada. Posso ser uma piranha duas-caras, mas quero dar um basta. Eu o desejo, mas não assim. Não posso mais continuar assim. Não posso. Ele e Adele estão me partindo em duas.

* * *

Depois que ele se vai, sirvo-me de outra taça de vinho e luto contra o desejo idiota de chorar ao falar com Adam ao telefone. Meu ânimo não melhora nem mesmo diante da alegria borbulhante do meu filho falando sobre seu dia no parque aquático e os escorregadores que desceu com Ian. Parte da minha mente volta o tempo todo à conversa com David. Murmuro todas as coisas certas, e é agradável ouvir meu menino, mas fico aliviada quando ele diz que precisa desligar. Necessito de silêncio. Sinto-me vazia, esgotada, triste e um monte de outras coisas que não quero analisar. É nossa primeira discussão, e talvez seja a última. Também percebo, tarde demais, que não acredito que ele bateu em Adele. Não no fundo. Não mais.

Mesmo que ainda não sejam nem nove horas, tomo o vinho e rastejo para baixo do edredom. Quero esquecer tudo por um tempo. Dormir e esquecer. Talvez tudo esteja melhor pela manhã. Estou entorpecida, mas parte de mim ainda me odeia por tê-lo mandado embora quando podíamos estar juntos na cama. Na cama com *meu* David, não com o de Adele. Não paro de ver a expressão dele quando percebeu que eu estava me perguntando se ele bateu na esposa. A decepção terrível. Por outro lado, também não paro de ver o hematoma no rosto de Adele. Todos os seus medos e segredos expostos em tons doentios de verde e suaves de azul. Tenha ou não ocorrido a agressão, há algo de anormal no casamento deles. Mas nada é normal nessa história, e provavelmente sou a pior dos três.

É como se eu estivesse presa. Não sei o que fazer, de modo que faço a única coisa que posso: esvazio a taça de vinho, a cabeça rodando de álcool, e fecho os olhos. Adam voltará para casa em breve, então poderei me recolher nele, na segurança de nós dois. Concentro-me nos pensamentos sobre meu filho. A única pessoa que posso amar sem culpa ou recriminação. Adormeço.

Quando os pegajosos tentáculos de sombras se aproximam, abro a porta da casa de brinquedo e não me vejo mais na minha casa de infância, e, sim, na casa em que Ian e eu morávamos quando nos casamos. Quando ainda éramos felizes. Estou no jardim, e o dia ensolarado está perfeito — não muito quente, o calor é leve e delicioso, e estou brincando com Adam. Mas ele tem seis anos, como hoje, não é mais o bebezinho que era quando moramos naquele lugar, e estamos no lago tentando pegar girinos. Nossos pés estão molhados e enlameados, mas rimos enquanto mergulhamos a ponta da rede e os potes de geleia na superfície viscosa da água.

O cheiro de carne na brasa paira no ar, e ouço a voz de David, antes mesmo de pensar nele conscientemente, anunciando que os hambúrgueres estão prontos. Nós nos viramos, sorrimos, e Adam corre até ele. Estou prestes a segui-lo quando vejo com o canto do olho algo brilhando na lagoa. Algo sob a superfície que cintila nas bordas enquanto se forma, quase prateado sob a água escura. Franzo as sobrancelhas, confusa. O sonho é meu — eu o estou controlando, mas não sei o que é aquilo. Avanço pela superfície da lagoa, atravessando-a como Jesus — quase rio ao pensar nisso, eu sou o deus no sonho —, até me agachar ao lado daquilo. Mergulho a mão na água, fazendo-a ondular, mas a coisa brilhando lá embaixo permanece imóvel. É outra porta, percebo, e as bordas brilham ainda mais, como se para confirmar meus pensamentos. Procuro a maçaneta, mas não encontro. Uma porta sem maçaneta, e uma que não imaginei. Não sei por que está aqui.

Olho para a porta mais um instante, mas David e Adam me chamam. Eles estão me esperando para comer, e quero estar com eles. A porta brilhante desaparece, então tudo desaparece, exceto a lagoa embaixo de mim.

Acordo cedo, pouco depois das cinco, desidratada pelo vinho e decepcionada comigo mesma. O sonho que criei foi tão perfeito, nós três como uma família feliz, e, apesar da sede estou descansada, como Adele disse que eu ficaria. O desprezo que sinto por mim mesma pesa mais um

pouco. Eu deveria ter imaginado Adele no sonho. Deveria ser leal a ela. Adele tem sido muito boa comigo, enquanto David é um bêbado infiel, pouco confiável e deus sabe mais o quê, mas, ainda assim, a julgar pelo sonho, eu sou louca por ele. Posso não ter permitido que transasse comigo, mas permiti que entrasse na minha mente. E não apenas para transar. No sonho, eu fiz com que me amasse, que eu o amasse e fôssemos uma família, nenhum sinal de Adele em parte alguma. Eu a varri da existência.

Gemo e me levanto para encher a chaleira de água e colocá-la no fogo.

* * *

Estou bem desperta após ter ido dormir tão cedo, e não há por que tentar voltar a dormir por apenas uma hora. Enquanto espero a chaleira ferver, tentando afastar a intensidade da vida com que sonho, olho para o quarto de Adam e sou tomada por uma pontada de emoção ao lembrar que em breve ele estará em casa, então talvez eu deva começar a me afastar de Adele. Seguir o conselho de Sophie. Eu deveria me livrar dos dois, Adele e David, e a bagunça idiota na qual me meti.

Tomo um banho para me recuperar da leve ressaca, depois me visto e estou pronta para o trabalho, mas quando me sento com a segunda xícara de chá ainda são sete da manhã. Reflexos de luz solar brilham na tela da televisão empoeirada, e a segunda porta do sonho, aquela porta cintilante que vi na lagoa, me volta à mente. Pego o caderno na gaveta da cozinha. Talvez Rob também a tenha visto. Meu coração dispara. Depois do que aconteceu na noite passada, eu não deveria ler mais. Já estou causando bastante estrago sem me aprofundar no passado deles. Mas não consigo evitar. Quero saber mais sobre eles. E a segunda porta é minha desculpa.

> *É tão fácil. Posso ir para onde quiser. Geralmente vou a lugares imaginários, porque nunca fui a canto nenhum e nem fodendo eu escolheria ir para casa. Mas aonde quer que eu vá, Adele está sempre presente. Eu nem preciso imaginá-la. Ela simplesmente aparece. Talvez seja porque estou sempre pensando nela. Não de uma maneira quero-transar-com-ela, mas algo muito melhor. Algo mais puro.*

Geralmente ficamos chapados no sonho. É o tipo de sonho de que mais gosto. Posso me drogar quanto quiser, sem rebordosas ou blecautes.

Adele voltou a dormir bem. Todo mundo nesta clínica de merda passou a nos adorar, como se tivessem algo a ver com nossa recuperação — viramos os pacientes dos sonhos libidinosos deles. Mas estou feliz. Por ela estar dormindo. Eu sei que ela não está mentindo, porque na maioria das noites dou uma escapada até seu quarto para observá-la por alguns minutos. Cara, agora que reli, parece assustador. Mas é como se ela fosse a Bela Adormecida e eu estivesse velando seu sono. É tranquilizador, e não preciso dormir muito, agora que estou limpo e os terrores noturnos não me dominam mais. Apenas no início, antes de eu os controlar. Às vezes, opto por ficar mais um tempo no pesadelo, só pela adrenalina. Como andar de montanha-russa. Sei que não posso me ferir porque estou no comando.

Sim, é bom que ela esteja dormindo bem. Ela tem muito a recuperar após semanas tentando ficar acordada e precisa superar toda essa merda. É estranho se preocupar com alguém. Eu me preocupo com Adele e nunca me preocupei com ninguém. Não com minha família de merda, nem comigo mesmo. Antes de Adele, todos me pareciam irrelevantes. Ninguém importava. Eu nunca pensei que era possível me importar com alguém. Será que isso é amor? Talvez eu ame Adele, à minha maneira.

Será que ela me imagina nos sonhos, ou é sempre o chato de galochas do David? Eu me preocupo muito com essa história do David. Não sei por que ela é tão presa a ele. Acho que ela não o enxerga como realmente é. Ela diz que CONFIA nele. Aham, sei. Aposto que ele adora. Ela confia tanto que transferiu todo o seu dinheiro e outros bens para ele. David está no comando de toda uma maldita fortuna. Foi isso que o advogado dela veio fazer aqui. Ela me contou. Eu sabia que contaria. Ela não gosta de segredos. Mas que porra é essa? David está longe, na merda da universidade, tirando mil diplomas e vivendo no bem-bom, enquanto ela está nesta instituição para doentes mentais e transferiu a ele o controle da mansão, do dinheiro e tudo o mais.

Não acredito. Quase gritei com ela, mas Adele parecia tão constrangida ao me dizer isso que não consegui. Agora já foi. Ela disse que era temporário, porque não queria pensar nisso, e eles iam

se casar de qualquer maneira, mas quem diabo dá todo o dinheiro que tem para outra pessoa? Mesmo que por um tempo. Quer dizer, por que ela faria isso? Amor é uma coisa, mas estupidez é outra. Ela não entende as pessoas como eu. Ela foi protegida durante toda a vida. O que não entende é que a regra é cada um por si. Nem chego a culpar David por ficar com o dinheiro dela — no mínimo é a coisa MENOS IDIOTA que ele já fez —, mas odeio o fato de ela ter permitido. O dinheiro fode com as pessoas, e David é uma dessas pessoas que quase viu a cor do dinheiro com a fazenda, até que seu pai estragou tudo. Engraçado como ele acabou com um monte de dinheiro de qualquer forma. Graças a Adele.

Aposto que ele não vai devolver o dinheiro quando ela sair daqui. Aposto que virá com desculpas. David, o pobre menino da fazenda que agora tem uma fortuna em mãos. Na verdade, isso me dá vontade de rir, de tão louco que é. Fico com tanta raiva que perco o sono quando acordo durante a noite. E penso: o que realmente aconteceu com os pais de Adele? Quer dizer, como é possível ele estar passando por ali de carro no meio da noite a tempo de salvá-la? Será que ele também não estava passando por ali a tempo de iniciar o incêndio?

Ao meu ver, tudo está indo muito bem para ele. Nosso tempo aqui está quase no fim, mas Adele está enganada se pensa que vou esquecê-la e tudo o mais. Cuidarei dela. Porque nem por uma merda de um segundo eu acredito que David é...

— Sinto muito — diz David.

Estamos na sala, separados pela escrivaninha. Estou tremendo. Estou tremendo desde que larguei o caderno esta manhã.

— Eu sei que andei bebendo, mas eu estava falando sério quando disse que resolveria tudo — continua.

Ele está tranquilo. Pensativo. Provavelmente de ressaca.

— Eu sei que meu casamento tem problemas. Eu sei. E sei que eu não deveria ter transado com você nessa situação. O que você disse ontem à noite...

— Eu não vim aqui para falar sobre ontem à noite.

Sou fria com ele, interrompendo-o. É como se eu tivesse tomado um banho gelado. Estou louca para ver Adele e descobrir se minhas suspeitas são verdadeiras.

— Preciso da tarde de folga — acrescento. — Meu aquecedor pifou, e o gasista acabou de ligar dizendo que só poderia vir entre duas e seis da tarde. Sue diz que a tarde está tranquila, então ela pode receber os clientes e ficar à minha mesa.

Ele tem quatro consultas marcadas, e fico feliz por isso. Não terei que me preocupar com o risco de ele voltar para casa e nos encontrar juntas.

Mandei uma mensagem para Adele assim que ele chegou ao trabalho, sabendo que ela estaria sozinha e em segurança. Como não queria que ela se sentisse na defensiva ou preocupada caso eu explicasse minhas verdadeiras intenções, escrevi apenas:

> Apareceu uma estranha segunda porta no sonho da noite passada. Sem maçaneta. Você já viu isso? Estou com a tarde livre. Quer almoçar?

Tudo muito leve e fácil, apesar de minhas mãos tremerem enquanto digito. Ela respondeu que sim na mesma hora, sugerindo um pequeno bistrô com mesas ao ar livre em uma área mais residencial, não muito perto da clínica e também um tanto fora de mão das ruas principais do bairro. Ela também não quer ser vista.

— Claro — concorda ele.

Minhas mãos suam enquanto ele me olha, e, pela primeira vez, ele me parece um estranho. Não é meu David, nem o de Adele. Talvez seja o *David de David*, aquele que sempre consegue o que quer. Agradeço em silêncio mil vezes por Adele ter topado o almoço. Eu não poderia esperar até segunda-feira. Preciso saber, e ela é a única que pode me dizer. Estou começando a completar o quebra-cabeça do casamento maluco deles e não gosto da imagem que está se formando.

— Espero que não seja nada muito sério — comenta ele. — Aquecedores podem custar caro. — Ele ergue a cabeça. — Se você precisar de algum...

Eu o interrompo.

— O seguro cobre.

Será que ele realmente ia me oferecer dinheiro? De quem? Dele ou de Adele?

— Certo.

David é breve, e percebo que minha frieza constante o tira do sério. Ele parece magoado, mas não sei quanto me importo com isso.

— Obrigada.

Vou até a porta, meus membros se movimentando sem jeito, sabendo que ele está me observando.

— Louise.

Eu me viro para David. Ele enfia as mãos nos bolsos, o que me faz lembrar a primeira vez que conversamos nesta sala, a tensão elétrica entre nós. A tensão ainda existe, me puxando em direção a ele, mas está envolta em dúvidas e suspeitas. Está ferida como o rosto de Adele.

— Você sabe que eu me importo com você. De verdade. Penso em você o tempo todo. Não resisto. É como se na minha cabeça eu vivesse uma vida separada com você.

As palavras jorram dele, e tudo o que penso é que não preciso disso, não agora, não até eu *saber*.

— Acho que... Acho que estou me apaixonando por você. E sei que preciso dar um jeito na minha vida. Preciso dar um jeito nessa bagunça. Fiquei acordado a noite inteira tentando descobrir um jeito, e sei que você não entende, e eu não estou sabendo explicar direito, mas é algo que preciso resolver sozinho. E vou começar. Hoje. E sei que você tem razão para estar irritada comigo. Eu só queria lhe dizer isso.

O sangue sobe para meu rosto, desce para os pés e para todo lado, como se estivesse correndo pelas veias para encontrar uma maneira de fugir do corpo. Agora? Ele me diz isso *agora*? Minha cabeça já está uma bagunça, e ele me vem com isso? Apaixonado por mim? Ah, meu deus. Eu não sei o que pensar. Não sei o que sentir. Mas Adele está esperando, e eu preciso extrair ao menos alguma verdade dela antes de sequer pensar a respeito. Preciso saber que tipo de homem ele *realmente* é por baixo dessa fachada. Na mente.

Meneio a cabeça, engulo em seco e o deixo ali, de pé. Pego a bolsa debaixo da mesa e saio correndo rumo ao ar fresco, sem nem mesmo dizer para Sue aonde vou.

30

ADELE

Sento-me sob o sol e saboreio um copo de Sancerre, gelado e proibido, enquanto espero por Louise. Louise. É incrível quanto essa mulher maravilhosa pode afetar meu humor. Ontem à noite, quando David foi até aquele apartamento de merda após o trabalho, fiquei tão magoada que queria matá-la, mesmo que, patética, ela tenha feito de tudo para me defender e mandá-lo embora. Para ser honesta, foi um pouco tarde demais. Pior do que isso foi David tê-la escolhido em vez de me procurar depois de tudo o que fiz por ele ao telefone com o Dr. Sykes. Eu poderia ter *acabado com ele*, mas isso não foi levado em consideração. Não houve gratidão. Então, ele voltou para casa e foi beber no escritório antes de cambalear até a cama. Nem um "muito obrigado".

Amo David. Um amor verdadeiro, louco e profundo. No entanto, embora pareça piegas, sou mais forte do que ele. Sim, as coisas precisam mudar, mas serei eu quem terá que sujar as mãos. Reprimi a mágoa da noite passada. Guardei-a lá no fundo, onde não possa me afetar, porque não podemos brigar de novo. Não ainda. E, então, como um milagre, recebo a mensagem de Louise. A segunda porta. Eu sorrio enquanto saboreio o vinho, embora esteja sozinha e, provavelmente, pareça um pouco louca para qualquer um que me veja. Ela já encontrou a segunda porta. Isso muda todas as coisas. Tudo precisa estar no lugar antes que ela a abra. Antes que ela saiba.

Minha pele formiga de entusiasmo quando a vejo dobrar a esquina e descer a rua. Ela está bem, muito bem, e sinto muito orgulho dela. Mais

magra e em forma, ela parece até mais alta, e as maçãs do belo rosto — embora nunca venham a ser tão felinas e marcadas quanto as minhas — destacam-se levemente. Meus músculos doem por falta de exercício, e minhas costas estão enrijecidas de tensão. Estou definhando enquanto ela floresce. Não me admira que David esteja se apaixonando por ela. A ideia me fere. Sempre irá me ferir.

— Vinho? — pergunta ela, sorrindo.

Está nervosa, e sua bolsa cai no chão quando tenta pendurá-la no encosto da cadeira.

— Por que não? Está um lindo dia, e sua visita é uma surpresa agradável.

Vejo seus olhos se voltarem para meu rosto, onde ainda há vestígios do hematoma. A mancha está desaparecendo depressa, como se de algum modo soubesse que seu trabalho terminou. Sinalizo para que o garçom traga outra taça.

— Como você conseguiu esse tempo livre?

— Ah, um problema com o aquecedor lá de casa — comenta ela, em um tom alegre. — O gasista virá mais tarde, mas resolvi folgar pelo resto do dia. Decidi ser malvada.

Ela é uma péssima mentirosa. Acho isso uma gracinha, considerando que ela trepa com meu marido desde que começamos nossa amizade. O garçom não demora a aparecer com a bebida e dois cardápios, e ambas fingimos lê-los enquanto ela toma o vinho em goles rápidos.

— Então você viu outra porta? — pergunto, inclinando-me em tom de conspiração, mesmo sabendo que somos as únicas clientes no espaço externo do bistrô.

Quero que ela se sinta próxima a mim.

— Onde? Como foi?

— Na lagoa da minha antiga casa. Eu estava lá... — conta ela, enrubescendo um pouco — ... brincando com Adam, então, quando ia voltar, uma porta apareceu sob a superfície. Era brilhante.

Ela não está me contando tudo o que aconteceu no sonho. David devia estar lá, vejo isso no seu rosto ruborizado, mas não dou a mínima. Se Louise tivesse imaginado três David transando com ela, eu não daria a mínima. A porta é só o que interessa.

— Prateada, cintilante — acrescenta. — E aí desapareceu. Você já viu algo assim?

Balanço a cabeça, intrigada.

— Não. Que estranho. Para que será que serve?

Ela dá de ombros.

— Talvez tenha sido alguma falha do meu cérebro.

— Talvez.

Mas meu coração está disparado. Já estou pensando no que preciso fazer antes que ela a abra.

O garçom volta para anotar os pedidos e alego não estar com fome, que só queria sair de casa, então noto sua expressão preocupada e pensativa e sei quanto do caderno ela leu. E sei por que sugeriu o almoço. Preciso me concentrar muito para não rir da perfeição fulgurante do dia de hoje e de quão bem planejei tudo.

— Você precisa comer alguma coisa, Adele. Está ficando muito magra. Até porque hoje é por minha conta — diz ela.

— Ah, obrigada! Estou morrendo de vergonha, mas a verdade é que, quando cheguei aqui, percebi que tinha esquecido a carteira. Sou tão cabeça de vento.

Ela pede dois pratos de ravióli de cogumelos — tomando a iniciativa de uma forma que jamais tomaria quando nos conhecemos — e espera até que o garçom se afaste antes de dizer:

— Você realmente saiu sem dinheiro ou David controla o que você gasta?

Louise é direta, tenho que admitir. Fico perturbada, como se estivesse tentando encobrir algo, murmurando que aquela suposição é ridícula, até ela segurar uma das minhas mãos inquietas. Um gesto de solidariedade, de amizade, de amor. Eu acredito de verdade que Louise me ama. Não tanto quanto ao meu marido, mas me ama.

— Li algo no caderno que me preocupou um pouco — continua ela. — E sinta-se à vontade para me cortar caso isso não seja da minha conta, mas você realmente transferiu toda a sua herança para ele? Depois do incêndio? E, se fez isso, por favor, pelo amor de deus, me diga que foi temporário.

— Ah, não se preocupe — respondo, e sei que pareço uma gazela ferida de cara para o rifle do caçador.

O caso clássico da vítima defendendo o agressor.

— David é muito melhor com dinheiro do que eu, e era tanta coisa para administrar, e, ah, meu deus, isso é tão constrangedor...

Ela aperta minha mão.

— Não seja boba. Não fique constrangida. Eu me preocupo com você. Mas ele devolveu, certo? Depois que você se recuperou e saiu de Westlands?

Sua mão está úmida. Ela tem um interesse oculto, e eu sei disso.

— Ele ia devolver — murmuro. — Ia mesmo. Mas, então, eu tive outra pequena recaída alguns meses depois, e ele decidiu... *nós* decidimos que seria melhor que ele ficasse no comando de tudo. Aí nos casamos, de modo que o dinheiro se tornou *nosso*.

— Nossa!

Ela se apruma na cadeira e toma um longo gole de vinho enquanto assimila o que eu disse e suas suspeitas se confirmam.

— Parece pior do que é — digo em tom suave, protetor. — Ele me dá uma mesada e dinheiro para comida, e, de qualquer modo, eu nunca me importei muito com dinheiro.

— Dinheiro para comida? — Os olhos de Louise se arregalam. — Uma mesada? A gente está vivendo na década de 1950?

Ela faz uma pausa.

— Agora a merda do celular faz sentido.

— Eu também não ligo para celulares. Sério, Louise, não me importo. Sou feliz. Quero que David seja feliz.

Pode soar demasiado patético, mas a verdade é sempre crível, e meu desejo de fazê-lo feliz *é* patético.

— Vocês nem mesmo têm uma conta conjunta ou algo assim?

— Sério, Louise. Não tem importância. Está tudo bem. Quando eu quero alguma coisa, ele me dá. Nosso casamento é assim. Não se preocupe. Ele sempre cuidou de mim.

Afasto uma mecha de cabelo do rosto e detenho os dedos no hematoma por um momento. Um pequeno gesto, mas suficiente para ela registrá-lo e arquivar o hematoma e o dinheiro no mesmo lugar na mente.

— Como se você fosse criança — retruca ela.

Sei que sua cabeça está sobrecarregada com nossa amizade secreta, os telefonemas, os remédios, o hematoma e, agora, o dinheiro, colocando tudo no lugar. Nesse instante, ela me ama muito mais do que a David. Acho que ela odeia David. Mas eu jamais poderia odiá-lo. Talvez esta seja a maior diferença entre nós duas.

— Por favor, esqueça. Está tudo bem. Quando Adam vai voltar? — pergunto, mudando de assunto. — Você deve estar louca para revê-lo. Ele

deve ter até crescido um pouco. Eles crescem rápido nessa idade, não é mesmo?

Nossos pratos chegam, e ela pede uma segunda taça de vinho para cada uma enquanto acrescenta meu pesar por não ter um filho à lista de defeitos de David. Combustível para um incêndio crescente. O ravióli está perfeito, mas ela o empurra no prato, sem tocá-lo. Eu deveria fazer o mesmo, para manter a aparência de nervosismo, mas estou cansada de jogar comida boa no lixo, então como — com delicadeza, mas, ainda assim, como tudo — enquanto ela me fala sobre Adam e as férias gloriosas que ele parece estar tendo.

Nenhuma de nós está prestando atenção à conversa. A mente de Louise está cheia de raiva e decepção; e a minha, em êxtase por ela ter descoberto a segunda porta. Murmuro as coisas certas, sorrio, e ela se obriga a falar, mas quero que o almoço acabe de uma vez. Tenho coisas a fazer.

— Aquele é...?

Ela faz uma pausa no meio da frase e franze a testa, olhando para atrás de mim.

— O quê?

Eu me viro.

— É, sim.

Ela ainda está olhando e meio que se levanta.

— É Anthony Hawkins.

Eu o vejo e, por mais útil que tenha sido, fico mais irritada. Ele está me seguindo. É claro que está.

— Talvez ele more por aqui — digo.

— Ou talvez esteja seguindo você.

Aí está ela, minha grande protetora. A amante do meu marido.

— Ah, eu duvido.

Eu rio, mas meus olhos se voltam com ferocidade para Anthony, que, ao perceber que está me deixando desconfortável, tem o bom senso de dar meia-volta e entrar em uma pequena loja de esquina.

— Deve ter vindo comprar cigarro.

A adoração dele por mim tem sido útil, mas me seguir não é aceitável.

— Talvez — diz ela, pouco convicta.

Ambas observamos a porta até que ele saia, e espero que Louise não tenha percebido o olhar de *desejo* que Anthony lança para mim enquanto se afasta. Mas o sol ofusca os olhos dela quando olha na direção do rapaz, de

modo que posso ficar tranquila. Não que isso importe. Amanhã, a última coisa com que ela vai ser preocupar é Anthony.

* * *

Quando acabamos de almoçar, eu a apresso para voltar ao fictício aquecedor quebrado e vou à academia. Chego lá pouco antes de David ligar, mas não estou malhando como alego. Na verdade, estou dando início às próximas etapas do meu plano. David diz que virá direto para casa depois do trabalho, porque *precisamos conversar*. Peço à recepcionista as coisas de que preciso, afirmo estar ocupada demais para esperar, mas peço que ela ligue para mim em casa após as seis para confirmar meu pedido. Com certeza vai ligar. A academia é de altíssimo nível, pagamos pelo pacote completo, e, mais do que isso, sou sempre gentil e educada. Ajo com delicadeza e educação quando não estou em casa, e sempre vale a pena ser gentil com prestadores de serviço. Alguns sócios da academia deviam aprender isso.

Estou sem fôlego de tanto entusiasmo, e meus nervos formigam de expectativa. Já em casa, preparando o jantar, minhas mãos estão trêmulas e mal me concentro. Meu rosto está quente, como se eu estivesse com princípio de febre. Tento respirar fundo, mas minha respiração está rasa e instável. Concentro-me naquela segunda porta e lembro que provavelmente nunca mais terei outra chance parecida.

Meus dedos suados escorregam sobre a cebola. Estou tentando fatiá-la e quase me corto. Não sei por que estou me empenhando tanto nesse prato. Tudo vai acabar no lixo de qualquer maneira. Mas preciso fazer as coisas parecerem tão normais quanto possível, e cozinhar tornou-se um motivo surpreendente de orgulho desde que me casei. Fatias de cebola desleixadas seriam uma possível pista de que *sei* o que está por vir, e David anda suspeitando muito de mim.

Ouço a chave na fechadura. Todo o meu corpo fervilha de tensão, e, de repente, as luzes da cozinha parecem brilhantes demais. Enfim inspiro fundo. Vejo meu celular no balcão da pia, pousado na terra de ninguém entre o lugar onde estou e o telefone fixo na parede. Olho o relógio. Quase seis. Perfeito.

— Oi — digo.

Ele está no corredor, e sei que quer se esconder no escritório.

— Comprei uma garrafa de Châteauneuf-du-Pape — anuncio. — Venha abri-la para deixá-la respirar.

Ele caminha relutante em direção à cozinha, como um cão selvagem a quem foi oferecido um pedaço de carne. Como foi que nosso amor chegou a esse ponto?

— Então, ainda estamos fingindo que está tudo bem? — pergunta ele, cansado.

— Não — respondo, magoada. — Mas ao menos podemos ser civilizados. Não podemos ser amigos enquanto resolvemos nossos problemas? Devemos isso um ao outro, não acha?

— Veja...

O telefone toca e, embora esteja esperando por isso, quase me sobressalto, e minha mão agarra a faca com força. Dou um passo em direção ao aparelho, mas David me detém, como eu sabia que faria.

— Deve ser da clínica. Eu atendo.

Mantenho os olhos baixos, cortando a cebola, nervos à flor da pele enquanto ouço a conversa. É hora de sua querida relaçãozinha secreta ficar tão ferrada quanto o casamento.

— Alô? Sim, aqui é David Martin. Ah, oi... Você quer confirmar o quê? Sinto muito, não sei se entendi. Uma sócia convidada?

Viro-me para encará-lo. Preciso fazer isso. No meu rosto, a inocência de recear que ele se enfureça com meus gastos, com o fato de eu ter uma amiga sobre a qual não lhe falei a respeito. Ele não me olha. Ainda não.

— Para quem?

Ele franze as sobrancelhas.

Então, vejo. A expressão de choque enquanto ele tenta assimilar o que ouviu. A confusão.

— Perdão, você disse Louise Barnsley?

Ele olha para mim, mas ainda está tentando pôr as ideias no lugar. Seu mundo virou de cabeça para baixo.

— E foi minha esposa quem incluiu essa sócia convidada?

Dou de ombros para ele, como se pedisse permissão, e murmuro: *É uma amiga que eu arranjei*.

— Certo, sim, obrigado. Está bem.

Ele dirige os olhos para meu celular e o toma assim que desliga, antes que eu faça menção de pegá-lo.

— Sinto muito — digo em tom de lamento. — É só uma pessoa que eu conheci. Só isso. É só uma amiga. Eu não quis dizer nada. Estava me sentindo solitária. Ela foi legal comigo.

Ele não está me ouvindo. Começa a vasculhar as mensagens de texto no celular, o rosto fechado. Guardei a maioria delas. Claro que guardei. Estava me preparando para esse momento.

Ele olha para mim por muito tempo e segura meu celular com tanta força que acho que pode esmagá-lo. Qual pescoço ele mais gostaria de apertar, o meu ou o de Louise?

— Sinto muito — repito.

David está pálido, a mandíbula trincada com força, o corpo tremendo para conter a emoção reprimida. Só o vi assim uma vez, e foi há muito tempo. Eu quero abraçá-lo. Dizer que tudo acabará bem. Que estou fazendo o melhor para ele. Mas não posso. Preciso ser forte.

— Eu vou sair.

As palavras soam forçadas por entre os dentes. Acho que ele nem está me vendo.

David sai em disparada em direção à porta, e eu o chamo, mas ele nem sequer hesita, um turbilhão de raiva e confusão.

A porta bate, e fico sozinha. Ouço o tique-taque do relógio em meio ao silêncio. Olho para a porta um instante e, em seguida, sirvo uma taça do vinho tinto recém-aberto. Deveria deixar respirar mais um pouco, mas não me importo.

Solto um longo suspiro após o primeiro gole, então giro a cabeça de um lado para outro, liberando a tensão. Pobre Louise, penso. Estou exausta, mas tento esquecer o cansaço. Ainda tenho coisas a fazer. Verificar se Anthony deixou o pacote onde pedi, por exemplo. E, depois, *ver* o que David está fazendo. O cansaço terá que esperar.

Afinal de contas, poderei dormir quando morrer.

31

ANTES

Eles vão embora amanhã. O mês terminou, e não há razão para ficarem mais tempo, estrelas da clínica que são. É um sentimento estranho, mas Adele não pode deixar de sorrir enquanto faz a mala. Vai embora de Westlands, o casamento com David está marcado para quando ele terminar a universidade. Apesar de tudo o que aconteceu, o futuro parece bem encaminhado. Sua única preocupação é com Rob. Ele faz piadas, mas Adele percebe que não quer voltar para a irmã. Dói vê-lo quase vulnerável. Também dói deixá-lo. É a única tristeza que a abate enquanto dobra as roupas e as guarda na maleta, mas dói.

— Quer ir até o lago? — pergunta ela.

Rob está sentado na cama de Adele, observando-a fazer a mala e, pela primeira vez desde o dia em que ela o conheceu, parece um menino, em vez de quase um homem. O cabelo escuro cobre o rosto, e ela vê nos dentes o brilho do aparelho que ele tanto odeia. Mas sua camiseta está passada. Ela não conhece ninguém que passe camisetas ou jeans. É provável que ele passe até as meias. Talvez seja um pouco de controle em uma vida que, para Adele, parece desregrada. Uma excentricidade na rebeldia.

Ele pega algo no bolso e sorri. Um baseado enrolado com cuidado.

— É o último. Bem que poderíamos. Talvez eles nos peguem fumando e tenhamos que ficar aqui mais tempo.

Adele sabe que ele meio que torce por isso. Sabe que Rob adoraria ficar mais tempo, e parte dela deseja o mesmo, porque nem imagina como seria deixar de vê-lo todos os dias. Mas sente muita falta de David e não vê a

hora de encontrá-lo, beijá-lo e de se casar com ele sem os pais por perto para desaprovar.

Rob suspeita de que este é o fim da amizade, mas ela sabe que não é. Talvez Rob possa morar com eles, quando estiverem casados. David gostará dele, Adele tem certeza. Como não gostaria? Rob é incrível.

Ela pega na mão de Rob. É uma sensação agradável. Ela quase esqueceu como é segurar a mão de David, o que lhe parece uma traição, mas David não está ali, apenas Rob, e eles amam um ao outro à sua maneira.

— O que estamos esperando? — pergunta.

A temperatura do dia não está tão amena e o vento que sopra sobre a água traz um frio que vez por outra incomoda, mas eles não se importam. Sentam-se sob a árvore onde se conheceram e passam o baseado de um para o outro. Ela também vai sentir falta disso. Nem imagina David com vontade de ficar chapado. Não pode contar que usou drogas — ele ficaria horrorizado. Outro segredo que é só dela e de Rob.

— Talvez agora eu queime o caderno — comenta Rob. — Uma despedida cerimonial.

Como sempre, seu tom de voz é suave e há um brilho nos seus olhos, mas Adele sabe que ele está triste. Aperta a mão dele com força.

— Não faça isso, guarde-o. Nunca se sabe. Seus sonhos podem trazer mais surpresas.

Ela traga, apreciando a onda relaxante, depois passa o baseado para ele.

— E, quando você vier visitar, poderá me contar sobre eles. Onde foi, o que viu. — Ela sorri. — E não deixe de me incluir nesses sonhos.

— Digo o mesmo — diz Rob. — Você vai ficar tempo demais com o chato do David. Não precisa sonhar com ele também.

Ela lhe dá um soco de brincadeira no braço, e ele ri, embora esteja falando sério. Será diferente quando se encontrarem. Como ela poderia amá-los se os dois não podem amar um ao outro? Não é possível.

— Você está tranquila com a volta para casa?

— Acho que sim.

Ela não tem certeza, mas faz parte da terapia. Dançar conforme a música. Voltar à fonte do trauma. Passar um tempo lá.

— Muitos dos cômodos não foram danificados, e os que pegaram fogo foram limpos e reformados. David cuidou disso.

— Ele deve poder cuidar mesmo, considerando que você lhe deu todo o seu dinheiro — retruca Rob.

— Não dei, não — diz ela, exasperada. — Eu já falei. É só por enquanto. É mais fácil assim. A mensalidade dos estudos dele e o tudo o mais, a questão da casa... eu não poderia administrar essas coisas daqui. Além disso, são muitos detalhes. Estou *feliz* que ele tenha assumido. Esqueça, Rob. E não conte a ninguém. As coisas já estão bem difíceis para David desde o incêndio sem que isso chegue aos noticiários.

— Certo, certo. Só estou preocupado.

Não é hora para brigarem pela primeira vez, e ela sabe que Rob tem noção disso. Ele faz uma pausa e diz:

— Vou me preocupar ainda mais com você sozinha naquele casarão velho.

— Ficarei bem. É só por algumas semanas. As pessoas vão cuidar de mim. O pessoal de lá, os advogados e, é claro, um médico. Quando for necessário, alguém até irá me levar comida e cuidar da limpeza. David diz que vai me visitar nos fins de semana, quando puder.

— Toda uma vida nova pela frente — comenta ele, melancólico. — E eu naquela casa de merda, ainda preso com minha maldita irmã.

— É tão ruim assim?

Rob nunca se abriu, mesmo que ela gentilmente o tenha estimulado a falar sobre sua vida, na última semana.

— É o que é.

Ele tenta soprar anéis de fumaça, mas desiste porque o vento os desfaz antes que se formem.

— Não quero pensar nisso até amanhã.

— Você sabe que pode me ligar — diz ela. — Eu lhe darei meu celular. Se as coisas ficarem ruins, ligue. Venha e fique uns dias comigo.

— Ah, tenho certeza de que David vai adorar.

— David está na universidade — lembra ela, e, em um momento de rebeldia, acrescenta: — E a merda da casa é minha.

Eles sorriem um para o outro. Adele vê que ele a ama e se sente aquecida por dentro, mesmo aquilo sendo um tanto complicado. David é tudo para ela, mas Rob também ocupa um espaço no seu coração. Sem Rob, ela não estaria se sentindo tão bem. Provavelmente teria ficado internada para sempre.

— Estou falando sério — garante, envolvida por uma onda de afeição. — Quando você quiser.

— Certo. Talvez eu ligue.

Adele espera que sim. Espera que ele ligue, em vez de ficar se sentindo mal. Mas Rob é orgulhoso, e ela sabe disso. Tão orgulhoso quanto David, embora de outra maneira.

— Promete? — insiste, inclinando-se para a frente de modo que seus rostos ficam muito próximos, e seu cabelo roça a face de Rob.

— Prometo, minha Bela Adormecida. Prometo.

— Que bom.

Adele beija o nariz dele.

— Então, está resolvido.

32

LOUISE

Eu não deveria ter deixado ele entrar, eu não deveria ter deixado ele entrar, é tudo o que penso quando, horrorizada, percebo que toda a bagunça está ruindo à minha volta. Se eu não o tivesse deixado entrar, não teria que lidar com isso. Pelo menos não por enquanto. Eu queria estar doente. Não sei o que dizer.

David está tremendo de raiva na sala do meu apartamento, brandindo o celular velho de Adele na minha direção, gritando algo sobre ter lido todas as mensagens. Estou chorando e nem sei quando comecei, talvez quando ele entrou pela porta e na mesma hora eu *percebi* que ele sabia, embora tenha desejado não saber. Meu estômago se transformou em água, e eu me sinto como se tivesse sido pega na mentira e esteja tentando me explicar. Eu me odeio.

— Esse tempo *todo*?

Ele está incrédulo, ainda se esforçando para entender.

— Esse tempo *todo* você era amiga da *minha esposa* e não me contou?

O áspero sotaque escocês do interior é acentuado pela raiva, e isso me surpreende. É a voz de um estranho.

— Eu não sabia como contar! — digo, mexendo as mãos em gestos sem nenhum significado, exceto, talvez, para tentar esquecer tudo aquilo. — Eu não... Eu literalmente esbarrei com ela na rua, ela caiu e fomos tomar café! Eu não pretendia me tornar amiga dela, mas ela começou a me enviar mensagens, e eu não soube o que fazer!

— E você não pensou em falar para ela que trabalhava para mim? Não acha que isso seria a atitude *normal*?

Estou chocada, em silêncio, o que deve me fazer parecer ainda mais culpada. Achei que ele soubesse de tudo. Será que ele encontrou o celular de Adele e veio direto para cá? Será que não falou com ela? Ou talvez ela não tenha contado essa parte. *Talvez ela estivesse com medo*. Eu não sei o que dizer. Devo dizer que é claro que ela sabia? Que ela pediu que eu guardasse segredo? Mas isso causaria mais problemas para ela. E, de *todos* nós, Adele é a única que não fez nada de errado. Eu me calo.

— Você é louca, porra? — Gotas de saliva acompanham suas palavras. — Meu deus, pensei que você fosse sincera. *Normal*. Estava me perseguindo?

— Eu fiquei com pena dela! — grito, mesmo que as paredes sejam finas e que minha vizinha, Laura, esteja ouvindo tudo no apartamento ao lado. — Ela estava se sentindo sozinha!

— Puta merda, Louise. Tem noção da loucura que você está me dizendo?

— Eu não queria ser amiga dela! Não queria! — As palavras saem embargadas entre as lágrimas. — Fiquei envolvida e, no início, pensei que aquilo que tivemos no bar não se repetiria.

— Mas por que você não me contou? Todas essas malditas mentiras, Louise! *Quem* é você?

— Eu não menti, eu só não...

Dou de ombros, impotente.

Só não contei. É um argumento fraco, e já sei disso antes mesmo de ele me interromper:

— O que foi mesmo que você disse? Que é um livro aberto?

Ele zomba de mim, mal o reconheço.

— Sua mentirosa. Pensei que podia *confiar* em você.

Ele se afasta e passa a mão pelo cabelo, mas parece à beira de arrancá-lo pela raiz.

— Não entendo. Não consigo.

— Com o que você realmente está preocupado, David?

Aproveito o momento. A melhor forma de defesa é o ataque, e, se ele achava que podia confiar em mim, então por que nunca me disse nada? Talvez ele seja o mentiroso.

— Que talvez eu descobrisse coisas que não deveria descobrir? Que talvez eu faça Adele tomar uma atitude e deixá-lo? Mandá-lo embora?

Recuperar a própria vida?

— O quê?

Ele se vira e me olha, de verdade, pela primeira vez desde que chegou. Ele franze as sobrancelhas. Seu tom de voz diminui.

— O que ela disse a meu respeito?

— Ah, ela nunca diz outra coisa a não ser que o ama.

É minha vez de debochar.

— Mas eu *vejo* as coisas. Eu sei como você a trata. O medo que ela tem de você. Vejo como você brinca com a mente dela.

Ele olha feio para mim por um longo tempo.

— Nem por um segundo pense que você sabe alguma coisa sobre meu casamento.

— Eu sei que você controla todo o dinheiro dela. É por isso que não pede o divórcio? O pobre menino fazendeiro salva a herdeira rica e depois a obriga a abrir mão da herança e nunca a devolve? Parece que você saiu da merda de um livro de Agatha Christie.

Estou irritada. Talvez ele tenha razão de estar tão aborrecido comigo, e não sei como eu me sentiria na posição dele — talvez enganada e violada —, mas ele estava traindo a esposa quando começamos a transar, de modo que alego isso como um salvo-conduto. Ao menos por enquanto.

— Você realmente me despreza, não é?

Ele está pálido e trêmulo, mas seus olhos estão furiosos.

— Não, isso não é verdade — digo, odiando sentir as lágrimas escorrendo dos olhos. — Eu gosto de você. Pensei que talvez o amasse. Ao menos, estava quase chegando lá. Mas há tantas *outras* coisas, David. Coisas que você não me disse. Coisas que sua pobre esposa tem muito medo de falar.

— Que merda você pensa que sabe, Louise?

Suas palavras são frias e entrecortadas, e uma tranquilidade terrível se instala nele. Raiva contida. Isso é uma ameaça ou uma pergunta? Fico com mais medo do que quando ele estava gritando. Penso em como ele trata Adele e penso nas cicatrizes de queimadura e no fato de que a salvou do incêndio. Penso no dinheiro. Seu ato heroico foi em benefício dela ou de si mesmo?

— O que realmente aconteceu com os pais de Adele? — Cruzo os braços enquanto minha voz tranquila lança a acusação implícita. — De repente

acontece um incêndio no meio da noite, e você estava passando por perto. Ela me *falou* sobre isso. Sobre seu herói.

Faço um *pfft* para mostrar exatamente o que quero dizer, mesmo que eu não saiba bem o que penso a respeito.

— Eu salvei a vida dela, porra — rosna David, erguendo um dos dedos para mim, quase me cutucando. Dou um passo atrás.

— Sim, você a salvou. Mas não salvou os pais dela. Os dois morreram. Isso foi oportuno para você, não é mesmo?

Ele recua de olhos arregalados.

— Sua filha da puta. Você acha que eu...?

— Não sei o que pensar! — vocifero. — Estou cansada de pensar nisso. Os medicamentos, os telefonemas, toda essa merda! O David controlador de Adele, meu David, gentil mas complicado. Estou tentando descobrir quem você é de verdade em meio a toda essa bagunça. Eu nunca quis pensar nisso! Nunca quis ser amiga dela, mas sou, eu gosto dela, e estou me sentindo uma merda por tudo isso!

Estou tão furiosa que mal consigo respirar, soluçando, ofegando e me esforçando para respirar.

— Estou me sentindo uma merda!

— Pelo amor de deus, acalme-se, Louise.

Ele dá um passo à frente, tentando segurar meus braços, mas eu o afasto enquanto choro e ofego. Percebo que ele está chocado com minha torrente de emoções.

— Sou a única amiga dela.

Estou prestes a colocar tudo a perder e não consigo me conter. Estou cansada de todas as perguntas me corroendo por dentro.

— A *única* amiga. Por quê?

— Louise, ouça...

— O que aconteceu com Rob, David?

Ele congela, e quase sinto o mundo inteiro prendendo a respiração entre nós. Minha própria respiração se acalma.

— Por que eles não são mais amigos? O que você fez?

Ele me olha.

— Como você sabe sobre Rob?

Suas palavras mal passam de um sussurro.

— O que você fez? — repito, mas algo no seu rosto faz eu me perguntar se realmente quero saber.

Ele parece não me ouvir. Por um longo instante, David não diz nada, e percebo que ele não está olhando para mim e sim para algo além de mim, algo que só ele vê.

— Você está demitida — anuncia, por fim.

As palavras, frias e sem emoção, são tão diferentes daquelas que espero que não as compreendo.

— O quê? — É minha vez de franzir as sobrancelhas, confusa.

— Amanhã, entregue seu pedido de demissão. Por e-mail. Não me importo quais razões você alegue. Invente algo. Deve ser fácil para você.

Estou atordoada. Meu emprego? Ele está me obrigando a abrir mão do meu emprego?

— E, se você pensar em denunciar nosso caso sem graça para o Dr. Sykes, mostrarei isso para ele — fala, erguendo o celular de Adele. — Você parecerá tão obcecada quanto Anthony Hawkins.

Ele se aproxima ameaçadoramente, controlado e tranquilo.

— Porque apenas uma louca de pedra começa uma amizade secreta com a esposa do homem com quem está transando.

Ele se afasta um pouco.

— E o Dr. Sykes é machista. Ele não vai se importar com o fato de eu ter transado com você. Mas não a respeitará por ter transado comigo. Ele mesmo encontrará uma maneira de se livrar de você.

Estou perdendo o emprego. De repente, tudo se torna muito real. David me odeia, eu não sei se Adele está bem e perdi o emprego. Volto a pensar na primeira noite no bar, quando rimos, bebemos e ele me fez sentir tão viva, e, então, vêm as lágrimas: abundantes, rápidas, frescas e repletas de autopiedade. Fui eu quem fez essa bagunça e mereço o que está por vir, mas saber disso só me deixa pior.

— Você disse que me amava.

Pareço patética, quieta como um bicho acuado.

Ele não diz nada, mas seu rosto está azedo e retorcido. Esse não é o *meu* David.

Quero chorar mais um pouco, e o pior é que, mesmo depois de tudo exposto, ainda não sei de nada. Ele não respondeu a nenhuma das minhas acusações.

— David, apenas diga... — começo a falar, odiando o tom de súplica na minha voz, a necessidade de conseguir *alguma coisa*.

Ele me interrompe, a voz gélida.

— Fique longe de mim. Fique longe de Adele. Acredite, Louise, é para seu próprio bem. Fique longe de nós dois. Não somos da sua conta, entendeu?

Concordo com a cabeça como uma criança intimidada, sem forças para lutar. E estou lutando contra o quê, afinal? Eu não posso desdizer o que disse, e não estou muito certa de que quero fazer isso. Só quero respostas, e isso ele não vai me dar.

— Nunca mais quero ver você — diz ele.

Suas palavras são suaves, embora brutais. Um chute nos rins que me deixa sem fôlego quando ele dá meia-volta para ir embora.

Ouço o clique da porta e me vejo sozinha.

Desabo no chão e me enrolo ao redor de mim mesma, chorando como uma criança: soluços longos, fortes e incontroláveis.

David está furioso. E eu nem posso enviar uma mensagem para avisar Adele.

33

ADELE

Ele decide beber antes de voltar para casa. Sempre precisa beber algo, mas desta vez não me importo. Prefiro que ele dê um tempo para se acalmar. Quando ouço a porta se abrindo, certifico-me de estar sentada à mesa da cozinha com riscos de lágrimas no rosto. Mas não estou chorando. Imagino que ele já esteja farto de mulheres chorando.

Mantenho uma postura confusa a respeito de Louise. Peço desculpas diversas vezes por não ter contado sobre minha nova amiga, mas eu estava sozinha, com medo de que ele me impedisse de vê-la, e estava tentando ser uma pessoa normal. Pensei que seria bom para mim. Pergunto aonde ele foi. Pergunto o que ela representa para ele, e por que ao ouvir seu nome ele saiu de maneira tão intempestiva. É claro que ele não me diz a verdade, embora a essa altura devesse ser mais esperto.

David diz que ela é uma das suas pacientes e me observa com cautela para ver minha reação, me testando. Ele não acredita na minha inocência; me conhece bem demais para acreditar. Deixo a boca aberta em um "ah" um tanto confuso. Para ser sincera, estou um pouco decepcionada com ele. Mesmo que eu *não* soubesse que ele estava transando com Louise e que ela era sua secretária, com certeza acharia estranho. Por mais que eu adore David, ter um paciente obsessivo é compreensível, mas ter dois ao mesmo tempo ultrapassa os limites da credibilidade. Ainda assim, tudo o que tenho a fazer é jogar o jogo. E eu jogo.

Faço as perguntas certas, e ele as responde de qualquer jeito. Ele não devolve meu celular, mas deixa entrever sua própria culpa na medida em

que não pergunta sobre minha nova amizade. Tenho pena de Louise: David claramente despejou nela a maior parte da sua raiva. Mas ele não está acostumado a ter raiva dela. Já eu sou outra história. Ele não tem mais energia para ficar com raiva de mim. Isso o esgotaria.

— Talvez devêssemos passar umas semanas viajando — sugere.

Seus ombros se curvam enquanto ele olha para o chão. Está cansado. Muito, muito cansado. De tudo. De mim.

— Não podemos — respondo. E, para ser franca, não podemos mesmo. Isso não se encaixa *nem um pouco* nos meus planos. — Você começou na clínica há apenas algumas semanas. Que impressão você passaria? Basta transferir Louise para outro médico, como você fez com aquele garoto.

— Talvez possamos viajar por apenas alguns dias. Assim, poderemos conversar direito. — Ele olha para mim. Suspeita. Nervosismo. Tudo nesse breve olhar. — Para decidir o que faremos.

A boa Louise preservou nosso segredo, mas mencionou os medicamentos e os telefonemas, e ele quer saber se foi acidental ou se de algum modo planejei tudo isso.

— Não podemos continuar fugindo — digo, toda sensata. — Seja lá quais forem nossos problemas, devemos ficar e enfrentá-los.

Ele balança a cabeça em anuência, mas me observa, pensativo. Foi Louise quem o enganou, mas ele não confia nem um pouco em mim. Está o tempo todo tentando analisar meu humor, meu pensamento, minhas ações. Não está convencido de que eu não sabia quem era Louise, mas, com a falta de confirmação, nada pode provar. Sinto as linhas de batalha sendo firmemente definidas entre nós, sobre os caros azulejos da cozinha.

Ele está no limite e logo fará alguma coisa. No mínimo, pedir o divórcio, apesar das minhas ameaças de destruí-lo. Acho que David quase não se preocupa mais com isso, e há algum tempo tenho percebido que meu domínio sobre ele está diminuindo. Ficaria aliviado quando tudo terminasse. Ao menos por algum tempo, antes de se dar conta de que estragou uma vida perfeita por algo que aconteceu há muito tempo.

Mas serei mais rápida do que ele. Sob esse aspecto, sou mais audaciosa. Sempre estive um passo à frente. Minha determinação se fortalece. David nunca será feliz até estar livre do passado, e eu nunca poderei ser feliz se ele não for. Ele sai primeiro da cozinha, recolhendo-se brevemente no escritório para evitar o constrangimento de irmos juntos para quartos separados. Em seguida, eu também saio, subindo a escada a caminho da

enorme cama vazia. Fico acordada durante um tempo, olhando para a escuridão e pensando em tudo isso. Mais precisamente, pensando neles, em nós, nele.

Os caminhos do amor verdadeiro nunca são tranquilos.

34

LOUISE

Depois de me sentir tão revigorada, agora estou exausta. Durmo mal há dois dias, a briga com David se repetindo diversas vezes na minha mente, e só saio do apartamento para ir ao mercadinho comprar vinho e comida ruim, o cabelo preso em um rabo de cavalo para tentar disfarçar o fato de eu nem mesmo ter tomado banho. Sophie me enviou uma mensagem perguntando como estou, mas apaguei sem responder. Não preciso de nenhum "Eu avisei" complacente da parte dela.

Quase vomitei ao enviar o e-mail de demissão. Reformulei o texto quatro vezes em meio às lágrimas. Mandei uma cópia para David, e só de ver seu nome no e-mail me deu vontade de chorar mais um pouco. O Dr. Sykes ligou na mesma hora, todo preocupado, e isso me fez chorar outra vez, o que ajudou a corroborar minha história de "questões familiares".

Não dei detalhes, e ele não pediu. Disse-me que, caso eu mudasse de ideia em um mês, ele consideraria a demissão uma licença. Poderiam arranjar uma secretária temporária para cobrir minha ausência. Não contestei. Talvez daqui a um mês as coisas estejam diferentes. Talvez David se acalme. Talvez eles se mudem. Eu não entendo nem um nem o outro, de modo que não sei o que fazer. O e-mail educado e cortês que recebi de David — com cópia para o Dr. Sykes — poderia ter sido escrito por um estranho, não por aquele homem que se enfurecera comigo na sala do meu apartamento na noite anterior. Eu tinha razão. Eu não o conheço. Só Adele é minha amiga. E ele prejudicou a nós duas.

Estou preocupada com Adele. Eu meio que esperava que ela aparecesse, mas até agora, nada, e não estou surpresa. Ela tem tanto medo de aborrecer David que provavelmente não correria o risco. Eu o vi furioso. Senti aquele desprezo terrível emanando dele. Não me imagino sendo alvo daquilo durante anos. Talvez ele esteja trabalhando em casa, alegando doença ou algo parecido. Quando não estou me lamentando, com pena de mim mesma, minha mente angustiada se volta para ele, imaginando-o como algum monstro do tipo Hannibal Lecter. Mais do que isso, preciso saber se Adele está bem. Prometi ficar longe dela, mas como poderia? David estava tão frio ao final da briga. O que Adele teve que enfrentar quando ele chegou em casa? Ainda vejo o hematoma no rosto dela, e, apesar da insistência em dizer que ele não a agrediu, não é verdade que todos os maridos violentos negam as agressões?

Estou tão cansada e emotiva que minha racionalidade foi para o espaço. Tudo o que sei é que preciso ter notícias de Adele e que estou correndo contra o tempo. Adam voltará depois de amanhã, então quem sabe quando terei tempo livre? É certo que não estarei tão disponível, e não quero arrastar Adam para essa confusão. Preciso encerrar esse assunto. Ainda me parece surreal não ter mais David ou Adele. Nem meu *emprego*. Contenho as lágrimas. Até eu estou ficando entediada com essa choradeira. *Foi você quem armou essa bagunça*, digo a mim mesma. *Agora aguente*.

Amanhã. Se puder, eu a verei amanhã — mas como farei isso sem arriscar causar mais problemas para nós duas? Sirvo-me de uma taça de vinho, não me importando se ainda são duas da tarde — as circunstâncias são excepcionais —, e caio no sofá. Também preciso limpar o apartamento. Não preciso de Ian me criticando ao voltar. Olho para a bagunça, e meus olhos recaem sobre o laptop, largado no chão junto à televisão, onde eu o deixei após enviar o e-mail para o Dr. Sykes. E um pensamento me ocorre.

O Dr. Sykes me disse para esperar um mês. Então, não fui propriamente demitida — mesmo que você queira me demitir, muito obrigada, *cretino-do-bar* —, de modo que eles não devem ter cancelado minhas informações de log-in remoto.

Sento de pernas cruzadas no tapete, com a taça de vinho ao lado, e, com o coração disparado, como se de algum modo eles estivessem me vendo, entro no servidor da clínica. Minhas mãos estão suadas, e, mesmo que tecnicamente eu não esteja transgredindo nenhuma regra, sinto como se estivesse lendo e-mails e mensagens de um amante. Abro a agenda de

David para o dia seguinte. A tarde está toda ocupada. Ele não sairá do trabalho antes das cinco. Mesmo que vá para casa almoçar, terá que voltar à uma e meia. Faço log-out e bebo vinho, articulando meu plano.

Pela manhã, voltarei a consultar sua agenda e me certificarei de que ele não cancelou algum compromisso na última hora. Irei até a Carphone Warehouse, na Broadway, e comprarei um celular pré-pago barato. Adele *precisa* de um celular, e não sei se David tomou aquela porcaria que ela usava. Se eu der um aparelho para ela esconder em algum lugar, minha amiga poderá me ligar caso esteja em sérias dificuldades. Assim, ficarei mais tranquila ao deixá-los. Preciso estar tranquila. Não me resta escolha.

Sinto-me melhor por ter um plano, e, quando levo o vinho para a varanda sob o sol da tarde, percebo que também me sinto melhor por desafiar David. *Vá se foder*, penso. *Afinal, quem diabo você pensa que é?*

Tento não pensar em como era bom dividir a cama com ele e como sinto falta daquela proximidade, embora me odeie por isso. Tento não lembrar que ele sempre está presente nos sonhos de família feliz que construo ao passar por aquela primeira porta. Penso em como estou magoada, em quanto ele é culpado por isso, e nem fodendo ele vai me dizer o que fazer como se eu fosse a Adele nervosinha.

Amanhã. Amanhã resolvo essa história de uma vez.

35

ADELE

A campainha toca diversas vezes antes que eu perceba. A princípio, absorta no transe, acho que foram só alguns pássaros exóticos que entraram na casa, então me pergunto se estou mesmo em casa, até que ouço outra vez. A campainha. Só pode ser a campainha. Isso me irrita, e minha cabeça pesa quando me endireito no sofá.

— Adele?

A voz sem corpo avança sala adentro, e eu franzo as sobrancelhas. Será mesmo ela? Tenho pensado tanto em Louise que não sei se a estou ouvindo de verdade ou se ela está na minha cabeça. É tão difícil me concentrar, e ela parece tão entrelaçada comigo que, neste estado, não sei onde eu termino e ela começa.

— Adele, sou eu, Louise! Por favor, me deixe entrar. Só ficarei um instante. Preciso saber se você está bem.

Louise. É ela *mesmo*. Minha salvadora. Sorrio, embora meu sorriso pareça os dentes trincados de viciado, o que combina com como me sinto. Há um pouco de baba no queixo, e eu a enxugo, desleixada, antes de me erguer sobre meus pés instáveis. Eu sabia que ela voltaria, mas não esperava que viesse tão cedo.

Inspiro fundo para tentar desanuviar um pouco a mente enquanto decido se atenderei a porta. Pode ser arriscado, mas ainda assim guardo as coisas que preciso esconder na caixinha decorada sobre a mesa de canto. Não lembro onde a comprei, ou para quê, mas ao menos aquilo finalmente passou a ter utilidade.

Ela chama meu nome outra vez, e confiro meu reflexo no espelho. Estou um lixo: pálida, suada e de pupilas tão dilatadas que meus olhos estão quase negros. Meus lábios estremecem. Não me reconheço. Isso me faz rir, um som repentino que quase me assusta. Deixá-la ou não entrar, eis a questão. Mas, por fim, a parte do meu cérebro que ainda funciona direito descobre como resolver a situação a meu favor. Eu teria que fingir esse comportamento em algum momento, mas agora não preciso mais. Meu plano está em curso. Meus planos estão sempre em curso.

Arrasto-me em direção à porta. Eu a abro, e sou ofuscada pela clara luz do sol. Uma hora antes eu não teria sido capaz de me mexer, mas, quando me concentro, meus membros obedecem. Estou muito orgulhosa de mim mesma, mas Louise parece chocada. Demora um segundo antes que eu perceba que sou eu quem está cambaleando levemente, não ela ou a calçada lá fora.

— Que merda, Adele — diz ela, entrando depressa e segurando meu braço com delicadeza. — Você está um caco.

Ela me leva até a cozinha.

— Você está bêbada? Vou fazer um café. Ando tão preocupada com você!

— Sinto muito sobre meu celular — falo com a voz pastosa. — Sinto muito.

Ela me coloca em uma cadeira. É um alívio estar sentada. Uma coisa a menos na qual me concentrar.

— Você não tem do que se desculpar — diz ela enchendo a chaleira e procurando as canecas e o café instantâneo.

Fico feliz por haver um pequeno frasco de emergência no armário. Posso estar mais lúcida, mas não estou disposta a explicar como funciona a máquina de café.

— Você tem o direito de ter amigos, Adele. Todos nós temos o direito de ter amigos.

Seus olhos vasculham a casa em busca de indícios de bebida alcoólica, mas não encontram nada.

— O que você tem? Está doente? Ele fez alguma coisa?

Balanço a cabeça lentamente, mantendo o mundo no lugar.

— O remédio. Devo ter tomado mais do que devia.

Ela vai até o armário, e sei que está calculando se seria possível bater com a porta no rosto ao abri-lo.

— Sério, não se preocupe, está tudo bem. São remédios receitados — murmuro.

Mas ela não para. Claro que não. Ignora a pequena linha de defesa de ibuprofeno e comprimidos antiácidos e chega às caixas, espalhando-as sobre o balcão. A chaleira apita, mas ela não se mexe. Está analisando os rótulos. Em todos estão impressos meu nome e as instruções de dosagem, como prescritos pelo meu marido.

— Putz! — exclama por fim. — David prescreveu isso para você?

Confirmo com a cabeça.

— Para os nervos.

— Isso não é para os nervos, Adele. São antipsicóticos fortes. Quer dizer, muito fortes. Todos esses medicamentos, de uma forma ou de outra.

— Não, você deve estar enganada. São para os nervos — repito.

Ela não diz nada, mas continua a olhar para as caixas, muitas com cartelas meio vazias, pois joguei os comprimidos na pia. Ela remexe uma caixa.

— Sem bula. David traz esses remédios ou você mesma vai buscá-los?

— Ele traz — murmuro. — Posso tomar café, por favor? Estou me sentindo tão cansada...

Na verdade, fico surpresa com a rapidez com que estou ficando sóbria, já que é apenas a segunda vez que experimento.

Ela finalmente faz o café e vem se sentar à minha frente. A Louise gorducha não tem mais nada de inocente. Na verdade, também não tem mais nada de gorducha. Os últimos dois dias de dor de cotovelo devem ter consumido o que lhe restava de peso extra.

— Há quanto tempo ele a obriga a tomar esses remédios?

Dou de ombros.

— Há algum tempo. Mas ele está sempre experimentando remédios diferentes.

Olho o café, desfrutando do calor da caneca nos dedos supersensíveis.

— Nem sempre os tomo. Mas, às vezes, ele me faz engoli-los.

Apoio a cabeça na parede atrás de mim, cansada de mantê-la erguida. Minha mente pode estar se recuperando, mas o resto do corpo é outra história.

— Eu disse para ele que gostaria de voltar a ter controle sobre meu dinheiro — murmuro, como se a informação não fosse importante. — Antes de nos mudarmos. Depois do que aconteceu em Blackheath. Mas ele

disse que não. Disse que primeiro eu tinha que tomar os remédios durante um tempo e me acalmar. Então conversaríamos de novo. Ele vinha tentando me fazer tomá-los há algum tempo, e eu sempre me recusei, mas, então, achei que depois de tudo era melhor experimentar. Por ele. Por nós.

— O que aconteceu em Blackheath?

A expressão de dó de si mesma sumiu do rosto de Louise, e ela está novamente atraída pela nossa história. Faço uma longa pausa antes de começar a falar:

— Acho que ele teve um caso.

As palavras são apenas um sussurro, mas ela ruboriza e se inclina ligeiramente para trás, ao ouvi-las. *É, isso dói, não é? Agora você sabe como é*.

— Tem certeza?

Dou de ombros.

— Tenho. Ninguém menos que a dona de um pequeno restaurante na esquina da clínica. O nome dela era Marianne.

O belo nome ainda me provoca um gosto amargo na boca.

— Nossa!

Pois é, Louise. Engula essa. Agora você não se sente mais tão especial, não é mesmo? Eu quero rir, e, por um instante terrível, acho que vou rir mesmo, então cubro a boca com a mão e desvio o olhar, como se estivesse contendo as lágrimas.

— Supostamente, aqui seria nosso novo começo. Esta casa. O trabalho. Voltei a pedir que devolvesse meu dinheiro, apenas para estar mais no controle, e ele enlouqueceu. Ele... ele...

Minha respiração fica ofegante, e os olhos de Louise se arregalam.

— Ele o quê, Adele?

— Você lembra que eu disse que nossa gata morreu depois que nos mudamos? — Faço uma pausa. — Bem, ele a chutou. Com muita força. E, quando ela estava atordoada, ele a pisoteou.

Olho para a porta de trás e para o jardim onde eu a enterrei.

— Ele a matou.

Louise não diz nada. O que poderia dizer? Ela está muito horrorizada para falar.

— Esse é o problema de David — prossigo, cansada e com a voz ainda ligeiramente pastosa. — Ele pode ser encantador. Tão engraçado e gentil. Mas, quando está com raiva, ele age como se fosse outra pessoa. Nos

últimos tempos parece que eu o deixo sempre irritado. Se ele é tão infeliz, não entendo por que não se separa — digo. — Eu gostaria que ele voltasse a me amar.

E é verdade. Gostaria mesmo.

— Se ele se divorciar de você, terá que devolver seus bens.

O rosto de Louise se enrijece enquanto as peças do quebra-cabeça que armei com todo o cuidado se encaixam. Então, ela remexe a bolsa e pega um celular.

— É pré-pago, e meu número está na agenda. Esconda-o em algum lugar. Se precisar de mim, basta ligar ou me enviar uma mensagem, está bem?

Faço que sim com a cabeça.

— Promete?

— Prometo.

Saboreio o café frio, a mão ainda trêmula.

— E, se puder, pare de tomar esse remédio. Não lhe fará nenhum bem. Você não está doente. Sabe-se lá o que ele está fazendo com a química do seu cérebro. Agora, vamos levá-la para a cama. Você deve dormir e se recuperar antes de ele voltar para casa.

— O que você vai fazer, Louise? — pergunto, apoiando o braço no seu ombro enquanto ela me ajuda a subir. — Não faça nada idiota, viu? Não enfrente David, está bem?

Ela ri, um tanto amarga.

— Isso é pouco provável, já que ele me demitiu.

— Ele o quê? — Finjo estar surpresa. — Ah, Louise, é tudo culpa minha. Eu sinto muito.

— Não é culpa sua. Não diga isso. Você não fez nada de errado.

Seu corpo parece mais forte, mais firme e mais sólido do que quando nos conhecemos. Eu *criei* a nova Louise. Desfruto de um instante de orgulho ao afundar na cama confortável.

— Ah, Louise — digo, sonolenta, como se fosse uma reflexão tardia. — O vaso de planta na porta da frente. Do lado direito.

— O que tem?

— Escondi uma chave sobressalente ali para o caso de ficar trancada pelo lado de fora. Quero que você saiba disso. — Faço uma pausa. — Ele me trancou, uma vez. Fiquei assustada.

— Se ele fizer isso de novo, ligue para mim.

Ela está quase rosnando, uma tigresa feroz.

— Eu não sei o que faria sem você — murmuro, enquanto ela me cobre e afasta o cabelo do meu rosto em um gesto afetuoso. — Realmente não sei.

E é verdade.

36

LOUISE

Meu menino está um pouquinho moreno. Talvez muito. Ele cresceu. Mesmo que seja tarde e ele esteja morrendo de sono, vejo quão bronzeado e saudável ele está e quase choro quando ele corre para meus braços e me abraça com força. A única coisa boa da minha vida.

— Eu trouxe isso de presente para você, mamãe.

Ele mostra um chaveiro com uma pequena concha envolta em resina transparente. É uma lembrança barata de praia, mas eu adorei. Adorei saber que ele a escolheu para mim.

— Ah, meu deus, obrigada! É lindo. Vou colocar minhas chaves aqui amanhã cedo. Agora, por que você não leva sua mala para o quarto enquanto eu digo boa-noite para o papai?

— Até logo, soldado — diz Ian.

Enquanto Adam se afasta, arrastando a pequena mala do Buzz Lightyear, Ian sorri para mim.

— Você está bem, Lou. Perdeu peso?

— Um pouco.

Fico feliz por ele ter notado. Posso até estar mais magra, embora não saiba se "bem" é uma palavra que eu escolheria para definir como estou me sentindo. Uma noite sem dormir rolando na cama pensando nas vidas fodidas de David e Adele, meu coração partido, a pena que sinto por mim mesma e o fato de não ter um emprego me deixaram com uma aparência abatida.

— Ah, então eu não deveria ter lhe trazido essas coisas.

Ele ergue uma sacola. Duas garrafas de vinho tinto francês e vários queijos.

— Isso é sempre bem-vindo — respondo, com um sorriso cansado, enquanto aceito o presente.

Não digo que perdi o emprego. O anúncio pode esperar mais um tempo, e terei que inventar alguma mentira para justificar. Não posso contar a verdade. Não quero que ele pense que estamos quites do ponto de vista moral. Ele me traiu, e eu tive um caso com um homem casado. Não lhe darei o gostinho. Direi que meu novo chefe já tinha uma secretária ou algo parecido. Isso é uma coisa que estou aprendendo: casos extraconjugais alimentam mentiras.

— É melhor você ir embora, não? Lisa deve estar acabada no carro.

O trem Eurostar atrasou, então já é quase meia-noite. Eles deviam ter chegado em casa por volta das nove.

— Está mesmo.

Ele parece constrangido por um instante, então, acrescenta:

— Obrigado por tudo, Louise. Eu sei que não foi fácil.

— Está tudo bem, de verdade — digo, despachando-o. — Estou feliz por você. Sinceramente.

Não sei dizer se é mentira ou não, e acho que é parte mentira, parte verdade. É complicado. Eu quero que ele vá embora. Dada a intensidade das últimas semanas, não estou disposta a bater papo, e me parece surreal que a normalidade esteja voltando dessa forma.

Quando ele vai embora, faço Adam vestir o pijama e o abraço com força, apeciando seu cheirinho delicioso. Sonolento, ele murmura histórias das férias, a maioria das quais já ouvi ao telefone. Não me importo. Eu poderia ouvi-lo a noite inteira. Deixo um grande copo de plástico com água ao lado da cama e conversamos durante um tempo enquanto ele fica cada vez mais sonolento.

— Eu estava com saudades, mamãe. Estou feliz por voltar para casa.

Meu coração derrete. Eu *tenho* uma vida própria. Pode estar toda embrulhada em um pacote no formato desse menino, mas eu o amo de todo o coração, um amor puro e perfeito.

— Eu também senti saudades.

As palavras não refletem como me sinto.

— Se amanhã o tempo estiver bom, vamos até Highgate Woods. Tomar sorvete. Brincar no parque. Você quer?

Ele sorri e assente, mas já está caindo no mundo dos sonhos. Dou-lhe um beijo de boa-noite e o observo por um tempo antes de desligar a luz e ir embora.

Estou exausta. A volta de Adam me acalmou, e restou apenas cansaço pesando sobre meus ombros. Sirvo-me de uma taça do ótimo vinho tinto que Ian trouxe, o que dissipa o resto da tensão até eu não parar mais de bocejar. Tento deixar Adele e David se afastarem na névoa. Deixei um celular com Adele. Se tiver algum problema sério, ela poderá me ligar. A menos, é claro, que esteja fora do ar por conta de sabe-se lá que coquetel David lhe deu. Mas não há nada que eu possa fazer. Já pensei em ligar para o Dr. Sykes, mas em quem ele vai acreditar? E tenho certeza de que Adele mentiria para proteger David — e a si mesma. Eu não entendo por que ela ainda o ama, o que é evidente, quando me parece bastante óbvio que David está ali apenas pelo dinheiro. Quanto será? Quanto ele gastou? Talvez estejam juntos há tanto tempo que Adele confunda dependência com amor.

Também me magoa o fato de Adele ter dito que David teve *algo* com alguém onde moravam. Lembro-me da falsa angústia dele: *Eu não faço essas coisas*. Isso me dói, e, na mente, continuo a revê-lo naquela noite terrível e sentir a frieza das suas palavras. Um estranho. O outro lado dele, como disse Adele.

Deixo escapar um longo suspiro, como se pudesse expulsar os dois de mim. Adam é meu lar agora. Preciso me concentrar nele. Nele, e em outro emprego. Seja lá o que disse o Dr. Sykes, não posso voltar para a clínica. Mesmo que David vá embora, aquele lugar me remete demais a ele — a tudo —, de modo que não quero voltar a trabalhar lá. Não seria a mesma coisa. Desanimada, procuro vagas de emprego na rede, mas não há nada no meu perfil, o que me deixa ainda mais infeliz. Graças a deus tenho dinheiro no banco, o que me dará alguns meses de alívio, mas não vai durar para sempre, e voltarei a depender da caridade de Ian. Desejo sumir até tudo acabar, mas apenas esvazio a taça e vou dormir. Adam voltou, e não poderei mais me demorar na cama pela manhã.

Não demoro a cair no sono. Atualmente, os terrores noturnos duram um ou dois segundos, tempo suficiente para eu contar os dedos, a porta da casa de brinquedo aparecer e eu entrar. Como de costume, estou no jardim junto à lagoa com Adam. Embora estejamos tentando nos divertir, o dia está cinzento e chuvoso, como se meu estado emocional influenciasse até mesmo no sonho que estou controlando. Sei que o sonho é só uma fantasia,

e a fantasia não me satisfaz com apenas nós dois aqui. David não está preparando churrasco. Eu não o quero aqui. Não com a frase que ele disse tão clara na minha mente: *É para seu próprio bem. Fique longe de nós dois*.

Estou à beira da lagoa, mas a atenção de Adam se volta da abundância de girinos e peixes para os carros e caminhões de brinquedo espalhados pelo gramado, e ele mal ergue a cabeça. Sei que sou eu quem o colocou ali — se eu quisesse Adam junto à lagoa comigo, procurando um tesouro, bastaria desejar —, mas esse também não é o verdadeiro Adam, apenas uma recriação imaginária, e hoje isso não me basta.

O verdadeiro Adam está dormindo na cama, debaixo do edredom, agarrado a seu ursinho de pelúcia. Penso nele, deitado tão perto de mim, e imaginá-lo no quarto faz meu coração se encher de ternura, e desejo vê-lo e abraçá-lo até ele ficar sem fôlego. Sinto isso com uma ferocidade de mãe, e, então, de repente, lá está outra vez.

A segunda porta.

Brilha sob a superfície da lagoa como antes, mas dessa vez a porta se move, erguendo-se na vertical, e, embora as bordas ainda estejam reluzindo como mercúrio prateado, a porta em si é feita de água. Fico parada, e a porta se aproxima, e, por um segundo, acho que vejo girinos e peixes dourados nadando na superfície. Logo em seguida, toco a água quente, atravessando-a e...

... vejo-me de pé junto à cama de Adam. Por um instante, fico atordoada com a mudança, mas então o mundo se restabelece. Estou no quarto dele. Ouço sua respiração, lenta e constante, a respiração dos muito idosos ou dos que dormem pesado. Um dos braços está esticado sobre o rosto e penso em movê-lo, mas não quero perturbar meu filho. O edredom está parcialmente afastado, e em algum momento ele deve ter derramado o copo d'água sobre o pobre urso de pelúcia, que havia caído da cama. Fico feliz por ser um sonho. Adam detestaria ter que colocar o urso na secadora. Ele nem sequer me deixaria colocá-lo na máquina de lavar. Curvo-me para pegar o ursinho, mas minha mão não o agarra. Mais do que isso, não vejo minhas mãos. Olho para onde deveriam estar. *Não tenho mãos*. Não há nada ali. Confusa, por três vezes tento tocar o urso com dedos invisíveis, mas a cada tentativa tenho a sensação de passar através do pelo molhado e macio, como se eu não estivesse ali, como se eu fosse um fantasma. Estou terrivelmente abalada e, então, sinto um poderoso puxão às minhas costas e

sou arrastada para trás. Por um breve instante, o medo toma conta de mim, e então...

... desperto, ofegante, sentada na cama, sem fôlego. É como se eu tivesse acordado de supetão, como naqueles quase sonhos de estar caindo que se tem quando está quase dormindo. Meus olhos vasculham a escuridão, tentando se orientar. Olho minhas mãos e conto os dedos. Dez. Faço isso duas vezes antes de ter certeza de que estou acordada. Meus pulmões ardem, como se eu tivesse saído e fumado vinte cigarros no pub, como fazia antigamente, mas não me sinto cansada. Quando muito, estou estranhamente energizada, considerando quão emocionalmente abatida estou e quão cansada eu me encontrava ao ir me deitar. Mas estou com sede. Morrendo de sede. Foi o vinho antes de dormir. Nunca vou aprender.

Levanto-me, vou até a cozinha, bebo dois copos de água da torneira e lavo o rosto. Meus pulmões voltam ao normal, a ardência desaparece. Talvez fosse apenas um eco do sonho.

Ainda são três da manhã, de modo que volto para a cama, mesmo não tendo certeza de que voltarei a dormir. Faço uma pausa à porta do quarto de Adam, dou uma espiada e sorrio. Ele voltou mesmo para casa. Essa parte não era sonho. Estou prestes a fechar a porta quando o ursinho no chão atrai minha atenção. O urso. Caído da cama. Franzo a testa e chego mais perto. O copo de plástico na mesa de cabeceira está caído ao lado do urso. O urso está molhado. Desta vez, eu *consigo* pegá-lo, e ele está encharcado. Olho para Adam, e meu coração começa a bater mais rápido. Um dos braços está cruzado sobre o rosto e as pernas estão para fora do edredom, que ele chutou para longe.

É como um *déjà vu*. Tudo exatamente como vi quando atravessei a segunda porta no sonho. Mas não pode estar certo. Eu não posso ter visto isso. Eu estava sonhando. Não poderia saber que ele tinha derramado a água e molhado o urso, ou que seu braço estava cruzado sobre o rosto. Eu não teria imaginado essas coisas. Adam tem o sono mais pesado que eu já vi. Normalmente ele quase não se move e fica encolhido de lado a noite inteira. Eu não teria pensado em nada disso se estivesse imaginando ele dormindo.

Não sei o que pensar. Não compreendo. E, então, me ocorre. Sonambulismo. Eu me agarro a esse breve momento de alívio, de lógica, embora não pareça ser *verdade*. Não tenho tido ataques de sonambulismo desde que comecei a ter sonhos lúcidos. Mas deve ter sido o que aconteceu.

Talvez eu estivesse sonâmbula e meio que acordei, ou algo assim. Vi o quarto, depois voltei a dormir e levei aquilo para o sonho.

Quando percebo que não há nenhum motivo para continuar ali de pé, volto para a cama e fico um tempo encarando o teto. Tudo aquilo me perturbou, embora eu não saiba por quê. Não poder tocar no urso. A invisibilidade. Isso nunca aconteceu nos meus "novos" sonhos. Posso comer, beber, transar, o que for. Por que não fui capaz de pegar o urso de pelúcia? Por que eu não tinha mãos? É estranho. E não foi como nos outros sonhos. Apesar da minha falta de corpo, o sonho em si parecia mais palpável. Mais real.

Deve ter sido sonambulismo, repito a mim mesma. Afinal, que outra explicação poderia haver?

PARTE III

37

ADELE

Somos dois estranhos na casa, tomando todo o cuidado de evitar um ao outro, e — ao menos da parte de David — há pouca chance de sairmos disso. Mal nos tratamos com civilidade. Ele resmunga respostas para minhas perguntas, como se tivesse se transformado em um neandertal incapaz de formular frases completas, e evita me olhar nos olhos. Talvez não queira que eu veja que passa a maior parte do tempo bêbado. Acho que ele preserva toda a "normalidade" para o trabalho e não tem energia para ser normal em casa.

Ele parece menor — diminuído. Se *eu* fosse o psiquiatra, diria que ele é um homem à beira de um colapso nervoso. Minha amizade com Louise o abalou. Não, não é bem assim. A amizade de Louise comigo o abalou. Ela era o segredo especial dele, e foi arruinado. David foi enganado.

Depois que o choque inicial da descoberta passou, sei que ele me culpa.

— Tem certeza de que não sabia quem ela era? — perguntou, ontem à noite, parando à porta do nosso quarto, sem querer entrar. — Quando você a conheceu?

— Como eu poderia saber que ela era sua paciente? — respondi, toda inocente e com os olhos arregalados.

Uma *paciente*. Mentira dele, não minha. Ele podia estar bêbado, mas não engoliu minha resposta. Ele não entende como eu sabia sobre ela, porém sabe que eu sabia. No entanto, o meu comportamento o confundiu — e não é minha "maneira de agir". Em Blackheath, minha abordagem foi muito mais direta, com a diferença de que Marianne não passava de uma possível

ameaça ao casamento. Já Louise... bem, Louise é a grande esperança de nossa felicidade. Louise é maravilhosa.

Detesto reconhecer erros, mas preciso admitir que provavelmente fui *muito* óbvia em Blackheath. Eu não deveria ter deixado a raiva tomar conta de mim — ao menos não de forma tão dramática —, mas o caso foi diferente. E, de qualquer modo, tudo isso ficou no passado. Eu nunca me preocupo com o passado, a menos que possa usá-lo no presente, e talvez Blackheath passe a ser útil. Assim, não terá sido um erro. O passado é tão efêmero quanto o futuro: não passa de perspectiva, fumaça e truque de espelhos. Você não pode apreendê-lo, certo? Digamos que duas pessoas vivam exatamente a mesma coisa. Mais tarde, peça que relatem o evento e, embora suas versões possam ser semelhantes, sempre haverá diferenças. A verdade é diferente para cada um.

Mas coitado do David. Ele é oprimido pelas pesadas botas de concreto do passado, que o pisoteiam, afogando a nós dois. *Aquele* momento no passado transformou-o em um homem defeituoso. Uma noite o levou à bebida, à preocupação, a incapacidade de se permitir me amar, à culpa. Viver com ele e tentar fazer tudo dar certo para nós dois é cansativo pra caralho. Tentar fazê-lo ver que aquilo não importa. Ninguém sabe. Ninguém nunca saberá. Assim, em muitos aspectos, como ninguém sabe, nunca aconteceu. Se uma árvore cai na floresta e ninguém está por perto para ouvi-la cair, blá blá blá.

Em breve, porém, nosso terrível segredo será revelado e nos livraremos dele. David está a ponto de revelá-lo, sei disso. Imagino que a prisão lhe pareça uma opção melhor do que este inferno constante. Não dói tanto quanto deveria, pensar que o homem que eu amo muito, muito, muito considera a vida comigo um inferno, mas, por outro lado, também não tem sido fácil para mim.

No entanto, contar será apenas um alívio momentâneo. Ele ainda não entendeu isso. Contar não lhe trará Louise de volta. Contar não lhe trará confiança e absolvição. David merece as duas coisas. Alguns segredos precisam ser desencavados, não apenas contados, e nosso pequeno pecado é um deles.

Eu poderia ter feito tudo isso com muito mais facilidade. Eu poderia tê-los deixado sozinhos, e talvez David acabasse contando para Louise a verdade sobre nosso casamento e o acontecimento que lhe deu forma, e ela teria acreditado nele, mas ele sempre se perguntaria se ela ainda guardava

uma pequena dúvida. Ele sempre procuraria a suspeita nos seus olhos. Não há nada de sólido em revelações.

Tudo se resume a Louise. Ela precisa descobrir nosso passado sórdido por conta própria. Precisa nos livrar com sua crença. Estou trabalhando muito para que isso aconteça. Mesmo que ele não suporte olhar para mim, estou fazendo tudo isso por David.

Preparo chá de hortelã e, enquanto espero a água ferver, busco o pequeno celular no guarda-roupa. Eu o ligo e envio uma mensagem para Louise, minha pequena e bela marionete.

> Só para você saber que está tudo bem por aqui. Estou tentando ser normal. Esvaziei as cápsulas dos remédios, então tomo apenas cápsulas vazias quando ele está aqui. Não as engulo, apenas as ponho sob a língua e as cuspo. Procurei algum arquivo a meu respeito no escritório dele, mas não encontrei. :(Fico feliz que você saiba onde está a chave reserva. Eu me sinto louca por estar preocupada com o D, pois ele sempre cuidou de mim. Mas vc está certa, não basta amá-lo. Talvez eu entre em contato com o advogado para falar sobre o divórcio. Ah, eu imaginei nós duas em um sonho no Orient Express, amigas curtindo férias incríveis. Devemos fazer isso algum dia!! Bjs.

É um texto longo, mas mostra quanto preciso e sinto falta dela. Não me incomodo em esconder o telefone. Louise sempre responde depressa, e desta vez não é exceção.

> Muito feliz que vc esteja ok. Vc está mandando bem com os remédios! Andei preocupada. Tive um sonho e atravessei aquela segunda porta. Acabei no quarto de Adam. Havia coisas fora do lugar. Quando acordei e fui vê-lo, tudo estava exatamente como no sonho. Estranho, né? Você nunca encontrou uma segunda porta? Acho que talvez eu estivesse sonâmbula. TOPO DEMAIS O ORIENT EXPRESS!

Respondo concordando que é estranho e dizendo que nunca vi uma segunda porta, e que acho que seu cérebro deve funcionar de um jeito diferente do meu, mas minhas mãos estão trêmulas de alegria enquanto digito. Mal consigo me sentar, com o surto de adrenalina que me invade de súbito. Louise já está colocando em prática! Ela ainda não descobriu exatamente o que está fazendo, mas é muito rápida. Mais rápida do que eu fui. É instintiva. Preciso acelerar as coisas, já que não estão inteiramente sob meu controle.

> Voltarei a procurar um arquivo sobre mim no escritório. Onde poderia estar? De qualquer modo, preciso ir. Cuide-se. Bjs.

Não posso me dar ao luxo de iniciar uma longa conversa com ela. Estou muito eufórica. Mas a cutuquei na última mensagem. Outra pequena semente plantada para desencadear suas sinapses, mesmo que a resposta seja tão óbvia que ela precisaria ser idiota para não saber a solução. O que ela realmente deve pensar sobre minhas capacidades intelectuais? Pobrezinha da Adele. Tão doce e amável, mas tão burrinha e simplória. É o que ela deve achar de mim.

Ah, se ela soubesse...

38

LOUISE

Foi um ótimo dia no bosque e no parque, depois um almoço tardio no restaurante, e, quando voltamos para casa, Adam e eu estamos sorridentes e radiantes por termos passado um tempo respirando ar fresco. Estou feliz por Adele ter me mandado uma mensagem esta manhã para me informar que ao menos as coisas não pioraram. Agradeço a Deus por ela estar tentando não tomar aqueles remédios. Sabe-se lá o que fariam com uma mente saudável.

Algumas horas sem preocupações me fizeram muito bem, e ainda estou sorrindo enquanto remexo a bolsa procurando as chaves. Pode não ter sido na França, com caracóis e piscinas, mas ainda sei fazer meu garotinho rir. Brincamos de Doctor Who entre as árvores. Adam era o Doutor, é claro, e eu, sua fiel companheira. Ao que parece, as árvores eram uma raça alienígena e, a princípio, queriam nos matar, mas, a certa altura do enredo — tenho certeza de que fez sentido para Adam —, nós as salvamos, a paz foi restaurada e estávamos prontos para guiar a Tardis para outra aventura — após uma parada para nos abastecermos com sorvete, é claro. Adam estava convencido de que o sorvete era o que o Doutor e sua companheira comiam quando viajavam, e eu não o contestei. Tive que fugir da dieta, mas, com o estresse provocado por tudo o que aconteceu enquanto meu bebê esteve fora, os quilos a mais devem ter derretido. E, meu deus, como estava bom! A vida real é *mesmo* boa.

— Onde está o chaveiro? — pergunta Adam, um tanto desapontado. — Você disse que o usaria hoje.

— A idiota da mamãe esqueceu — respondo.

Ainda está na mesa de centro, onde o deixei na noite passada. Após aquele sonho estranho, acabei esquecendo.

— Vou pegar assim que chegarmos.

Despenteio o cabelo dele e sorrio, mas estou irritada comigo mesma. Como pude esquecer o presente? Esqueci o presente da única pessoa que me ama incondicionalmente.

Apenas quando ele se acomoda diante dos jogos no antigo iPad do pai, com desenhos animados na TV ao fundo, começo a transferir as chaves e percebo que ainda tenho as chaves da clínica. Meu coração bate mais rápido. Se David tinha algum arquivo sobre Adele, não o guardaria em casa, e sim no trabalho, onde ela não poderia encontrá-lo por acaso.

Mas eu poderia. Caso me atrevesse.

Olho para as chaves. Eu poderia entrar sem que ninguém soubesse. Sei o código do alarme. Poderia fazer isso hoje à noite. Sinto-me um tanto nauseada com o que estou sugerindo a mim mesma, mas também vem um pico de adrenalina. Eu preciso saber. Adele precisa saber. Devo isso a ela, depois de tudo o que fiz, mesmo que ela felizmente não saiba que sou uma amiga de merda.

Adam está concentrado no desenho animado, sonolento, ainda cansado das férias e do dia no bosque, de modo que saio e bato à porta de Laura, a vizinha que mora no apartamento ao lado.

— Oi, Louise — diz ela, toda sorridente.

Ouço o som da enorme televisão.

— O que posso fazer por você? Quer entrar?

Gosto de Laura, mesmo não a tendo visto muito ultimamente. Por um momento, me sinto constrangida ao pensar que ela deve ter ouvido minha briga com David naquela noite.

— Não posso ficar, deixei Adam sozinho. Eu sei que está muito em cima, mas será que você poderia tomar conta dele hoje à noite? Eu sinto muito, mas é que foi uma coisa de última hora.

— Um encontro? — pergunta ela, sorrindo.

Confirmo com a cabeça, o que é idiota. Terei que me vestir como se fosse para uma noitada apenas para invadir meu antigo trabalho. Ao pensar que realmente farei isso, de repente desejo que ela diga não.

— Claro que posso — diz ela, enquanto amaldiçoo minha impetuosidade. — Eu seria incapaz de atrapalhar o amor verdadeiro

potencial ou uma boa trepada. Que horas?

— Por volta das oito? — Terei que fazer hora, mas qualquer horário mais tarde pareceria estranho. — Tudo bem pra você? Ele já estará na cama, e você sabe como ele é: nunca acorda.

— Sem problemas, de verdade. Não tenho nada planejado.

— Obrigada, Laura. Você é o máximo.

Então, está acertado. Vou levar o plano a cabo.

Fico mais tensa à medida que anoitece, a mente repleta de preocupações: a principal é a possibilidade de terem mudado o código do alarme, mas acho que não mudaram. O código sempre foi o mesmo desde que comecei a trabalhar ali, e outros funcionários vieram e se foram nesse meio-tempo. E, para o Dr. Sykes, talvez eu volte a trabalhar na clínica. Por que se preocuparia com o fato de eu ter acesso ao lugar? Contudo, por volta das oito e quinze, quando Laura já chegou e saio do apartamento, ainda tenho dúvidas se devo mesmo ir. Se alguém descobrir, poderei ficar em apuros. Penso nos remédios. No estado em que encontrei Adele em casa. Ela poderá ter problemas ainda mais sérios, caso eu não faça nada.

Não posso ir direto para a clínica, é muito cedo, de modo que vou a um restaurante italiano na Broadway, sento-me em um canto e peço um jantar que não quero comer. Meu estômago está apertado de ansiedade, mas forço metade do risoto goela abaixo. Bebo uma taça de vinho tinto para me acalmar. Mal faz efeito, e permaneço totalmente sóbria.

Por volta das dez, já permaneci ali todo o tempo que podia, então caminho pela cidade durante uma hora, tragando o cigarro eletrônico repetidas vezes até ficar com a boca e a garganta secas. Tento me concentrar. Penso em Adele. Eu sei que *tenho* que fazer isso. É importante. E não vou invadir o escritório. Tecnicamente, não. Eu tenho as chaves. Se alguém aparecer — *Ah, pelo amor de deus, que não apareça ninguém* —, posso fingir ter ido buscar algo que deixei lá. *Sim, claro, Louise, porque após as onze da noite as pessoas inocentes fazem coisas desse tipo em uma empresa*.

A rua parece opressiva de tão escura, e meus passos são os únicos a perturbarem a paz da calçada vazia. A maioria dos edifícios é de escritórios de advocacia ou de contabilidade, e, embora alguns andares superiores sejam de apartamentos, quase nenhuma luz se infiltra através das ricas e pesadas cortinas de grife. Eu deveria estar feliz por não poder ser vista, mas os cabelos da minha nuca ainda estão arrepiados como se *algo* na escuridão

estivesse me observando. Olho por cima do ombro, convencida de que alguém está ali, mas a rua está vazia.

Tiro as chaves da bolsa com a mão trêmula. *Entrar e sair*. *Vai ser fácil*. *Finja que você é James Bond*. Não me sinto muito parecida com James Bond quando as chaves escorregam dos dedos e caem no primeiro degrau, mas logo destranco a porta e entro. O coração quase sai pela boca quando acendo a luz e corro até o alarme, que emite um sinal sonoro de trinta segundos antes de o inferno ser deflagrado.

Já fiz isso uma centena de vezes e, com o rosto em chamas, tenho certeza de que vou digitar o código errado, mas meus dedos seguem a rotina e voam sobre o teclado, e os sinais sonoros silenciam gloriosamente. Fico ali, parada, no vazio estranho e sombrio, inspirando fundo, forçando o coração disparado a desacelerar. Entrei. Estou a salvo.

Vou até a sala de David, deixando o máximo possível de luzes apagadas. Já estive aqui sozinha no escuro nas manhãs de inverno, mas o edifício parece diferente esta noite. Inóspito, como se eu o tivesse despertado, e ele soubesse que eu não deveria estar aqui.

Os médicos raramente trancam os consultórios. A equipe da limpeza precisa entrar, e paira sobre a clínica um ar de complacência de classe média, uma confiança antiquada. Além disso, em um nível mais prático, não há armários repletos de morfina que possa ser roubada, e a maioria dos arquivos dos pacientes são armazenados em computadores com senhas aos quais apenas os médicos têm acesso. Contudo, se David guarda um arquivo de Adele aqui, não será no sistema. Ele não desejaria que os outros sócios da clínica o vissem, mesmo que não pudessem abri-lo. No mínimo, isso suscitaria questões éticas.

De fato, a porta do consultório dele está destrancada. Acendo a luminária da escrivaninha e começo a procurar no velho armário do canto, repleto de panfletos de empresas farmacêuticas e guias de autoajuda para os pacientes. Um bocado dessa porcaria deve ter sido deixada pelo Dr. Cadigan. É tudo muito árido e sem graça. Tiro tudo dali e vasculho com cuidado, mas não há nada escondido no fundo de nenhuma das gavetas.

Vinte minutos se passam até eu colocar tudo de volta, espero que na ordem certa, mas a decepção me deixou ainda mais determinada a encontrar o que estou procurando. Não terei coragem de voltar aqui outra vez, mas preciso estar em casa por volta de uma da manhã, no mais tardar, para que Laura não faça muitas perguntas. Olho em torno. Onde mais

poderia estar? Ele deve ter anotações em algum lugar — está prescrevendo remédios para ela. Ele precisa de *algo* para se garantir.

A escrivaninha é o único lugar que falta revistar na sala organizada, e eu a vasculho com furor. A gaveta de cima tem blocos, canetas e artigos de papelaria — surpreendentemente desarrumados, considerando quão impecável é a casa dele —, então tento abrir a gaveta de baixo, que é maior do que as outras. Está trancada. Tento outra vez, mas não consigo abrir. Uma gaveta trancada. *Segredos*.

Procuro a chave na gaveta de cima, mas não encontro. Ele deve guardá-la consigo. Que merda, merda, merda, merda, merda! O que posso fazer? Observo a gaveta por um longo tempo, até que minha curiosidade me supera. Preciso ver o que há ali dentro. Danem-se as consequências. Ele pode até saber que alguém arrombou a gaveta, mas não terá certeza de que fui eu. Pego uma faca na copa e a introduzo na pequena fenda na borda da gaveta, tentando forçá-la. No começo, acho que não vou conseguir e murmuro: "Vamos lá, porra!" Então, empurro com força, e a madeira racha. A gaveta cede uns três centímetros. Consegui.

As primeiras coisas que vejo são garrafas de conhaque. Duas. Uma delas pela metade. Eu deveria ficar chocada, ou ao menos surpresa, mas não fico. O alcoolismo de David talvez seja seu segredo mais malguardado, ao menos para mim e para Adele. Há também vários pacotes de balas extrafortes. Quanto ele deve beber por dia? Quase imagino: um gole aqui, outro acolá, não muito, apenas o suficiente. Por que ele bebe? Culpa? Infelicidade? *Quem se importa? Não estou aqui por causa dele*.

Fico tentada a esvaziar as garrafas na pia, mas me detenho. Apenas as retiro da gaveta e remexo o que há mais embaixo. Estou de joelhos e suando sob a maquiagem que precisei colocar para Laura acreditar que eu tinha um encontro, enquanto manuseio envelopes, pastas de recibos e cópias de artigos médicos que ele escreveu.

Por fim, no fundo, vejo um grande envelope de papel pardo. Nele há uma pasta amarela tamanho A4. Com o tempo, o papel perdeu a aspereza. É suave ao toque, e as várias páginas que comporta são atadas com prendedores elásticos, uma coleção aleatória de folhas repletas de anotações, nada parecido com um arquivo médico. Mas é o que estou procurando. O nome dela está ali, bem na frente, escrito com marcador preto de ponta grossa. *Adele Rutherford-Campbell/Martin*.

Sento-me na poltrona e corro os dedos pela capa por um instante antes de ir até a primeira página. Não é um arquivo médico convencional, mas uma coleção de notas aleatórias, rabiscos feitos com uma péssima caligrafia de médico em diversos tipos de papel — ao que parece, qualquer coisa que ele tivesse em mãos no momento. Eu esperava encontrar material de cerca de um ano, desde sabe-se lá quando ele começou a conceber o plano. Talvez quando conheceu a tal Marianne do restaurante em Blackheath, um pensamento que ainda fere meu orgulho. Mas, não, a primeira anotação é de seis anos atrás e fala de coisas que remontam a uma década. A falta de detalhes é irritante.

Puxo a cadeira até a escrivaninha, para que o arquivo fique sob a luz amarela da luminária enquanto tento decifrar os rabiscos.

> Um pequeno colapso nervoso três meses depois de deixar Westlands, durante o qual ela sofreu um aborto.

O que foi mesmo que Adele me disse? Que no início do casamento David queria ter filhos e ela, não. Como ele deve ter se sentido quando ela preferiu abortar? Deve tê-lo magoado. Seria esse o início do ressentimento? Sigo adiante.

> Suspeitas de paranoia e ciúme extremo. Ela sabe coisas que não deveria saber. Estará me espionando? Como?

Tenho vontade de rabiscar sob as anotações: *Quem está parecendo paranoico agora, David?*

> Adele alega que o incidente com Julia na floricultura não foi culpa dela, mas não há aqui muitas semelhanças com o passado? Nenhuma medida adotada — nenhuma prova. Julia perturbada/amedrontada. Fim da amizade. Fim do trabalho. Concordou em não trabalhar mais. Será que ela fez isso para ficar em casa?

O trabalho que Adele mencionou. Deve ser esse. Mas o que aconteceu? Penso nos telefonemas diários. Teria David sabotado o trabalho dela para garantir que a esposa ficasse em casa? Mas qual terá sido o incidente? O que aconteceu? O arquivo jamais serviria para diagnosticá-la como louca. Não há nenhum detalhe, e não há avaliações ou registros de sessões oficiais. Talvez ele conte com sua reputação para usar isso contra ela. Uma crítica sutil em vez de algo conclusivo, de modo que ele pareça quase

relutante. Procuro as anotações mais recentes, meus olhos detendo-se em frases que me deixam arrepiada.

> Surto psicótico. Tendências sociopatas.

Vejo onde ele anotou receitas, mas é tudo muito vago. Apenas menções a remédios. As anotações parecem um registro particular, mas ainda sinto que ele está falando de uma estranha. Não é Adele.

> Marianne não prestará queixa. Nenhuma prova. Concordamos em nos mudar. Outra vez.

Segundo Adele, Marianne era o nome da mulher em Blackheath. O que realmente aconteceu por lá? Será que Adele descobriu que ele estava tendo um caso e houve um confronto? Sou tomada por uma onda de náusea, imaginando a mim mesma nessa situação. Poderia ter sido eu. Odeio a ideia de Adele descobrir o que fiz, e não porque pense que ela é louca ou seja lá o que David queira que o mundo acredite, mas porque ela é minha amiga. Eu odiaria se ela soubesse que a traí.

Olho para a anotação. O *outra vez* depois de *mudar*. Quantas vezes eles se mudaram? Adele não disse, e não há pistas aqui. Talvez, quando enfim mostrar essa merda para alguém, para o Dr. Sykes talvez, David tente passar a ideia de que a estava protegendo, mas que não estava mais conseguindo. Leio as páginas mais recentes, mas a escrita é indecifrável. Distingo duas palavras que fazem meu coração quase parar: *pais*... *propriedade*... e meus olhos tentam entender o parágrafo de frases quebradas, mas não consigo. Tenho certeza de que ele estava bêbado quando escreveu. Sinto como se estivesse olhando para a mente de um louco, e não lendo um arquivo sobre uma louca.

As duas últimas páginas estão quase vazias, mas o que está escrito nelas me faz congelar.

> Fúria inesperada após a mudança. Chutou a gata. Pisoteou-a. Matou-a. Coincidências demais.

E mais adiante:

> Será que foi uma ameaça? Uma tentativa de se impor? Medicação alterada. Quantos acidentes podem ocorrer? Será que alguma vez foi mesmo acidente?

Há apenas uma linha na última página, mas eu a observo por muito tempo.

Louise. O que fazer com ela?

39

ANTES

Antes de David chegar, ela ficou surpresa com a paz que sentiu ao permanecer sozinha em casa por dois dias. Adele estranhou a solidão após a companhia constante em Westlands, mas também foi reconfortante para sua alma. Mesmo à noite, no silêncio do campo, onde seria fácil acreditar que era a última pessoa no mundo, ela se sentiu calma. Não que alguma vez tenha se sentido isolada de pessoas e lugares. Não mesmo. Não com o que ela pode fazer.

Ainda assim, ela acha que eles talvez estivessem certos. Os jovens se curam rápido. E a Mansão Fairdale parece um fac-símile da sua antiga residência. É a mesma casa, mas muito diferente sem a presença dos pais. Ela chegou a reunir forças para visitar os restos carbonizados dos aposentos deles e recolher alguns objetos — o porta-joias filigranado da mãe, os castiçais de prata que pertenceram à avó e outros objetos que lhe traziam recordações. Algumas fotografias que estavam em uma caixa na gaveta inferior e que de algum modo sobreviveram ao incêndio. Todas tiradas com a câmera do pai e reveladas na sua própria câmara escura — um dos muitos hobbies aos quais ele dava mais valor do que ser pai. Há uma foto dela por volta dos quinze anos. Outra dela e de David à mesa da cozinha, tirada não fazia muito tempo. Aquela foi uma noite legal. Os pais haviam bebido e estavam mais tolerantes com ele, um momento raro que todos compartilharam. Ela guarda a primeira fotografia em uma caixa, mas fica com a segunda.

Entrega a fotografia a David quando estão caminhando de braços dados pela propriedade, o ar fresco e úmido, embora revigorante.

— Encontrei isso — comenta ela.

Ele está calado desde que chegou, e o reencontro foi quase embaraçoso. Eles se abraçaram e se beijaram, ambos muito felizes por estarem juntos outra vez, mas o mês separados e o incêndio ainda se interpõem entre os dois. Ela sugeriu uma caminhada após uma hora de uma conversa educada e afetada sobre Westlands e se ela precisava de alguma coisa, mesmo estando claro que sim — sendo quem era, David não deixou de encher o porta-malas do carro de comida.

Foi uma decisão acertada. A cada passo ele foi ficando mais relaxado, e Adele estava aborrecida consigo mesma por não ter percebido que estar na casa também poderia afetá-lo. Ele esteve lá naquela noite. As cicatrizes, que curavam aos poucos, eram prova disso. E, ao contrário dela, ele se lembrava do incêndio. Adele apoia a cabeça no braço de David quando os dois saem da trilha e entram na floresta. Choveu, e o chão está enlameado e coberto de musgos e folhas mortas, mas há algo maravilhoso e telúrico no cenário.

— Vou levar a foto para a universidade e botar numa moldura — diz ele. — Esse dia foi bem legal.

— E teremos muitos mais — comenta ela, sorrindo. — Uma vida inteira de bons momentos. Assim que nos casarmos. Que seja no Natal. Quando você entrar de férias, eu fizer dezoito anos e ninguém puder nos censurar. — Ela faz uma pausa. — Não que tenha sobrado alguém para nos censurar.

David aperta o braço dela. Sempre fica calado quando se trata de falar de coisas profundas, e ela não se incomoda.

— Eu estava pensando que talvez devesse trancar a universidade por algum tempo — sugere ele. — Para cuidar de você. Sabe, enquanto você tiver que ficar aqui.

Adele ri, embora ainda ache estranho ser capaz de rir. Sente saudades de Rob. Ela ama David, de todo o coração, mas foi Rob quem lhe fez voltar a rir.

— Isso vai contra a ideia de eu passar um tempo sozinha aqui, não é mesmo? De qualquer modo, você não pode largar a faculdade. Sempre sonhou com isso. E estou tão orgulhosa de você. Serei esposa de um médico.

— Isso se eu passar em todas as provas — desconversa ele.

— Ah, vai passar. Porque você é inteligentíssimo.

E é mesmo. David é a pessoa mais inteligente que Adele já conheceu.

Os dois param e se beijam, e ela gosta da sensação dos braços dele ao seu redor. Sente-se segura e acomodada e pensa que, talvez, no coração, estejam construindo bases sólidas para o futuro.

Quando caminham mais um pouco, ela percebe que estão perto do velho poço, quase invisível entre os verdes e marrons da floresta, o tijolo envelhecido coberto de musgo, uma relíquia de uma época passada. Algo esquecido.

Ela se debruça sobre a borda e olha para a escuridão, um poço seco e vazio.

— Eu imaginava esse poço quando estava em Westlands — conta ela. — Imaginava que chorava toda a minha tristeza aqui dentro e depois o selava.

É perto da verdade. *Imaginar* não é a palavra certa, mas é a melhor forma de explicar a David.

Ele vem por trás e a abraça pela cintura.

— Queria poder fazer algo para que você melhorasse.

— Você torna tudo melhor.

E é verdade. Ele pode não ter a rebeldia de Rob, que a faz se sentir jovem e livre, mas é forte. E é disso que ela precisa. Mesmo que sinta falta de Rob, é a David que ela realmente quer. Sua fortaleza. O relógio dele ainda balança no pulso, e ela o mostra.

— Você já pode usar relógio?

— Posso, mas fique com ele. Eu me sinto ao seu lado sabendo que ele está com você.

— Você sempre estará ao meu lado, David Martin. Sempre. Eu te amo.

Ela se alegra por poder ficar com o relógio. Sabe que, quando possível, David virá visitá-la nos fins de semana, mas o relógio é como ele: confiável. Forte. Tem um peso perceptível. Adele precisa de uma âncora. Talvez algum dia chegue a lhe explicar por quê. Falar sobre a noite do incêndio. Talvez. Talvez, quando estiverem velhos e grisalhos e ele veja mais mistério no mundo do que vê agora.

O ar da tarde esfria, e de repente ambos ouvem o tamborilar tranquilo da chuva na copa das árvores. Uma chuva suave e constante, em vez de um aguaceiro, mas ainda assim eles voltam e fazem um piquenique em casa com todo tipo de comida e bebem uma garrafa de vinho trazida por David, antes de caírem na cama em um dos quartos de hóspedes. Ela ainda não está pronta para ocupar seu antigo quarto. Aquilo pertence ao passado. Tanta coisa pertence ao passado.

— Devíamos vender este lugar quando nos casarmos — sugere, quando estão sonolentos, deitados no escuro após fazerem amor.

Seus dedos percorrem levemente a suavidade nova das cicatrizes do braço de David. Ela se pergunta quanto ainda doem. Ele jamais lhe diria.

— Um novo começo — concorda ele.

Ele também não quer ficar ali, e, afinal de contas, por que precisariam de uma casa tão grande? O pai só precisava daquilo por causa do ego.

— Um novo começo — confirma ela, antes de ambos caírem no sono.

Nada de convocar uma segunda porta no sonho. Adele não está pronta. Apenas a primeira porta, para variar. Ela pretende sonhar com seu futuro juntos. Com quão perfeito será.

40

LOUISE

— Como você tem ignorado minhas mensagens, decidi aparecer de surpresa no escritório para convidá-la para almoçar — diz Sophie, entrando no apartamento e arrastando a pequena Ella atrás de si. — Mas fui eu quem ficou surpresa quando Sue me disse que você se demitiu. Que diabo está acontecendo?

Eu realmente não preciso disso hoje. Mal dormi, depois da aventura da noite passada, e meus nervos estão no limite. Mandei uma mensagem para Adele dizendo que eu precisava vê-la, mas ela não respondeu, e estou morrendo de medo de que David tenha encontrado o celular. Por que outro motivo ela não ligaria para mim, depois que ele foi para o trabalho?

Sophie tira o casaco e o joga no sofá.

— Diga que você não se demitiu por causa *dele*. Diga que seguiu meu conselho e se livrou dos dois. Por favor.

— Tia Sophie!

Adam vem correndo do quarto e abraça as pernas dela.

— Ella!

Ella é uma criança peculiar, etérea, que nunca repete um único palavrão dito pelos pais — ao contrário de Adam, que de algum modo aprende cada um deles, embora eu me esforce ao máximo para não xingar perto dele. Se uma criança de seis anos é capaz de se apaixonar, tenho certeza de que Adam é apaixonado por Ella.

— Fiquei um mês na França! E vou ter um irmão ou uma irmã! Lisa vai ter um bebê!

É a primeira vez que ele menciona a gravidez na minha frente — eu não tinha certeza de que ele sabia —, mas seu cuidado para não magoar a mamãe falhou em meio a tanta empolgação.

— Ian vai ter outro filho? Você não me contou — diz Sophie, um pouco magoada.

Dou de ombros.

— Você estava muito ocupada me censurando.

Falar do bebê que em breve irá nascer ainda me magoa, mas não quero que ela saiba disso. Mandamos as crianças brincar no quarto de Adam, ambas com sacos de doces trazidos por Sophie, e vamos para a varanda com o vinho.

Ela acende um cigarro e me oferece outro, mas eu mostro o cigarro eletrônico.

— Eu meio que parei.

— Uau, muito bem! Tenho pensado em comprar um desses para mim e para Jay. Talvez um dia.

Ela olha para mim, a taça de vinho em uma das mãos, o cigarro na outra.

— Então, conte. O que aconteceu? Você emagreceu. É estresse ou foi intencional?

— As duas coisas.

Então, contra a vontade, conto tudo para ela. Estou explodindo de ansiedade, e compartilhar isso é um alívio. Ela me deixa falar, apenas solta uma ou outra interjeição, mas sei que cometi um erro quando vejo seu rosto se fechar, e as rugas que ela tanto se esforça para esconder sob a franja se tornarem sulcos profundos na testa. Ela me olha como se não acreditasse no que está ouvindo.

— Bem, não é de admirar que você tenha perdido o emprego — comenta, quando termino. — O que esperava que ele fizesse? Você fez amizade com a esposa dele e não contou nada. — Ela está decepcionada comigo. — Quem faz uma coisa dessas? Eu lhe falei ao telefone que você não conseguiria levar essa história adiante.

— Eu não tive a intenção de levar essa história adiante — retruco. — Simplesmente aconteceu.

— Como assim? Então foi *sem querer* que você deixou que o cara entrasse no seu apartamento e trepou várias vezes com ele enquanto fazia amizade com a esposa dele? Você por acaso invadiu o consultório dele *sem querer*?

— Claro que não!

Perco a paciência. Ela está falando como se eu fosse uma adolescente. Considerando seu histórico, eu esperava mais compreensão.

— De qualquer modo, esse não é o problema. Estou preocupada é com Adele. E se ele estiver tentando se livrar dela? O casamento dos dois é muito estranho, e esse negócio com os remédios e o controle do dinheiro...

Ela me interrompe.

— Você não sabe como é o casamento deles. Você não está dentro para saber. Jay, por exemplo, cuida de todo o nosso dinheiro, e tenho certeza de que ele não tem motivos escusos.

— Você não tem uma fortuna — murmuro, reprimindo o impulso de lembrar que todo o dinheiro dela é o dinheiro *de Jay* porque não é ela exatamente quem arca com o grosso das despesas. — É diferente.

Sophie traga o cigarro com força, pensativa.

— Você transou com esse cara depois de passar um tempão sem transar com ninguém, de modo que realmente deve ter gostado dele. Então, como é possível você estar do lado dela? Tem certeza de que não está se sentindo culpada e tentando se redimir?

Devo admitir que ela me conhece.

— Talvez em parte, mas há tantos indícios, Sophie. E você pensaria o mesmo se a conhecesse. Ele é tão temperamental. Um temperamento sombrio. E Adele morre de medo dele. Ela é tão doce e tão frágil.

— Frágil? — Ela ergue uma das sobrancelhas perfeitamente depiladas. — Ou louca?

— Como assim?

— Bem, você está preocupada com os remédios e tudo o mais, e considera sinistro o que ele faz com ela. Mas e se ela tiver mesmo um parafuso a menos? Já pensou nessa possibilidade?

— São remédios pesados.

Ela dá de ombros.

— Ela pode ter muitos parafusos a menos — retruca, balançando a cabeça, inflexível.

— Se ela fosse louca, eu saberia. Eu perceberia. Passamos muito tempo juntas.

— Ah, tá, porque a loucura é sempre evidente. Diga isso para as pessoas que conheciam Ted Bundy ou qualquer outro assassino em série. Só estou dizendo é que talvez você esteja exagerando. Vendo algo que não existe.

— Pode ser — concordo.

Nem por um segundo acredito nisso, mas não há por que me estender no assunto com Sophie. Sei que posso exagerar, mas não é o caso. Gostaria que ela não tivesse vindo. E acho que talvez ela esteja pensando o mesmo. Dá para ver que sente um pouco de pena de mim, como se estivesse triste por eu nem ser capaz de me divertir direito com uma aventura amorosa.

— Talvez tudo isso tenha a ver com Ian — diz ela, cautelosa. — Você sabe, com o novo bebê que vai nascer. Não deve estar sendo nada fácil para você.

— Acha que estou inventando problemas no casamento de David e Adele porque meu ex-marido engravidou a nova esposa?! — exclamo. Na verdade, a exclamação é quase um rosnado.

Foda-se, penso em meio a uma onda de raiva. *Volte para a porra dos seus casinhos*. *Não vou desistir de Adele. Não vou*.

— Você acha que eu inventei esse arquivo? Os remédios?

Nós nos encaramos por um longo tempo, em silêncio.

— Não, claro que não — responde ela, afinal. — Estou preocupada com você, só isso. De qualquer modo... — Ela finge olhar para o relógio. — ... preciso ir. Para meu azar, minha mãe virá nos visitar esta noite, e ainda tenho que descobrir que diabo preparar para o jantar.

Ainda resta meia garrafa de vinho no chão, e tenho certeza de que ela está mentindo. Eu não sei como me sinto em relação a isso. Solitária. Sem amiga. Vazia. Irritada com Sophie.

Depois de Ella recolher os brinquedos e ambas se encaminharem à porta, Sophie diz:

— Eu amo você, Lou. Mas fique fora da vida deles. Não é bom se colocar no meio de um casamento. Você ultrapassou todos os limites e sabe disso. Afaste-se. Deixe-os em paz. Siga em frente.

— Vou pensar no assunto — garanto. — Vou mesmo. Prometo.

— Que bom — diz ela, lançando-me um meio sorriso.

Eu quase a ouço contar tudo para Jay. *Ah, meu deus, adivinhe o que a Louise fez! É louca, a pobrezinha!*

Sorrio de volta quando Sophie e Ella vão embora, mas meus dentes estão trincados.

* * *

Guardo o resto da garrafa para quando Adam estiver dormindo, embora eu tenha passado a tarde remoendo o deboche de Sophie sobre minhas preocupações com Adele e David. Eu devia ter ficado quieta. Mas essa é a história da minha vida: sempre deixo escapar coisas que deveria guardar só para mim. Ela nem me mandou uma mensagem depois que foi embora, nem mesmo para fazer uma piadinha para pedir desculpas, o que teria sido normal. Sophie odeia confrontos, e, embora tecnicamente não tenhamos brigado, não há como negar a pesada nuvem de contrariedade e desagrado que pairou durante toda a conversa. Ela assumiu um ponto de vista assim que soube que não segui seu conselho e não terminei com os dois. Tudo soou como ruído branco aos seus ouvidos. Isso vindo de quem tem mentalidade de maconheira, adepta do livre pensar e do livre viver.

Quando a campainha toca, às sete, já me servi da última taça de Sauvignon Blanc, em uma tentativa fracassada de melhorar o humor, e quase deixo a garrafa cair quando abro a porta. Eu não sei quem esperava que fosse. Laura, talvez. Ou até mesmo Sophie, para fazer as pazes.

Mas não. É ele. David.

As longas noites de verão estão terminando, e o céu se tornou cinzento. Parece uma metáfora para tudo o que aconteceu entre nós. O sangue sobe para o meu rosto, e sei que até meu peito está ruborizado. Fico enjoada. Tenho medo. Sinto uma série de coisas que não posso definir. Meus ouvidos zumbem.

— Eu não quero entrar — diz ele.

Ele está desarrumado, a camisa saindo da calça. Os ombros caídos. Sinto-me uma vampira. À medida que eu me torno mais forte por estar dormindo melhor, ambos ficam mais fracos.

— Eu não ia convidar — retruco, fechando a porta ligeiramente atrás de mim, para o caso de Adam acordar.

Além disso, fico mais segura do lado de fora.

— As chaves do consultório. Quero elas de volta.

— O quê?! — exclamo, embora tenha ouvido com clareza e a culpa tenha deixado minha boca instantaneamente seca.

— Eu sei que foi você, Louise. Eu não contei a ninguém. Só quero as chaves de volta. É justo, não?

— Não sei do que você está falando — insisto, e meu estômago se revolve outra vez.

— Você mente muito mal.

Ele olha para o chão, como se não suportasse me encarar.

— Entregue as chaves.

— Não preciso mais delas, mesmo.

Mantenho o queixo erguido, desafiador, mas minhas mãos tremem quando tiro as chaves do chaveiro de concha e as entrego. Seus dedos roçam os meus, e meu corpo me trai com um desejo urgente. Será que ele também sentiu? Que loucura. Como posso ainda ter esses sentimentos se, em parte, ele me apavora?

— Fique longe de nós, Louise. Já disse isso antes, e estava falando sério.

— E eu disse que não sei do que você está falando. Tenho mantido distância. Já me cansei de vocês dois — retruco, embora sejam apenas mentiras, mentiras, mentiras.

Ele percebe. E eu odeio isso.

David olha para mim por um longo tempo, e desejo poder compreendê-lo melhor. Seus olhos azuis ficaram opacos como o céu que escurece, e não vejo o que está acontecendo por trás deles. O que ele está pensando.

— Fique longe de nós. Se você não quiser se ferir.

— Isso é uma ameaça?

Eu quero chorar e nem sei por quê. Em que foi que eu me meti? E, depois de tudo, por que acho tão difícil odiá-lo quando ele está bem à minha frente? *Meu* David.

Ele olha para mim. O David frio está de volta. O estranho.

— Sim, é uma ameaça. Acredite, é uma ameaça. Sabe o que você esqueceu na noite passada?

Fico em silêncio, apenas olhando. Como? O que eu esqueci?

— Tem uma câmera de segurança do lado de fora da clínica.

Ah, meu deus, ele tem razão. Já sei aonde ele quer chegar. Ele sabe. Mesmo assim, ele deixa bem claro.

— Basta eu pedir que verifiquem a gravação da noite passada e, na melhor das hipóteses, suas chances de conseguir um novo emprego irão por água abaixo. *Na melhor das hipóteses*.

Ele me cutuca, e eu recuo. Os remédios. O arquivo com todas as anotações sobre Adele. Surto psicótico. Tendências sociopatas. Talvez seja ele quem tem essas coisas. Talvez David não seja apenas um mercenário atrás do dinheiro da esposa. Talvez seja louco. Embora ele me tenha na mão, não será nada bom caso eu comece a falar o que sei. Também sou uma ameaça.

— Fique fora do meu casamento — conclui. Ele pronuncia cada palavra como se desejasse poder cuspi-las em mim.

— Falou o homem que me comeu. Talvez você devesse se preocupar consigo mesmo, e não com aquilo que estou fazendo ou deixando de fazer.

— Ah, eu me preocupo, Louise. Acredite, eu me preocupo.

Ele se vira para ir embora, então faz uma pausa.

— Há algo que eu gostaria de saber. Algo que *preciso* saber.

— O quê?

— Como *exatamente* você conheceu minha esposa?

— Eu já disse. Trombei com ela. Eu não a estava perseguindo, nem a você e nem a ninguém.

Não fique se achando, tenho vontade de acrescentar.

— Disso eu sei. Mas queria saber quando e onde.

Olho para ele, hesitante.

— Por que isso importa?

— Por favor, Louise. Eu quero saber.

— Foi de manhã. Eu tinha acabado de deixar Adam na escola. Ela estava voltando depois de deixar você na clínica. Dei de cara com ela e a derrubei.

Tudo isso parece ter acontecido ontem e, simultaneamente, há muito tempo. Tanta coisa aconteceu desde então. Minha cabeça começa a latejar. Enredada como estou, por mais que eu esteja determinada a ajudar Adele, desejo nunca ter conhecido nenhum dos dois.

David balança a cabeça e meio que sorri.

— Claro.

— O quê?

Ele olha diretamente para mim, mas o rosto está oculto pelas sombras, e os olhos brilham como reflexos de vidro na escuridão. Suas palavras ressoam como as de um fantasma.

— Minha esposa nunca foi comigo até a clínica pela manhã.

— Não acredito em você — retruco, teimosamente. — Não acredito em mais nada que você diz.

Ele permanece ali de pé, uma figura no escuro, quando fecho a porta e o deixo do lado de fora, recuperando meu mundinho, meu espaço particular. Pressiono o ouvido na porta para ver se ouço seus passos no concreto, mas só escuto as batidas do meu coração acelerado, pulsando nos ouvidos.

Ah, meu deus, ah, meu deus, ah, meu deus. O que estou fazendo? Talvez Sophie esteja certa. Talvez eu devesse cair fora. Quanto da minha vida

pretendo estragar por causa disso? David poderia me pintar de louca para o Dr. Sykes. Para todos. Eu poderia ficar sem emprego para sempre. Talvez até ser presa. É tudo culpa minha. Culpa da minha curiosidade. Se eu não tivesse ficado curiosa a respeito de Adele, teria me desculpado e não teria ido tomar café com ela naquela manhã. E o que ele quer dizer com "ela nunca foi comigo até a clínica"? Ela só pode ter ido. O que ele está tentando me levar a pensar?

Não confie nele, digo a mim mesma. *Não dê ouvidos. Prossiga com o que você sabe. Você sabe sobre os remédios. Sobre os telefonemas. Sobre a bebida, o dinheiro e o arquivo no consultório. São coisas reais. E ele a ameaçou.*

Adele ainda não respondeu a minha mensagem, mas, mesmo que eu decida me afastar de tudo isso, ela precisa saber o que encontrei no consultório. Ela precisa tomar as próprias decisões com base naquilo. Eu a verei amanhã, depois a deixarei em paz. Eu já disse isso antes, mas desta vez é pra valer. Tem que ser.

Minha cabeça está latejando. Eu me sento no sofá e apoio o crânio na almofada para descansar. Preciso me acalmar. Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, deixando o ar entrar profunda e vagarosamente, forçando o relaxamento dos músculos tensos do couro cabeludo, rosto e pescoço. Esvazio os pensamentos, imaginando-os sendo levados por uma brisa noturna. Não quero pensar *neles*. Não quero pensar na bagunça que fiz. Não quero pensar em nada. Quero fugir de mim mesma, só por algum tempo.

Acontece de repente. Quase entre uma respiração e outra.

As bordas prateadas da segunda porta aparecem na escuridão atrás dos meus olhos, brilhando tanto que quase me ofuscam, então, antes mesmo de ver sua superfície de água cintilante, eu passo por ela e...

... estou pairando sobre mim mesma. Mas não posso estar, porque me vejo sentada no sofá, a cabeça pendendo para trás. Os olhos estão fechados, a boca, entreaberta. Vejo a taça de vinho vazia na mesa ao lado. Não me lembro de tê-la trazido. Como é possível eu estar me vendo? O que está acontecendo? Entro em pânico e sinto um forte puxão dentro de mim — *exatamente como o puxão no meu sonho do quarto de Adam* —, então meus olhos se abrem e estou de volta ao sofá.

Estou ofegante, bem acordada e alerta. Que merda foi essa? Olho para a mesa ao lado e vejo a taça de vinho no lugar em que eu devo tê-la deixado sem perceber depois que David se foi. Que diabo acabou de acontecer?

41

ADELE

Observando, esperando, aprendendo, praticando. Meus dias têm sido mais atribulados do que nunca, e isso é maravilhoso. Estou de salto alto combinando com a roupa quando David finalmente chega em casa. É legal me vestir bem e ser linda. A pele entre os dedos do pé direito está ferida e dolorida, mas a dor a cada passo vale a pena, assim como a *fissura* cada vez mais forte. É um lembrete de que estou no controle. Isso me mantém no controle. De qualquer modo, já dominei a técnica. Estou pronta para essa parte do plano e feliz por poder dispensar meu adorador, Anthony.

As coisas estão começando a se mover em ritmo acelerado. Louise é meu cachorrinho. Ela agarrou o osso que lhe dei, e sei que não vai largar. Estou curiosa para ver aonde ela o levará, que cartas ela mostrará no meu jogo. Eu não posso controlar como todos se comportarão diante das circunstâncias, mas de algum modo isso só torna tudo mais interessante. Estou brincando com as probabilidades da personalidade deles, e, até agora, nem David nem Louise me decepcionaram. David pode ser o psiquiatra, mas eu sei como as pessoas agem. E eu me adapto.

A cozinha está tomada por um cheiro delicioso quando ele chega e para à porta. Fiz um macarrão à carbonara e uma salada de rúcula apimentada que tenho plena intenção de comer, mesmo que David não queira. Ele para do outro lado da porta, encostado no batente. Está um lixo. Não vai manter a reputação na clínica se continuar assim por muito tempo.

— Vejo que ainda está brincando de *Mulheres perfeitas*.

Ele sorri enquanto fala, um humor distorcido. Está rindo de mim. Das minhas roupas, da minha comida, de todo o meu esforço. Eu pareço magoada. *Estou* magoada. Ele nem finge mais que me ama.

— Você devia comer alguma coisa — digo.

Em vez de ingerir todas as calorias por meio da bebida.

— O que você quer, Adele? De verdade? — Ele me olha com desprezo. — O que é tudo isso? Esta prisão em que vivemos?

David está definitivamente bêbado, e, pela primeira vez em muito tempo, vejo nele sinais verdadeiros de agressividade.

— Quero estar com você.

É a verdade. Minha verdade eterna.

Ele me observa por um longo tempo, como se estivesse tentando descobrir o que está acontecendo dentro de mim, quem realmente sou e qual rótulo novo ele poderá aplicar a mim para que tudo faça sentido — esquizofrênica, sociopata, obsessiva, louca de pedra —, então seus ombros afundam com o esforço e a falta de respostas.

— Eu quero o divórcio — anuncia. — Quero acabar com isso. Com tudo isso.

Não há necessidade de discorrer. Ambos sabemos o que David quer dizer. O passado precisa ser desenterrado para ser esquecido como deveria. O passado. O *cadáver*. Ele disse isso antes, mas desta vez eu não tenho tanta certeza de que vai mudar de ideia quando ficar sóbrio, não importa o que eu faça. Não importa que eu possa arruiná-lo caso ele fale.

— O jantar estará pronto em dez minutos, se você quiser se aprontar — digo apenas.

Minha normalidade o desestabiliza mais do que qualquer ameaça verbal.

— Você sabia quem ela era, não é mesmo?

Ele me odeia. O ódio escorre dele ainda mais forte do que a pena que sente de si mesmo.

— Louise. Você sabia quem ela era quando a conheceu.

Franzo a testa, intrigada.

— De onde você tirou essa ideia, David? Como eu poderia saber que ela era sua paciente?

A própria mentira usada outra vez contra ele.

— Você sempre sabe das coisas. Como?

Ele está amargo, mas ainda parece fraco. Patético. Esse não é meu David.

— O que você está dizendo não faz sentido. — Forço uma expressão preocupada. — Você andou bebendo? Deveria beber menos. Você disse que ia beber menos.

— Jogue seus joguinhos, Adele. Jogue seus joguinhos. Para mim chega. Já não me importo. E não quero merda de jantar nenhum!

Ele grita a última frase antes de desaparecer no andar de cima, e eu me pergunto o que aconteceu com a pessoa por quem me apaixonei. Quão oculta ela está nesse homem, tão embriagado que chega a ser constrangedor? Eu sei que ele foi vê-la. Para avisá-la. Ele a ama de verdade, o que, naturalmente, me agrada por um lado, mas por outro me dá vontade de pegar uma das nossas facas profissionais, subir a escada e arrancar a merda do coração ingrato dele. Reprimo a vontade. Jamais poderia ferir David. Sei disso. É a cruz que tenho de carregar.

E, de qualquer modo, Louise entendeu a advertência como uma ameaça porque ela pertence a mim. Ela vê as *minhas* verdades. Ao menos por enquanto. Ainda não respondi a sua mensagem de texto, nem vou responder. Preciso que ela venha até aqui amanhã. Preciso que ela me encontre. É outra coisa que ela precisa *entender* antes de juntar todas as peças do quebra-cabeça da nossa desgraça. Mostre em vez de falar, não é o que dizem? E é o que estou fazendo. Amanhã será outra migalha de pão na trilha que estou deixando para ela. Louise é minha marionete, que caminhará na direção que eu apontar.

Meu deus, eu amo Louise. Eu a amo quase tanto quanto amo David. E, depois de compartilhar minha história, ela irá odiá-lo. Não consigo evitar pensar que ele merece.

42

LOUISE

Chove forte, grossas cortinas de água, e o céu está cinza e fechado quando deixo Adam na creche. O período de seca terminou, e, embora não esteja frio e não haja nenhum vento de outono para soprar a chuva contra mim, parece que o verão acabou. Já estamos quase em setembro. Meu filho me dá um beijo de despedida e corre para dentro, meu menino amigável e confiante, acostumado com a rotina. Eu não lhe disse que não vou mais trabalhar, só que tirei uns dias de folga para passar com ele, e agora estamos de volta ao normal. Ele não registrou o que eu disse. Tem seis anos, seus dias são um borrão, mas ele verá o pai em breve, e não estou pronta para as consequências do "Ah, mamãe não está trabalhando".

Paro no Costa Café, me sento no banco junto à janela e fico olhando através do vidro embaçado o corre-corre das pessoas ao longo da Broadway em meio à chuva, cabeça baixa, guarda-chuvas se chocando como chifres de antílopes. Minha boca arde com a bebida quente, e olho impaciente para o relógio até achar que é seguro ir lá. Não faço ideia se David irá para o trabalho no horário habitual. Tentei verificar a agenda dele, mas meu login não funciona mais. O desgraçado deve ter cancelado. Mas vou à casa deles mesmo assim. Preciso ver Adele, e ela ainda não respondeu à minha mensagem, o que me deixa preocupada. Dane-se se ele estiver em casa. Talvez eu conte para ela o que fizemos. Talvez isso a motive a fazer o que precisa. Também a perderei, mas ao menos ela ficará livre.

Às dez, eu me levanto e vou até lá. O carro dela está na garagem, o que me diz que ela não foi à academia — se é que irá — e, com o coração na

mão, toco a campainha. Ouço o toque ressoar lá dentro, pesado e confiável. Eu aguardo, olhando através do vidro em busca de alguma sombra de movimento, mas a casa está em silêncio. Toco outra vez, por mais tempo. Nada ainda. Onde ela está? Não pode estar no jardim debaixo de chuva, e sei que ela pode ouvir a campainha de lá. Toco uma terceira vez, apertando o botão por quase dez segundos. Ao menos dá para ver que David não está em casa. Do contrário, já estaria aqui, gritando comigo.

A porta permanece firmemente fechada. Talvez Adele tenha ido fazer compras. Mas na chuva? Caso precisasse de alguma coisa, não teria pegado o carro e ido até o Sainsbury? Deixo o guarda-chuva junto à porta e desço os poucos degraus para ir até a grande janela projetada para fora. Protejo os olhos com as mãos e espio dentro da casa. Como é o escritório de David, não espero ver nada, mas, então, vejo Adele sentada em uma poltrona de espaldar alto no canto junto às estantes. Um dos braços está pendurado, e ela escorregou para o lado, sendo sustentada apenas pelas bordas salientes da antiquada poltrona de couro. Bato no vidro.

— Adele! Sou eu! Acorde!

Ela não se move. Nem mesmo um esboço de movimento. Como ela não me ouve? Bato mais forte e repito seu nome, um dos olhos cuidando de possíveis vizinhos intrometidos que possam contar que me viram acenando para "aquele médico bonitão da porta ao lado". Nada ainda. Ele deve ter feito Adele tomar aqueles remédios antes de ir para o trabalho. É tudo em que posso pensar. Talvez Adele tenha tomado comprimidos demais. Talvez esteja tendo uma reação adversa. *Que merda, que merda, que merda!*

Olho para a porta, cabelo molhado grudado no rosto. Gotas de água fria escorrem sob a gola do meu casaco e me fazem estremecer. Vejo os grandes vasos de planta. As *chaves*. Remexo a terra úmida até encontrar, alguns centímetros mais abaixo, um brilho prateado. A fechadura de baixo não está trancada, então ao menos David não a prendeu em casa, que foi o que pensei a princípio. Introduzo e giro a chave. Eu entro.

Meus sapatos deixam pegadas molhadas nas tábuas corridas perfeitas enquanto corro até o escritório, mas não me importo. Não me importo se David descobrir que estive aqui. Não tenho nada mais a tratar com ele.

— Adele — chamo, balançando delicadamente seu ombro. — Adele, acorde! Sou eu.

Sua cabeça tomba para a frente, e, por um instante de angústia, penso que ela está morta, até que vejo seu peito se mover ligeiramente. Pego sua mão.

Os dedos estão frios. Há quanto tempo ela está sentada aqui?

— Adele! — grito. — Acorde!

Nada ainda. Esfrego sua mão para aquecê-la e acho que talvez seja necessário esbofeteá-la ou fazer algo mais drástico. Devo chamar uma ambulância? Tentar fazê-la vomitar? Volto a sacudi-la, muito mais forte dessa vez, e, por um momento, acho que não vai funcionar. Então, de repente, ela se senta, ereta como um poste, mãos agarrando os braços da poltrona. Ela ofega, como se estivesse se afogando, e os olhos se abrem.

É tudo tão dramático que tropeço para trás.

— Caralho, Adele!

Ela me olha como se eu fosse uma estranha, depois pisca. Relaxa a coluna e olha em torno enquanto ofega, a respiração ainda irregular.

— O que você está fazendo aqui, Louise?

— Eu entrei. Você não estava respondendo à campainha, e eu a vi pela janela. Você está bem?

— Você está encharcada — observa ela, ainda desorientada. — Precisa se secar.

— Eu estou bem. É com você que estou preocupada. Quantos comprimidos tomou?

— Só um. Eu estava... — Ela franze a testa, tentando organizar os pensamentos, e continua: — Resolvi voltar a vasculhar aqui. Em busca de alguma coisa. Qualquer coisa. Então, comecei a ficar muito cansada e me sentei.

— Achei que você estivesse morta — digo, depois rio, meus nervos precisando relaxar. — De qualquer modo, o arquivo sobre você não está aqui.

Ela concentra a atenção na conversa.

— O quê?

— Está no consultório. Fui até lá e vi. Mas, primeiro... — Eu a tomo pelo braço e a ajudo a se erguer da poltrona. — ... você precisa tomar um café.

Ficamos na cozinha, canecas de café nas mãos, a chuva tamborilando nas janelas, enquanto relato o que descobri, falando devagar e em voz baixa para que ela compreenda tudo.

— Essas anotações que ele está fazendo remontam a quase dez anos atrás — concluo após uma longa pausa. — Achei que talvez ele estivesse tentando forjar um diagnóstico de louca para você, para ficar com seu dinheiro, mas isso seria uma coisa mais recente, não é? Ele não poderia

estar planejando isso durante todo esse tempo. Quer dizer, será? Não faz sentido.

Adele olha para a frente, o rosto repleto de tristeza.

— Faz sentido para mim — diz, por fim. — É uma apólice de seguro.

— Como assim?

— Eu tive alguns problemas quando era mais jovem, depois que meus pais morreram, depois de Westlands, mas não é isso. Não é por isso que ele tem esse arquivo. Trata-se de Rob.

Franzo as sobrancelhas, confusa.

— O que tem Rob?

— É uma apólice de seguro caso eu decida revelar minhas suspeitas sobre o que aconteceu. Em quem eles acreditariam? No médico respeitável ou na sua mulher maluca?

— Eu não entendo.

Trata-se de uma nova reviravolta no casamento louco deles.

— O que aconteceu com Rob?

— Rob é nosso segredo não dito.

Adele emite um longo suspiro. Ela parece pequena na cadeira, mais estreita e com os ombros curvados, como se estivesse tentando se encolher e sumir. Também está mais magra. Desaparecendo.

— Quero lhe mostrar algo — anuncia.

Adele se levanta, e eu a sigo escada acima.

Meu coração está disparado. Será que enfim compreenderei o segredo do casamento no qual me envolvi? Sigo-a até o quarto principal, pé-direito alto e arejado, com uma suíte no canto. Tudo é elegante, da cama com estrado de metal, ampla e resistente, evidentemente comprada em algum lugar como a Liberty's, em vez de ser uma cópia barata de loja de departamentos, até a roupa de cama de algodão egípcio, de um marrom profundo, que se destaca em meio ao verde-oliva das paredes e ao piso gasto de madeira cara. Em uma parede atrás da cômoda, três listras grossas de tons variados de verde correm do chão ao teto. Eu jamais poderia ser tão estilosa.

— Quando nos mudamos, era tudo cor de magnólia — comenta ela. — Alguma tonalidade de *off-white*.

Ela olha para as paredes, pensativa, refletindo.

— Escolhi essas cores para testá-lo. São as cores da floresta da propriedade dos meus pais. Nunca voltamos àquele lugar. Não desde que fui

para lá depois de Westlands. Não desde que Rob foi me visitar.

Ela roça os dedos nas paredes, como se estivesse apalpando a casca de uma árvore em vez de gesso frio.

— David se recusa a vender o terreno, mesmo com a casa vazia e esquecida — explica em voz baixa, tanto para si mesma quanto para mim. — Acho que é um dos motivos por que ele reluta em me devolver o controle sobre meu dinheiro. Sabe que vou me livrar daquilo. E seria muito arriscado.

— O que aconteceu com Rob? — pergunto, o coração disparado.

Ela se vira para mim, bela e de olhos arregalados, e responde como se fosse a coisa mais natural do mundo:

— Eu acho que David o matou.

Ouvir isso em voz alta, indo além de uma quase suspeita na minha cabeça, me deixa atordoada. David. Assassino? Será mesmo possível? Dou um passo atrás e encontro a cama, onde me sento, despejando o peso do corpo.

Eu acho que David o matou. Sou tomada pela mesma sensação de quando Ian disse que Lisa estava grávida, só que amplificada.

— Rob foi até lá para ficar — continua Adele. — Ele estava tão infeliz com a irmã horrorosa que me mandou uma mensagem, e eu insisti que ele fosse para Perth. Ele me fez tão bem na clínica. Ele me trouxe de volta à vida. Eu queria ajudá-lo, como retribuição. Talvez dar algum dinheiro para ele se estabelecer em outro canto, longe daquele lugar horrível onde ele vivia. Fiquei feliz em tê-lo de volta. Era isso que Rob fazia. Ele fazia a gente se sentir feliz. Especial. Sugeri a David que ele poderia morar conosco por algum tempo quando nos casássemos. Só até ele se virar. David não gostou da ideia. Tinha ciúmes de Rob. David sempre cuidou de mim, mas, em Westlands, Rob assumiu o papel dele. E David suspeitava de que havia mais do que amizade entre nós, mesmo que eu dissesse que era diferente. Eu amava Rob, mas não dessa forma. E também não acho que Rob me amasse assim. Éramos como irmãos.

Eu me agarro a cada palavra com antecipação e temor.

— O que aconteceu?

Minha boca está seca como palha e mal consigo pronunciar as palavras.

— David foi passar um fim de semana enquanto Rob estava hospedado lá em casa. Achei que, quando eles se conhecessem, tudo ficaria bem. Pensei que, por amar tanto os dois, eles também se amariam, embora fossem

pessoas muito diferentes. Quando paro para pensar, percebo que fui muito ingênua. Rob estava determinado a se esforçar, comportando-se muito bem para alguém tão rebelde, mas David não gostava dele. No sábado, David pareceu estar um pouco mais aberto, por isso Rob me disse para ir para a cama e deixá-los a sós. Ele achou que poderiam ter uma conversa de homem para homem.

Ela olha para as paredes, para as cores da floresta, como se o passado estivesse escrito ali.

— Quando acordei, Rob tinha ido embora. David disse que ele tinha decidido partir, e, no início, achei que talvez tivesse pagado para ele ir. Mas não fazia sentido. Eu já tinha oferecido dinheiro para Rob, e ele não teria aceitado um suborno para deixar de ser meu amigo. Ele não era assim. Teria rido da proposta. Às vezes, quando relembro tudo, eu me pergunto se ele falou com David sobre meu dinheiro. Talvez ele tenha falado para David devolvê-lo. Ele prometeu que não tocaria no assunto, mas como vou saber? Talvez tenha tocado. Talvez isso tenha engatilhado o lado terrível do temperamento de David. Talvez tenham brigado, e a situação fugiu de controle. Minha única certeza é que Rob nunca teria ido embora sem se despedir.

— Tem certeza mesmo? — pergunto, tentando encontrar algo racional que não envolva o fato de meu ex-amante casado ter matado um rival. — Quer dizer, talvez eles tenham discutido ou brigado e Rob pensou que seria melhor ir embora. Isso é possível, não é?

Ela balança a cabeça.

— Rob tinha escondido as drogas e o caderno no celeiro. Só os encontrei depois que David e eu nos casamos, mas Rob não teria deixado as drogas para trás. Não se ele estivesse com raiva. Ele ia querer ficar chapado.

— Alguma vez você confrontou David? Perguntou para ele?

— Não. Nós nos casamos muito rápido, talvez um mês após eu ter visto Rob pela última vez. A essa altura, David tinha mudado. Estava mais reservado. Mais frio comigo. Então, eu descobri que estava grávida.

Seus olhos se enchem de lágrimas enquanto afundo com ela no horror de toda aquela história.

— Eu estava tão feliz. Tão feliz. Mas David me obrigou a abortar. Alegou que não tinha certeza de que o filho era dele. Depois, tive um pequeno colapso nervoso. Acho que não conseguia enfrentar meus medos a respeito de Rob e ainda estava me recuperando da morte dos meus pais, de

modo que o aborto foi demais para mim. Nós nos mudamos para a Inglaterra, e foi isso. David ficou mais afável e cuidou de mim, mas se recusou a vender a propriedade.

— Você acha que Rob ainda está lá, não é mesmo? — pergunto, perdida no passado deles e aterrorizada com o presente. — Em algum lugar da propriedade?

Ela fica muito quieta por um bom tempo e, então, assente.

— Rob nunca teria desaparecido assim. Nunca. Eu era tudo o que ele tinha. Ele teria entrado em contato.

Ela se senta na cama ao meu lado, antes de completar:

— Se ainda estivesse vivo.

Nós duas ficamos em silêncio.

43

ADELE

Obviamente, ela insiste em ficar para conversar mais. Está abalada, dá para notar, mas sua cabeça está a mil. Aquela mente curiosa e ocupada. *Tique-tique-tique*. Sempre pensando. Quando ela pergunta por que nunca procurei Rob, lanço um dar de ombros patético e digo que não quis saber. Eu amava David e me casara com ele. Eu era jovem. Ele era meu porto seguro. Estou impressionada por ela não me dar um tapa na cara e não mandar eu me recompor e enfrentar a situação. Se eu fosse ela, seria o que faria ao ouvir essa minha lenga-lenga covarde. Digo que estou cansada e que não quero falar no assunto, e Louise sente pena de mim e se acalma.

Não é difícil mandá-la embora. Menciono que David está para ligar e que, depois, vou tirar um cochilo. Ela assente e me abraça, apertando-me com força entre os braços mais magros e mais firmes, mas percebo que já está pensando no que fazer. Como poderá me ajudar, ajudar a si mesma ou seja lá o que for. Desde que o resultado seja o mesmo, quem se importa?

David não liga na hora combinada, outra pista de que estava falando sério ontem à noite. Está se livrando de mim. Talvez até me desafiando a cumprir a ameaça. Pobrezinho. Seu bom senso está quase se esgotando.

Preparo um chá de hortelã, subo, deito-me no edredom frio e olho para o teto. Estou extraordinariamente calma, considerando toda a situação. Há ainda alguns fatores imprevisíveis em jogo, e só dependo de que Louise encontre e junte as peças do quebra-cabeça que estou lhe dando. No momento certo, ela precisa compreender o que esta manhã significa. Caso

contrário, terei que encontrar outra maneira de mostrar. Ainda assim, a vida é melhor quando é interessante. Estou muito contente.

Ouvir algo de alguém nunca é o bastante. Eu *disse* para Louise o que acho que David fez tantos anos atrás, mas as palavras não têm peso. Sons momentâneos lançados no ar não têm solidez. Palavras escritas talvez tenham um pouco mais. Mesmo assim, as pessoas nem sempre confiam umas nas outras a ponto de não terem dúvidas. Ninguém realmente espera o melhor de outra pessoa.

Para acreditar em alguma coisa, você precisa sofrer com ela. Precisa sujar as mãos de lama e ficar com terra sob as unhas. Precisa desenterrar essa coisa. Isso serve para mim e David, pelo menos. Não dá para entender apenas ouvindo. Preciso jogar Louise no fogo antes que ela saia do outro lado pura, limpa e confiante. Para que David enfim se sinta livre, ela primeiro precisa carregar o fardo. A verdade precisa vir *dela*. Ela precisa levar a verdade até ele.

E, então, deixar que essa verdade os desvele.

44

LOUISE

... esperarei Ailsa adormecer ou desmaiar de bêbada com o retardado do Gary, então vou embora. Fodam-se eles, a merda do apartamentinho deles e suas vidas de merda nesta propriedadezinha de merda. Pilton de Merda. Como se fosse maior que a droga do mundo inteiro. Para eles talvez seja, mas não para mim. Não admira minha vontade de dar o fora assim que cheguei. Será que eles pensaram que, após a reabilitação e tudo o mais, a porcaria da Westlands funcionaria como por milagre? Eles são idiotas. São escória. Todos eles são lixo, e sinto a imundície tentando se agarrar a mim. Eles nem vão se importar. Vão ficar livres de mim. E também ficarão livres de todo o dinheiro que há no apartamento, ha ha! Preciso levar algo para Adele, e hoje é o dia do benefício. Da perda deles e do meu benefício.

Nem acredito que a verei em breve. É como se o mundo voltasse a ser colorido. Quase não lhe envio mensagens. Não quero correr o risco de ela dizer não. Como eu me sentiria? Não tenho o costume de me importar com alguém e querer que alguém se importe comigo. Não tenho o costume de me importar com ninguém. Se eu não tivesse a porta do sonho e fosse capaz de ver uma Adele imaginária, acho que já teria enlouquecido. Ri e fiz brincadeiras quando nos despedimos, mas ela viu que eu estava magoado. Ela também estava, mesmo tentando disfarçar, dava para ver que também estava animada para ir embora. Ela tem uma vida. Dinheiro. David. Eu tenho a merda do

quartinho velho na merda do apartamento da megera da minha irmã, aqui em Edimburgo.

Mas agora estou livre! Pegarei carona de carro ou trem até Perth. Daí, Adele disse para eu pegar um táxi por conta dela. Está sentindo minha falta, dá para notar. Isso é o que me deixa mais feliz. Eu a faço rir. Ela é diferente comigo. Disse que terei a oportunidade de conhecer David porque ele vem da faculdade para visitá-la daqui a alguns fins de semana. Ela acha que vamos nos dar bem, mas penso que a única coisa que eu e o chato do David temos em comum é que nenhum de nós está convencido disso. Ele não vai me querer por perto. Eu não iria me querer por perto. Mas tentarei, por ela. E ele não estará lá o tempo todo. Posso fingir gostar dele dois dias de cada vez, se isso deixar Adele feliz. Posso até tentar não ficar doidão quando ele estiver lá. Não deixarei que David me desanime. Amanhã voltarei a ver Adele! Foda-se, vida velha! Olá, vida nova! Adele, Adele, Adele! A porta de entrada para meu futuro feliz.

Não há mais nada no caderno. Seja lá o que Rob tenha escrito depois, as páginas foram arrancadas. Será que foi David quem arrancou? Será que elas diziam coisas que poderiam incriminá-lo? Minha mente está a mil, a ponto de meu couro cabeludo estar quase queimando. Será que David matou mesmo Rob? Talvez tenha sido um acidente. Será que começaram a brigar, as coisas saíram de controle, e ele caiu e bateu a cabeça ou algo assim?

Ou talvez Rob não esteja morto. Talvez Adele esteja se preocupando por nada e ele *realmente* tenha ido embora. Ela diz que ele não aceitaria suborno, mas, se ele roubou o dinheiro da pensão da irmã, como saber? Pelo que diz no caderno, fica claro que ele a amava, mas Rob vinha de uma família pobre e talvez a promessa de vários milhares de libras na mão fosse irrecusável. Mas por que David não quer vender a propriedade se não há nada a esconder por lá?

Perguntas, perguntas, perguntas. Parece que, desde que David e Adele entraram na minha vida, estou cheia de perguntas. Eles são como plantas aquáticas. Toda vez que acho que posso me afastar com braçadas, outro ramo se emaranha nas minhas pernas e me detém.

Preciso saber o que aconteceu com Rob. Preciso encontrá-lo. Não se trata mais de Adele e David. Preciso saber *por mim*. Não posso viver com esse *não saber* para sempre. Só precisarei buscar Adam às cinco e quinze, então

preparo um café forte — embora já esteja bastante agitada — e abro o laptop. Hoje em dia, dá para encontrar todo mundo na internet. Se Rob era apenas alguns meses mais velho do que Adele, ainda tem menos de trinta anos. Será que, mesmo sendo um viciado, haverá vestígios dele em algum lugar? Volto à primeira página do caderno, onde seu nome está tão bem redigido, e o digito no Google: *Robert Dominic Hoyle*.

Obtenho uma lista de resultados: várias contas do LinkedIn, algumas no Facebook e algumas reportagens. Com o coração disparado, verifico os resultados, mas nenhum confere. Alguns são muito velhos ou muito jovens, outros são americanos, e o único cujo perfil do Facebook indica ter a idade certa é de Bradford, e há uma lista de escolas que ele frequentou, nenhuma na Escócia. Tento pesquisar o nome acrescentando "desaparecido ou morto", mas aparecem os mesmos resultados. Tento "Robert Dominic Hoyle Edimburgo". Nada.

Meu café repousa, frio e intocado, ao lado, e nem mesmo fumo o cigarro eletrônico. Por que não encontro nenhum resultado para ele? Se David o tivesse subornado, Rob teria se virado com as próprias pernas, ao menos por algum tempo. Certamente teria um laptop e acesso à internet. Todo mundo tem uma conta no Facebook, certo? Por outro lado, pelo que li no caderno, não parece que ele tinha um monte de amigos ou muito desejo de tê-los. Apenas Adele e, provavelmente, alguns viciados. Talvez o Facebook não fosse a praia dele.

Será que Rob mora em um prédio invadido e gasta todo o dinheiro com drogas? Acho que não. Viciados são desonestos — todos os viciados são desonestos, é uma consequência da sua condição. Se Rob precisasse, encontraria um modo de voltar para a vida de Adele para arrancar algum dinheiro — dela ou de David. Talvez tenha feito isso. Talvez David ainda o esteja pagando de vez em quando, sem contar para Adele. Mas por que se incomodaria? E ainda resta uma grande pergunta sem resposta: por que ele não vendeu a propriedade? Ou a alugou? Por que aquele lugar ainda está lá, vazio, se David poderia estar ganhando dinheiro?

Observo a tela, desejando que uma resposta apareça ali, então decido tentar outra estratégia. A irmã de Rob, Ailsa. Digito seu nome e começo a separar o joio do trigo. Tal como aconteceu com Rob, há várias pessoas com o mesmo nome em todo o país e no mundo, até que encontro um site de registro eleitoral que me fornece uma lista de sete mulheres chamadas Ailsa, das quais apenas uma mora em Edimburgo.

Bingo!

Não posso acessar outra página no site sem pagar, o que estou disposta a fazer se for o caso, dane-se o desemprego, mas, na página seguinte de busca, encontro uma breve notícia sobre um tal de Festival de Artes de Lothian. A matéria menciona algumas lojas locais subvencionadas que têm barracas no festival. Uma delas se chama Candlewick, e a proprietária é Ailsa Hoyle. A Candlewick tem um site e uma página no Facebook. Eu a encontrei. Ao menos espero que seja ela. Fico olhando para o número de telefone que quase pulsa na tela. Preciso ligar. Mas o que direi? Como posso começar a conversa sem parecer louca? Preciso mentir, eu sei, mas qual mentira contar?

Olho para o velho caderno e tenho uma ideia. Westlands. Será assim que perguntarei para ela. Usarei o telefone fixo para bloquear o identificador de chamadas, mas ainda assim vago pela sala por alguns minutos, tragando o cigarro eletrônico, antes de tomar coragem de pressionar o botão de discagem. *Vamos lá*, penso, com o corpo quente e formigando. *Apenas vá em frente. Ligue. Ela nem deve atender.*

Atende. Meu coração parece que vai sair pela boca quando o assistente da loja a chama ao telefone.

— Aqui é Ailsa, pois não?

Seu sotaque é acentuado. Imagino essa voz, despida da polidez da classe média em ligações telefônicas, gritando com Rob.

— Olá — digo, impostando a voz e amaciando-a, como fazia quando atendia os telefonemas na clínica. — Sinto muito incomodá-la no trabalho, mas gostaria de saber se poderia roubar alguns minutos do seu tempo. Estou escrevendo um artigo sobre a eficácia da clínica Westlands.

De repente, percebo que não faço ideia de onde fica a clínica, não sei o nome de nenhum médico e que estou terrivelmente despreparada para dar continuidade à farsa se ela começar a me questionar.

— Consta que seu irmão esteve internado lá durante um tempo. Robert Dominic Hoyle? Venho tentando localizá-lo, mas não encontro nenhum registro em parte alguma. Então, imaginei que talvez você tivesse o número dele ou pudesse passar meu telefone para ele.

— Westlands? — Ela ri, mas é quase um latido. — Sim, eu me lembro. Completa perda de tempo. Robbie voltou a se drogar dias depois de sair de lá. Depois, pegou dinheiro na minha bolsa e sumiu em uma noite de merda. Desculpe a linguagem.

Ela faz uma pausa, talvez perdida em lembranças amargas.

— Mas infelizmente não posso ajudar. Nunca mais ouvi falar dele. Deve estar morto, ou quase, em um beco em algum lugar.

— Sinto muito.

Meu coração está pulsando na garganta.

— Não sinta. Foi há muito tempo. E ele era um merdinha, de verdade. Nem todo mundo tem cura.

Peço desculpas por perturbar o dia dela e murmuro uma despedida educada, mas Ailsa já desligou. Jogo fora o café frio e faço um novo apenas para me ocupar enquanto tudo se assenta na minha mente. Realmente é possível. As suspeitas de Adele podem ser verdadeiras. Estou começando a perceber. Eu estava certa em duvidar de que, no fundo, Rob ainda estivesse vivo. Essas coisas não acontecem na vida real. Assassinatos. Corpos ocultos. Apenas no noticiário, em filmes e nos livros. Não na minha existência mundana e monótona. Ignoro o café e encontro, no fundo do armário, uma garrafa de gim que sobrou do Natal passado. Não tenho água tônica, mas adiciono Coca Light a uma dose generosa da bebida e tomo um longo gole para me acalmar, antes de pegar uma caneta e algumas folhas do caderno de Adam. Preciso pensar. Começo a elaborar uma lista.

David — Quer o dinheiro ou está se protegendo de Adele? As duas coisas?

Rob — Desaparecido. Ainda está em algum lugar na propriedade? O que estava escrito nas páginas rasgadas? Provas de uma briga? Oferta de suborno?

O caderno me lembra uma das suspeitas de Rob, e eu a acrescento:

Os pais de Adele. Foi mesmo um acidente? Quem mais se beneficiaria da morte deles? — DAVID.

Os pais de Adele. Claro, por que não pensei nisso antes? Deve haver algo a respeito deles na internet. O incêndio teria sido uma grande notícia. Olho o relógio: quinze para as cinco. Preciso ir buscar Adam, o que quase me faz gritar de frustração, então xingo a mim mesma. Passei tanto tempo querendo que ele voltasse das férias e agora o estou largando na creche quando não é necessário e me ressentindo por ele interferir na minha... minha o quê? *Investigação de homicídio*? Quase rio em voz alta do absurdo que é admitir isso a mim mesma. Porque é o que estou fazendo. Estou tentando desvendar um assassinato.

Preciso comprar uma garrafa de vinho.

* * *

— Mas ainda não quero ir para a cama.

Amo meu filho, mas odeio quando ele faz manha, e ele anda muito manhoso desde que voltou da França.

— Não estou cansado.

— É hora de dormir e pronto. Agora pegue o pijama.

— Mais um jogo.

— Eu disse agora, Adam!

Ele sai do quarto bufando e reclamando, mas basta me olhar para ver que não há o que discutir. Ajudei-o com a lição de casa da creche, ele tomou chá e brincou um pouco, e agora estou desesperada para que ele vá dormir, para eu poder voltar a revirar a internet em busca de um tesouro. Não posso fazer isso enquanto ele estiver acordado. Ele ficaria espiando o computador e fazendo perguntas o tempo todo.

— E escove os dentes! — grito.

Um segundo depois, ouço a porta do banheiro bater. Percebo que assim será a adolescência. Rabugice e humores rebeldes intercalados com pequenas joias que fazem tudo valer a pena.

O pensamento me entristece, e me levanto a fim de ir ler para ele, persuadindo-o a voltar a ser meu menino feliz. A internet pode esperar mais dez minutos.

Ele dorme às sete e meia, e volto ao laptop, com uma boa taça de vinho branco.

A busca é fácil. Tenho o nome de solteira de Adele, que tirei do caderno de Rob, e a pesquisa "Incêndio Rutherford-Campbell" resulta em uma enxurrada de informações, principalmente artigos de jornal, tanto locais quanto nacionais. Há páginas e mais páginas dedicadas ao assunto. Diante de tantas informações, não acredito por que não pesquisei antes, logo após ela me contar. Quando ela me deu o caderno.

No início, sou atraída pelas fotografias. É difícil não se distrair com aquilo ao conferir link por link, deixando cerca de quinze guias abertas no navegador. Há fotos aéreas de antes e depois do incêndio, e Adele não estava brincando quando disse que o lugar era grande. Na segunda foto, vejo parte da construção enegrecida e carbonizada, mas o que resta ainda é do tamanho de três ou quatro casas normais. É feita de pedra clara e grossa e parece estar ali há uns duzentos anos ou mais, erguida nos tempos da

aristocracia rural. O lugar é rodeado de campos e bosques, que protegem o edifício de olhares curiosos. Tento imaginar o lugar hoje em dia. Será que alguém cuida do terreno? Ou estará esquecido e coberto de ervas daninhas?

Há uma foto dos pais de Adele, e ver sua mãe é como olhar para um reflexo do seu rosto em águas revoltas. Quase a mesma, embora um pouco diferente. Adele é mais bonita, com traços mais finos, mas a mãe tinha o mesmo cabelo escuro e pele parda. De acordo com as reportagens, o pai era banqueiro, com uma fortuna de vários milhões de libras, bem como uma carteira de investimentos de alto perfil. Está sério e sisudo em uma foto — obviamente do tempo em que trabalhava no centro financeiro de Londres —, mas há outra foto dele trajando galochas, uma jaqueta da Barbour, e sorrindo para a câmera. A pele está avermelhada, talvez por passar muito tempo ao ar livre, ou consequência de muito bom vinho e boa comida. Ele parece feliz.

Também há fotos de Adele: a filha trágica e bela deixada para trás. Tem um rosto ligeiramente mais gorducho, com o brilho da juventude, mas ainda é a Adele que conheço. A *herdeira*, como a apelida um jornal. Quanto dinheiro será que ela tem? Ao que parece, uma fortuna. Em uma foto dos três juntos, no Natal, seus olhos brilham com uma expressão sorridente e despreocupada.

Em outra foto, fora de foco e tirada de uma certa distância, como fazem os fotógrafos de jornais sensacionalistas, eu a vejo de cabeça baixa, a mão cobrindo o rosto, mais magra, jeans frouxos nos quadris enquanto caminha pela fundação da casa incendiada. Luto. Há um homem ao seu lado, com a mão na parte inferior das suas costas, rosto quase voltado para a lente de longo alcance, como se de algum modo tivesse percebido que estava ali. O outro braço está enfaixado em uma tipoia. É David. O rosto está fora de foco, mas é ele. Parece cauteloso, protetor e cansado. Ambos parecem tão *jovens*. São eles, mas não são eles de fato. Observo a foto por um longo tempo, então me perco nas inúmeras notícias, reconstituindo a história de diferentes ângulos.

Falam dos pais de Adele em festas, da riqueza e do fato de terem se mudado de Londres depois que a filha nasceu. Todas as fofocas habituais dos vizinhos fingindo choque e tristeza, mas, na verdade, proferindo críticas veladas. Ao que parecia, Adele era uma criança solitária. Os pais não tinham muito tempo para ela. Muito espaço é reservado ao romance do pobre garoto de fazenda e da bela filha e ao episódio de como ele a salvou

do incêndio. Algumas fontes mencionam que Adele fez terapia quando criança.

Então encontro algo que faz meu coração parar de doer por essa história da qual não faço parte. Deixo de me enternecer pelo óbvio amor de David por Adele naquele momento, e por ambos estarem tão entrelaçados um ao outro que meus laços com eles parecem fios de gaze, em vez de trepadeiras. Quatro palavras que ficam gravadas na mente. Botas pesadas sobre qualquer sentimentalismo. Um lembrete das minhas motivações antes de ser sugada pelo buraco de coelho que é investigar o relacionamento deles.

Suspeita de incêndio criminoso.

Ali, nas notícias seguintes, ao fim da festa emotiva da imprensa sensacionalista, as palavras surgem, insidiosas. Há uma foto de um policial, Angus Wignall, analisando o dano provocado pelo incêndio. É um sujeito atarracado, talvez na casa dos trinta. Um comentário sobre a velocidade com que o fogo se espalhou. Uma menção à gasolina armazenada no celeiro. A hipótese de incêndio criminoso não pode ser descartada.

> O detetive Angus Wignall foi visto deixando a Perth Royal Infirmary, onde David Martin está em tratamento por causa das queimaduras de terceiro grau nos braços. Fontes alegam que o detetive, acompanhado por um sargento, passou duas horas conversando com o estudante, aclamado como herói depois de resgatar a namorada, Adele Rutherford-Campbell, de dezessete anos, do incêndio em que os pais da moça morreram. O inspetor Wignall se recusou a comentar a natureza da visita, dizendo apenas que fazia parte de uma investigação em curso.

Vasculho as notícias, correndo os olhos pelas linhas para saber mais. Fala-se de um intendente insatisfeito. Há também uma menção aos problemas financeiros do pai de David e ao fato de os pais de Adele desaprovarem o relacionamento. Ninguém faz acusações definitivas, mas há uma mudança radical de tratamento — David deixa de ser herói para se tornar *outra coisa*.

Então, na terceira página de buscas, onde os resultados começam a entrar em territórios mais vagos, vejo uma notícia sobre o casamento dos dois. Uma cerimônia tranquila na aldeia de Aberfeld. Não há fotos na matéria, e penso nas suspeitas de Adele e no fato de que, entre as notícias anteriores e esta, é possível que um crime terrível tenha sido cometido e um rapaz tenha perdido a vida. Penso que talvez não tenha sido o *primeiro* crime terrível. Será que David almejava tanto deixar de ser um pobre menino de fazenda

para se tornar um médico abastado que foi capaz de incendiar uma casa no meio da noite?

Tomo um gole da bebida e encaro o nada por um tempo, deixando tudo assentar na mente. Não posso ir à polícia com minhas suspeitas sobre Rob — eu pareceria uma amante louca e rejeitada. Mas, se alguém já tinha suspeitas sobre David — esse tal Angus Wignall, por exemplo —, então talvez pudesse prestar atenção a uma carta anônima e ao menos revistar a propriedade.

Procuro no Google e descubro que Wignall ainda está no condado de Perth e que é inspetor-chefe na delegacia de polícia. Anoto o endereço. Será que ele levaria uma carta anônima a sério? Ou aquilo acabaria no arquivo dos malucos? Acho que vai depender de quanto ele suspeitava de David na época. Se realmente achava que David tinha algo a ver com o incêndio, mas não foi capaz de provar, isso pode despertar seu interesse. É melhor do que não fazer nada. É melhor do que deixar todas as perguntas apodrecerem dentro de mim.

Talvez não haja nenhum corpo. Talvez Ailsa esteja certa e Rob seja apenas um viciado anônimo vivendo em um lugar qualquer. Talvez David seja inocente — ao menos desse crime —, mas pelo menos isso vai trazer tudo à tona e sanar as dúvidas de Adele. Devo contar a ela o que estou pensando em fazer? Decido não contar. Tenho certeza de que ela tentaria me dissuadir. Com todos os seus medos e preocupações, ela teria medo de entrar na onda. É muito subserviente a David e tem sido por muito tempo. Ela não gostaria que eu revelasse suas suspeitas para o mundo.

E, de qualquer modo, essa história não tem mais nada a ver com eles. Não diz respeito aos dois, a mim ou a qualquer combinação de nós três. Trata-se de Rob. Trata-se de fazer justiça. Embora eu me sinta um tanto nauseada ao pensar nisso, escreverei a carta e a enviarei antes de mudar de ideia. E lavo minhas mãos.

45

ANTES

Acalento. É a melhor descrição. Adele se sente acalentada com a chegada de Rob. Radiante. Seu amigo está de volta. Por mais que o tempo sozinha tenha sido bom para ela — surpreendentemente bom —, é uma alegria ter Rob por perto. A casa parece viva outra vez. Ao contrário dela e de David, Rob não tem lembranças do lugar. Não há nada que o deprima, e isso a liberta. Ela não precisa ficar *triste* com Rob lá.

Ele não para de rir enquanto ela lhe mostra a casa. Adele já lhe disse que era mais ou menos do tamanho de Westlands, se não maior, mas é claro que ele não acreditou, e, no fim do passeio, até ela acha graça do ridículo que é uma família possuir tanto. A única pausa para o silêncio foi quando ela lhe mostrou os cômodos carbonizados onde os pais morreram. Os olhos dele se arregalaram, e ambos se detiveram no silêncio abafado por um instante, até ele dizer:

— Vamos dar o fora daqui. Este lugar fede.

Adele o adorou por isso. A falta de necessidade de discutir seus sentimentos ou se certificar de que ela estava bem. Rob a faz se sentir forte porque acha que ela é forte.

Ele não trouxe muita coisa: algumas roupas, o caderno, cerveja e drogas. Eles separam um pouco de maconha, e, em seguida, Adele o obriga a esconder o resto em um dos celeiros.

— Não vamos ficar a sós o tempo todo — explica. — Uma mulher vem fazer faxina e trazer comida duas vezes por semana. Meu advogado também aparece às vezes. Ele se preocupa por eu estar aqui sozinha. Considera esse tipo de terapia *inadequado*. Ele diz que sou muito jovem.

Adele revira os olhos. Se comparada com Rob, ela foi muito mimada.

— Sei — diz ele. — Como se você fosse atear fogo à casa, ou algo assim.

Ela arregala os olhos, chocada com o que ele disse, e então cai na gargalhada.

— Mas como você é babaca.

Ela dá o braço para ele.

— Sou mesmo, mas faço você rir. — Ele faz uma pausa. — Então, seja sincera: quem você realmente teme que encontre as drogas? Aquelas pessoas ou seu querido David?

Ela não diz nada por um instante, depois suspira.

— É, talvez David seja o pior. Ele não é contra as drogas.

Ela vê a descrença cínica no rosto de Rob.

— De verdade, mas duvido que ele ache que seria bom para mim agora. Ele pensaria que estou usando a droga como muleta.

— Deve ser tão difícil respirar com tanta gente se preocupando com você todo o tempo — comenta Rob. — Se ao menos eles a vissem como eu vejo.

— E como você me vê?

— Uma fênix erguendo-se das cinzas, é claro.

Ela gostou. Gostou muito. Isso a faz lembrar que tinha o mundo nas mãos. Eles se dão os braços para caminhar pela propriedade até o poço, onde formulam desejos em silêncio, embora Adele não saiba se um poço seco tornaria os desejos realidade.

À noite, assam pizza congelada e bebem a cerveja forte e barata que Rob trouxe, depois fumam um baseado diante da lareira na sala de estar. Sentam-se em almofadas no chão e falam e riem sobre tudo e nada. Adele traga com força, adorando a sensação. Ela sentiu falta disso. Sentiu falta de Rob.

Viu a sacola de drogas do amigo e sabe que ele também trouxe um pouco de heroína, mas ele não diz nada a respeito, nem Adele. É problema dele. Ela não quer que Rob use, mas também não quer parecer um dos terapeutas de Westlands. Quer que Rob seja feliz e, se é o que precisa para tê-lo por perto, não vai discutir com ele. Além disso, ele não é um completo viciado. Se fosse, estaria chapado, não ativo como está, e ela não vê marcas recentes nos seus braços. Talvez ele cheire de vez em quando, ou seja lá como as pessoas tomam esse negócio. Talvez tenha trazido a heroína só para o caso de ter um dia ruim. Felizmente, ambos já tiveram sua cota de dias ruins.

Há dois quartos vagos bem-arrumados, mas eles acabam na cama dela, de camiseta e roupa de baixo, deitados lado a lado e olhando para o teto. Adele se pergunta se David acharia uma traição ela estar com outro homem na cama, mas, por mais próximos que sejam, não há nada de sexual entre eles. É algo mais puro.

— Estou tão feliz que você veio. Senti saudades.

— Estou feliz que você tenha permitido que eu viesse. — Ele faz uma pausa. — É tão tranquilo aqui. E tão escuro lá fora. É como se fôssemos as únicas pessoas no mundo.

— Talvez sejamos. Talvez tenha havido um apocalipse.

— Desde que não seja a porra de um apocalipse zumbi — debocha Rob. — As pessoas já são bastante chatas quando estão vivas.

— Você acha errado eu não sentir tanta falta dos meus pais? — pergunta ela.

É um pensamento que a preocupa. O que isso revela a seu respeito. Se há algo de ruim dentro dela.

— Não — responde Rob. — Em se tratando de sentimentos, não há certo e errado. As coisas são como são.

Ela pensa nisso por um tempo. As coisas são como são. Isso a faz se sentir melhor.

— O que você quer fazer da vida? — pergunta Adele.

— Você está parecendo uma terapeuta de Westlands.

— Não estou nada.

Rob é muito bom em responder a perguntas dizendo algo engraçado, mas desta vez ela não quer que ele se esquive.

— Deve haver algo.

— Não sei. — Ele olha para o teto. — Nunca pensei nisso. Eu não venho de uma família trabalhadora. Pedir seguro-desemprego e relaxar faz mais nosso estilo. E você? Fora se casar com o chato do David e fazer Davidizinhos.

Ela lhe dá um tapa e ri, mas por dentro se pergunta se isso seria tão ruim assim. É o que *quer*. É o que sempre quis.

— Você deveria ficar um tempo com a gente. Quanto quiser. Enquanto pensa no que fazer do seu futuro.

— É uma boa ideia, mas não creio que David vá me querer por perto quando vocês se casarem.

— Você não deve julgá-lo antes de conhecê-lo. Ele está estudando para ser médico. O negócio dele é ajudar as pessoas.

— Humm.

Suas vozes ecoam na escuridão, como se não saíssem de corpo nenhum, mas ela pega a mão de Rob e a aperta.

— De qualquer modo, sou rica e vou ajudá-lo.

— Detesto lembrá-la, querida, mas, a menos que você receba tudo de volta, o rico tecnicamente é David.

— Ora, cale a boca.

Ela precisa resolver a situação, mas não está preocupada. David não está comprando carros esportivos ou esbanjando na universidade. Adele ri só de pensar nisso, e, para ser sincera, ele provavelmente administra o dinheiro dela — *deles* — melhor do que ela própria seria capaz. David passou a vida inteira contanto moedas, e ela nunca precisou esquentar a cabeça com nada disso.

Mas vai conversar com David dali a duas semanas, quando ele voltar. Amanhã, ela contará que Rob está na casa. Ela tem certeza de que ele não vai se importar com o fato de ela não estar seguindo o plano de terapia como devido, e, de qualquer forma, a companhia de Rob é melhor que qualquer terapia que ela já fez.

— Eu amo você, Rob — sussurra, quando a conversa recai em um silêncio sonolento. — Você é meu melhor amigo.

— Eu também amo você, Adele. Minha trágica Bela Adormecida transformada em fênix. Amo de verdade.

46

ADELE

Os dias se arrastam, cada um parecendo uma semana, embora tenham se passado apenas quarenta e oito horas desde que fiz minha *grande revelação* para Louise. Ficar parada me angustia, mas só me resta ficar atenta. Eu me escondo no quarto quando David chega em casa, alegando dores de cabeça ou cansaço, e ele mal fala comigo. Apenas assente com alívio velado. Deixo comida na geladeira, e às vezes ele belisca, embora não coma, como se achasse que talvez esteja envenenada ou *contaminada*. Eu deveria me importar mais com o fato de ele não estar interessado em perder tempo comigo, mas estou tão mergulhada na vida de Louise que, se ele agisse diferente, seria um obstáculo.

Eu gostaria que ele trabalhasse até mais tarde, o que é algo que nunca desejei. Mas estou esperando por um momento. *O momento* em que poderei virar tudo de cabeça para baixo. Não posso perder essa oportunidade.

E se David quiser minha atenção quando eu precisar estar *lá*? E então? Eu quero *saber* quando todas as peças do quebra-cabeça estiverem encaixadas.

Tranco a porta do quarto apenas por garantia, mas ele não vai bater. Também não voltou a procurá-la, o que é um alívio. Eu precisava que eles se separassem, e funcionou. Duvido de que Louise abra a porta para ele. Não depois que enviou aquela carta. E ela me encheu de alegria com as mensagens secretas que trocamos ontem à noite, embora não tenha percebido. Eu sei que ela está se sentindo culpada por causa da carta que não sabe que eu sei que ela enviou. Aquela com acusações contra David.

Quando lhe mandei uma mensagem dizendo que ele estava sendo muito atencioso e que talvez eu estivesse exagerando e que devíamos esquecer tudo, ela mudou de assunto. As pessoas sempre mudam de assunto quando se sentem mal por algum motivo. Mas, dessa vez, ela mudou de assunto para mencionar seus sonhos. Ela me falou sobre a *estranha segunda porta*, e contou que, por um instante, se viu flutuando sobre o próprio corpo na sala de estar. Disse que não estava dormindo e, sim, tentando amenizar uma dor de cabeça com respirações profundas.

Embora a notícia tenha me deixado explodindo de animação, respondi que isso nunca tinha acontecido comigo, mas que preciso tomar remédios para dormir de modo que, no momento, não estou atravessando a primeira porta. Conto que estou desfrutando do esquecimento. Do sentimento de nada. Da não existência. Que às vezes acho que gostaria de ser um nada. Pergunto-me como ela se sentiu lendo tais palavras. Uma dica do que talvez esteja por vir. Palavras para assombrá-la depois.

Louise terminou a conversa depois que voltei a mencionar David. Imagino que é como se estivesse me traindo pela segunda vez. Ela sabe que a pobre e frágil Adele não gostaria que seus segredos fossem revelados para o mundo. Não quando o perigoso David está em casa. Ainda assim, ela acha que é forte o bastante para nós dois. Ela se acha muito esperta. Pergunto-me se a polícia virá antes ou depois de suas dúvidas se instalarem — ou se algum dia virá. Eu meio que espero a campainha tocar a qualquer momento, mesmo sabendo que vai demorar mais um tempo para a polícia se preparar, caso tenha decidido levar a carta a sério. Talvez apenas a descarte. Talvez eu mesma devesse enviar uma carta. É uma ideia deliciosamente sombria, mas por enquanto decido não a colocar em prática. Verei como as coisas se desenrolam.

Segredos, segredos, segredos. Se olhar de perto, as pessoas transbordam de segredos. Louise coleciona vários, a carta sendo o mais recente. Eu me sinto um pouquinho traída por ela não ter me contado. Por não ter considerado meus sentimentos, embora supostamente seja minha melhor amiga, mas controlo a irritação. Afinal de contas, ela está fazendo exatamente o que quero que faça.

Meus sentimentos não importam mais, tampouco manter minha imagem e forma física.

Para quê? Em breve estarei morta.

47

LOUISE

Não sei por que estou tão nervosa; a polícia não baterá à minha porta brandindo a carta e me pedindo explicações. Cheguei a pegar um ônibus para Crouch End para postá-la, apesar de eles provavelmente usarem o mesmo centro de triagem que o daqui. Eu queria alguma distância daquilo. O envelope estava úmido com o suor das minhas mãos quando o coloquei na caixa de correio.

Ainda assim, passo o tempo todo nauseada; e David me mandou uma mensagem ontem à noite. Disse que queria se encontrar comigo e conversar. Olhei para aquelas palavras por uma hora ou mais, a cabeça latejando, mas acabei por ignorá-la. Como assim "conversar"? Pretendia me ameaçar mais um pouco? E, de qualquer maneira, ele estava bêbado; até mesmo o corretor do celular desistiu de consertar sua grafia. Para ser sincera, não quero falar com nenhum deles. Adele me mandou uma mensagem amena dizendo algo sobre David estar diferente e que talvez ela estivesse com pensamentos demais na cabeça. Aposto que está arrependida por ter me contado tudo sobre Rob. Compartilhar um segredo sempre parece bom no momento, mas, depois, aquilo se torna um fardo. Um frio na boca do estômago por ter soltado algo e você ser incapaz de voltar atrás e alguém ter esse poder sobre seu futuro. Foi por isso que sempre odiei ter segredos. São impossíveis de guardar. Odeio saber os segredos de Sophie, sempre me preocupando que algum dia eu esteja alegre de vinho e deixe escapar algo na frente de Jay. Agora, sou uma confusão de segredos e tenho Adele nas mãos. Ela odiaria saber que mandei a carta, e eu não posso culpá-

la. Mas o que mais eu poderia fazer? Por fim, mudei o assunto das nossas mensagens e comentei sobre meus sonhos. Contei a ela como foi estranho sentir como se tivesse deixado meu corpo ao atravessar a segunda porta. Parecia um assunto mais seguro do que a estranheza do seu casamento e a possibilidade muito real de David ser um assassino.

Minha cabeça ainda dói, um pulsar constante que não posso ignorar, e até mesmo sair ao ar livre para buscar Adam em uma festa de aniversário no centro comunitário não diminui a náusea. Não chego a dormir de verdade. Deito na cama, exausta, mas, assim que a luz se apaga, as luzes no meu cérebro se acendem. Acho que talvez preferisse os terrores noturnos à insônia. Voltar para quando a vida era simples. Voltar para antes do *homem-do-bar*.

Adam está com a barriga cheia de sanduíches e doces, de modo que guardamos o embrulho com seu pedaço de bolo de aniversário na geladeira, para comer mais tarde, e ele foge para o quarto a fim de examinar o que há no saco de brindes de festa ridiculamente caros. Eu não quero nem ver quais são. O aniversário de Adam está chegando, e será minha vez de gastar um dinheiro que não tenho em quinquilharias caras para crianças que não precisam delas. É um pensamento injusto. Ian vai ajudar. Ele é muito generoso em relação a Adam, mas estou cansada e estressada e preciso que tudo desacelere.

— Estou com enxaqueca — digo, enfiando a cabeça no vão da porta do quarto dele. — Vou me deitar um pouco. Tudo bem?

Meu filho perfeito sorri e concorda com a cabeça e eu lembro como sou sortuda por tê-lo.

— Me chame se você precisar de alguma coisa.

Não creio que serei capaz de dormir por um segundo, só quero fechar as cortinas, me deitar no escuro e desejar que a dor de cabeça passe. Tomo alguns remédios e vou para o quarto, desfrutando o frescor do travesseiro sob a cabeça e deixando escapar um longo suspiro. Um silêncio de meia hora é do que preciso. A dor de cabeça é muito invasiva, dói até mesmo quando penso, e me concentro em respirar profundamente para relaxar. Meus batimentos cardíacos e o latejar da cabeça soam em uníssono, como amantes enlouquecidos. Tento me livrar da tensão nos ombros, nas mãos e nos pés, como ensinam aqueles vídeos de ioga intermináveis e monótonos. A cada expiração, expulso o ar do corpo e esvazio a mente da desordem. A

dor ameniza um pouco à medida que relaxo, e sinto como se meus braços estivessem afundando na cama. Fugir por um tempo. É disso que preciso.

Mal vejo a porta dessa vez. Vem muito depressa. Um brilho de prata. Fachos de luz e então...

... estou olhando para mim mesma. A boca está entreaberta. Os olhos, fechados. Não pareço estar respirando. Pareço morta. Vazia.

Estou vazia. A percepção corre por mim como água fria, seja lá o que sou agora. *Estou aqui em cima. Aquilo é só... um corpo. Uma máquina. Minha máquina. Mas ninguém está no controle. Não há ninguém em casa*.

Pairo por um instante, resistindo ao pânico da última vez. Não sinto dor de cabeça. Não tenho nenhum sentimento nem sensação; sem braços, sem pernas, nenhuma tensão, nenhuma respiração. Talvez seja um sonho. Um tipo diferente de sonho. De qualquer modo, é *alguma coisa*. Volto em direção ao corpo e percebo sua atração imediata, então me obrigo a parar. Posso voltar se quiser. Mas será que quero?

Vejo a linha de poeira na borda superior do abajur, cinza, grossa e esquecida. Afasto-me um pouco em direção à porta, mesmo que esteja com medo de perder meu corpo de vista, como se de algum modo eu pudesse perder o caminho de volta. No espelho, vejo meu corpo assustadoramente imóvel, deitado na cama atrás de mim, mas meu reflexo é invisível. *Sou o Conde Drácula*. Eu deveria estar petrificada, mas é tudo tão surreal que, estranhamente, estou me divertindo.

Agora que meu medo está desaparecendo, sinto algo mais. Liberdade. Libertação. Não tenho nenhum peso. Quase vou até o quarto de Adam, mas temo que de algum modo ele me *veja*. Aonde posso ir? Até onde posso ir?

A porta ao lado. O apartamento de Laura. Desejo estar lá em um piscar de olhos, como se eu fosse algum tipo de fada madrinha com uma varinha de condão, mas nada acontece. Concentro-me ainda mais. *Sinto* o apartamento de Laura. A tevê enorme que ocupa a maior parte de uma parede. O sofá de corino cor-de-rosa horroroso, que eu deveria odiar, mas que acho engraçado. O tapete creme, do tipo que só quem não tem filhos pequenos pode ter. O sofá, o tapete, a decoração em tons de marshmallow. *Desejo* estar ali. Então, como se impelida por uma rajada de vento, lá estou.

Vejo Laura sentada no sofá, de calça jeans e um pulôver de lã verde folgado, assistindo à tevê. Está passando uma reprise de *Friends*. Laura pega um pedaço de chocolate com frutas e nozes e o leva à boca. Há uma caneca de café ao lado — uma caneca com belas florzinhas. Espero que ela

me veja, olhe para cima, chocada, e me pergunte como diabo entrei na sua sala, mas ela não faz nada. Chego a ficar de pé — por falta de palavra melhor — à sua frente, à direita, mas nada acontece. Quero rir. Que loucura. Talvez eu esteja louca. Talvez David esteja me dando alguns dos remédios com os quais entope Adele.

David e Adele. A cozinha da casa deles. Será que eu iria tão longe? Concentro-me e, por um instante, enquanto imagino as bancadas caras de granito, os azulejos, o calendário não utilizado, discretamente pendurado no lado mais escondido da geladeira de modo a não perturbar a decoração do cômodo, sinto algo mudar, um sopro de vento erguendo-se para me levar até lá, mas nada acontece.

No cerne desse eu estranho e invisível, tenho a impressão de que estou na extremidade de uma fita elástica esticada. Tento outra vez, mas não vou mais longe, como se meu corpo me puxasse para trás como uma criança pequena. Eu me movo com mais cuidado desta vez, vou até a cozinha de Laura, onde percebo pratos sujos a um canto, não muitos, mas o suficiente para demonstrar que ela está tirando o dia de folga. Em seguida, atravesso a porta até o corredor aberto que separa nossos apartamentos. Não percebo nenhuma mudança de temperatura, embora estivesse fazendo frio quando busquei Adam na festa.

Você não sente frio porque não está aqui de verdade, digo a mim mesma. *Você só atravessou uma porta*.

Sinto-me maravilhosa e livre como se todas as tensões e estresses tivessem sido deixados para trás. Sem hormônios, sem cansaço, sem remédios regulando meu humor. Sou simplesmente *eu*, o que quer que isso seja.

Mais uma vez, tento ir à casa de Adele para verificar se ela está bem, e, embora desta vez eu me veja na extremidade do caminho, não sigo em frente. O elástico parece esticado a ponto de se romper e está me puxando para trás, apesar de toda a minha resistência. Eu recuo, desfrutando da altura, desse quase *voar* em direção à porta da frente até entrar na minha casa.

— Mamãe!

Eu o ouço antes de vê-lo.

Adam está no meu quarto, ao lado da cama, puxando meu braço, empunhando meu celular.

— Acorde, mamãe! Acorde!

Enquanto me sacode, ele está prestes a cair no choro. Minha cabeça está tombada para o lado, e Adam segura minha mão inerte. Há quanto tempo estará aqui? Por quanto tempo estive fora? Dez minutos no máximo, mas o bastante para preocupar meu menino. Fico alarmada ao vê-lo tão abalado, entro em pânico e...

... sento-me na vertical, com um profundo ofegar, e meus olhos se abrem. Sinto o peso repentino de cada célula, e meu coração parece uma britadeira por causa do choque. Adam tropeça para trás, e eu o amparo, minhas mãos frias no calor do corpo dele.

— Mamãe está aqui — repito diversas vezes, enquanto o mundo e meu corpo se acomodam. — Mamãe está aqui.

— Não consegui acordar você — diz ele, junto ao meu ombro.

Um tremor abalou seu mundo seguro, uma quase morte que ele não compreende.

— Você não acordava. O celular estava tocando. Uma senhora.

— Está tudo bem — murmuro. — Mamãe está aqui.

Eu não sei a quem estou tentando convencer: a ele ou a mim. Minha cabeça está um pouco tonta quando decido me levantar, e, embora seu lábio inferior ainda esteja um tanto trêmulo, ele estende o aparelho para mim.

— Alô?

— Louise?

É Adele. Sua voz chega suave ao meu ouvido, mas me traz de volta ao presente. Adele nunca liga.

Adam ainda está me observando, quase desconfiado de que realmente estou viva e bem. Sorrio e movo os lábios dizendo para ele se servir de suco e ir ver desenho animado. Ele é um bom menino e obedece, mesmo estando inseguro.

— Você está bem? — pergunto para Adele.

Tremo de frio por ter ficado imóvel.

— Eu queria... bem, eu queria que você esquecesse todas aquelas coisas que eu contei no outro dia. Foi uma idiotice. Só uns pensamentos ridículos. Tire-os da cabeça.

Ela parece mais fria, usando o tom de voz de alguém que está arrependido por ter compartilhado um segredo e quer manter distância.

— Não me pareceu idiotice.

Lembro-me da carta escorregando dos meus dedos na caixa de correio e meu estômago se retorce de culpa. Não posso falar sobre isso.

— Mas foi — retruca ela, ríspida. Ela nunca falou nesse tom. — Peço desculpas por tê-la envolvido nos meus problemas conjugais. Mas, de verdade, estamos bem. Eu gostaria que você não voltasse a mencionar esse assunto.

— Aconteceu alguma coisa?

Adele não é assim. Ela nem mesmo está falando como de costume. Sempre foi tão gentil. Será que eles brigaram? Será que ele a ameaçou?

— Não aconteceu nada. É que às vezes minha imaginação vai longe.

— Eu não imaginei aquele arquivo que ele tem a seu respeito. — Quase cuspo essa frase. Ainda estou tonta com tudo o que aconteceu, e, pela primeira vez, ela está me parecendo um tanto patética. — E quanto a Rob?

— Esqueça Rob. Esqueça isso tudo.

Adele não se despede, mas desliga. Ora essa. Eu deveria me sentir magoada ou com raiva, mas não me sinto. Quando muito, estou confusa. Será que David fez alguma coisa com ela?

Fico olhando para o celular por um instante. O que eu teria visto se tivesse entrado na sua casa, em vez de ido apenas até a porta ao lado? Uma briga? Ameaças? Lágrimas? Sentada aqui, a ideia de me transportar de maneira invisível me parece loucura. Será que eu realmente fui até a casa de Laura? Enquanto eu ainda estava na cama? Como é possível?

Encontro Adam no quarto, parecendo pequeno e triste, sentado na cama, brincando desanimado com dinossauros de plástico.

— Por que você não acordou? — pergunta ele. — Eu sacudi seu ombro por um tempão.

— Estou acordada agora!

Sorrio e tento amenizar as coisas, mas prometo que *isso* — seja lá o que for — jamais voltará a acontecer enquanto ele estiver em casa. Digo que vamos assistir a alguns desenhos juntos no sofá e percebo que minha dor de cabeça passou. A tensão se aliviou, mesmo depois do telefonema de Adele. Enviei a carta. Não posso voltar atrás. Realmente me sinto aliviada por ela ter sido fria comigo. Talvez seja a folga dos dois que preciso tirar para poder colocar minha vida nos trilhos. Assim, se a polícia revistar a propriedade — o que seria uma chance em mil —, vou me sentir um pouco menos culpada. Estou desperta e alerta pela primeira vez em dias, como se o fato de eu ter saído do corpo tivesse dado tempo de ele se restaurar sem se preocupar com seu dono.

Foi isso o que eu fiz? Sério? Deixei meu corpo? Esse pensamento, por si só, é insano. Mas não foi a primeira vez que aconteceu. Sei disso agora. Houve aquele episódio no quarto de Adam. E a vez que flutuei acima de mim mesma. E agora isso. Tudo através da porta prateada. Mas aquilo foi real ou foi sonho?

Enquanto Adam assiste a desenhos animados, saio e vou até o apartamento de Laura. Estou tremendo quando bato à porta. Isso é loucura. Eu estou louca.

— Oi.

Ela está de calça jeans e pulôver verde.

— O que foi? — pergunta.

Por um instante, fico olhando para minha vizinha, que franze as sobrancelhas.

— Você está bem?

— Estou! — Forço um sorriso. — Será que eu poderia dar uma olhada na sua televisão? Há séculos estou prometendo para Adam que vamos comprar uma maior, e estou fazendo uma busca on-line, mas sou péssima para calcular o espaço. Só vai levar um segundo. Desculpe incomodar.

— Sem problema, mas não repare na bagunça.

Ela me deixa entrar e eu a sigo pelo apartamento. Há pratos sujos no canto da cozinha, assim como vi, restos de torradas ou um sanduíche de bacon em um deles.

— Essa tevê é grande demais para a sala — comenta Laura. — Mas eu adoro. A tela tem quarenta e seis polegadas, o que ao menos significa que posso assistir sem usar óculos.

Ela ri, e eu rio com ela, mas não estou ouvindo. A barra de chocolate com frutas e nozes está apoiada no braço do sofá. Na mesa, a xícara de café florida. Está passando *Friends* na tevê.

— Obrigada — murmuro. — Foi uma grande ajuda.

— Sem problemas, venha quando quiser.

Ela tenta puxar assunto sobre meu encontro e se houve algum sinal de amor verdadeiro, mas mal posso esperar para sair dali. Minha cabeça está a mil, o telefonema de Adele praticamente esquecido. Eu *estive* lá. Eu a *vi*. Assim como *estive* no quarto de Adam naquela noite, quando ele derramou a água.

Volto para o sofá do meu apartamento, onde Adam se aconchega junto ao meu peito, ainda sentindo os ecos do medo que tomou conta dele quando

não conseguiu me acordar, e olho para o desenho animado a que ele assiste, absorto. Como é possível eu ter feito o que fiz?

Apenas mais tarde, à noite, quando estou sozinha na cama, no escuro, um pensamento terrível me ocorre. Sinto um frio na espinha diante das possibilidades.

Adam incapaz de me acordar. Sacudindo meus braços gelados. Pensando que algo estava errado. Eu me sentando na cama de supetão, ofegando enquanto acordo. Não foi um despertar natural.

Foi exatamente o que aconteceu quando eu estava tentando despertar Adele.

Ela mentiu sobre a segunda porta.

48

ADELE

A trajetória do amor verdadeiro nunca foi tranquila. Sei disso melhor do que ninguém. Ainda assim, acredito no amor, de verdade, mesmo depois de tudo. Às vezes o amor verdadeiro precisa de uma mão amiga. E sempre fui boa em conseguir isso.

49

LOUISE

Por volta das nove e meia da manhã de segunda-feira, deixo Adam na creche e vou esperar o trem para Blackheath. Eu deveria estar exausta — mal dormi desde sábado —, mas meu cérebro está cheio de perguntas, formigando de dúvidas. Se Adele mentiu sobre a segunda porta, isso muda tudo. Sobre o que mais teria mentido?

Duas perguntas se destacam na mente enquanto ocupo um assento junto à janela, costas rígidas de tensão, arrancando a pele ao redor das unhas. Se Adele tem acesso à segunda porta e pode deixar o próprio corpo, até onde pode ir e quanto *sabe*? Parece um poema, e isso se repete na minha cabeça ao ritmo constante da locomotiva enquanto atravesso a London Bridge.

Claro que a grande questão é o que ela sabe sobre mim e David. Será que *sabe*? Se sabe, bem, então... Eu me sinto mal ao pensar nisso. Não me convenço de que aquilo em que acreditei tão prontamente pode ser mentira. Será que fui tão estúpida assim? O que eu *fiz*. A carta. Todos os detalhes que escrevi sobre Adele, Rob e David — apontando toda a culpa para ele. Meu deus, isso tem o potencial de ser tão desesperador. Penso em Sophie sentada na varanda. O que foi mesmo que ela disse? *Frágil? Ou louca? Talvez ela tenha um parafuso a menos?* Ah, meu deus, ah, meu deus, ah, meu deus.

Em vez de procurar uma lista de cafés em Blackheath, a maioria dos quais nem deve ter uma página na internet, procuro por psiquiatras, e há apenas três, o que é uma pequena onda de alívio em meio ao tsunami de pânico que me invadiu. Mas mesmo que houvesse cinquenta estou

determinada a encontrar Marianne e falar com ela. Eu preciso saber o que aconteceu entre ela e David e entre ela e Adele. As anotações no arquivo de David eram muito vagas. *Marianne não prestará queixa* — queixa contra quem? Ele ou ela? E pelo quê?

Tive que dispor de toda a determinação para não comprar um pacote de Marlboro Light na estação. Por que eles me levariam a voltar a fumar? Não lhes darei o gostinho. *Eles*. Não posso confiar nem em um nem no outro. Os laços que me envolvem parecem feitos de arame farpado. Talvez eu esteja em pânico sem motivo. Talvez David seja *mesmo* o vilão, como disse Adele. Talvez ela não tenha acesso à segunda porta e, mesmo que tenha, talvez não saiba de nada ainda. Talvez, assim como eu, não possa ir muito longe. Ela ainda pode estar dizendo a verdade.

A ideia me parece vazia. Lembro-me da sua mão fria e do ofegar ao despertar na poltrona do escritório de David. Se ela não pode ir muito longe, por que se preocuparia com a segunda porta? Não imagino passar horas assistindo a Laura e não ser capaz de ir além da calçada do nosso quarteirão. Seria estranho. E seria maçante, ainda mais quando a primeira porta por si só lhe permite sonhar com o que quiser.

Ela atravessou a segunda porta naquele dia em que a encontrei no escritório de David. Tenho certeza. Mas onde ela estava? O que estava vendo? E por que mentir para mim? Fico batendo com o pé no chão até chegarmos a Blackheath. Saio correndo do trem, como se estivesse tentando fugir de mim mesma.

Caminho depressa pelas ruas do rico subúrbio, murmurando um ou outro pedido de desculpas enquanto avanço entre carrinhos de bebê e pedestres, mas não diminuo o ritmo. Há uma série de cafés e restaurantes, mas me concentro nos mais próximos das clínicas. Se eu tivesse acesso ao computador do trabalho, poderia verificar em qual clínica David trabalhava, mas ele fechou essa porta para mim, e, se alguém me disse alguma vez, meu cérebro esqueceu.

Em um beco sem saída, peço um sanduíche de bacon que não quero comer e, ao descobrir que não há nenhuma Marianne ali, saio e jogo o sanduíche no lixo. Seguem-se dois cafés para viagem, mas nada de Marianne. Desejo chorar de frustração, embora eu esteja aqui há apenas uma hora. Minha paciência se esgotou.

Finalmente, encontro. Uma pequena cafeteria e loja de chá, simples embora de bom gosto, em uma tranquila rua de paralelepípedos que você

não perceberia a menos que a conhecesse. Entendo por que David frequentava o lugar. Tem uma aparência caseira. Acolhedora. Sei que é o lugar certo antes mesmo de entrar. É o que sinto. Da mesma forma, ao ver a mulher por trás do balcão, sei que a resposta à pergunta "Você é Marianne?" será positiva.

E é. Ela é mais velha do que eu, talvez esteja perto dos quarenta, e tem a pele bronzeada e curtida de quem viaja para tomar sol talvez três ou quatro vezes por ano e gosta de passar horas na piscina. Ela é atraente, mas não é bonita e não usa aliança. Ainda assim, seus olhos são gentis, percebo de imediato.

— Preciso muito falar com você — digo, com o rosto ruborizado. — Sobre David e Adele Martin. Você os conheceu, não é?

O café não está lotado, apenas um casal idoso desfrutando de um desjejum completo e lendo os jornais em um canto e um homem de negócios tomando café e trabalhando no laptop em outro. Ela não pode alegar estar muito ocupada.

Marianne fica tensa.

— Não tenho nada a dizer sobre eles.

A gentileza desaparece dos seus olhos. Vejo mágoa e raiva defensiva por alguém a forçá-la a se lembrar de algo que queria esquecer.

— Por favor — insisto. — Eu não teria vindo de tão longe para encontrá-la se não fosse importante.

Espero que ela veja o desespero no meu olhar. De mulher para mulher. Talvez de vítima para vítima.

Ela vê. Após um momento de hesitação, solta um longo suspiro e diz:

— Sente-se. Chá ou café?

Escolho uma mesa perto da janela, e ela se junta a mim com duas canecas de chá. Começo a tentar me explicar, dizer o que me trouxe aqui, por que preciso ouvir sua história, mas ela me detém.

— Vou contar o que aconteceu, mas não quero saber mais nada sobre eles. Sobre *ela*. Está bem?

Meneio a cabeça. *Ela*. *Adele*. Ah, meu deus, ah, meu deus, ah, meu deus.

— Nunca houve nada entre mim e David. Para começo de conversa, ele era muito jovem. Mas também era um homem agradável e tranquilo. Ele chegava cedo, pedia um café e ficava olhando pela janela. Sempre o achei triste, e odeio ver pessoas tristes, de modo que comecei a conversar com ele. Não muito, no início, mas depois, aos poucos, começamos a falar mais,

e ele era charmoso e engraçado. Eu estava recém-divorciada, ainda muito magoada, e era como fazer terapia de graça.

Ela sorri, quase melancólica.

— Nós brincávamos a esse respeito. Eu o pagava com café. De qualquer modo, era assim que nos relacionávamos. Ela também veio uma ou duas vezes antes de eu saber quem ela era. Logo no início. Fiquei impressionada com sua beleza. Era o tipo de mulher que você não esquece.

— Como uma estrela de cinema — murmuro, e ela concorda.

— Sim, isso. Quase bonita demais. Eu não sabia que era esposa dele. Ela não disse. Só tomou um chá de hortelã e ficou observando o lugar. Eu me senti um tanto desconfortável, como se eu estivesse sendo inspecionada pela vigilância sanitária. Mas isso foi nos primeiros dias, e ela não voltou mais. Não aqui, de qualquer maneira.

Tudo isso parece tão inocente que não imagino o que deu errado. Apesar de tudo, meu coração bate aliviado por saber que não houve um caso entre David e Marianne. David não fez com ela o que fez comigo. Adele estava errada, ao menos sobre essa mulher. Confio em Marianne. Ela não tem nenhum motivo para mentir para mim.

— Então o que aconteceu?

— Ele começou a se abrir um pouco. Ele podia ser psiquiatra, mas, se você trabalha com atendimento durante tanto tempo quanto eu, tende a desenvolver uma maneira própria de lidar com as pessoas. Eu digo que ele se abriu, mas na verdade era mais como se falasse nas coisas sem se referir a elas diretamente, se você entende o que quero dizer. Eu disse a ele que achava que, por trás da aparência bem-humorada, ele sempre me pareceu um tanto infeliz, e conversamos sobre amor. Certa vez me perguntou se era possível amar tanto alguém a ponto de ficar cego a respeito dessa pessoa durante um tempo. Eu disse a ele que o amor é exatamente isso. Ver apenas o bem em alguém. Falei que o amor era uma espécie de loucura, porque eu devia estar louca para ter ficado com meu John por tanto tempo.

— Eu acho que *você* deveria ser psiquiatra — comento.

Estamos nos afeiçoando uma à outra. Um grupo de apoio de dois integrantes.

— Depois disso, ele começou a chegar mais ou menos meia hora antes de abrir, e eu preparava o café da manhã para a gente. Eu o sondei um pouco mais ele acabou contando que certo dia, havia muito tempo, fez algo de errado. No momento, pensou que estava protegendo a mulher que

amava, mas aquilo sempre pairou entre eles e, então, após algum tempo, ele começou a se perguntar se não haveria algo de muito errado com ela. A mulher não era quem ele pensava. David queria ir embora, mas ela o ameaçava com aquela coisa que ele tinha feito. Para que ele não a deixasse. Ela ameaçou arruiná-lo.

Marianne olha pela janela em vez de para mim, e sei que ela está revivendo aqueles momentos que eu a estou obrigando a relembrar.

— Eu disse a David que a verdade era sempre melhor revelada do que oculta e que ele deveria enfrentar essa coisa errada que fez, fosse o que fosse. Ele disse que vinha pensando muito nisso. Só pensava nisso. Mas receava que, caso revelasse, acabaria preso. Aí não haveria ninguém para impedi-la de ferir outra pessoa.

Meu coração dispara, e mal sinto as mãos queimarem ao segurar a caneca quente.

— Alguma vez ele disse o que fez de errado?

Rob. Tem algo a ver com Rob. Sei disso.

Ela balança a cabeça.

— Não, mas tenho a sensação de que foi algo ruim. Talvez ele tivesse me contado, mas, então, *ela* apareceu à minha porta.

— Adele?

Sua boca se retorce em uma careta azeda ao ouvir o nome, mas Marianne assente.

— Ela veio até minha casa. Deve ter me seguido. Disse que era para eu ficar longe do casamento deles. Disse que eu não poderia tê-lo, que David pertencia a ela. Fiquei chocada e tentei dizer que não havia nada entre nós e que, depois do que aconteceu quando meu marido me traiu, eu não faria uma coisa dessas com outra mulher, mas ela não me ouvia. Estava furiosa. Mais do que furiosa.

Eu não faria uma coisa dessas com outra mulher. Marianne é uma pessoa melhor do que eu. É minha vez de desviar o olhar, mesmo que esteja ouvindo com atenção, devorando cada palavra para saboreá-las mais tarde.

Ela prossegue, alheia à minha dolorosa pontada de culpa.

— Ela me disse que, para meu próprio bem, eu deveria parar de conversar com ele e de dar conselhos. Ela disse que David não a deixaria, que ele a amava e que o que aconteceu no passado era um assunto que só interessava a eles.

Marianne faz uma pausa e bebe o chá.

— Eu me senti horrível. Humilhada. Não tinha feito nada de errado. Eu disse que éramos apenas amigos. Ela falou que eu era uma velha miserável que só tinha um gato para me fazer companhia e que nenhum homem jamais olharia para mim. Foi um insulto tão infantil que eu até achei graça. Acho que foi por causa do choque, mas eu realmente ri. Deve ter sido esse meu erro.

— Você contou para David?

— Não. Para ser sincera, fiquei surpresa quando ele apareceu no café, na manhã seguinte. Imaginei que ele devia ter falado com a esposa sobre nossas conversas. De que outra maneira ela poderia saber?

Realmente, de que outra maneira? *Até onde você pode ir, Adele?* Imagino-a pairando acima de David e Marianne, invisível, enquanto conversavam. A raiva que ela deve ter sentido. A imagem logo me remete à possibilidade de que ela pairou acima da minha cama, vendo-me transar com seu marido. *Ah, meu deus*.

— Mas ele agiu como se nada tivesse acontecido. Parecia cansado, sim. Infeliz, sim. De ressaca, provavelmente. Mas não parecia que ele tinha falado com ela. Aproveitei a oportunidade para dizer que ele deveria falar com a esposa sobre seus problemas. Ele disse que era tarde demais para isso e que ela nunca entendeu. Obviamente eu estava me sentindo muito desconfortável com tudo aquilo, de modo que disse a ele o que pensava. Que ele devia parar de falar comigo sobre o assunto, mas que, se ele era mesmo tão infeliz, então deveria deixá-la e enfrentar as consequências. Passado o choque da visita, fiquei furiosa com ela. Ela era uma megera, pensei. O tipo de mulher que nunca está satisfeita. O melhor que ele poderia fazer era cair fora.

Gosto de Marianne. Ela é direta. Duvido que tenha segredos, que ouça segredos dos outros ou seja boa em guardá-los. Tenho vontade de ser essa pessoa. *Aberta*.

— Mas o que eu não percebi é que seria eu quem enfrentaria as consequências — diz ela em tom suave. — Ou, mais precisamente, Charlie.

Ela percebe minha expressão de dúvida.

— Meu gato. Ela o matou.

Sinto minha cabeça girar.

Outro gato morto. Coincidência? Meus pensamentos parecem confusos como as anotações de David. Adele alegou que David tinha matado a gata deles, e eu acreditei. *Ah, Louise, você é uma idiota*.

— Como? — pergunto, quase resmungando.

— Charlie não apareceu certa noite, e fiquei preocupada. Ele tinha quinze anos, e seus dias de caçar ratos a fim de trazê-los de presente para mim já haviam terminado. Geralmente ele dormia no sofá enquanto eu estava no trabalho e dormia comigo quando eu chegava em casa. Por mais que odeie admitir, ela estava certa a respeito de uma coisa: desde o divórcio, Charlie era minha principal companhia. É difícil se acostumar com a vida de solteira depois de ser casada.

Sei exatamente o que ela quer dizer. Aquele sentimento de ser deixada para trás.

— De qualquer modo, acho que ela deve tê-lo envenenado primeiro. Não bastou para matá-lo, só para dominá-lo. Charlie era muito comilão e muito manso. Ele se aproximava de qualquer um que lhe oferecesse um pedaço de frango. Eu não conseguia dormir me perguntando onde ele estava e, então, logo após o amanhecer, ouvi um uivo lá fora. Era um som patético. Fraco. Aflito. Mas definitivamente era meu Charlie. Eu o tinha desde pequeno, conhecia todos os seus ruídos. Saltei da cama e fui até a janela, e lá estava ela. De pé na rua, com meu gato doente e flácido nos braços. No início, fiquei mais confusa do que assustada. Eu não tinha ideia do que ela estava fazendo ali tão cedo, mas meu pensamento inicial era de que Charlie fora atropelado e ela o encontrara. Então, olhei para seu rosto. Eu nunca vira uma pessoa tão fria. Tão desprovida de sentimentos. “Eu avisei.” Foi tudo o que ela disse. Muito tranquila. Muito calma. Antes que eu reagisse, antes que entendesse o que estava acontecendo, ela deixou Charlie cair no chão, e, quando ele começou a tentar se arrastar até a porta da frente, ela... ela pisou na cabeça dele.

Marianne fita meus olhos arregalados, e vejo o horror que a lembrança lhe provoca, depois o leve movimento na garganta quando ela engole em seco.

— Ela estava de salto alto — termina.

Não preciso de muitos detalhes.

— Meu deus!

— Pois é.

Ela inspira fundo e expira devagar, como se pudesse tirar tudo aquilo da mente.

— Eu nunca tinha visto nada parecido. Esse nível de ódio. De loucura. Nunca mais quero ver.

— Você ligou para a polícia?

— Ah, eu ia ligar. Mas primeiro queria que David *visse* o que ela tinha feito. Estava quase na hora de abrir, então pensei em mostrar aquilo para ele, causar-lhe um choque breve, forte, e em seguida chamar a polícia. Eu estava com raiva e com o coração partido, mas também com medo. Por ele e por *mim*. Envolvi meu pobre Charlie em um cobertor e o levei comigo. Eu não tinha intenção de trabalhar naquele dia, só queria que David visse aquilo, depois ia voltar para casa e chorar. Parece ridículo, se tratando de um gato.

— Não mesmo — digo, com sinceridade, enquanto estendo a mão até o outro lado da mesa e aperto seu braço.

Eu sei como é ruim estar sozinha. Ao menos eu sempre tive Adam. Mal posso imaginar como ela ficou arrasada.

— A reação de David foi interessante.

Marianne está pensativa, agora que o pior da história já foi contado. Talvez minha visita esteja sendo uma forma inesperada de terapia para ela.

— Não percebi na época, mas, pensando bem, vejo que foi isso. Ele estava abalado, enojado, perturbado. Mas não ficou chocado. Choque não é algo que se finge. Não muito bem, pelo menos. Na verdade, acho que ele ficou aliviado por ela só ter ferido o gato. Isso foi o que mais me assustou. Aquele alívio. Se matar um gato daquele jeito foi um motivo de alívio, do que ele achava que ela era realmente capaz?

Minhas mãos tremem tanto que preciso escondê-las debaixo da mesa. *Ah, Adele. Que jogos você andou fazendo comigo?*

— David me convenceu a não prestar queixa. Ele disse que conhecia Adele, que seria minha palavra contra a dela e que ela podia ser muito convincente. Que a beleza dela era um ponto a favor. Mas ele disse que eu nunca precisaria voltar a me preocupar com ela. Que se certificaria disso. Disse que faria uma doação para a Associação Protetora dos Animais. Ele quase implorou para que eu não chamasse a polícia, e eu estava muito cansada e abalada para discutir. Só queria os dois fora da minha vida.

— Então você não a denunciou?

Ela balança a cabeça.

— Não. Fechei o café por alguns dias e fiquei em casa, de luto, me sobressaltando toda vez que alguém tocava a campainha, com medo de que fosse ela. Mas ela não voltou, e eu nunca mais o vi.

— E foi isso? Eles desapareceram?

— Algumas semanas depois, recebi uma carta de David no café. Ele dizia que tinha encontrado um novo emprego e que os dois estavam se mudando. Agradeceu pela amizade e disse que estava triste por ter me feito tão mal e que jamais se perdoaria por isso. Fiquei enjoada só de olhar para aquela carta, que foi diretamente para o lixo. Eu queria esquecer tudo a respeito deles.

— Desculpe-me por tê-la feito se lembrar — digo. — E sinto muito pelo gato. Mas obrigada por falar comigo. Por me contar tudo isso. Você ajudou bastante. Mais do que imagina.

Ela se levanta da mesa, e eu faço o mesmo. Minhas pernas estão bambas.

— Eu não sei qual seu envolvimento com eles e nem quero saber, mas afaste-se. O mais rápido possível. Eles são doentes e irão machucá-la.

Meneio a cabeça, lanço-lhe um sorriso frouxo e corro para o ar livre. O dia parece claro demais, e as folhas, muito verdes nas árvores, as pontas afiadas contra o céu. Preciso de um lugar para sentar e pensar.

* * *

No pub de Blackheath, peço uma grande taça de vinho e a levo até uma mesa de canto, fora da vista dos empresários e da clientela da hora do almoço, que estão aos poucos ocupando o lugar com risos e conversas. Mal os ouço. Somente quando estou na metade da taça, o ruído branco do pânico se abate sobre minha mente, e sou levada a enfrentar a constatação gritante que já não posso evitar.

Acreditei muito facilmente em tudo o que Adele disse. Engoli tudo aquilo. E era tudo mentira. De repente, vejo todas as minhas discussões com David de maneira muito diferente. Havia *medo* na sua raiva. Quando ele me avisou para ficar longe, não estava me ameaçando, mas me *advertindo*. Sua agressividade tinha a intenção de me proteger. Será que ele realmente se importa comigo, então? Será que falou sério ao dizer que estava se apaixonando por mim?

Ah, meu deus, eu fui uma idiota. Fico com vontade de chorar, e o vinho não está ajudando. Sou a melhor amiga de uma psicopata. Amiga? Repenso a palavra. Não somos amigas. Sou uma mosca presa na sua teia, e ela está brincando comigo. Mas por quê? Se ela sabe sobre David e eu, por que simplesmente não fez algo contra mim?

Preciso falar com ele. Preciso falar com ela. Mas até que ponto ela sabe? Será que sabe que vim até aqui e falei com Marianne? E por que me ensinou a sonhar se sabia sobre David e eu? Por que me ajudou?

Sem respostas, volto meus pensamentos para David. Os remédios, os telefonemas, o dinheiro. Será que tudo isso era para contê-la? Para proteger o mundo dela? Ou será que ele também está se protegendo? Ainda não sei o que aconteceu com Rob. David cometeu um erro no passado. *Não*, eu me corrijo. Não foi isso que Marianne disse. *Ela disse que ele fez algo errado pensando estar protegendo a mulher que amava*. E algo *errado* é maior do que um simples equívoco.

Pego o celular na bolsa, encontro o número da clínica nos contatos e meu dedo paira sobre o botão de discagem. E se ele matou Rob e eu lhe contar sobre a carta que enviei para a polícia? O que fará? Devo confiar nele e contar tudo? Meu coração dispara. *Foda-se*, penso. *Confie no seu coração. Pela primeira vez, confie em David. Cuide de Adele depois*.

Aperto o botão de discagem e pressiono o celular ao ouvido. Sue atende, e tento disfarçar a voz. Digo-lhe que meu nome é Marianne e que preciso falar com o Dr. David Martin com urgência. Ela me diz para esperar enquanto verifica se ele está disponível.

Ele vai concordar em me encontrar. *Precisa* concordar.

50

ANTES

— Merda, vou ficar feliz quando esta visita terminar — retruca Rob, relutante, descascando as batatas e colocando-as em uma panela de água fria. — Lustre isso, limpe aquilo, jogue isso fora, esconda esse negócio.

Ele olha para Adele, que está acrescentando água quente à mistura do recheio.

— Ele é só um cara, não a porra do papa.

Adele lhe mostra a língua, e Rob joga uma casca de batata molhada na sua direção.

— Não se preocupe, eu pego! — diz ele, com delicadeza, voltando a zombar dela.

— Quero que as coisas deem certo — insiste ela. — Para todos nós.

Ela está tão animada com a vinda de David que mal dormiu na noite passada, embora tenham ficado muito chapados. Ele, no entanto, está cada vez mais mal-humorado em relação à visita, mesmo que tenha prometido ser legal. Adele está certa de que é nervosismo. Ele não se dá bem com gente, e, não importa quanto ele diga que vai gostar de David, percebe que Rob não está de todo convencido.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, os cabelos escuros caindo sobre o rosto enquanto retorna à tarefa. — Bem, isso se você não envenenar a todos nós com esse frango. E não se esqueça de passar bastante manteiga na pele.

Ambos têm estado ocupados nas últimas vinte e quatro horas. Recolheram todos os restos da vida rebelde — nenhum vestígio de fast food, guimbas de baseados ou restos de tabaco em parte alguma —, e os quartos cheiram a lustra-móveis e purificador de ar. Uma casa de adultos.

Rob ainda prometeu não falar de drogas, ficar doidão ou qualquer coisa parecida durante o fim de semana. Adele tem certeza de que ele vai fumar um quando estiver sozinho no quarto, mas Rob é esperto e certamente abrirá a janela, e a casa é bem grande para que o cheiro não chame atenção.

Quando o frango finalmente está recheado e no forno, ela olha o relógio — o relógio de David que agora é dela, um elo constante entre os dois — pela milésima vez.

— Ele chegará em breve — anuncia, sorrindo.

Adele está radiante, não consegue evitar. David, David, David. Ele domina seus pensamentos.

— Acho que vai demorar mais ou menos dez minutos.

— Oba, que legal! — diz Rob. — Podemos beber agora?

Ela serve duas taças de vinho, sentindo-se muito adulta com o frango assado que preparou para o jantar e bebendo vinho nas melhores taças de cristal dos seus pais. Deviam esperar por David, mas a bebida deixará Rob relaxado. Eles se apoiam na mesa da cozinha, e Adele dá o braço a ele.

— No começo, David pode ser um pouco calado e reservado — explica. — Mas não o leve a mal. É apenas o jeito dele. Ele é um pouco tímido. Mas é muito engraçado quando relaxa.

— Engraçado como eu?

Rob olha de soslaio para Adele, e ela cutuca suas costelas.

— Engraçado de uma maneira diferente. De qualquer modo, estou certa de que você vai gostar dele. Se você ignorar o terrível fato de que David se *preocupa* comigo. Quer dizer, que coisa horrorosa da parte dele, não é mesmo?

— Certo, certo, você venceu. E pare de se preocupar. Eu já disse que vou me *comportar*.

Ambos riem, e ela sente um pouco da tensão se esvair dos braços rijos de Rob.

— Vamos lá — diz ela. — Vamos esperar por ele.

Os dois pegam o vinho e vão até a grande escadaria de pedra, e, enquanto Adele olha impaciente para a pista, Rob bebe, encostado em um dos pilares da pesada porta de carvalho. Parece relaxado, o que reforça a suspeita de Adele de que, na verdade, ele está uma pilha de nervos.

Enfim, ouvem o ronronar de um motor em meio ao silêncio. Adele grita e sai correndo e pulando pelo cascalho.

— Ele está aqui! Ele está aqui!

Ela está muito animada. É como se sua pequena família estivesse completa. Sem sentir falta de Rob quando está com David, e sem sentir falta de David quando está com Rob.

Demora cerca de um minuto até o carro percorrer o trajeto dos portões até a casa, mas, assim que estaciona, Adele para diante da porta esperando que ele saia. Ela olha para Rob e sorri. Ainda na escadaria, Rob esboça um meio sorriso, como se de repente se sentisse constrangido e deslocado. Parece pequeno e mais jovem, e Adele quer que ele acredite que tudo vai ficar bem.

David sai do carro, alto e forte, trajando calça jeans, um fino suéter azul-claro com gola em V e uma camiseta por baixo. Como sempre acontece toda vez que o vê, Adele fica sem fôlego. Ele é um homem adulto. *Seu* homem.

— Oi — cumprimenta ele, puxando-a para um beijo. — Senti saudades.

— Eu também.

Ela não tira o sorriso do rosto e agarra a mão de David.

— Vamos.

— E as minhas coisas no carro?

— Isso pode esperar.

Ela o puxa até a casa, onde Rob arrasta os pés, ombros curvados, como se desejasse que o chão se abrisse para engoli-lo. Ela compreende. Durante todo o seu relacionamento, sempre foram apenas ele e ela. Em uma súbita onda de simpatia, Adele solta a mão de David, sobe a escadaria até Rob, dá o braço para ele e o traz das sombras.

— David, este é Rob, meu melhor amigo. Rob, este é David, meu noivo. Ordeno que vocês dois se amem à primeira vista.

Ela sorri, felicíssima. Mesmo depois de tudo, e mesmo naquela casa, não poderia se sentir mais feliz.

* * *

Por volta das dez da noite de sábado, todos beberam demais, mas ao menos o clima estava menos tenso. Foi maravilhoso ter David nos braços, na cama e dentro dela na noite anterior, e eles gargalharam, fizeram planos e riram, mas ela percebeu que David não ficou particularmente impressionado com Rob.

— Ele é tímido — comentou ela, quando se deitaram de conchinha em meio aos lençóis suados.

— Ele não fala muito. É um cara um pouco estranho — sentenciou David. — Não entendo o que você viu nele.

Mas hoje foi diferente, e ela está feliz. De manhã, quando desceu até a cozinha, Rob já tinha começado a preparar o café da manhã e, em vez de ficar olhando de cara feia para David, como no dia anterior, estava fazendo um teatrinho de comédia sobre gastronomia, fingindo ser um chef francês chamado François des Oeufs e fazendo David rir com seu desempenho exagerado, acrescentando sal aos ovos e fritando linguiças como se fosse o chef do Ritz. David entrou na brincadeira, imitando um repórter pedante da BBC , entrevistando-o sobre suas técnicas. Logo a coisa virou uma farsa, ambos os rapazes fazendo seu melhor para superar o outro, e Adele riu. Enquanto comiam, Rob fez perguntas sobre a universidade e claramente estava tentando ser mais amigável, embora isso não fosse tão perceptível como era quando ele encenava alguma bobagem. David respondeu a todas as suas perguntas, e, embora também parecesse ainda um tanto inseguro, o desjejum foi um divisor de águas.

Depois, foram dar uma longa caminhada pela floresta e se sentaram ao lado do poço, e foi agradável. Ela adorou estar com os dois ao ar livre, o Rob magricela e seu grande, forte e belo David. Tem sorte de tê-los. Rob se empenhava, e a convivência estava dando certo. Ela percebeu que o constrangimento de David diminuía pouco a pouco.

Diante do fogo, Adele se sente muito feliz, ligeiramente embriagada de vinho. Pode não ter sido o fim de semana perfeito que ela esperava, mas está melhorando. Ambos são bastante protetores em relação a ela, o que os leva a serem cautelosos um com o outro. Ela tem muita sorte.

David se levanta para ir ao banheiro e pegar outra garrafa de vinho, bagunçando o cabelo de Adele ao passar. O toque dos seus dedos é agradável, e ela sorri para o noivo, observando-o sair. Deitado no tapete à frente, Rob se senta e pergunta:

— Como estou me saindo? Melhor do que ontem?

Ela sorri. Seu outro homem.

— Você está perfeito. Bom trabalho.

— Talvez você devesse ir se deitar — sugere ele. — Deixar a gente ter um tempo de homem para homem.

— Camaradagem masculina?

Ela ri.

— Algo assim.

Rob retribui o sorriso.

Algum dia, pensa Adele, Rob pode vir a ser bonito. Quando suas marcas de picadas tiverem desaparecido, ele tirar o aparelho e ganhar corpo. Parece tão jovem quando comparado a David.

— Pode ser bom para nós conversarmos sem você aqui. Sem ofensas.

— Não me ofendi.

Um pensamento lhe ocorre.

— Mas não fale sobre meu dinheiro, viu? David odiaria saber que eu lhe contei. Por favor, não mencione o dinheiro.

As palavras saem às pressas, enquanto ouvem os passos de David.

— De jeito nenhum — diz Rob, olhando para as chamas hipnotizantes. — Isso nem passou pela minha cabeça.

51

LOUISE

Ele está um lixo, mas não devo estar muito melhor. Seus olhos estão vermelhos, e, embora esteja de terno, a camisa está amarrotada. Não fez a barba. *Ele desistiu*, penso. Parece um morto-vivo. Seus olhos se voltam para o bar.

— Pedi um bule de café — digo. — Acho que precisamos estar com a mente lúcida.

Ele está de pé junto à mesa e mal olha para mim.

— Louise, não importa o que seja, não importa o que você pensa que sabe sobre Marianne, não tenho tempo para isso.

— Sente-se, David. Por favor.

Gentilmente, embora com firmeza, pego sua mão para detê-lo quando ele tenta se afastar. É bom tocá-lo.

— Por favor. Há algumas coisas que preciso lhe dizer. Coisas que você precisa ouvir.

Uma garçonete traz a bandeja com o bule de café quente, põe as xícaras à nossa frente e nos serve com um sorriso alegre. A civilidade natural de David entra em ação, e eu o solto para que ele possa se sentar diante de mim.

— Eu lhe avisei para ficar longe de nós — diz ele, quando a garçonete se vai.

— Eu sei. E agora sei que você estava me avisando, não me ameaçando. Sei o que aconteceu com Marianne. Eu fui vê-la.

Ele olha para mim.

— Meu deus, Louise. Por quê? Por que você faria isso?

Vejo medo na sua irritação. Eu o vejo com clareza e estou tomada de vergonha.

— Porque fui uma idiota — admito. — Pior do que uma idiota. Eu fui... — Não tenho as palavras certas para dizer. — Fui enganada e feita de boba. Eu fiz uma coisa muito ruim, e preciso lhe contar.

Ele está ouvindo, em um estado de alerta cauteloso. Uma raposa em plena caça.

— Mas primeiro vou lhe dizer o que sei, está bem?

David meneia a cabeça devagar. Não é o confronto que ele estava esperando e está demorando um pouco para as coisas assentarem na sua mente. Quanto ele já bebeu hoje? Quanto ele precisa beber para entorpecer o horror da sua vida?

— Pode continuar — diz ele.

— Certo. — Inspiro fundo. — Eu acho que sua esposa é maluca, sociopata, psicopata ou algo assim. Acho que você a enche de remédios porque *sabe* que ela é louca. Acho que assim que você percebeu isso tentou ajudá-la, mas agora está tentando contê-la. Acho que é por isso que você liga tantas vezes para casa a fim de verificar o que ela está fazendo. Acho que Adele sabe que dormimos juntos e que se tornou minha amiga para que eu me voltasse contra você. Ainda não descobri bem por quê. Mas ela definitivamente brincou comigo, *com nós dois*. Ela matou sua gata de estimação assim como matou o gato de Marianne, e você não pôde fazer nada, porque ela tem algo para usar contra você e ameaça contar para a polícia o que aconteceu com Rob. Dizer que ele está morto em algum lugar da propriedade na Escócia. Ela me disse que você matou Rob...

Ele se inclina para a frente a fim de dizer algo, mas ergo as mãos, silenciando-o.

— Deixe-me terminar.

David afunda na cadeira, aceitando.

— Ela me disse que você matou Rob — repito. — Mas eu *não acredito*.

Ele ergue a cabeça, um primeiro vislumbre de esperança.

— Acho que o que aconteceu com Rob foi feito por *ela*, e talvez você a tenha protegido porque a amava e ela tinha acabado de perder os pais. Eu acho que você cometeu um erro estúpido e terrível, e ela está usando isso contra você todo esse tempo para prendê-lo.

De repente, tenho vontade de chorar, mas seguro as lágrimas.

— Fui uma idiota por acreditar nela em vez de em você porque você não se abria. Eu devia ter percebido. Devia ter *confiado* nos meus sentimentos por você, mas, depois de Ian, desisti de confiar nos homens, e trouxe tudo isso para nossa relação. E não é fácil confiar em um homem que está traindo a esposa.

Ele parece envergonhado, e não quero que nos detenhamos nesse assunto. Não agora. Não é importante.

— Quando você ficou furioso, fazendo ameaças para que eu me afastasse, eu deveria ter percebido que você estava tentando me proteger dela. Mas não me dei conta disso. E ela é tão boa em se fazer de frágil. Foi *tão* boa em me atrair. E eu sinto *muito* por ter permitido...

Eu me inclino sobre a mesa e pego a mão dele.

— Eu preciso que você me conte tudo, David. Estou do seu lado. Fui uma idiota, mas agora preciso ouvir de você o que está acontecendo porque estou cansada das mentiras de Adele e ficarei louca se não souber a verdade.

Ele me olha por um longo tempo, e eu espero que ele veja nos meus olhos a confiança e os sentimentos que tenho por ele.

— Seja o que for, David. Eu acredito em você. Mas preciso que me explique tudo. O dinheiro, o que aconteceu com Rob. Preciso saber. Depois, eu lhe falarei sobre a coisa ruim que fiz, e você provavelmente vai me odiar por isso.

— Eu jamais poderia odiá-la — diz ele, e, então, realmente sinto que vou chorar.

Em que confusão me meti? Em que *nós* nos metemos? Como eu pude pensar que ele era um assassino?

David bebe o café e pigarreia, olhos vagando pelo bar. Será que também está tentando não chorar?

— Apenas me conte.

Um de nós precisa ser forte, e essa pessoa sou eu.

— É tudo tão sórdido.

Ele baixa os olhos para o café. Tenho a impressão de que não vai erguer a cabeça até o cisto infectado que traz dentro dele estourar e todo o veneno for liberado.

— Minha vida inteira foi sórdida, mas não começou assim. A princípio, foi... bem, foi maravilhosa. Meu deus, eu a amava. Adele era a garota mais bonita que eu já tinha visto. Mas não era apenas isso. Ela era doce e

engraçada. Os pais dela não aprovavam. Eu era um menino pobre de fazenda cujo pai perdera tudo com a bebida, era quase cinco anos mais velho do que ela e a conhecia praticamente a vida inteira. Ela me seguia enquanto eu trabalhava nos campos ao redor da escola e às vezes me falava sobre os pesadelos que tinha.

— Ela era a menina a quem você deu o livro sobre sonhos.

Ele assente.

— Não que tenha ajudado muito.

Se ele soubesse. Deve ter sido esse livro que ensinou Adele sobre sonhos lúcidos e sobre a segunda porta. Quero — devo — mencionar isso, mas quero ouvir o restante da história primeiro, antes de distraí-lo com algo tão difícil de acreditar.

— Mas, conforme ela cresceu, bem... nosso envolvimento... parecia tão certo — continua David. — Ela era uma criatura etérea que não se preocupava com minhas mãos ásperas nem com os problemas do meu pai. Ela só via a *mim*. Acreditava em mim. Se não fosse por ela, eu provavelmente nunca teria desbravado o caminho até a faculdade de medicina. Nós éramos muito apaixonados um pelo outro. Não há como descrever. Daquela forma intensa de amar de quando você é jovem.

Ele faz uma pausa.

— Então, houve o incêndio.

— Você a salvou — digo. — Suas cicatrizes.

— Sim. Sim, eu a salvei. Na hora, nem senti as queimaduras. Eu me lembro do calor terrível. Lembro que, quando eu respirava, parecia que meus pulmões estavam sendo escaldados, mas, principalmente, me lembro de ter pensado que ela estava morta. Estava fria e inconsciente. Havia inalado gases ou fumaça ou algo parecido. Eu não conseguia fazê-la recobrar a consciência.

Lembro-me de ter pensado o mesmo tentando acordar Adele. Da mão fria. Lembro-me de tê-la sacudido. *Há quanto tempo ela tem acesso à segunda porta?* Meneio a cabeça para que ele prossiga.

— Será que foi ela quem começou o incêndio? — pergunto.

— Eu não sei. Nem pensei nisso no momento, mas, de lá para cá...

Sua voz desaparece. Imagino que ele pense muito nisso.

— Falaram de incêndio criminoso. A polícia levantou suspeitas de que poderia ter sido eu. E, mesmo que eu pensasse que alguém talvez tivesse feito aquilo, nunca passou pela minha cabeça que pudesse ter sido ela.

Talvez algum funcionário descontente, e havia muitos. Adele era jovem demais para compreender a índole dos pais, e eles não juntaram aquele patrimônio todo sem passar por cima de algumas pessoas pelo caminho. Mas nunca pensei que tivesse sido Adele. Ela quase morreu. Se tivesse feito aquilo, ela estaria assumindo um grande risco.

— Acho que ela gosta de correr riscos — comento.

— Talvez. Mas ela ficou muito perturbada. Não conseguia dormir. Era como se estivesse definhando. Talvez tenha sido algum tipo de culpa. Ela me disse que deveria ter acordado. Que poderia tê-los salvado.

Sono. Sonhos. Será que Adele estava lá quando os pais morreram? Será que ateou fogo à casa e atravessou a segunda porta para se certificar de que David viria salvá-la? Ou foi pega em meio à fumaça e desmaiou antes de escapar?

— E, então, ela conheceu Rob — acrescento. — Isso foi onde ela fazia terapia?

— Em Westlands, sim. Ela gostava muito dele, e a amizade a ajudou. Detestei na época, porque pensei que cuidar dela era minha função, mas eu ainda estava me recuperando das queimaduras e tinha que cursar a faculdade. Adele insistiu para que eu voltasse. Assim que pôde, ela pediu que os advogados resolvessem todos os meus problemas financeiros, o que me deixou desconfortável, mas ela argumentou que eu estava sendo tolo, já que estávamos planejando nos casar. De qualquer modo, conhecer Rob foi bom para ela. Eu entendi isso. Ele estava lá; eu, não. Mas eu não gostava do fato de ele ser um ex-viciado, e, embora nunca tenha dito, acho que Adele sabia disso. Eu meio que pensei que a amizade terminaria quando eles deixassem Westlands, mas, então, ela o convidou para ir morar na casa. Ela era assim naquela época. Queria ajudar as pessoas. Ao menos era o que parecia.

— E o que aconteceu?

Rob. O garoto do caderno. Finalmente, estou a ponto de descobrir o que aconteceu com ele.

— Eu só o vi uma vez. Bem, fui passar um fim de semana na casa, de modo que acho que seria mais exato dizer que o vi durante dois dias. Ele era um garoto fraco e magro que usava aparelho nos dentes. Nada de especial. Não sei o que eu estava esperando. Acho que mais carisma. Para mim, ele parecia mais jovem do que era, aos dezoito anos. Bem, só sei que ele não falou muito na maior parte do fim de semana. Apenas olhou para

mim e murmurou respostas às minhas perguntas e às vezes se esforçava muito para ser sociável. Certa manhã, fez uma terrível encenação de chef de cozinha, da qual participei, mas, para ser sincero, aquilo me deixou pouco à vontade. Adele explicou que ele era tímido, que não se dava muito bem com as pessoas, mas o achei estranho, ainda que não tivesse comentado com ela. Acabamos ficando acordados até mais tarde na noite de sábado, depois que Adele foi se deitar, mas não consegui me entender com ele. Rob ficava me perguntando coisas sobre nosso relacionamento. Eu tinha certeza de que ele estava com ciúmes. Quando fui embora, no domingo, desejei em silêncio que aquela amizade em breve chegasse a um fim natural.

David faz uma pausa e engole em seco.

— Meu desejo se tornou realidade, mas não houve nada de natural naquilo.

— Rob morreu — afirmo.

Enfim, ele concorda.

— Eu não estava lá. Aconteceu dez dias depois.

Pela primeira vez, ele ergue a cabeça e me olha nos olhos.

— Eu sei onde Rob está, mas não fui eu quem o colocou lá.

Rob está morto. Aí está. O fato objetivo. Não me surpreendo e percebo que já havia algum tempo eu acreditava ser esse o caso.

— Eu sei — digo, e é verdade.

Acredito piamente nele. Tarde demais, talvez, mas acredito.

— Eu sei que você não fez isso — repito.

— Certa manhã, ela me ligou em pânico — continua David, a história vertendo de dentro dele. — Adele disse que os dois estavam usando drogas e que achava que Rob tivera uma overdose porque, quando ela voltou a si, ele estava morto. Eu disse a ela que chamasse a polícia e uma ambulância. Ela estava chorando. Disse que não podia fazer isso. Quando perguntei por quê, Adele contou que tinha entrado em pânico e jogado o corpo de Rob no velho poço seco da floresta, no terreno da propriedade. Ela estava quase histérica. Eu não acreditava. Foi... acho que foi uma loucura. Peguei o carro e corri para lá, pensando que poderia convencê-la a contar a verdade para a polícia. Mas ela não quis. Disse que estava com medo de que, depois do que aconteceu com os pais, fosse presa. A polícia pensaria que ela tinha algo a ver com tudo aquilo. Ela disse que entrou em pânico, mas que não podia desfazer o que já havia sido feito. Ela disse que ninguém além de nós

sabia que Rob estivera lá. Ninguém mais o vira. A família dele não sabia. Ela implorou que eu não contasse. Disse que podíamos nos mudar, e ninguém jamais saberia o que tinha acontecido.

— Mas *você* sabia — afirmo.

Ele assente.

— No início, pensei ser capaz de manter esse segredo. Para protegê-la. E tentei. Tentei muito. Nós nos casamos logo depois, mas os sinais de que as coisas estavam indo mal já estavam presentes. Eu odiava o que havíamos feito, mas achei que aprenderia a viver com isso, caso achasse que aquilo também a assombrava, mas ela parecia absolutamente bem, como se já tivesse se esquecido do assunto. A vida daquele garoto. Extinta. Sua morte, ocultada. Pensei que talvez a reação de Adele fosse um mecanismo de defesa, que ela estava tentando esquecer, mas não era isso. Ela realmente havia deixado aquilo de lado. Estava *feliz* no dia do nosso casamento. Como se não tivéssemos nenhum problema. Então, ela descobriu que estava grávida, e eu pensei que ficaria ainda mais feliz, mas ficou apavorada e insistiu em fazer um aborto para tirar aquela *coisa alienígena* de dentro dela.

Ele faz uma pausa, a respiração irregular. É difícil para ele enfrentar e *compartilhar* tudo.

— O amor demora a desaparecer, sabia?

David olha para mim, e aperto sua mão com força.

— Levou muito tempo para meu amor desaparecer. Eu inventava desculpas para ela, dizendo que tinha que terminar os estudos, por isso nem sempre percebia quanto ela havia mudado. Mas mudou. Passou a gastar quantias absurdas de dinheiro, mesmo com toda a sua riqueza...

— É por isso que você controla o dinheiro dela?

Ele assente.

— Eu o devolvi para ela depois do fim de semana em que estive na casa na Escócia. Nunca quis controlar o dinheiro de Adele, mas também não quero que ela desperdice tudo. E se tivéssemos filhos? E se isso for alguma resposta emocional a tudo o que teve que passar? E se ela se arrependesse de todos esses gastos? Ela concordou em me colocar no comando. Disse que sabia que tinha um problema e que precisava de alguém para administrar as finanças. Lembrando-me disso agora, acho que a decisão foi mais um nó na corda que ela preparou para colocar ao redor do meu pescoço. De qualquer modo, continuamos fingindo que estava tudo bem por

uns três ou quatro anos, mas eu não esquecia Rob. Seu corpo no poço. Finalmente, percebi que nosso amor tinha morrido com ele naquela noite. Eu não esquecia Rob, e não aceitava o fato de Adele conseguir esquecê-lo. Eu disse a ela que estava tudo acabado. Que eu estava indo embora e que não a amava mais.

— Imagino que ela não tenha aceitado isso muito bem — digo, e, pela primeira vez, ele dá um meio sorriso.

Não há humor de verdade naquilo, mas lá está. *Meu* David.

— Digamos que sim. Ela ficou histérica. Disse que me amava e que não podia viver sem mim. Disse que pegaria todo o dinheiro de volta e que eu ficaria sem um tostão. Respondi dizendo que não me importava com o dinheiro dela e que nunca me importei. Eu não queria magoá-la, mas não conseguia mais viver daquele jeito. Então ela ficou muito calma. Uma calma que me assustou. Que *ainda* me assusta. Passei a reconhecer aquilo como um sinal de algo perigoso. Ela disse que se eu fosse embora contaria à polícia o que *realmente* aconteceu com Rob. Fiquei confuso. Eu não sabia o que ela queria dizer. Então falou que a verdade era relativa. Que muitas vezes a verdade se resumia à versão mais verossímil dos fatos. Ela disse que contaria à polícia que eu e Rob havíamos brigado e que eu o matei e joguei o corpo dele no poço. Fiquei chocado. Aquilo não era verdade. Ela disse que não importava. Disse que a polícia pensaria que o crime fora motivado por ciúmes e que eles já suspeitavam de mim por causa do incêndio na casa dos pais dela, de modo que definitivamente lhe dariam ouvidos.

Penso na minha carta. Aquela sobre a qual devo lhe contar quando ele terminar. *Ah, meu deus, Louise, o que você fez?*

— E então Adele jogou seu trunfo. A prova que levaria a polícia a acreditar nela sem sombra de dúvidas. Algo que ela mantém contra mim pelo que parece ser uma eternidade.

— O quê?

O que Adele poderia ter feito?

— Meu relógio — diz ele apenas.

Ele vê que estou confusa e prossegue:

— Logo após eu me queimar, eu não podia usá-lo. Dei-o para Adele, como uma espécie de lembrança. Mesmo no buraquinho mais apertado, ficava muito largo no braço dela, mas ela gostava de tê-lo, e eu gostava que ela o usasse. Eu não sabia que aquilo nos uniria para sempre neste inferno.

— O que aconteceu com o relógio?

— Quando Adele jogou Rob no poço, meu relógio escorregou do pulso dela. Ficou enroscado nas roupas dele.

David faz uma pausa e olha para mim.

— Meu relógio está no poço com o cadáver.

Eu olho para ele.

— Ah, meu deus.

Sou tomada pela náusea. Quem vai acreditar na versão de David com um indício desses?

— O que mais odeio é que eu me deixei chantagear. Eu era muito fraco. A ideia de ir para a cadeia, pior, de ninguém *acreditar* em mim, de todos pensarem que fiz essa coisa horrível, me deixou paralisado. E se a morte de Rob não tivesse sido um acidente, como ela disse? Será que ela o matou por algum motivo? Será que pareceria um assassinato caso o corpo fosse encontrado? Eu não conseguia enfrentar aquilo. Eu estava preso a ela. Adele me prometeu que se comportaria. Prometeu que poderíamos ser felizes, que eu poderia voltar a amá-la. Ela disse que queria ter um filho. Disse tudo o que achava que me faria feliz. Aquilo me parecia loucura. Eu não aceitava a ideia de gerarmos um filho. Não mais. Afinal, eu me conformei com o fato de que meu castigo pelo meu erro e pela minha fraqueza seria ficar preso naquele casamento sem amor.

Meu deus, devem ter sido difíceis os anos que ele passou com Adele, vivendo no fio dessa navalha. Quero uma bebida. Tenho certeza de que ele também quer, mas nossos dias de álcool estão encerrados por enquanto. Ele não pode mais se esconder no fundo de um copo, e eu preciso estar com a mente lúcida.

— Mas ela não conseguiu manter sua doença mental sob controle por muito tempo. Ela fingia ser a dona de casa perfeita, mas, então, tinha surtos de raiva incontrolável sem qualquer motivo.

— Como aconteceu com Marianne — digo.

— É, daquele jeito, mas começou muito antes. Eu tinha certeza de que ela estava me espionando. Adele sabia coisas que não poderia saber. Ligava para algumas das minhas colegas de trabalho com quem achava que eu me dava bem e deixava mensagens de ódio. Ela teve um emprego por algum tempo, mas, quando fiz amizade com a gerente da floricultura, o lugar pegou fogo. Nada que a incriminasse diretamente, mas o suficiente para eu saber que tinha sido ela. Eu precisava mudar de emprego de dois em dois

anos por causa de algo que ela fazia. Fizemos *pactos*. Eu prometia ligar para ela ao menos três vezes por dia, e ela abria mão dos cartões de crédito. Eu ia direto para casa depois do trabalho, e ela desistia do celular. Qualquer coisa que a impedisse de destruir nossa vida, ou a de qualquer outra pessoa, com sua loucura. Ela é uma sociopata agressiva desprovida de empatia, tenho certeza. Ela sabe o que é certo e errado, mas não como qualquer outra pessoa, e ela só ama a mim, se é que isso é amor. Ela fará qualquer coisa para impedir que alguém se interponha entre nós. E é muito convincente. Quem acreditaria em mim?

Ele olha para mim.

— Você não acreditou. Você caiu na versão dela de cabo a rabo.

— Sinto muito, David. Eu me odeio por isso.

Eu preciso falar sobre os sonhos. Sobre como Adele o espiona. Como ela sabia das coisas. Eu preciso ser honesta com ele. Abro a boca para falar, mas ele me interrompe e continua:

— Não é culpa sua. Ela desempenha bem o papel, e eu estava bêbado. Nunca deveria ter conversado com você naquele bar. Eu só queria... Eu só queria ser feliz. E, meu deus, eu deveria *saber*.

Ele quase bate a mão na mesa em sinal de frustração, mas apenas agarra a borda.

— Eu devia ter percebido quando ela era mais nova. As loucuras que ela dizia.

— Como assim? — pergunto, tensa.

Deve ser sobre os sonhos. Eu sei isso. Ela amava David. É claro que teria tentado compartilhar aquilo com ele.

— Quando ficamos juntos pela primeira vez, ficamos bêbados e ela tentou me dizer que poderia fazer certas loucuras quando estava dormindo. Ela foi vaga, mas aquilo parecia insano. O pior é que provavelmente foi culpa minha, porque parecia que ela tinha tirado essas ideias do livro hippie sobre sonhos que eu lhe dera, e depois ainda inventou mais loucuras a partir daquilo. Eu só ri e achei que ela estava me enrolando, mas, como Adele ficou aborrecida por eu não acreditar nela, eu deveria ter me dado conta de que essas fantasias a levariam a algo mais. Ela já era crescida demais para podermos atribuir aquilo à imaginação infantil. Ela claramente estava demonstrando sinais de algum grave transtorno em desenvolvimento. Quer dizer, quem acredita que é possível deixar o próprio corpo durante o sono? É o tipo de coisa que pessoas que tomaram muito LSD costumam dizer.

Então, sim, eu deveria ter percebido os sinais. Ao menos ter me lembrado deles quando o tempo foi passando.

Ele olha para mim.

— É por isso que fiquei tão feliz em conhecê-la. Você é tão *normal*. — Ele agarra minhas mãos, como se eu fosse uma tábua de salvação. — Você é tão pé no chão. Seus pesadelos são apenas pesadelos, e você convive com eles. Você nunca acreditaria em algo assim. É *sã*.

Ah, se ele soubesse! Mas agora não posso contar. *Na verdade, tudo o que ela disse é real. De que outro modo você acha que ela o está espionando?* Eu não posso fazer isso com ele. Não posso fazer isso *comigo*. Não agora. Não quando ainda preciso falar sobre a carta que mandei para a polícia. Ele precisa de fatos e realidade. Não pode lidar com nada além disso.

— Adele certamente tem problemas — digo apenas. — Isso é um fato.

Apertamos a mão um do outro com força, e ele olha para mim.

— Você acredita mesmo em mim? — pergunta David.

— Sim. Acredito.

Está escrito na minha testa. Acredito piamente nele. David não matou Rob.

— Você não faz ideia de como é bom ouvir isso. Mas eu não sei o que fazer. Eu disse a ela que quero o divórcio. E quem sabe o que ela fará? Ela não vai me deixar ir. E eu estou preocupado com o que ela fará contra você. Meu deus, isso tudo é uma confusão.

É minha vez de compartilhar o meu erro.

— A confusão é pior do que você imagina — aviso, o coração disparado. — *Eu* piorei tudo.

— Não vejo como isso poderia piorar — comenta ele, com um leve sorriso. — Se você ainda gosta de mim depois de tudo o que eu acabei de dizer, se você *acredita* em mim, então, ao menos para mim, tudo já está muito melhor.

Ele também parece melhor. Há mais luz nos seus olhos; um fardo descartado, mesmo que por apenas alguns instantes.

E, então, eu conto a ele. Que fiz pesquisas na internet e enviei a carta para Angus Wignall, na delegacia de polícia de Perth, explicando todas as razões que me levavam a crer que o Dr. David Martin estava envolvido com a morte de um jovem chamado Robert Dominic Hoyle, e que o corpo provavelmente ainda estava em algum lugar na propriedade de Adele. É minha vez de manter os olhos baixos, voltados para a xícara de café

enquanto meu rosto arde. E nem mesmo foi Adele quem me disse para fazer isso. Essa estupidez foi toda minha. Ao terminar, finalmente ergo os olhos.

— Então, como você pode ver, eu *de fato* piorei tudo — concluo. — Talvez eles achem que a carta é um trote. Talvez Wignall nem mesmo a *leia*.

Ah, por favor, por favor, Deus, que seja esse o caso.

David se recosta na cadeira e suspira.

— Não, eu acho que ele vai ler. Ele ficava como um perdigueiro atrás de mim, tentando encontrar alguma maneira de me incriminar pelo incêndio.

— Você deve me odiar — digo.

Quero que o chão se abra e me engula e nunca mais me deixe sair dali. Por que piorei tudo? Por que sou tão impulsiva?

— Odiar você?

Ele se recosta, sua expressão entre uma careta e uma risada.

— Você ouviu alguma coisa do que eu disse? Eu não odeio você. Eu... bem, é mais o contrário. Chego a gostar da maneira como você acreditou em Adele. Da sua vontade de ajudá-la. É algo que entendo. Mas, não, eu não odeio você por isso. De muitas maneiras, o que você fez é um alívio. Tornou as coisas mais claras.

— Como assim?

Ele não me odeia. Graças a deus. Nós ainda estamos juntos nessa.

— Adele sabe dessa carta que você enviou? — pergunta David.

Balanço a cabeça.

— Acho que não.

Não tenho como ser mais precisa. É difícil determinar o que Adele sabe ou não sabe, mas não posso dizer isso, não depois de tudo o que ele acabou de falar.

— O que você vai fazer?

— Vou até a Escócia — diz ele. — Contarei tudo para a polícia. A verdade. Vou acabar com isso.

Não era o que eu estava esperando, e fico aturdida por um momento, mas sei que é a coisa certa a fazer.

— Eles acreditarão em você — digo, embora não esteja convencida. — Eu acredito em você. E posso corroborar sua versão. Assim como Marianne, tenho certeza.

Ele balança a cabeça, sorrindo um pouco.

— Acho que precisaremos de mais do que isso para contrariar a versão de Adele. Meu relógio está lá, lembra?

— Então, por que você vai fazer isso?

Tenho medo de perdê-lo antes de tê-lo.

— Deve haver outra maneira. Por que ir à Escócia se você acha que eles o prenderão?

— Para *acabar* com isso — responde. — De uma vez por todas. Era o que eu deveria ter feito há muito tempo. Estou farto de carregar essa culpa comigo. É hora de aquele garoto ter um enterro decente.

— Mas não podemos deixá-la escapar — retruco. — E ela é perigosa. Por que ela será poupada? Ela é a culpada nessa situação toda!

— Posso não ser culpado — diz ele. — Mas também não sou inocente. E é um castigo perfeito para ela.

— Como assim?

Olho seus belos olhos azuis. Estão lúcidos e serenos.

— Sou tudo o que Adele sempre desejou — explica. — Da sua maneira torta, maluca, ela me ama. Sempre me amou e sempre me amará. É obcecada por mim. Se eles me prenderem, eu finalmente me afastarei dela. Adele não terá mais poder sobre mim. Estarei livre.

Sinto as lágrimas voltando, e, dessa vez, não as contenho.

— Você não pode esperar um pouco? Não podemos passar alguns dias juntos antes disso?

Ele balança a cabeça.

— Se eu não fizer isso agora, jamais farei, e ficar com você só dificultaria as coisas. Para mim, basta que você *acredite* no que eu disse.

— Quando você vai?

Eu não me importo com Adele. Posso me virar com ela. Descobri os segredos. Sinto uma pontada de culpa. Não quero, mas tenho um segredo que nunca poderei compartilhar com David, assim como ela não pôde.

— Hoje. Agora. São só duas e meia. Não posso ir para casa primeiro, senão ela saberá que algo está acontecendo, mas posso estar a meio caminho da Escócia no momento em que ela perceber que eu fui. Ligo para você hoje à noite, quando chegar.

— Tem certeza de que não quer pensar um pouco mais a respeito?

Estou sendo egoísta. Quero mantê-lo aqui comigo, fora da prisão.

— É tão rápido. É tão...

— Olhe para mim, Louise.

Faço o que ele pede.

— Seja sincera... não estou fazendo a coisa certa? Excluindo dessa história tudo o que sentimos um pelo outro?

Pela calma da sua expressão, sei que ele já sabe a resposta, e eu concordo. É o que *deve* ser feito. Mesmo que ele não alcance o resultado esperado e ninguém acredite nele, a verdade precisa vir à tona.

— É tão injusto — digo. Estou queimando por dentro, ansiosa por fazer algo. — Talvez eu devesse ir vê-la e...

— Não. Você não pode fazer isso. Ela é perigosa.

— Mas eu preciso...

— Ela é uma sociopata, Louise. — Ele agarra minha mão com força. — Entende? Você não pode chegar perto dela. Prometa que nunca mais se aproximará dela. Na verdade, eu prefiro que você pegue Adam e saia de Londres até eu ter feito o que preciso. Mas ao menos me prometa que ficará longe de Adele.

— Prometo — murmuro.

Não é justo ela destruir a vida dele — e a minha — e sair impune.

— Que bom. Eu jamais me perdoaria se algo acontecesse, e não quero me preocupar com você enquanto estiver enfrentando tudo isso. Eu amo você, Louise. Amo muito.

Ele se levanta, vem para o meu lado, e nos beijamos. Ele tem gosto de álcool velho, balas de hortelã e café, mas não me importo. Ele é cálido, amoroso, forte e meu, e novas lágrimas afloram.

— Vai ficar tudo bem — sussurra ele, quando nos separamos. — Acredite.

Ele sorri para mim.

— O que você acha de me visitar na prisão?

Eu rio um pouco, apesar das lágrimas que não param de rolar.

— Estou aberta a novas experiências.

David paga o café, um ato cotidiano que faz tudo parecer ainda mais surreal, então saímos, e eu choro mais um pouco junto ao peito dele, indiferente a quem estiver olhando.

— Vai dar tudo certo — diz ele.

Não. Não vai chegar nem perto disso, mas eu concordo, e nos beijamos mais um pouco. Lágrimas, nariz escorrendo, cansaço e álcool velho. Que dupla formamos. Pressiono o rosto no pescoço dele, inalo seu cheiro quente, então restam apenas ar frio e fumaça de canos de descarga quando

ele se vai. Eu o vejo caminhar até a estação de metrô. David não olha para trás. Acho que não se atreve a me olhar para não mudar de ideia.

É tudo culpa minha, penso, pela milésima vez, quando me encosto em uma parede e remexo a bolsa em busca do cigarro eletrônico. Eu e aquela carta idiota. Não acredito que ele partiu tão rápido para enfrentar tudo isso. Sua vida deve ser mesmo terrível, para ele se sentir aliviado em direção à sua possível prisão. Ao fim da sua carreira. Sua vida e reputação em frangalhos. Será rotulado como assassino. Enxugo as lágrimas e deixo a brisa me refrescar. A culpa não é minha nem de David. Somos apenas peões. A culpa é de Adele. Ela é a culpada disso tudo.

Lembro-me do segredo que não compartilhei com David: os sonhos. As portas. A loucura de tudo isso. Se me odiava tanto, por que Adele me ensinou a fazer aquilo? Estou com muita raiva dela, o que aumenta minha tristeza por David e a dor de perdê-lo. Preciso persuadi-la. Arrancar a verdade dela. Talvez, ao perceber que perdeu David, Adele diga algo, *qualquer coisa*, que possa ajudá-lo. Deve haver algum modo de levá-la a *ver* o que está fazendo. Que a faça compreender que não há vencedores nessa história. No mínimo, preciso dizer exatamente o que penso dela. É tempo de ter uma conversa sincera com minha suposta melhor amiga. Eu não menti para David. Não vou até a casa. Não a verei frente a frente. Mas não prometi não falar com ela, certo?

52

ADELE

Estou cercada pelo silêncio da cozinha com apenas o constante tique-taque do relógio como companhia. É um som estranhamente reconfortante. Penso nisso às vezes, na quantidade de relógios barulhentos espalhados pelo mundo, cada um marcando implacavelmente nossa falta de tempo. Devíamos ter pavor deles, mas o tique-taque de algum modo conforta a alma.

Não sei há quanto tempo estou aqui sentada. Ouço o passar dos segundos, sem contar minutos e horas. Sinto-me afastada da minha própria existência. Redundante. Tudo está quase acabado, e eu me sinto triste e vazia.

Dizem que, se você ama alguém, deixe a pessoa ir. Bem, finalmente estou deixando que David se vá. Há maneiras mais fáceis de fazer isso do que a que escolhi, mas não se pode fingir confiança ou crença, assim como não se pode fingir não saber de uma verdade. Isso precisa ser novo, uma verdade recém-descoberta. Ele precisava ver claramente nos olhos de Louise. O choque de ter interpretado errado toda a situação. A inocência dele. São coisas que eu não podia dar a ele.

Preciso admitir que David realmente a ama. *C'est la vie*. Tive uma boa jornada. Estou desorientada enquanto me sento, espero e ouço minha vida se esvaindo. Quando o tom estridente do celular barato me arrebata dos devaneios, concluo que sim, eu poderia ter feito tudo diferente, mas assim está sendo muito mais interessante. Ao menos, terei meu canto do cisne.

Louise é toda energia, raiva e irritação, a antítese da minha calma. Aquilo borbulha no ouvido, irradiando como calor.

— Há quanto tempo você sabe? — pergunta ela.

Percebo que está usando todo o seu autocontrole para não gritar comigo.

— Eu quero saber que diabo você andou tramando!

Ela está fervendo de raiva, e isso me contagia.

— Acho que quem deveria lhe perguntar essas coisas era eu, não é mesmo? Afinal, é você quem anda transando com meu marido.

— O que não entendo é por que você me falou sobre os sonhos — diz ela, ignorando minha alfinetada. — Por que me ajudou quando havia o risco de eu encontrar a segunda porta e descobrir tudo?

Piranha ingrata.

— Eu não sabia na ocasião.

Contenho a raiva súbita.

— Pensei que você fosse minha *amiga*. Eu estava tentando ajudá-la. Nunca conheci alguém como eu, e eu me senti menos solitária com você.

Percebo sua desconfiança. Uma inspiração silenciosa no outro lado da linha.

— Você só pode usar a segunda porta para ir a lugares que conheça — explico devagar, certificando-me de que ela está entendendo. — Se você não esteve no lugar, não pode *vê-lo*. Precisa visualizar os detalhes.

Recosto-me à parede fria.

— Foi apenas certa noite, quando eu estava sozinha e sentindo sua falta, que atravessei a porta para seu apartamento. Eu queria ver *você*. Mas vi David com você.

Faço uma pausa e tento chorar.

— Foi quando descobri. Foi quando eu *soube*.

Louise é um livro aberto. Sei que ela está raciocinando para entender o que eu acabei de dizer. Ela está com a cabeça cheia demais para se lembrar da conversa que eles tiveram no escritório, naquela primeira manhã, a respeito da indiscrição que tiveram sob o efeito do álcool. O escritório no qual fiz um tour no dia anterior. Mas eu me lembro. De cada palavra e ação. Do nervosismo dela. Do pânico dele. Também me lembro do fogo dos dois ao voltarem a se ver. Lembro-me da fúria que tive que administrar até eu forçar nosso encontro e ela me falar sobre os terrores noturnos. Depois, minha raiva derreteu em alegria. A potencial inimiga transformada em um presente de deus em poucos instantes. Mas, ao menos por enquanto, o que eu disse faz sentido para ela. Também dei algumas informações vitais. *Você precisa visualizar os detalhes*. Vejam só: mesmo agora eu a estou ajudando.

— Por que você não falou alguma coisa? Por que me contou todas aquelas merdas sobre David? Por que me fazer pensar todas aquelas coisas sobre ele? Toda aquelas *mentiras*?

Sempre à procura de respostas. Sempre precisando saber. Ela deveria ter sido detetive.

— Mentiras e verdades são apenas perspectivas. E por que você acha?

Concentro-me na tarefa em mãos e ergo um pouco a voz, aborrecida, magoada. Ela quer uma confissão, tenho certeza, mas meu jogo ainda não acabou.

— Você era minha melhor amiga. Minha primeira amiga de verdade havia muito tempo. Eu queria que você o odiasse. Queria que você *me* escolhesse! Por que eu deveria perder vocês dois? É justo? Eu não tinha feito nada de errado!

Considerando tudo o que ela sabe, a última frase pode ter sido um pouco exagerada, e devo estar parecendo uma maluca. Mas claro que, para ela, eu *sou* maluca.

— Eu queria que você me amasse mais do que a ele — digo, com a voz mais suave, como se minha explosão de energia tivesse sido excessiva. — Mas você o amava e só sentia pena de mim. Pena e culpa era tudo o que você sentia por mim enquanto transava, toda feliz, com o homem que eu amo.

Posso não ter muita base moral, mas o fato de ser uma mulher traída é uma vantagem da qual pretendo dispor.

— Não é verdade, e você sabe disso.

Percebo uma cadência defensiva na sua voz. Imagino que seu rosto deva ter enrubescido. Ela é tão previsível.

— Eu *era* sua amiga — continua. — Pensei que você fosse minha amiga e tentei parar de ficar com ele, algo que começou antes de eu a conhecer. Eu não sabia que ele era casado. Tentei acabar com aquilo. E acabei.

É a vez dela de ser econômica com a verdade. De fato acabou, mas só quando eu interferi e David descobriu nossa amizade. Por mais culpada que tivesse se sentido, Louise continuaria a abrir as pernas para David às minhas costas caso ele não tivesse entrado em pânico e terminado tudo. Protegendo-a de mim. Isso é a cara dele. Sempre salvando as mulheres. É claro que essa versão dos fatos não se encaixa na sua visão de si mesma, de modo que Louise gosta de pensar que sua culpa teria prevalecido e que ela

teria terminado de qualquer modo. Mas eu conheço as pessoas muito bem. Conheço *Louise* muito bem.

— Bem, agora você perdeu nós dois — diz ela, desafiadora.

— Não perdi, não. Ele não vai me deixar. Ele nunca vai me deixar.

— Você não entendeu.

Ela fala comigo como se eu fosse uma criança.

— Eu acreditei em você. Acreditei em tudo o que você me disse. E contei tudo para a polícia.

— Você fez o quê?

Quase ofego. Surpresa. Ou, pelo menos, é muito boa a minha encenação de estar surpresa.

— Escrevi uma carta endereçada ao policial que investigou o incêndio que matou seus pais. Aquele que pensava que David estava envolvido. Contei para ele tudo sobre Rob e que eu achava que seu corpo ainda estava em algum lugar na propriedade.

— Você fez o quê? Por que você fez isso? Eu nunca lhe pedi que fizesse isso.

— Fiz isso porque sou uma idiota e, na ocasião, não sabia que você era louca.

— Eles não vão acreditar em você — murmuro caminhando pelo corredor de cabeça baixa como se estivesse pensando freneticamente.

Ela não me vê, mas ouvirá meus passos. Ela sentirá minha preocupação.

— Eles não vão acreditar em você — repito.

— Não — diz ela. — Talvez não. — Uma inspiração. — Mas acreditarão *nele*.

Congelo e faço uma pausa.

— O quê?

— David está a caminho da Escócia para falar com a polícia. Vai contar tudo. Vai dizer a verdade.

Um longo momento de silêncio se instala entre nós, quebrado apenas pelo tique-taque implacável do relógio.

— Mas ele não pode! — exclamo por fim. — Eles não vão... Ele não pode... Ele não faria isso...

— Mas fez. E não, não acreditarão nele. Você é boa demais para isso. Eles vão prendê-lo.

Ouço sua alegria momentânea ao perceber que estou horrorizada e que ambas estamos sofrendo. Vejo queimar no seu interior todo o amor em

potencial que ela sente por David e que vem negando há tanto tempo.

— Ambas sabemos que ele não matou Rob — declara ela. — Por que você não diz isso para a polícia?

— Ele será preso — digo, tão baixo que é quase um sussurro. — Eles vão tirá-lo de mim.

Lágrimas surgem nos cantos dos meus olhos. A simples ideia de estar separada de David é capaz de provocar uma reação física em mim, mesmo agora.

— Por que você não o odiou? — É minha vez de gritar. — Por quê? Por que você faria isso?

Ela não responde, por isso uivo como um animal e me sento no chão.

— Você deveria odiá-lo! — grito ao telefone. — Você deveria ter me escolhido.

Aproximo os joelhos do queixo enquanto choro com o rosto na manga da camisa de seda, perdida no papel que estou representando.

— O que devo fazer agora? Ele não pode me deixar. Não pode. Não vai.

— Ele já deixou — sentencia ela.

Louise é a mais calma de nós duas, aquela que está no controle.

— Mas você pode evitar isso, Adele. É a única que *pode*. Diga a verdade. Ao menos me diga a verdade, aqui e agora.

Ah, não, sua duas-caras, desejo retrucar. *Não vai ser assim tão fácil*.

— Você é doente, Adele.

Ora, Louise, sua ladra de marido alheio. Nós duas sabemos que a palavra que você queria dizer é "louca".

— Os remédios que você não tem tomado a ajudariam — continua. — Se você for à polícia e contar a verdade, se o que aconteceu com Rob foi um acidente e você entrou em pânico, eles serão mais compreensivos. Tudo o que você fez foi esconder o corpo. Mas, com David, pensarão que foi assassinato. Também podem pensar que ele matou seus pais.

Percebo que ela está se esforçando para não sugerir que talvez eu tenha matado todos os três, a *psicótica da Adele*.

— Eles serão mais gentis com você. Circunstâncias atenuantes. Você tinha acabado de perder a família e tinha ficado internada numa clínica. Não irão prendê-la, tenho certeza.

Ah, que língua doce ela tem. Bem, eles podem não me mandar para a cadeia. Mas ouvi dizer que o hospital psiquiátrico de segurança máxima de Broadmoor também não é nenhum passeio no parque, muito obrigada.

— Por que ele faria isso? — gemo. — Por quê?

— Ele não ama você, Adele. Ele não a ama há muito tempo. Só está tentando cuidar de você. Fazer o melhor por você.

Tenho vontade de dar um soco na cara dela pela falsa simpatia e presunção de saber alguma coisa sobre nosso casamento. Mas apenas cravo as unhas nos joelhos enquanto ela continua a falar:

— Por que fazê-lo sofrer? Se realmente o ama, e eu acho que ama, você pode salvá-lo. Você não pode ficar com ele, Adele. Não pode prendê-lo. Isso não é vida, para nenhum dos dois. Mas, talvez, se disser a verdade, se o proteger quando ele mais precisar da sua ajuda, então talvez você possa fazer algo certo.

— Você tirou tudo de mim — sussurro outra vez. Não admitirei culpa nenhuma. Não na fase final do jogo. — O que farei sem ele?

— Você poderia fazer o que é certo — insiste ela. — *Prove* que o ama. Acabe com essa merda. Talvez assim ele não a odeie. Talvez *você* não odeie a si mesma.

— Foda-se — sussurro, gostando de dizer o palavrão. Fico ali, tremendo, até a raiva ser cuspida para fora de mim. — Foda-se! — grito outra vez, então explodo em lágrimas.

Ouço um clique e um sinal de discagem no ouvido, e estou novamente sozinha com o tique-taque infinito do relógio. *Meu deus, às vezes Louise sabe ser uma piranha paternalista*, penso, ao me levantar, colocar o celular no bolso e enxugar as lágrimas. Mas ela está certa. *De fato*, é hora de eu dar um jeito na situação.

53

LOUISE

Estou trêmula ao desligar.

Será que Adele deu ouvidos a alguma das minhas palavras? O que ela fará? Vai ligar para a clínica? Destruir a casa quando perceber que eu não estava mentindo? Ela bem que ficou muito abatida. Não. Ela acreditou em mim. Sabe que David se foi. Tento ligar para ele, mas cai na caixa postal. Ele já deve estar no trem, e o sinal deve estar ruim. Murmuro um palavrão, mas deixo uma mensagem para lhe informar que estou em segurança.

Segurança.

Adam. Devo ir buscá-lo em uma hora. Como brincar de família feliz com ele hoje à noite? Com tudo isso acontecendo? Ah, meu menino, eu o amo muito, mas hoje não posso lidar com você. Estou muito distraída. E ainda tem Adele. Ela sabe onde eu moro. E se seu terrível sentimento de contrariedade se transformar em raiva? *Sociopata*. Foi assim que David a descreveu. E se ela vier atrás de mim quando digerir tudo? Penso em me hospedar em um hotel com meu filho, como David sugeriu, mas isso suscitaria muitas perguntas de Ian, quando Adam o encontrasse. Além do mais, parte de mim quer saber até que ponto Adele está furiosa. Se ela vier atrás de mim, quero estar preparada. Acho que, sem David, ela perderá o controle. Quase espero que perca. Isso corroboraria a versão que ele contou.

Ligo para Ian, prometendo a mim mesma, em silêncio, que, o que quer que aconteça, amanhã farei para Adam uma festinha especial entre mãe e filho.

— Oi — digo, quando ele atende, levemente preocupado.

Nunca ligo para o trabalho dele. Essa época já passou há muito tempo.

— Não é nada de mais. Eu só queria saber se você e Lisa poderiam me fazer um favor. Mas está um pouco em cima da hora.

— O que é?

— Você poderia ficar com Adam hoje à noite? Ir buscá-lo na creche? Surgiu um compromisso, estou atrasada e também recebi um convite para jantar.

— Claro! Vou ligar para Lisa, e ela irá buscá-lo.

Percebo o entusiasmo na sua voz. Ele acha que terei um encontro. Enfim, sua ex-mulher está se mexendo.

— Obrigada. Você é o máximo.

— Sem problemas. E divirta-se!

Nós nos despedimos e desligamos. Como é estranho o amor se transformar em ódio e, depois, em uma amizade tranquila.

Resisto ao impulso de comprar uma garrafa de vinho no caminho. Por mais que eu diga a mim mesma que tomarei apenas uma taça, com esse meu estado de espírito, a garrafa teria acabado quando David ligasse e, caso estivesse bêbada, eu certamente imploraria para que ele mudasse de ideia.

Além do mais, é claro, tem Adele. Se ela aparecer e eu tiver bebido, não terei a menor chance.

54

ADELE

O tempo passa. É o que dizem, certo? *Tique-taque, tique-taque*. O dia passa. O último dia. Eu não esperava que fosse hoje à noite. Eu não esperava estar sozinha na hora final. Eu planejava que fosse no fim de semana, quando Adam estivesse ausente e David estivesse em casa. Drogado e dormindo, talvez, mas aqui. Mas os astros se alinharam para mim, e Adam está na casa do pai e David, bem, David está na missão de autodestruição na Escócia. De volta à terra natal para limpar a consciência. É muito melhor assim. Para começo de conversa, é menos complicado, e essa história só tem a ver comigo e com Louise. David é apenas o *prêmio* em um cabo de guerra. E ambas estamos cansadas de puxar. É hora de o jogo acabar. Uma perdedora e uma vencedora devem ser escolhidas.

O palco está montado. Tudo está pronto. Preparo o quarto, escrevo minha carta e a deixo em um envelope branco e lacrado na escrivaninha de David. O papel de carta é novo e caro e tem somente minhas impressões digitais. Eles não poderão dizer que David me obrigou a escrevê-la. Pensei em cada detalhe, e tudo precisa ser perfeito. Tudo precisa *parecer* certo.

Ainda faltam algumas horas, e, após ensaiar tudo diversas vezes até cansar, eu simplesmente caminho pela casa vazia para me despedir. Meu coração bate disparado, e minha boca está seca. Preciso ir ao banheiro quase toda hora. Pela primeira vez, percebo que estou com medo.

A chuva parou de cair. Saio ao anoitecer e desfruto do arrepio na pele. Isso me acalma. Se eu me agarrar à coragem, não falharei. Os galhos de árvores estendem-se sobre o gramado e os canteiros de flores, mas estão

cheios e vivos, e o outono que se aproxima ainda não reivindicou as folhas. É como uma versão domesticada da floresta na Escócia. Quanto tempo levaria até que a natureza selvagem tomasse conta das plantas cortadas e aparadas se elas fossem deixadas em paz? Sinto-me como o jardim. Uma coisa selvagem podada. Fico ali algum tempo, saboreando os cheiros, a brisa e a vista, então, quando a tarde se transforma em noite e estou tremendo de frio, volto a entrar.

Tomo um longo banho quente, quarenta minutos, talvez mais. O tempo parece estar se movendo mais rápido, como se consciente do meu terror crescente e estivesse brincando com a sensação. Inspiro fundo o vapor para aplacar o nervosismo. Eu estou no controle. Sempre estive. Não me tornarei uma mulher chorosa e amedrontada justo no fim.

Seco o cabelo, sentindo o brilho e o volume, depois me olho no espelho e visto meu melhor pijama de seda. Tenho vontade de chorar, mesmo que isso seja absurdo, o que faz com que eu me odeie um pouquinho. Verifico se tudo está onde deveria estar, embora tenha preparado o quarto algumas horas atrás e *saiba* que tudo está onde preciso que esteja. Como David, que o tempo todo verificava o passaporte, nas raras ocasiões em que saímos de férias. Sorrio ao pensar nisso. Pensar em David me acalma. Isso tudo é para ele. Tudo sempre foi para ele. Eu o amo muito, muito mesmo.

Olho para o relógio. São dez horas. Daqui a meia hora, mais ou menos, será o momento. Deito de costas na cama e fecho os olhos.

55

LOUISE

David só liga depois das dez, quando estou quase subindo pelas paredes. Pouco a pouco, me dou conta do que ele está fazendo. A próxima vez que eu voltar a vê-lo pode ser do outro lado de uma mesa na sala de visitas da prisão. Estou nauseada e nervosa, como se tivesse bebido café muito forte, e ouvir sua voz me enche de alívio. Ele está em um hotel em Perth à espera de Wignall, que irá até lá para encontrá-lo. Fico feliz por eu não ter bebido. Se ele pode ser forte, eu também posso. Conto sobre meu telefonema para Adele em um fluxo contínuo de palavras.

— Não consegui levá-la a admitir. Ela parecia se sentir culpada e estava perturbada, mas não chegou a dizer que você era inocente. Sinto muito. Queria fazê-la ver o que tinha feito. Eu esperava que ela fosse honesta. Queria tentar convencê-la a contar a verdade sobre o relógio, sobre o que aconteceu.

— Está tudo bem, Lou.

David não parece nem um pouco zangado, apenas cansado e resignado. Mas gosto de ouvi-lo me chamar por um apelido. Parece íntimo.

— Ela não sabe *como* dizer a verdade. Mas você precisa tomar cuidado. Acho que você não compreendeu como ela é de verdade. Eu não me perdoaria se algo acontecesse com você.

— Nada acontecerá comigo. Prometo. Estarei bem aqui, onde você precisa que eu esteja.

Tudo o que eu digo é clichê, mas não me importo.

— Acho que ele está vindo — murmura David, ao celular, quando alguém a centenas de quilômetros de distância olha para ele do outro lado do salão. — Ligo quando puder. Prometo. E, por favor, saia desse apartamento esta noite. Ao menos vá para a casa de uma vizinha.

— David, eu...

Não sei o que dizer. Amo você? Algo nesse sentido. Eu nunca tive tanta certeza de que amo alguém como amo David. Mas não consigo terminar minha declaração de amor pela metade. O policial exige sua atenção, e ele desliga o celular.

A tensão me abandona. Não há como voltar atrás. Não há mais tempo para mudar de ideia. Sinto-me oca e vazia e, egoísta, desejo que Adam estivesse aqui para que eu pudesse entrar no seu quarto e olhar para ele dormindo e lembrar que tive um pouco de sorte no mundo. Sem poder fazer isso, vou até a cozinha e pego a garrafa de gim e o suco no armário. Será melhor do que nada. Estou me servindo de uma dose estupidamente grande quando ouço um bipe do celular. Uma mensagem.

Volto correndo para a sala, o coração na garganta. Será David? Será que o policial o mandou de volta para casa e ordenou que fizesse um check-up psiquiátrico? Será que o dispensaram sem ouvi-lo? Pensaram que ele era uma perda de tempo?

Não é David. É Adele. Eu tinha tanta certeza de que seria ele que olho o celular por um instante antes de realmente registrar o nome, então meu estômago se contrai de nervosismo. E agora? O que ela fará? Aperto o botão para ler a mensagem.

> Você estava certa. Preciso dar um jeito na situação. Ser honesta a respeito de tudo o que aconteceu. Não posso viver sem David, e eles vão tirá-lo de mim. Mas também não posso ser presa. Não posso. Eu não quero ficar em algum lugar horrível cercada de loucos. A cabeça é minha. Não quero que mexam com ela. Não sou forte para isso nem para viver sem David. Então, seguirei o caminho mais fácil para salvá-lo. Talvez não seja fácil, mas é minha única opção. Acho que também é o caminho certo. Espero que você seja feliz. Talvez ele seja feliz quando eu partir. Fui sua amiga, Louise, ao menos por um tempo. Por favor, lembre-se disso.

Olho para a mensagem, tentando entendê-la. O que ela vai fazer? O que está dizendo? Seguir o caminho mais fácil. O que isso significa? A verdade está gritando em algum lugar dentro de mim enquanto o resto do meu cérebro tenta acompanhar. É tão longe do que eu esperava dela. Mas, então,

penso em como Adele estava ao celular, arrasada e chorosa. Ela pode ser louca, mas ama David. Nunca ficou sem ele.

O caminho mais fácil. Ela vai se matar. Penso em todos os remédios guardados no armário. Será que ela tomará todos de uma vez? É isso?

Tento ligar, mas ela não atende. Que merda, que merda, que merda! Meus ouvidos zumbem de tensão. O que devo fazer? Chamar a polícia? E dizer o quê? E se não for verdade? Afinal de contas, trata-se de Adele. Será algum tipo de teste? Um truque? Mas e se não for? Mesmo depois de tudo, não quero isso na consciência, a ideia de que poderia tê-la salvado. Como posso saber?

Eu me dou conta de que há algo que posso tentar. A loucura que ela despertou em mim. Minha nova habilidade.

Tomo metade do gim com suco de laranja e me sento no sofá. Se eu puder *vê-la*, vou saber. Retardo a respiração. Deixo o pescoço relaxar. Não penso em outra coisa além da porta. Concentro-me como nunca, e lá está a prata cintilante. Penso na casa de Adele. No quarto. Na cama cara com estrado de metal. Na parede temática com três listras verdes. Na cama com lençóis de algodão. No assoalho. Por um instante, acho que posso chegar lá, mas, então, a porta me empurra de volta e desaparece. É muito distante. Eu não posso ir tão longe. Não ainda.

Amaldiçoando a mim mesma, a ela e a tudo, me sento e pego o celular. Clico no aplicativo da Uber. O carro chegará em dois minutos.

Fui sua amiga, Louise, ao menos por um tempo.

Que merda! Merda, merda, merda! Preciso ir. Tenho que ir. Não me resta escolha. Nem mesmo pego o casaco antes de sair correndo em meio ao frio da noite.

O serviço é fiel ao que promete, e o carro chega quase no mesmo instante em que eu saio de casa, e, após dizer o endereço para o motorista, mando uma mensagem para David dizendo aonde estou indo e por quê. Se for uma armadilha e algo der errado, ao menos ele saberá o que aconteceu comigo. *Quem* foi responsável. Tento ligar para ela outra vez. Ainda sem resposta. Meus pés estão irrequietos, e eu me inclino para a frente no banco, pedindo que o carro vá mais rápido.

Quanto tempo se passou desde que chegou a mensagem? Dez minutos, creio eu. Mas talvez alguns minutos além do que deveria. Será que já estou atrasada?

Saio do Uber antes de o veículo parar por completo, desejando de um jeito descuidado uma boa noite ao motorista. Subo voando os degraus de pedra grossa e, com a mão trêmula, aperto a campainha com força. Ouço-a tocar do outro lado, mas não vejo nenhuma luz no andar de baixo. Toco a campainha outra vez, mantendo-a pressionada por cinco segundos ou mais, mas nada.

Eu me agacho e olho através da caixa de correio.

— Adele. Sou eu!

Um cheiro acre sopra na minha direção. Fumaça? Ao fim do corredor, no interior da cozinha, vejo um lampejo cor de laranja. Que merda! Que merda! Um incêndio.

O que foi mesmo que ela disse? Que daria um jeito na situação? Estaria se referindo mais aos seus pais do que a Rob? Um incêndio matou sua família, e houve um incêndio na floricultura onde ela trabalhava. Será que essa é sua intenção? Será que morrer em um incêndio é o modo que Adele encontrou para dar um jeito nas coisas? Toco a campainha mais uma vez, meu rosto tomado de pânico, então me lembro da chave e começo a remexer o vaso, escavando a terra antes de concluir que não está ali. Ela a pegou. Não tenho como entrar.

Não sei o que fazer. E se ela não estiver lá dentro? E se estiver tramando para que eu seja presa por incêndio criminoso ou algo assim? Por outro lado, e se ela estiver lá em cima, no quarto, drogada, esperando morrer queimada, sufocada ou seja lá como as pessoas morrem em incêndios? Bato à porta. Ela está tão perto e tão longe.

Tão perto.

Penso na segunda porta. Estou perto. Talvez possa chegar mais perto daqui. Sento-me no degrau mais alto e me inclino para trás me apoiando no canto da varanda. Inspiro fundo, trêmula a princípio e depois mais calma. Esvazio a mente, concentrando-me na porta prateada. Estou ficando melhor nisso, agora que não tenho mais medo. Posso *evocá-la*, em vez de esperar que a porta venha por conta própria.

Quando as bordas estão brilhando na escuridão por trás dos meus olhos, imagino o quarto de Adele. A imagem é clara. As cores das paredes, o verde da madeira repleta de culpa. A suíte no canto. A frieza do ar aprisionado por tijolos antigos. O espelho no fundo do armário. Vejo isso de forma tão clara, e, então, de repente atravesso a porta e...

... lá estou, pairando acima do quarto. Está escuro, mas vejo Adele deitada na cama, imóvel e perfeita, trajando um pijama de seda creme. Não há nenhum sinal de remédios, ou água para tomá-los, mas sinto um terrível vazio dentro dela, como se já estivesse morta. Uma apatia cinza paira no ar ao redor do seu corpo enquanto os primeiros fios de fumaça erguem-se do corredor lá embaixo.

Ela se foi, percebo. Não está morta, mas fora do corpo. Ela não quer sentir que está morrendo. Não quer estar ali quando acontecer. Estaria com medo de mudar de ideia? Pânico no último minuto? Foi isso que aconteceu com seus pais?

Eu me aproximo dela enquanto ouço estalos vindo do andar de baixo. O fogo não é silencioso ao se espalhar, e, pelos ruídos que ouço, está aumentando depressa. Eu deveria ter chamado os bombeiros. Deveria ter chamado a polícia. Deveria ter feito *algo* prático. Em breve, algum vizinho perceberá o incêndio, mas será tarde demais. Embora tenha sido Adele quem o ateou, preciso tirá-la da casa. Instintivamente, tento tocá-la, mas não consigo. Não tenho substância, não sou nada além de energia. O que posso fazer? Como tirá-la daqui?

Um pensamento me ocorre, fresco e claro, como se a falta de reações químicas do corpo tivesse controlado meu pânico. É uma ideia louca que nem mesmo sei se é possível, mas pode ser a única chance de salvá-la.

O corpo dela está vazio. Estou bem aqui. Demoraria apenas três ou quatro minutos para descer a escada e sair da casa. Então, ambas estaríamos a salvo. É tudo o que tenho. Em breve a escada estará intransitável. O piso é de madeira em quase toda a casa. Envernizado. Com que rapidez queimará?

Observo seu corpo, ainda levemente surpresa com a beleza dela, então penso nos seus olhos. Castanho-amarelados. Imagino olhar do ponto de vista deles. Como seria a sensação de estar naquela pele tonificada, firme e tão magra. Imagino *ser* Adele, escorregando para dentro daquele corpo, controlando-o. Então, sinto um choque terrível em algum lugar em mim e tenho a impressão de que algo está *muito, muito errado.*

Estou dentro dela.

56

DEPOIS

— Ela não menciona o incêndio na casa dos pais na carta que deixou — diz o inspetor Pattison. — Mas os laudos afirmam que começou na caixa de fusíveis.

É um homem atarracado, cujo terno já viu dias melhores, mas seus olhos expressam um cansaço do tamanho do mundo, característico de um policial de carreira. Pattison é confiável. As pessoas confiam nele. É calmo.

— Dr. Martin, o fogo que ela ateou na sua casa também começou na caixa de fusíveis da cozinha, de modo que talvez haja alguma indicação de culpa.

— Descobriram o que ela usou? — pergunta David.

Ele está pálido e abatido, do modo como ficam as pessoas em estado de choque, mas também muito mais *leve* em espírito. É claro que está. *Iupii, a bruxa morreu*.

— Toalhas de chá encharcadas de terebintina.

David assente.

— Faz sentido. Ela estava redecorando a casa.

— Encontramos a carta que ela escreveu na sua escrivaninha. Uma espécie de confissão em que confirma tudo o que você disse no seu depoimento ao detetive chefe Wignall, em Perth. Ela jogou o corpo de Robert Hoyle no poço da propriedade da família e estava usando seu relógio na ocasião. Tivemos confirmação das autoridades escocesas de que o corpo foi resgatado. Obviamente, está em estado avançado de decomposição, mas esperamos encontrar registros dentários para confirmar a identidade. Além disso, considerando o modo como sua esposa morreu,

overdose de heroína, o que, segundo ela, foi a mesma causa da morte do Sr. Hoyle, é de supor que ela estava tentando se redimir de algum modo. Talvez estivesse tentando limpar a consciência, tanto pela morte dos pais quanto pela do Sr. Hoyle.

— Mas onde ela arranjou a heroína? — pergunta David. — Adele era muitas coisas, mas certamente não era esse tipo de pessoa.

— Anthony — digo, como se o pensamento tivesse acabado de me ocorrer.

Minha garganta ainda está bastante machucada pela fumaça e estou rouca.

— Anthony Hawkins. Eu o vi perto dela algumas vezes. Será que Adele arranjou a droga com ele?

— Hawkins? — repete o inspetor, para anotar o nome.

— Um paciente meu — explica David. — Devo dizer, ex-paciente. Usuário de drogas e obsessivo. Apareceu na nossa casa.

Vejo uma luz se acender.

— Adele atendeu a porta. Talvez a obsessão dele tenha se transferido para ela. Adele é... *era*, muito bonita.

— Vamos falar com ele. Quanto à carta, foi escrita com a caligrafia de Adele, e encontramos apenas as impressões digitais dela no papel, de modo que não há dúvida de que foi Adele quem a escreveu — explica Pattison, então ergue os olhos. — O que é uma notícia muito boa, embora você tenha tido a sorte de a carta não ter queimado no incêndio.

— Típico de Adele — comenta David, um meio sorriso amargo nos lábios. — Mesmo nos seus últimos momentos, ela não me libertou inteiramente.

Mal estou ouvindo. Tudo o que penso é que David está segurando minha mão, apertando-a com força. Não sinto isso há muito tempo. Ontem à noite, embora estivéssemos no terceiro dia do purgatório policial, fizemos amor, rimos e nos abraçamos com força. É como se eu estivesse em um sonho.

— David será preso? — pergunto, preocupada.

— Não posso fazer comentários a esse respeito até o fim da investigação. Então, se houver uma acusação formal, seu advogado será notificado. No entanto, há circunstâncias atenuantes. Ela estava frágil no momento da morte do Sr. Hoyle, e ele tentou protegê-la. Contudo, mesmo que a morte tenha sido acidental, ainda há o fato de Adele ter ocultado o cadáver e David ter sido cúmplice.

— Eu sei — concorda David. — Não contestarei a acusação.

— E imagino que tão cedo não trabalhará como psiquiatra.

Pattison parece simpático. De todos os criminosos que ele deve ter conhecido na época de policial, David deve ser o mais improvável.

— Não — confirma David. — Acho que não. É outra consequência pela qual eu já esperava. E, na verdade, não me importo muito. Talvez eu precise de uma mudança drástica.

Ele olha para mim e sorri, e abro um sorriso tão largo que parece que meu rosto vai se rasgar. Não há necessidade de escondermos nossos sentimentos do policial. O caso, o *amor*, estava todo ali, na carta.

Sei disso porque fui eu quem a escreveu.

Quando saímos da delegacia, afasto do rosto o cabelo louro de Louise, com o qual estou pouco familiarizada. Ainda me sinto estranha no corpo dela. Meu corpo. Carregar três quilos a mais de uma hora para outra me deixou mais lenta, mas estou gostando de ter mais curvas, e, se David gosta delas, ficarão onde estão. Mas ela precisa de óculos para longe. Acho que ainda não tinha percebido.

Ah, Louise, como ela era perfeita! Como se saiu bem! E preciso me dar o crédito: meu plano transcorreu maravilhosamente bem. Depois da minha tentativa fracassada de comprar heroína naquela maldita passagem subterrânea, que resultou em um olho roxo e quase na perda da minha bolsa, Anthony Hawkins caiu no meu colo e ficou *muito* satisfeito ao saber que havia algo que poderia fazer por mim. Ele conseguiu tudo de que eu precisava: drogas, agulhas.

Fiz experiências com a heroína, então sabia quanto eu poderia injetar — entre os dedos dos pés, para não deixar marcas à vista —, de modo a não ficar completamente atordoada. Eu estava praticando no dia em que Louise apareceu e culpou os remédios pelo meu estado. Um bônus inesperado.

Preparei o incêndio, mas não o ateei de imediato. Quando ficou tarde o bastante, enviei minha mensagem prolixa revelando a intenção de me matar. Eu a *vi*. Eu a vi tentando me *ver* e desistir. Pouco antes de o carro da Uber parar em frente de casa, ateei o fogo e corri para cima. No primeiro toque da campainha, injetei um pouco de heroína, apenas o suficiente, depois escondi o restante sob a cama, onde já deixara um par de luvas cirúrgicas de David. Atravessei a segunda porta. Eu a *vi* do lado de fora. Essa foi a parte mais complicada. Esperá-la sair do corpo para eu entrar. Aguardar o primeiro estremecer que indicasse que havia algo de errado.

Uma vibração no ar atrás de mim que me informasse que ela estava indo para meu corpo. Se ela tivesse voltado para o próprio corpo, eu certamente teria sido expulsa.

Mas a sorte favorece os audazes, e sua pele se tornou minha. Peguei a chave sobre o batente da porta, onde eu a escondera, e corri escada acima em meio à fumaça que se adensava.

Ela gemia baixinho na cama, os olhos vidrados. Uma dose de heroína inesperada tem esse efeito em uma garota. Ela ficou um pouco alerta quando me viu. Louise ali, atrás dos meus olhos, olhando para mim no corpo dela. Louise estava com medo, apesar do efeito da droga. Acho que tentou dizer meu nome. Ao menos balbuciou algo. Eu não parei para me despedir. Não havia tempo. Vesti as luvas e peguei a seringa. Injetei a droga entre os dedos dos pés dela/meus. Em seguida dei boa-noite e corri para o abraço.

Larguei a seringa no chão, enfiei as luvas no bolso para me livrar delas mais tarde, depois a ergui, agradecendo-me por ter ficado tão magra e agradecendo-lhe por, ao menos, ter frequentado um pouco a academia. Então eu a arrastei escada abaixo até tirá-la da casa. A essa altura, as sirenes já uivavam na escuridão, e a velhinha ao lado estava parada na rua de roupão, segurando seu cachorro barulhento.

E foi isso. Quando os caminhões do corpo de bombeiro apareceram, eu falei sobre a mensagem de texto e disse que peguei a chave reserva no vaso e entrei na casa para tentar salvá-la. Mas ela já estava morta. Deve ter morrido no meio da escada.

Adeus, Adele. Olá, Louise.

Se você ama alguém, deixe-o ir. Que grande besteira.

57

ANTES

— Eu estava fazendo isso quando meus pais morreram — diz Adele.

Ambos estão deitados diante da lareira. Ao lado, o livro de Shakespeare que ela lia para ele.

— Apenas voando por aí. Como se eu fosse o vento ou algo assim. Pairando sobre a natureza.

Ela passa o baseado de volta para Rob, embora não seja necessário. Ele anda *caçando o dragão*, como chama o ato de fumar heroína. Ao menos, não está se injetando. Já é alguma coisa.

— Tudo começou quando eu era pequena — continua Adele. — Li sobre sonhos lúcidos naquele livro antigo que David me deu, então, assim que consegui, começou essa outra *coisa*. No início, eu só conseguia fazer isso quando estava dormindo. Talvez fossem os hormônios ou algo assim. Talvez eu não tivesse esse controle mental quando era ainda bem jovem. Mas, meu deus, era sempre tão maravilhoso. Uma habilidade secreta. No início, eu ia apenas a lugares que imaginava. E eu não podia ir muito longe. Com o passar dos anos, me tornei cada vez melhor. Ou essa coisa se tornou mais natural para mim, sei lá. Agora, posso fazer isso quando quiser. E voar. Tentei contar para David, certa vez, mas ele só riu da minha cara. Pensou que eu estava brincando. Eu sabia que ele jamais acreditaria. Então, guardei só para mim. Até conhecer você.

— Era por isso que você não dormia — constata Rob.

Ele aperta a mão de Adele, e ela se sente bem. É bom ser capaz de *falar* sobre isso com alguém. Compartilhar.

— Sim — confirma ela em voz baixa. — Meus pais morreram por minha culpa. O fogo foi acidental, não importa o que digam. Mas, se eu estivesse *lá*, mesmo que estivesse dormindo normalmente, eu teria acordado. Poderia ter feito alguma coisa. Mas não estava. Eu estava no alto das árvores observando as corujas, os bosques e toda a vida que surge à noite.

— Às vezes, merdas acontecem — comenta Rob. — Você precisa deixar isso para trás e seguir em frente.

— Concordo. — E, sendo mais sincera, ela acrescenta: — Não creio que eu poderia abrir mão disso caso tentasse. Faz parte de mim. De quem eu sou.

— Então a segunda porta é isso — diz ele. — Eu já a vi algumas vezes, mas tive medo. Escrevi a esse respeito no caderno.

— Por que você não me disse antes?

— Eu não queria que você pensasse que eu era doido.

Adele aperta a mão de Rob. Ela o ama, de verdade. E David pode não ter gostado muito dele — deu para perceber, apesar de ele não ter dito nada —, mas ela tem certeza de que vai acabar gostando.

— Bem, se você é maluco, então é maluco como eu — sentencia ela.

Ambos riem. Ela está feliz. Ele está feliz. E David é maravilhoso. Seu futuro parece incrível.

— Adorei saber que você também pode fazer isso. É demais.

— Ei — diz Rob, rolando para o lado e se apoiando num dos cotovelos. — Devíamos experimentar uma coisa. Algo realmente louco.

58

ROB

Estamos de mãos dadas junto ao túmulo. Estamos deixando o passado para trás. Dizendo adeus. Há pouco a ser visto, apenas um nome e duas datas. O que mais David poderia ter mandado gravar naquela lápide de mármore preto? Esposa amada? Dificilmente. E, de qualquer modo, pode ser o corpo de Adele, mas é Louise quem está enterrada nesse pedaço de terra.

Pobre e doce Adele. Minha trágica Bela Adormecida. Tão doce e gentil e, ao mesmo tempo, tão simples. Eu a amava à minha maneira; realmente a amava. Mas era como Romeu e Julieta. Romeu achava que amava Rosalinda até conhecer Julieta. Alguns amores são tão poderosos que superam tudo.

Lembro-me claramente do momento em que vi David pela primeira vez. Adele correndo pelo cascalho, com toda aquela emoção juvenil, e eu à sombra no topo da escadaria, ressentido pela iminente invasão do nosso paraíso.

Ele saiu daquele carro velho e surrado e foi... uma *revelação*. Por um instante, não consegui respirar. Eu me senti cego e iluminado ao mesmo tempo. Foi amor à primeira vista — um amor que nunca poderia morrer. Adele e toda a sua bondade gentil perderam a graça. O que eu sentia por ela era simplesmente poeira ao vento, dispersada em um segundo. David era forte. Inteligente. Adorei sua tranquilidade. Toda aquela calma. Enfim entendi por que Adele o amava tanto, mas, naquele instante, também vi quanto ela o atrasaria. Ela era muito problemática para alguém tão

inteligente quanto David. Ele precisava de alguém que fosse igual a ele. Precisava *de mim*.

Mal consegui falar durante todo o fim de semana, apenas murmurei respostas ao que David perguntava, ou me fiz de idiota tentando ser engraçado enquanto desejava que Adele desaparecesse e nos deixasse a sós para que eu me deleitasse com a presença dele. Foi quando percebi que eu precisava tê-lo para mim. Eu precisava. Era o destino.

Fiquei acordado naquelas duas noites, ouvindo-os rir e trepar, e aquilo me consumiu. Eu queria sentir aquelas mãos fortes de fazendeiro na minha pele. Pensei no boquete que eu paguei para o enfermeiro a fim de conseguir maconha em Westlands e imaginei como seria fantástico fazer aquilo com alguém como David. Alguém que eu adorava. Queria tocar as cicatrizes dele e lembrá-lo de que, se não fosse por *ela*, ele ainda estaria inteiro. Atravessei a segunda porta e observei-os por algum tempo, me torturando com a visão das suas costas musculosas enquanto ele a penetrava. Eu queria sentir aquela paixão. Aquele amor. Aquele corpo jorrando luxúria junto ao meu.

Quando ele voltou para a universidade, senti como se minha alma tivesse sido arrancada de mim. Eu me senti vazio. Não queria viver se não pudesse tê-lo. Por que ele era de Adele? A Adele fraca e afetada, que não gostava de nada e que subestimava o amor dele? Quem tem todo este dinheiro e não dá a mínima? Se eu tivesse David e aquele dinheiro, eu me certificaria de que a vida dele fosse *incrível*.

E foi quando me ocorreu. Meu plano simples e aterrorizante.

— Vamos? — digo, e me inclino para beijá-lo com os lábios fartos de Louise.

Ele assente.

— Adam deve estar entediado.

Voltamos para o carro sob o sol da tarde, e penso que a vida é maravilhosa quando você ama alguém.

É mais fácil fazer algo pela segunda vez. Foi mais fácil com Louise. Meu medo se concentrou no planejamento. Nas variáveis. Com Adele, meu medo era de que aquilo não funcionasse, mesmo quando ela concordou com minha ideia maluca. “Vamos ver se conseguimos trocar de corpo! Só por um minuto! Você nunca quis saber como é ter um pau?”

Louise jamais teria concordado, é claro, mas Adele era jovem, e os jovens são notoriamente idiotas; além disso, ela estava chapada e feliz por

finalmente ter alguém com quem compartilhar seu segredo. E, é claro, ela gostava de mim. Uma tempestade perfeita. Eu havia usado heroína, mas não o bastante para ela perceber, caso eu me concentrasse. Fomos para a floresta rindo. O que foi mesmo que ela disse? "Se vamos fazer vodu, deve ser em uma clareira à noite." Isso mesmo.

E, então, trocamos. Deixamos nossos corpos, contamos até três e entramos um no corpo do outro. Ela não soube o que a atingiu. Um ou outro baseado não a tinham preparado para uma onda de heroína. Em poucos segundos, a agulha estava cravada. Overdose. Assim como fiz ao matar Louise.

Adeus, Rob. Olá, Adele.

Foi cansativo arrastar o corpo até o poço. Os corpos das mulheres são muito fracos, e eu não estava preparado para aquilo. Lama e folhas secas se agarravam à minha calça jeans, e meu corpo fraco doía enquanto o suor esfriava na umidade e no ar frio. Eu esperava que o mundo parecesse diferente, mas tudo era igual. A única coisa diferente era eu. O relógio ter caído junto com o corpo foi um acidente fortuito. Na hora, não me importei muito. David dera o relógio para *ela*, não para mim. E não me importei muito em deixar meu corpo apodrecendo ali. Nunca gostei dele. Aquele corpo nunca refletiu como eu era por dentro. Eu era muito mais glorioso do que aquela casca oleosa e espinhenta. Mas guardei o caderno, meu único vínculo com minha vida passada. Rasguei as páginas que falavam sobre a segunda porta. Eu não poderia correr o risco de David encontrar aquilo por acidente, então o escondi na caixa de lembranças dos pais de Adele. Ainda o guardo. Como eu poderia imaginar que viria a ser tão útil? Talvez volte a ser.

Não lidei muito bem com a troca de corpos. Eu deveria ter demonstrado mais remorso quanto ao cadáver no poço. Acho que foi o primeiro sinal para David. E, depois, é claro, a terrível descoberta da gravidez. Eu já estava tendo dificuldades suficientes para me ajustar a todas as peculiaridades do corpo feminino para me lembrar de que deveria ter menstruado, e não estava pronto para ter outra pessoa crescendo dentro de mim. Além disso, era filho de Adele, não meu. E eu não queria nenhuma parte dela na minha vida nova e maravilhosa com David. Eu não sabia o bastante sobre Adele. Sobre a história deles. E isso não ajudou a fazer David me amar. Precisei fingir vários colapsos nervosos para segurá-lo, até que, naturalmente, recorri a ameaças.

Desta vez é diferente. David não conhecia Louise muito bem, e eu vi, aprendi e memorizei a vida dela; suas peculiaridades, seus gostos, seu humor. Ele me ama. Vejo nos seus olhos. Ele está livre do passado. Talvez eu lhe dê um bebê dessa vez e formemos uma família.

— Para onde você quer ir na lua de mel? — pergunta ele, quando voltamos ao carro. — Escolha qualquer lugar que quiser.

Nós nos casamos há uma semana, apenas nós dois em um cartório. No mesmo dia em que Adele, no meu corpo original, foi enterrada em um pequeno cemitério em Edimburgo. Mas só agora, quando ambos estamos oficialmente livres para fazermos o que quisermos, é que começamos a pensar no futuro. Finjo considerar a pergunta por um instante.

— Orient Express — digo. — E, depois, talvez um cruzeiro.

— Você odeia barcos.

A voz infantil vem do banco de trás, e eu não preciso me virar para ver a expressão sombria de Adam. Ele sabe que tem algo errado comigo, mas simplesmente não sabe o quê.

— Você sempre disse que odiava barcos — insiste o menino, teimoso.

— Ele está apenas sendo tolo — comento, e aperto a coxa de David. — Acho que tem medo de que você me afaste dele.

Meus dentes rangem atrás do sorriso. Há ainda um pequeno obstáculo a superar para nossa felicidade ser completa. David pode não conhecer Louise muito bem, mas Ian e Adam conhecem. Esses vínculos precisam ser cortados. Foi fácil acabar a amizade com Sophie — bastou uma pequena menção das suas possíveis infidelidades para o marido —, mas a saída de Adam da minha vida precisará ser um pouco mais dramática. Mas não deve ser muito difícil. Notoriamente, crianças são propensas a sofrer acidentes. E, de qualquer modo, o luto pode aproximar as pessoas, não é mesmo?

— Eu amo você, Louise Martin — diz David, ligando o carro. E nos afastamos, deixando o passado para trás.

— Eu também amo você, David Martin. Mais do que você jamais saberá.

AGRADECIMENTOS

Ah, meu deus, é tão difícil saber por onde começar. A lista de pessoas a quem preciso agradecer é longa e sincera. No Reino Unido, muito obrigada à minha fabulosa agente e amiga, Veronique Baxter, da David Higham, e também a toda a equipe de direitos estrangeiros, que fizeram um ótimo trabalho vendendo *Por trás de seus olhos* em diversos países. E, é claro, um enorme agradecimento a todos os editores que o compraram! Estarei sempre em dívida com Natasha Bardon, minha editora na HarperFiction, por me dar a chance de passar a bola para ela e, depois, ver este livro publicado. O mesmo vale para as equipes de publicidade e marketing, para o departamento de arte e todos os outros que trabalharam com tanto entusiasmo. Estou muito, muito feliz por ter uma nova casa ao lado de todos vocês.

Nos Estados Unidos, meu muito obrigada a Grainne Fox, da Fletcher & Co., por fazer um trabalho tão incrível e por manter a cabeça fria enquanto eu me desesperava com o processo. Estou muito contente com a Flatiron Books por ser minha nova casa editorial nos Estados Unidos. Muito obrigada a Christine Kopprasch, minha editora, por querer o livro e acreditar nele, e agradeço também a Amy Einhorn, pelo apoio. Novamente, assim como na HarperFiction, foi muito agradável trabalhar com a equipe da Flatiron. Eu não podia desejar ter pessoas melhores. Vamos torcer para que meu livro lhes faça justiça. Tenho a sorte de ter grandes editores, que fizeram excelentes observações. Este livro é muito melhor graças à colaboração deles.

Também preciso agradecer à minha amiga Baria Ahmed, que após várias rodadas de edições percebeu que eu me referira a um hospital em Perth, Austrália, em vez de Perth, Escócia. Boa sacada!!

E, também, é claro, por último, mas não menos importante, muito obrigada a todos os leitores que escolheram ler *Por trás de seus olhos*. Espero que tenham gostado. Vocês fazem meu trabalho valer a pena.

Sarah

SOBRE A AUTORA



© Doselle Young

SARAH PINBOROUGH é autora premiada e aclamada pela crítica. Tem diversos romances publicados, roteiros escritos para a BBC e vários projetos televisivos em desenvolvimento. *Por trás de seus olhos* alcançou o topo das listas de mais vendidos do *Sunday Times* e do *The New York Times* e teve os direitos de publicação negociados para cerca de vinte países.

LEIA TAMBÉM



Quem era ela
JP Delaney



Caixa de pássaros
Josh Malerman

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Epígrafe
Dedicatória
Parte I
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

Parte II
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26

27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
Parte III
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também